

ANTI FA

**O MANUAL
ANTIFASCISTA**



MARK BRAY

Sumário

Prefácio à edição brasileira

INTRODUÇÃO

1: ;NO PASARÁN!: O ANTIFASCISMO ATÉ 1945

DOIS: “NUNCA MAIS!”: O DESENVOLVIMENTO DA
ANTIFA MODERNA, 1945-2003

TRÊS: A ASCENSÃO DOS “NAZISTAS ENGRAVATADOS” E
O ANTIFASCISMO HOJE

QUATRO: CINCO LIÇÕES HISTÓRICAS PARA
ANTIFASCISTAS

CINCO: QUEM TEM MEDO DA ESQUERDA TOLERANTE:
“NENHUM PALANQUE” E LIBERDADE DE EXPRESSÃO

SEIS: ESTRATÉGIA, (NÃO) VIOLÊNCIA, E ANTIFASCISMO
COTIDIANO

CONCLUSÃO:

AGRADECIMENTOS

APÊNDICE A:

APÊNDICE B:

SOBRE O AUTOR

MARK BRAY

ANTIFA

O Manual Antifascista

© Autonomia Literária, para a presente edição.
Copyright © 2017 by Mark Bray
First published in the United States by Melville House Publishing.



Coordenação editorial

Cauê Seignemartin Ameni, Hugo Albuquerque e Manuela Beloni

Tradução

Guilherme Ziggy

Revisão

A. Tajra

Preparação

Cauê Seignemartin Ameni

Capa

Marina Drukman

Diagramação

Manuela Beloni

Para os Judeus de Knyszyn,
Polônia

***“O FASCISMO NÃO É PARA SER DEBATIDO,
É PARA SER DESTRUÍDO!”***

– BUENAVENTURA DURRUTI

Prefácio à edição brasileira

BATER ONDE DÓI... E COM FORÇA!

por Acácio Augusto¹ e Matheus Marestoni²

A dúvida reina no espírito dos homens, pois nossa civilização treme em suas bases.

As instituições atuais não mais inspiram confiança (...). O mundo não sabe como sair disso. O parlamentarismo e a democracia periclitam e alguns creem encontrar a salvação optando pelo fascismo ou outras formas de governos “fortes”. (...) Não é mais questão de saber se a ditadura é preferível à democracia, se o fascismo italiano é superior ou não ao hitlerismo. Uma questão muito mais vital se nos apresenta:

o governo político, o Estado, é proveitoso à humanidade?

Qual é sua influência sobre o indivíduo?

Emma Goldman, 1940

Ao abrir este livro, não espere uma linha de neutralidade. Não há neutralidade possível quando o assunto é lutar contra o fascismo. Engana-se também quem pensa que, por isso, se trata apenas de um libelo panfletário. Seu autor, Mark Bray (1982), é historiador de profícua produção universitária e professor de História Moderna no Dartmouth College, uma instituição com mais de 250 anos, localizada na cidade de Hanover, EUA. Bray formou-se militante anarquista no ambiente das lutas anticapitalistas do *movimento antiglobalização*, ou movimento por justiça global, do final do século passado e começo dos anos 2000. É integrante da *Industrial Workers of the World* (IWW) e foi ativo participante nos grupos *Press Working Group* (WG) e *Direct Action* (DA) que ajudaram na organização, em 2011, do *Occupy Wall Street* (OWS), em Nova York. Movimento sobre o qual Mark Bray fez seu doutorado, um estudo que expõe as formas de organização e modos de ação no OWS estando próximos das práticas anarquistas como a autogestão e a ação direta. Para a realização desse trabalho ele entrevistou quase 200 participantes do OWS, o que permitiu ir além das interpretações mais superficiais e estereotipadas veiculadas na grande mídia sobre o movimento dos 99% contra o 1% que se prostrou em frente ao principal centro financeiro do planeta. Em 2013, parte de seu estudo sobre o *Occupy* foi publicado na forma de livro pela Zero Books com o título *Translating Anarchy. The Anarchism of Occupy Wall Street*. São mais de 300 páginas de uma rica discussão sobre a relevância da anarquia hoje e sobre as diferenças entre os anarquistas. Bray se posiciona muito próximo ao contemporâneo

David Graeber, além de oferecer uma boa análise sobre o papel da tática *black bloc* no OWS, classificada por alguns progressistas estadunidenses como “câncer de *Occupy*” (qualquer semelhança com algumas leituras da esquerda sobre junho de 2013 no Brasil não é mera coincidência). Seja como pesquisador ou como militante anarquista (o abandono da neutralidade implica não separar essas coisas), Bray sabe muito bem sobre o que escreve, de qual perspectiva escreve e contra qual inimigo sua escrita se direciona como alvo. E ele bate bem! Mesmo que um ou outro leitor diga, com certa razão, que ele poderia bater melhor.

Lançado originalmente em inglês, em 2017, *Antifa - O Manual Antifascista* é, nas palavras do próprio autor, um livro que almeja deixar de ser necessário. Mas também é um livro que nasceu de uma urgência: o crescimento da *alt-right* no planeta e a eleição de Donald Trump nos EUA. Embora feito a partir de 71 entrevistas em 17 países da América do Norte e da Europa e escrito a partir de vasto referencial bibliográfico, o livro não se pretende uma história definitiva do antifascismo. Trata-se de um esforço inicial que convida o leitor, militante e pesquisador, a ampliar suas análises, conclusões e proposições, seja em seu escopo geográfico, seja em sua amplitude de ações e interpretações. Seus seis capítulos, que atravessam todo século XX e início do século XXI, concluem que o antifascismo é uma resposta radical, urgente e necessário ao crescimento da extrema direita no mundo. Não se trata, como muitos querem fazer crer, de uma excentricidade derivada da subcultura do punk e de gangues que gostam de beber e brigar. Mais do que isso, a luta antifa é um conjunto de práticas e saberes que, ao se lançar em ação direta contra toda e qualquer pessoa, grupo, conduta ou ação que remeta ao fascismo (numa concepção atualizada do termo), impede que este volte a se tornar dominante e majoritário, como foi no período do entre guerras europeu na primeira metade do século XX.

Mark Bray rejeita a conceptualização histórica que visa limitar o fascismo a um período e a um regime político que se esgotou ao final da Segunda Guerra Mundial. Para ele, o fascismo é entendido como um movimento trans-histórico de práticas de extrema-direita que combinam o nacionalismo, a supremacia branca e a misoginia. Desse modo, ao destrinchar as características de tais práticas na contemporaneidade, se insere no campo de batalhas contra as práticas fascistas no presente e em suas formas variadas e dissimuladas. O que faz deste livro um esforço para conhecer seu inimigo,

saber como ele age e como se organiza. Ao mesmo tempo, trata-se de um livro que apresenta as táticas usadas para combatê-lo, proposições de ação que valorizam a pluralidade de táticas e que não se resumem ao confronto físico, mesmo sem descartá-lo nem mesmo repudiá-lo. Evita-se a confortável posição da crítica que mira combater o fantasma do fascismo do século XX, algo que, em sua configuração histórica, já não existe. Evita-se também cair no erro de apostar na razão pública ou na solidez das instituições democráticas como freios suficientes para conter os desejos fascistas da massa ou a disseminação de políticas do ressentimento.

Quando se trata de lutar contra o fascismo que hoje graceja no planeta, é preciso saber a especificidade das forças em luta para que os movimentos antifascistas consigam tanto praticar a autodefesa, quanto “atingir onde dói”. Da mesma forma que é preciso saber quem se combate, como se combate e quais táticas lançar mão em cada situação específica. Nesse sentido, este livro é também um excelente panorama (e desde já referência) acerca do crescimento da extrema-direita (autodenominada alt-right e/ou etnonacionalismo) pelo planeta e, conseqüentemente, munição e fonte de diversidade de táticas para os grupos antifascistas que a combatem abertamente onde quer que ela se apresente. Não é à toa que junto a esta edição em português, já circulam edições em francês e espanhol por diversos países. A ameaça fascista nunca esteve tão presente no planeta quanto nos últimos 10 anos, momento no qual os grupos de extrema direita vocalizam frustrações e ressentimentos da população como resposta às políticas de austeridade (saneamento financeiro somado ao incremento da violência institucional) oferecida pelos Estados europeus como resposta à crise de 2008.

Uma parte do livro, mais especificamente excertos do capítulo quatro (“Cinco lições históricas para antifascistas”), já circulou entre os leitores brasileiros no site da Revista Serrote. No entanto, sua edição integral agora nessas bandas, infelizmente, não poderia ser mais oportuna. As manifestações fascistas no Brasil hoje tornaram-se cada vez mais regulares, evidentes e normalizadas por uma ladainha que insiste em acreditar na capacidade reguladora das instituições democráticas. Basta checar no livro os pontos que, antes de tratar do fascismo contemporâneo, ressaltam no fascismo histórico o que interessa para os dias de hoje: os fascistas ocuparam o governo por vias legais e democráticas; as lideranças políticas e os teóricos demoraram a levar

a sério a ameaça fascista; os dirigentes de esquerda foram mais lentos que suas bases em contra-atacar a ameaça fascista; o fascismo se valeu da apropriação de estratégias e do imaginário de esquerda para seduzir as massas; por fim, não são necessários muitos fascistas para que a intensificação do terror de Estado (marca distintiva do fascismo como regime político) se instale como governo. Podemos acrescentar, escorados na própria pesquisa do livro, que só os anarquistas combatem o fascismo até o final, pois há indícios históricos suficientes para afirmar que o fascismo é sempre uma virtualidade presente em qualquer Estado moderno. A despeito da ladainha liberal com sua teoria da ferradura, fascistas e anarquistas são inimigos de morte.

No entanto, o fascismo contemporâneo, alvo dos movimentos que ele chama de “antifa moderna (1945-2003)”, ao apresentá-los no capítulo dois como oriundos dos movimentos autonomistas e anarco-punks na Europa, configura-se como conduta regular e cotidiana de cidadãos em suas manifestações racistas, (neo)nacionalistas ou etno-nacionalistas, misóginas e islamofóbicas. Essas condutas encontram hoje organização político-partidária e expressão pública em partidos como o *Aurora Dourada* na Grécia e movimentos como o PEGIDA na Alemanha, compondo o que acertadamente é chamado no capítulo três de “nazistas engravatados” e suas celebridades como Milo Yiannopoulos e Steve Bannon. Sujeitos que se o leitor não conhece, terá o desprazer de conhecer lendo este livro.

Nesse sentido, o capítulo cinco, “Quem tem medo da esquerda tolerante: ‘nenhum palanque’ e liberdade de expressão”, embora breve, traz uma comprometida e bem fundamentada análise sobre a importância de não deixar os fascistas falarem. Refuta de forma consistente o absolutismo hipócrita dos liberais com o valor moral da liberdade de expressão e, do ponto de vista da tática de luta, alerta que “um antirracismo ‘passivo’ é tudo que os supremacistas brancos querem”. Frase que ganha dimensão enorme no Brasil, o último país a abolir a escravidão nas Américas e versado historicamente no racismo dissimulado. No final deste mesmo capítulo há uma reflexão sobre o antifascismo nas universidades, ele se encerra com um alerta que fazemos questão de reproduzir aqui como coro a ser ouvido pelas universidades brasileiras: “lutar contra a violência da supremacia branca nos campi exige que nossos movimentos empurrem as instituições de ensino para abraçar aberta e inequivocamente o antirracismo”. Não basta se dizer pluralista e livre

de preconceitos, é preciso ser abertamente antirracista, do contrário se colabora, mesmo que passivamente, com os racistas e o crescimento do fascismo contemporâneo e suas formas dissimuladamente midiáticas e taticamente embasadas em liberdades democráticas como o pluralismo e a sacrossanta liberdade e expressão.

Neste ponto é preciso retomar o que foi indicado acima: este livro centra sua atenção nas experiências da América do Norte e da Europa. Sua leitura exige a todo tempo pensar no combate ao fascismo em outros territórios e, para isso, é necessário conhecer a singularidade de cada contexto. No Brasil, por exemplo, muito tem se debatido nos últimos meses sobre Jair Bolsonaro ser ou não fascista. Todavia, a denominação é a que menos importa, pois sabemos que, no limite, o fascismo é a última razão de qualquer política de Estado. Além disso, no caso do recém-eleito presidente do Brasil, ele apenas expressa e vocaliza questões comuns que características próprias da sociedade brasileira média: a misoginia, o racismo tropical e o nacionalismo ridículo submisso à influência dos EUA nos países da América do Sul. Então, Bolsonaro é um fascista e o bolsonarismo é uma versão tropical da *alt-right* planetária, para além das ligações familiares com o próprio Steve Bannon. A diferença, que torna tudo mais preocupante, é que sua eleição deu forma política-institucional a esse fascismo tropical, além de operar um dispositivo de mobilização computo-informacional via redes sociais digitais. Esses dois fatores potencializam as históricas tecnologias de extermínio de pretos e pobres tão comuns por aqui desde o processo de colonização.

Essas especificidades da história e do presente no Brasil, entregam ao leitor desse livro dois desafios: 1) compreender o que é a luta antifascista no Brasil, sabendo que o antirracismo possui uma dimensão gigantesca e decisiva para que o fascismo opere; 2) buscar uma diversidade de táticas que obstrua, inclusive fisicamente, os fascistas, mas que também possa ampliar a capacidade de convencimento dos argumentos antifascistas, para que se faça recuar da cena pública as expressões de racismo e misoginia que alimentam o fascismo tropical. Sabemos que a luta antifascista ao sul do Equador, o que inclui não apenas o Brasil, possui uma história que se aproxima e se distancia da história de outras regiões do planeta. Sendo assim, não há como transpor as experiências de outros locais para compreender o contexto brasileiro e suas lutas, pois existem especificidades na configuração dos governos e dos próprios movimentos de resistência a eles. Mas isso seria tarefa para um

manual do antifascismo tropical, algo que está além de nosso alcance em uma mera apresentação que tem a pretensão de não esgotar o leitor.

No entanto, fica o registro de que, desde a redemocratização, há toda uma história da luta antifascista que passa pelos punks e pelos anarco-punks que enfrentavam com músicas, zines e com os punhos o fascismo que grassava por essas bandas, já em suas formas contemporâneas. Inclusive com as especificidades regionais, como a hostilidade violenta de *skinheads* no sul e no sudeste do país contra negros, nordestinos e gays. Um bom exemplo disso é projeto iniciado nos primeiros anos da década de 1990, A.C.R. (Anarquistas Contra o Racismo), cuja história é possível ler na internet.³

A principal posição a ser extraída desse manual antifa aparece em seu capítulo final. A luta antifascista compreende uma diversidade de táticas e formas de ação que deve ter a generosidade de incorporar diferentes formas e disposições para estar nela, do contrário pode-se reduzir os grupos antifa a tropas especializadas para bater em fascistas ou grupos masculinizados que vivem do fetichismo da violência e do ganguismo puro e simples, o risco sempre presente entre os militantes oriundos do movimento punk. Crítica que muitos antifas, da Europa e dos EUA, entrevistados por Bray colocam, especialmente as militantes fantifa (feministas antifascistas), altamente versadas em táticas de autodefesa adquiridas em aulas de artes marciais voltadas ao combate dos fascistas. Olhar para o uso da violência de uma perspectiva anti-moralista implica também não glorificá-la, nem torná-la, como tática, num fim em si mesmo. Mesmo porque, em muitos lugares os democratas juramentados e os articulistas liberais, usam da necessária tática de autodefesa usada pelos antifa e fantifa para igualá-los aos fascistas. Em países como a Inglaterra já se fala em criminalizar grupos antifas sob a tipificação de terrorismo, algo que nos anos 2000 o mesmo país já havia feito com os movimentos antiglobalização.

Como conclui Bray, diante do atual avanço da *alt-right*, três coisas devem ficar explícitas para a luta antifascista: 1) que ela é uma luta cotidiana; 2) que a história da Europa é indefensável; 3) que a branquitude é indefensável. No Brasil, elas são mais que urgentes. A essas três, que fazemos coro, acrescentamos uma outra: é preciso abandonar o projeto moderno e sua fé humanista, nascido da escravidão espalhada pelos mares e da colonização das terras que receberam os nomes de Américas e África. Um passo adiante para repercutirmos as palavras escritas em 14 de dezembro de 2008, em meio as

chamas anarquistas em Atenas, no documento redigido na Faculdade de Economia Ocupada em Atenas, sob o título *Vimos buscar o que é nosso*: “Se as lutas da modernidade no ensinaram alguma coisa não foi certamente a sua triste fixação num sujeito (a classe, o partido, o grupo), mas antes o seu processo sistematicamente anti-dialético: o ato de destruição não implica necessariamente uma dimensão de criação. Noutras palavras, a destruição do velho mundo e a criação de um novo implicam dois processos distintos, ainda que convergentes. A questão que se coloca é então que métodos de destruição do que existe podem ser desenvolvidos em diferentes pontos e momentos de uma insurreição”. Pois o fascismo, que ora retorna, nos impele a insurreição que deverá destruí-lo. Um exagero? Talvez. Mas se faz urgente retomar a atitude-reposta de Buenaventura Durruti, que já apareceu cravado como epígrafe deste livro, diante do jornalista que o perguntou se ele não tinha receio de destruir toda a cidade em sua luta contra o fascismo durante a Revolução Espanhola (1936), a qual ele respondeu mais ou menos assim: não tememos a ruína, tudo que você vê a sua volta foi construído por nós, construiremos novamente, pois trazemos um mundo novo em nossos corações e ele cresce a cada dia.

¹ Professor no curso de Relações Internacionais da Universidade Federal de São Paulo (EPPEN - UNIFESP) e coordenador do LASInTec-UNIFESP (Laboratório de Análise em Segurança Internacional e Tecnologias de monitoramento www.lasintec.org). Pesquisador no Nu-Sol (Núcleo de Sociabilidade Libertária www.nu-sol.org). Autor de *Política e polícia: cuidados, controles e penalizações de jovens*, Rio de Janeiro: Lamparina, 2013.

² Mestre em Ciências Sociais (Política) pela PUC-SP e pesquisador no LASInTec-UNIFESP (Laboratório de Análise em Segurança Internacional e Tecnologias de monitoramento www.lasintec.org).

³ Nota do Editor.: <https://bit.ly/2WQOs7F>

INTRODUÇÃO

Eu gostaria que este livro não fosse necessário. Mas alguém decidiu incendiar o Centro Islâmico de Victoria, no Texas, apenas algumas horas após o governo Trump anunciar que começaria a banir mulçumanos.⁴ Poucas semanas depois de uma enxurrada de mais de cem propostas de leis anti-LGBTQ no início de 2017, um homem arrebentou a porta e invadiu a Casa Ruby, um centro jurídico para transgêneros em Washington, agredindo uma mulher trans enquanto gritava “Eu vou te matar, sua bicha!”. No dia seguinte a eleição de Donald Trump, estudantes latinos da escola secundária Royal Oak, em Michigan, foram levados às lágrimas por seus colegas de sala enquanto estes cantavam “Construa o muro!”. E então, em março, um veterano supremacista pegou um ônibus para Nova Iorque para “alvejar homens negros”, esfaqueando até a morte um morador de rua negro, chamado Timothy Caughman. Neste mesmo mês, uma dúzia de lápides foram derrubadas e desfiguradas no cemitério judeu Waad Hakolel, em Rochester, Nova Iorque. Entre os que descansam no cemitério Waad Hakolel está a prima da minha avó, Ida Braiman, fatalmente assassinada por seu patrão meses após ter desembarcado da Ucrânia nos EUA, enquanto estava em um piquete junto de outros trabalhadores judeus da indústria vestuária em 1913.

A recente onda de profanações em cemitérios judeus no Brooklyn, Filadélfia e outros lugares, ocorreu sob o governo Trump, cuja declaração sobre o Holocausto omitiu quaisquer referências aos judeus, cujo secretário de imprensa⁵ negou que Hitler tivesse enviado pessoas para as câmaras de gás, e cujo principal conselheiro era uma das figuras mais proeminentes da notória direita antissemita norte-americana. Como escreveu Walter Benjamin no apogeu do fascismo entre guerras, “*nem os mortos* estarão a salvo do inimigo, caso ele vença”.⁶

Apesar do ressurgimento da violência dos supremacistas brancos e dos fascistas pela Europa e EUA, muitos consideram que mortos e vivos estão a salvo por acreditarem que o fascismo está seguramente morto – para eles, o inimigo fascista perdeu definitivamente em 1945. Mas os mortos não estavam a salvo quando o primeiro-ministro italiano Silvio Berlusconi relatou “passar um tempo” nas prisões de Mussolini como “férias” em 2003, ou quando o político francês Jean-Marie Le Pen do partido *Front National* (Frente

Nacional) disse em 2015 que as câmaras de gás nazistas eram “um mero detalhe histórico”. Neonazistas que nos últimos anos lotaram os antigos guetos judeus em Varsóvia, Bialystok e outras cidades polonesas com seus grafites de “poder branco” sabem muito bem que suas cruces celtas visam tanto os mortos, quanto os vivos.

O antropólogo haitiano Michel-Rolph Trouillot nos alerta que “... o passado não existe independente do presente... O passado – ou mais especificamente, o que passou – é uma posição. Portanto, de nenhuma forma nós podemos identificar o passado como passado”.⁷

Este livro leva a sério o terror trans-histórico do fascismo e o poder de conjurar os mortos a lutar novamente. Descaradamente, é um chamado *partisan* às armas que busca equipar uma nova geração de antifascistas com a história e teoria necessária para derrotar o ressurgimento da extrema-direita. Baseado em 61 entrevistas com atuais e antigos antifascistas de 17 países da América do Norte e Europa, ele procurará expandir nossa perspectiva geográfica e temporal para contextualizar a oposição a Trump e à extrema-direita dentro de um terreno de resistência muito mais amplo e abrangente. *Antifa – O Manual Antifascista* é a primeira história do antifascismo pós-guerra transnacional em inglês e a mais compreensível narrativa em qualquer língua. Seu argumento é de que o antifascismo militante é uma resposta razoável e historicamente informada à ameaça fascista que persistiu após 1945 e se tornou especialmente feroz nos últimos anos. Talvez você deixe esse livro de lado e não se torne um antifascista convicto, mas, pelo menos, terá entendido que o antifascismo é uma tradição política legítima que se desenvolveu a partir de um século de luta global.

O QUE É ANTIFASCISMO?

Antes de analisarmos o antifascismo, primeiro devemos examinar brevemente o fascismo. O fascismo é, talvez, mais que qualquer outro modo de política, notoriamente difícil de definir. O desafio em definir o fascismo decorre do fato que ele “começa como um movimento carismático” unido por uma “experiência de fé” em oposição direta à racionalidade e às restrições padrões da precisão ideológica.⁸ Mussolini explicou que seu movimento não “parecia amarrado a qualquer forma doutrinária particular”.⁹ “Nosso mito é a

nação”, afirmou ele, “e a esse mito, a essa grandeza, nós subordinaremos todo o resto”.¹⁰

Como argumenta o historiador Robert Paxton, os fascistas “rejeitam qualquer valor universal que não seja o sucesso dos povos escolhidos em uma luta darwiniana pela primazia”.¹¹ Até mesmo as plataformas partidárias que os fascistas propuseram no período do entre guerras eram geralmente distorcidas ou inteiramente descartadas quando as exigências da busca pelo poder faziam desses mesmos fascistas desconfortáveis companheiros dos conservadores tradicionais. A retórica fascista “de esquerda” sobre a defesa da classe trabalhadora contra a elite capitalista estava frequentemente colocada entre o primeiro de seus valores a ser descartado. No pós-guerra (Segunda Guerra Mundial), os fascistas experimentaram um leque de posições ainda mais vertiginosas, furtando livremente o maoísmo, o anarquismo, o trotskismo e ideologias à esquerda, ocultando-se em formas eleitorais “respeitáveis”, a exemplo do *Front National* francês e outros partidos.¹²

Concordo com o argumento de Angelo Tasca de que “para entender o fascismo, devemos escrever sua história”.¹³ Contudo, como essa história não será escrita aqui, uma definição terá que ser suficiente. Paxton define o fascismo como:

... uma forma de comportamento político marcado por uma preocupação obsessiva com o declínio, humilhação ou vitimização da comunidade e por cultos compensatórios à unidade, energia e pureza, nos quais um grupo de militantes nacionalistas comprometidos, trabalhando em colaboração incômoda, mas eficaz com as elites tradicionais, abandona as liberdades democráticas e persegue com violência redentora, sem restrições éticas ou legais, suas metas de limpeza interna e expansão externa.¹⁴

Quando comparado ao desafio em definir o fascismo, entender o antifascismo pode parecer uma tarefa fácil à primeira vista. Afinal, literalmente, é a simples oposição ao fascismo. Alguns historiadores usaram essa definição literal e minimalista para descrever como “antifascista” uma ampla variedade de atores históricos, incluindo liberais, conservadores e outros que combateram regimes fascistas antes de 1945. No entanto, a redução do termo à mera negação obscurece a compreensão do antifascismo como um método de política, um lócus de auto identificação individual e de grupo, de um movimento transnacional que adaptou correntes socialistas, anarquistas e comunistas preexistentes a uma súbita necessidade em reagir à ameaça

fascista. Essa interpretação política transcende a dinâmica de achatamento e redução do antifascismo à simples negação do fascismo, destacando suas bases estratégicas, culturais e ideológicas, das quais socialistas de todos os tipos emergiram.

No entanto, mesmo dentro da esquerda, debates foram travados entre muitos partidos socialistas e comunistas, ONGs antirracistas e outros que defendiam uma busca legalista por uma legislação antirracista ou antifascista e aqueles que defendiam uma estratégia de ação direta e confrontação para desestabilizar as organizações fascistas. Essas duas perspectivas nem sempre foram mutuamente exclusivas, e alguns antifascistas optaram pela última opção após o fracasso da primeira, mas, em geral, esse debate estratégico dividiu as interpretações à esquerda sobre o antifascismo.

Este livro explora as origens e a evolução de uma ampla corrente antifascista que existe na intersecção da política socialista mais geral e da estratégia de ação direta. Essa tendência é chamada de “antifascismo radical” na França, “antifascismo autônomo” na Alemanha, e “antifascismo militante” nos EUA, Reino Unido e Itália. Esses são os antifas de hoje (a abreviatura de antifascista em muitas línguas).¹⁵ No coração da visão antifascista está uma rejeição da frase liberal clássica atribuída a Voltaire de que “desaprovo o que você diz, mas defenderei até a morte seu direito de dizê-lo”.¹⁶ Depois de Auschwitz e Treblinka, os antifascistas se comprometeram a lutar até a morte contra a possibilidade de nazistas organizados falarem qualquer coisa.

Assim, o antifascismo é uma política nada liberal, é a revolução social aplicada ao combate à extrema-direita, não apenas aos fascistas literais. Como veremos, os antifascistas alcançaram esse objetivo de várias formas, desde cantar mais alto em comícios, ocupar os locais de reuniões fascistas antes que estes pudessem se instalar, semear a discórdia em seus grupos por meio da tática de infiltração, e até romper qualquer véu de anonimato, para atrapalhar fisicamente suas vendas de jornais, manifestações e outras atividades. Os militantes antifascistas discordam das perseguições e proibições do Estado contra políticas “extremistas”, em razão de sua política revolucionária antiestatal, uma vez que tais proibições são frequentemente mais usadas contra a esquerda do que contra a direita.

Alguns grupos antifas são mais marxistas, enquanto outros são mais anarquistas e antiautoritários. Nos EUA, a maioria tem sido anarquista ou antiautoritário desde o surgimento da antifa moderna sob o nome de *Anti-*

Racist Action (Ação Antirracista, ou ARA) no final dos anos oitenta. Até certo ponto, a predominância de uma facção sobre a outra pode ser percebida pelo logotipo na bandeira do grupo: se a bandeira vermelha está na frente do preto ou vice-versa (ou se ambas as bandeiras são pretas). Em outros casos, uma das duas bandeiras pode ser substituída pela bandeira de um movimento de libertação nacional ou uma bandeira negra pode ser emparelhada com uma bandeira roxa, para representar a antifa feminista, ou uma bandeira rosa para a antifa *queer* etc. Apesar de tais diferenças, os antifas que entrevistei concordaram que essas distinções ideológicas costumam ser incluídas em um acordo estratégico mais abrangente sobre como combater o inimigo comum.

No entanto, uma variedade de tendências existe dentro desse consenso estratégico mais amplo. Alguns antifas têm por foco destruir organizações fascistas, outros se concentram na construção do poder popular comunitário e na introdução da sociedade ao antifascismo através da promoção de sua visão política de esquerda. Muitas formações estão em algum lugar no meio desse espectro. Na Alemanha, na década de 1990, surgiu um debate no movimento antifascista autônomo sobre se a antifa era, principalmente, uma forma de autodefesa necessária por causa dos ataques da extrema-direita ou uma política holística, muitas vezes chamada de “antifascismo revolucionário”, que poderia formar a base de uma luta revolucionária mais extensa.¹⁷ Dependendo dos contextos locais e da política, a Antifa pode ser descrita como uma espécie de ideologia, uma tendência, ambiente, ou uma atividade de autodefesa.

Apesar dos vários tons de interpretação, a Antifa não deve ser entendida como um movimento único. Em vez disso, é simplesmente uma das várias manifestações da política socialista revolucionária (amplamente interpretada). A maioria dos antifascistas que entrevistei também dedica grande parte de seu tempo a outras formas de política (por exemplo, organizações de trabalhadores, ocupações, ativismo ambiental, mobilizações antiguerra ou trabalho solidário com imigrantes). De fato, a grande maioria prefere dedicar seu tempo a essas atividades mais produtivas do que arriscar sua segurança e bem-estar para confrontar neonazistas e supremacistas brancos. A Antifa age como um instrumento de autodefesa coletiva.

O sucesso ou fracasso do antifascismo militante depende, muitas vezes, de mobilizar uma camada mais ampla da sociedade para enfrentar os fascistas, como ocorreu tão notoriamente na Batalha de Cable Street,¹⁸ em Londres, em

1936, ou aproveitar de uma maior oposição social ao fascismo para afastar seus grupos e líderes emergentes.

No centro desse complexo processo de criação de opinião está a construção de tabus sociais contra o racismo, o sexismo, a homofobia e outras formas de opressão que constituem os alicerces do fascismo. Esses tabus são mantidos por meio de uma dinâmica que eu chamo de “antifascismo cotidiano” (Capítulo 6).

Finalmente, é importante não perder de vista o fato de que o antifascismo sempre foi apenas uma faceta de uma luta maior contra a supremacia branca e o autoritarismo. Em seu lendário ensaio de 1950, “Discurso Sobre o Colonialismo”, Aimé Césaire, escritor e teórico martinico, argumentou convincentemente que o “hitlerismo” era repugnante para os europeus por causa da “humilhação do homem branco e do fato de [Hitler] aplicar à Europa procedimentos colonialistas que até então haviam sido reservados exclusivamente para os árabes da Argélia, os ‘coolies’ da Índia e os negros da África”.¹⁹ Sem diminuir de forma alguma o horror do Holocausto, até certo ponto podemos entender o nazismo como o colonialismo e o imperialismo que os europeus trouxeram de volta para casa. A dizimação das populações indígenas das Américas e da Austrália, as dezenas de milhões de pessoas que morreram de fome na Índia sob o domínio britânico, os dez milhões mortos pelo Estado Livre do Congo, do rei belga Leopoldo, e os horrores da escravidão transatlântica são apenas uma pequena parte das mortes em massa e da dizimação social forjada pelas potências europeias muito antes da ascensão de Hitler.

Os primeiros campos de concentração (conhecidos como “reservas”) foram estabelecidos pelo governo norte-americano para aprisionar populações indígenas, pela monarquia espanhola para conter revolucionários cubanos na década de 1890, e pelos britânicos durante a Guerra dos Bôeres na virada do século. Bem antes do Holocausto, o governo alemão cometeu genocídio contra os povos Herero e Nama, do sudoeste da África, por meio de campos de concentração e outros métodos entre 1904 e 1907.²⁰

Por essa razão, é vital entender o antifascismo como um componente solitário de um legado maior de resistência à supremacia branca em todas as suas formas. Meu foco no antifascismo militante não pretende, de modo algum, minimizar a importância de outras formas de organização antirracista que se identificam com o anti-imperialismo, o nacionalismo negro ou outras

tradições. Ao invés de impor uma estrutura antifascista a grupos e movimentos que se concebem de maneiras diferentes, mesmo que lutemos contra os mesmos inimigos com métodos semelhantes, irei me concentrar principalmente nos grupos que conscientemente se situam dentro da tradição antifascista.

Desde que a Segunda Guerra Mundial se tornou o emblemático drama moral do mundo ocidental, o antifascismo “histórico” conseguiu acumular um certo grau de legitimidade, apesar de ter sido ofuscado pelo papel definitivo dos exércitos aliados na derrota das potências do Eixo. Ainda assim, após a queda de Hitler e Mussolini, acredita-se que *razão de ser* do antifascismo tenha evaporado. Até certo ponto, essa rejeição ao antifascismo surgiu da tendência ocidental de interpretar o fascismo como uma forma extrema de “mal”, a qual qualquer um que abaixe sua guarda moral pode estar sujeito – em oposição à interpretação similarmente distorcida do bloco soviético sobre o fascismo como “a ditadura terrorista do mais reacionário... elementos do capital financeiro”.²¹ Depois que 1945 foi consagrado como a ruptura terminal com um período aberrante de “barbárie”, essa interpretação individualista e moral do fascismo descartou a necessidade da existência de movimentos políticos para se oporem, de maneira vigilante, às organizações de extrema-direita.

Em outras palavras, uma vez que o fascismo foi entendido quase inteiramente em termos apolíticos e morais, qualquer semelhança de continuidade entre a política de extrema-direita e sua oposição ao longo do tempo foi rejeitada.

A história é uma tapeçaria complexa costurada por fios de continuidade e descontinuidade. Elementos de continuidade são enfatizados quando servem a interesses estabelecidos: a nação é eterna, o gênero é imutável, a hierarquia é natural. No entanto, elementos de descontinuidade são enfatizados na memória popular da luta social. Uma vez que os movimentos sociais e suas principais figuras conquistam poder suficiente para estabelecer sua legitimidade, seus legados históricos são destituídos de suas tendências radicais e embalsamados em um formol a-histórico descontextualizado.

Por exemplo, como organizador do *Occupy Wall Street* em Nova Iorque, achei difícil explicar aos jornalistas como o movimento era apenas uma

extensão das políticas e práticas do *Global Justice Movement*,²² do movimento feminista, movimento antinuclear entre outros. Uma das conquistas mais importantes do *Black Lives Matter*²³ foi o grau em que seus organizadores conseguiram conectar suas lutas aos movimentos de libertação negra dos anos 60 e 70. De todas as lutas sociais recentes, o antifascismo enfrenta, talvez, o caminho mais difícil para se estabelecer como uma extensão com mais de um século de luta contra a supremacia branca, o patriarcado e o autoritarismo.

O antifascismo é muitas coisas, mas talvez, mais fundamentalmente, seja uma discussão sobre a continuidade histórica entre diferentes eras de violência da extrema-direita e as muitas formas de autodefesa coletiva que foram exigidas em todo o mundo ao longo do século passado.

Isso não quer dizer, no entanto, que o século passado do antifascismo tenha sido uniforme. O antifascismo no entre guerras diverge de maneiras importantes dos grupos antifas que se desenvolveram décadas depois. Conforme explico no Capítulo 1, dada a magnitude da ameaça fascista, o antifascismo deste período era muito mais popular. Em parte, isso resultou de uma conexão mais forte entre o antifascismo militante e a esquerda institucional anterior a 1945, em comparação com o antagonismo entre a Antifa mais contracultural dos anos 80 e 90 e o antifascismo governamental “oficial”. Como veremos, as estratégias e táticas da Antifa no pós-guerra (explorada no Capítulo 2) foram amplamente calibradas para o ressurgimento de organizações fascistas em potencial, não apenas um partido de massas ascendente.

Mudanças culturais e avanços nas tecnologias de comunicação alteraram a forma como os antifascistas se organizam e se apresentam ao mundo. À nível material e cultural, o antifascismo funcionou e apareceu de formas diferentes em 1936 e 1996. Todavia, o compromisso antifascista de eliminar o fascismo por qualquer meio necessário conecta o italiano *Arditi del Popolo* do início da década de 1920 com os kickboxers skinheads anarquistas de hoje em dia.

Esse elemento de continuidade sustenta o antifascismo moderno. Nas últimas décadas, os antifas adotaram, conscientemente, os símbolos antifascistas do período entre guerras, como as duas bandeiras da *Antifaschistische Aktion*, as três flechas da Frente de Aço, e a saudação com o punho cerrado. Um jovem RASH (Red And Anarchist Skinheads) de Munique chamado Georg me explicou como é constantemente inspirado pela

memória de figuras de resistência, como Hans Beimler, Sophie Scholl e Georg Elser, que, segundo ele, ainda assombram as ruas de sua cidade.²⁴ Não se pode nem passar por uma manifestação antifa em Madrid sem ouvir os slogans de 1930 “¡No Pasarán!” (Não passarão!) e “Madrid será o túmulo do fascismo!”. A organização partidária italiana ANPI reafirmou essa continuidade quando incluiu David “Dax” Cesare entre seus mártires antifascistas, depois de ter sido morto por neonazistas em 2003. O slogan “nunca mais” exige que reconheçamos que se não estivermos vigilantes, isso pode acontecer novamente. Impedir que isso aconteça, argumentam os antifascistas, exige que tiremos o antifascismo de sua gaiola histórica para que suas asas possam se abrir através do tempo e espaço.

Os historiadores desempenharam seu papel ao cimentar a divisão entre o antifascismo “heroico” do período entre guerras e os grupos antifa “triviais” e “marginais” das últimas décadas. Além de alguns trabalhos sobre o antifascismo britânico nos anos 1970 e 80, os historiadores profissionais não produziram quase nada em inglês sobre os desdobramentos no pós-guerra.²⁵ A maioria esmagadora dos estudos sobre o antifascismo pós-guerra se concentrou nas questões de memória histórica e celebração, reforçando implicitamente a tendência de relegar as lutas contra o fascismo ao passado. Embora haja um corpo relativamente amplo de literatura em língua alemã sobre antifascismo na Alemanha do pós-guerra, e um punhado de estudos nacionais e teses acadêmicas sobre antifascismo na França, Suécia e Noruega em seus respectivos idiomas, até onde sei, o outro único livro sobre antifascismo pós-guerra transnacional foi publicado em italiano.²⁶

Antifa – O Manual Antifascista é, portanto, o primeiro livro a traçar os amplos contornos do antifascismo pós-guerra transnacional em inglês e o mais abrangente em seu alcance cronológico e escopo de exemplos nacionais em qualquer idioma. Dada a escassez de informações sobre o antifascismo do pós-guerra, fui forçado a confiar principalmente em artigos e relatos da imprensa tradicional e antifascista, e em entrevistas com atuais e antigos antifascistas. Uma razão para que tais estudos não tenham se materializado no passado é a relutância geral dos antifascistas em arriscar expor suas identidades falando com jornalistas e acadêmicos. A maioria dos militantes antifascistas opera em vários graus de sigilo para se proteger da reação fascista e policial. Minha capacidade de conduzir entrevistas com antifascistas norte-americanos e europeus dependia inteiramente das relações

que estabeleci ao longo de mais de quinze anos como militante organizado. Minhas “credenciais” radicais permitiram que eu usasse redes antifascistas para falar, muitas vezes sob condição de anonimato, com 61 antifascistas: 26 de 16 estados americanos e 35 ativos no Canadá, Espanha, Reino Unido, França, Itália, Holanda, Alemanha, Dinamarca, Noruega, Suécia, Suíça, Polônia, Rússia, Grécia, Sérvia e Curdistão. Também entrevistei 8 historiadores, ativistas, ex-hooligans e outros, dos EUA e Europa, sobre o antifascismo em seus países. Todas as traduções são minhas, salvo quando indicado o contrário.

No entanto, não faço qualquer afirmação de que essa seja uma história abrangente ou definitiva do antifascismo em geral, nem do desenvolvimento desses movimentos nacionais em particular. Como isso não passa de uma história, é uma história impressionista que visa rastrear de forma concisa os temas amplos e os desenvolvimentos de 17 países ao longo de mais de um século por meio da costura de suas vinhetas particulares. Este objetivo mais modesto foi necessário não apenas pela relativa falta de fontes e trabalhos acadêmicos, mas também por um prazo apertado. Este livro foi pesquisado e escrito durante um período relativamente curto, a fim de disponibilizar suas contribuições o mais rápido possível, em meio ao clima tumultuado do início da Era Trump. Portanto, este livro é um exemplo de história, política e teoria em andamento.

Ele prioriza a necessidade imediata de disponibilizar as percepções e experiências de velhos e novos antifascistas de dois continentes durante os anos em que esperamos por estudos mais abrangentes. Obviamente, tais trabalhos são vitalmente necessários e, com sorte, muitos serão escritos no futuro, eclipsando o que este livro tem a oferecer.

Embora os historiadores geralmente tentem preservar pelo menos uma fachada de neutralidade ao analisar seus sujeitos históricos, eu concordo com o historiador Dave Renton que “não se pode ser neutro quando se escreve sobre o fascismo, não há nada positivo a ser dito sobre isso”.²⁷ Deveríamos ser mais cautelosos com aqueles que são verdadeiramente neutros em relação ao fascismo do que aqueles que honestamente defendem sua oposição ao racismo, genocídio e tirania.

Por causa das restrições de tempo, tive que limitar o livro aos EUA, Canadá e Europa. É importante enfatizar que o antifascismo tem desempenhado um papel crucial nas lutas ao redor do mundo no último século. Antifascistas de

todo o mundo viajaram para a Espanha para lutar nas Brigadas Internacionais. Hoje existem grupos antifas na América Latina, no leste da Ásia, na Austrália e em outros lugares. A minha escolha em omitir considerações sérias sobre esses grupos não deve ser interpretada como um deslize, mas sim como uma lamentável necessidade dada a falta de tempo e o fato de que, como historiador da Europa moderna, eu me volvei para os conhecimentos e contatos que já havia estabelecido antes.

Além disso, meu tratamento dado à Europa inclina-se fortemente para a Europa Ocidental e Central, apesar de algumas das mais intensas lutas antifascistas dos últimos anos terem ocorrido no Leste Europeu. Mais uma vez, isso se dá pelo fato de que tenho mais contatos na Europa Ocidental e as informações que existem sobre o antifascismo da Europa Oriental em inglês estão fragmentados. Finalmente, meu foco é no antifascismo enquanto os regimes fascistas ou fascistóides não estão no poder (ou seja, a Itália antes de 1926, a Alemanha antes de 1933, a Espanha antes de 1939, etc.).

Obviamente, a resistência dos *partisans* dos anos 1940 e sua oposição armada a Franco nas décadas seguintes foram o epítome do antifascismo e merecem ser estudados. Dados os limites de tempo e espaço, priorizei a análise do antifascismo em seu estágio preventivo – isto é, quando o fascismo não tem a força total do Estado por trás dele –, porque essa é a situação em que os leitores se encontram hoje. Eu me arrependo dessas restrições e reforço esperançosamente que meus trabalhos futuros terão estruturas mais expansivas.

A Europa e os EUA testemunharam uma crise alarmante para a direita nos últimos anos em resposta à crise econômica de 2008, com as medidas de austeridade, as tensões de uma economia cada vez mais pós-industrial, mudanças culturais e demográficas, migração e a chegada de refugiados da Guerra Civil na Síria – conhecida como a “crise dos refugiados” pela direita europeia. Esses fatores fomentaram a ascensão de partidos de extrema-direita “respeitáveis”, como o francês *Front National*, o holandês Partido Para Liberdade, o Partido da Liberdade da Áustria, e organizações xenófobas, como o alemão Patriotas Europeus Contra a Islamização do Oeste, conhecido como PEGIDA. O Capítulo 3 discute sua ascensão e como eles se colocam como um desafio para a organização antifa.

No mesmo capítulo, discuto o desenvolvimento da *alt-right* (ou, direita alternativa) e as faíscas que políticas de extrema-direita despertaram durante

a bem-sucedida candidatura de Donald Trump para a presidência dos EUA em 2016. Nos primeiros trinta e quatro dias após sua eleição, mais de 1.094 “incidentes de preconceito” foram relatados, de acordo com o *Southern Poverty Law Center*. Os crimes de ódio aumentaram em 94% na cidade de Nova Iorque nos primeiros dois meses de 2017, em comparação ao mesmo período em 2016, com mais da metade tendo sido cometidos contra judeus. Mesquitas no Texas, Flórida e em outros lugares foram incendiadas. Esses ataques resultaram de um aumento no número de “grupos de ódio”, especificamente grupos antimuçulmanos, e “esforços sem precedentes” dos supremacistas brancos de recrutamento nos campi universitários.²⁸ E a lista continua. Embora a erradicação desse ódio reacionário exija uma organização em todas as frentes para projetar uma visão revolucionária alternativa, em curto prazo, os antifascistas estão entre os mais comprometidos com a eliminação de racistas, antissemitas e islamofóbicos. Como disse Walter Tull, cofundador da ARA (Ação Antirracista) de Montreal, “o trabalho dos antifascistas é fazer com que os fascistas tenham muito medo de agir publicamente e também atuar como alvos voluntários do seu ódio e ataques, o que pode impedi-los de queimar a mesquita mais próxima”.²⁹

Subtulei este trabalho como *O Manual Antifascista* porque é um livro de referência relativamente breve, esperançosamente útil, destinado a promover a organização contra o fascismo, a supremacia branca e todas as formas de dominação. Cabe ao leitor determinar a utilidade prática deste trabalho. No entanto, o mínimo de 50% dos direitos autorais irá para o Fundo de Defesa Antifascista Internacional, que é administrado por mais de 300 antifas de 18 países. Depois de escolher o subtítulo, fiquei sabendo que a London Gay Activist Alliance escreveu um panfleto chamado “Um Manual Antifascista” em 1979, em meio ao terror da Frente Nacional (*National Front*). O livro *Antifa* pretende carregar o legado de uma escrita antifascista informativa e espera impulsionar a publicação de manuais ainda mais antifascistas no futuro. Espero que a obra ajude e inspire aqueles que tomarão a luta contra o fascismo nos próximos anos, para que chegue o dia onde este livro não seja mais necessário.

⁴ Nota do Editor: Em setembro de 2017, Trump emitiu um decreto que proíbe a entrada de cidadãos de 7 países - sendo 4 deles de maioria muçulmana - em território norte-americano.

⁵ N. do E.: Sean Spicer, ex-porta-voz da Casa Branca, disse, em abril de 2017, que Bashar al Assad era

pior que Adolf Hitler porque este “não desceu tão baixo a ponto de usar armas químicas”.

⁶ Jim Malewitz, Investigators: Fire that ravaged Victoria mosque was arson, Texas Tribune, 8 de fevereiro de 2017: <https://www.texastribune.org/2017/02/08/investigators-fire-ravaged-victoria-mosque-arson/>; Mary Emily O’Hara, Wave of Vandalism, Violence Hits LGBTQ Centers Across Nation, NBC News, 13 de março de 2017: <http://www.nbcnews.com/feature/nbc-out/wave-vandalism-violence-hits-lgbtqcenters-across-nation-n732761>; Build that wall! Latino school kids reduced to tears by classmates pro-Trump chant, RT, 11 de novembro de 2016: <https://www.rt.com/viral/366540-build-that-wall-schoolchant/>; Shawn Cohen et al., White supremacist accused of murder says he came to NYC to kill blacks, New York Post, 22 de março de 2017: <http://nypost.com/2017/03/22/white-supremacist-says-he-killedman-because-he-was-black/>; Daniel J. Solomon, Trump Doesn’t Mention Jews in Holocaust Remembrance Day Message, Fast Forward, 27 de janeiro de 2017: <http://forward.com/fast-forward/361425/trump-doesnt-mention-jews-in-holocaust-remembrance-daymessage/>; Walter Benjamin, On the Concept of History: <https://www.sfu.ca/~andrewf/CONCEPT2.html>.

⁷ Michel-Rolph Trouillot, *Silencing the Past* (Boston: Beacon, 2015), p. 15.

⁸ Emilio Gentile, “Fascism as Political Religion,” *Journal of Contemporary History* 25, no. 2/3 (May–June, 1990), p. 234.

⁹ Robert O. Paxton, *The Anatomy of Fascism* (New York: Vintage, 2004), p. 17.

¹⁰ Walter Laqueur, *Fascism: Past, Present, Future* (New York: Oxford University Press, 1996), p. 25.

¹¹ Paxton, *The Anatomy of Fascism*, p. 20.

¹² Alexander Reid Ross, *Against the Fascist Creep* (Oakland: AK Press, 2017); Don Hamerquist et al., *Confronting Fascism: Discussion Documents for a Militant Movement* (Chicago: ARA, 2002).

¹³ Angelo Tasca, *The Rise of Italian Fascism 1918–1922* (London: Methuen, 1938).

¹⁴ Paxton, *The Anatomy of Fascism*, p. 218.

¹⁵ Entrevista com Dominic; <http://scalp-reflex.over-blog.com/>. Eu não foco no movimento antirracista institucional de organizações como o SOS Racisme ou organizações antifascistas formais afiliadas com partidos políticos como o Unite Against Fascism. Sobre o movimento antirracista europeu: Stefano Fella and Carlo Ruzza eds., *Anti-Racist Movements in the EU* (New York: Palgrave Macmillan, 2013).

¹⁶ Voltaire nunca escreveu isso. Essa frase é de um livro de 1907 sobre ele. Roger Pearson, *Voltaire Almighty: A Life in Pursuit of Freedom* (New York: Bloomsbury, 2005), p. 409, 431.

¹⁷ Entrevista com Dominic, março de 2017.

¹⁸ N. do E.: A Batalha de Cable Street aconteceu no domingo, 4 de Outubro de 1936 na rua Cable Street no bairro East End de Londres. Foi um confronto entre a Polícia Metropolitana, protegendo a marcha de membros da União Britânica de Fascistas, liderada por Oswald Mosley, e vários contra-manifestantes locais antifascistas, incluindo judeus locais, socialistas, anarquistas e grupos comunistas. A maior parte dos manifestantes percorreu um longo caminho até chegarem ao local do confronto. Sir Oswald Mosley havia planejado enviar milhares de integrantes da União Britânica de Fascistas uniformizados como os Camisas Negras para marchar pelo East End, que na época tinha uma grande população judaica.

¹⁹ Aimé Césaire, *Discourse on Colonialism* (New York: Monthly Review Press, 1972), p. 36.

²⁰ Isabel V. Hull, *Absolute Destruction: Military Culture and Practices of War in Imperial Germany* (Ithaca: Cornell University Press, 2013), p. 8–85.

²¹ Paxton, *The Anatomy of Fascism*, p. 8.

²² Nota do Tradutor: Movimento para a Justiça Global.

²³ N. do T.: Vidas Negras Importam.

²⁴ Entrevista com Georg, maio de 2017.

²⁵ Dave Renton, *When We Touched the Sky: The Anti-Nazi League 1977–1981* (Cheltenham: New Clarion, 2006); Nigel Copsey, *Anti-Fascism in Britain* (London: Routledge, 2017). Relatos de militantes incluem: Dave Hann, *Physical Resistance: Or, a Hundred Years of Anti-Fascism* (Winchester: Zero Books, 2013); Sean Birchall, *Beating the Fascists: The Untold Story of Anti-Fascist Action* (London: Freedom, 2010); M. Testa, *Militant Anti-Fascism: A Hundred Years of Resistance* (Oakland: AK Press, 2015).

²⁶ Gilles Vergnon, *L'antifascisme en France: de Mussolini à le Pen* (Rennes: Presses universitaires de Rennes, 2009); Réseau No Pasaran, *Scalp 1984 - 1992: comme un indien métropolitain* (Paris: No Pasaran, 2005); Jan Jämte, *Antirasismens Många ansikten* (PhD diss, Ume. Universitet, 2013); Adrien Alexander Wilkins, “Vold og Motvold—Antifascistisk voldbruk i Norge 1990–2001” (tese de mestrado em andamento); Valerio Gentili, *Antifa: Storia contemporanea dell'antifascismo militante europeo* (Rome: Red Star, 2013).

²⁷ Dave Renton, *Fascism: Theory and Practice* (London: Pluto, 1999), p. 18.

²⁸ Mark Potok, “The Year in Hate and Extremism,” *SPLC*, 15 de fevereiro de 2017: <https://www.splcenter.org/fighting-hate/intelligence-report/2017/year-hate-and-extremism>; Adam Peck, “Hate Crimes in New York City have Skyrocketed this year,” *ThinkProgress*, 2 de março de 2017: <https://thinkprogress.org/hate-crimes-in-new-york-city-have-skyrocketed-this-year-907ffb24cac8>; Susan Svrluga, Unprecedented effort by white supremacists to recruit and target college students, group claims, *Washington Post*, 6 de março de 2017: https://www.washingtonpost.com/news/grade-point/wp/2017/03/06/unprecedented-effort-by-white-supremacists-to-recruit-and-target-college-students-group-claims/?utm_term=.568b82e1ce43.

²⁹ Entrevista com Walter Tull, maio de 2017.

1: ¡NO PASARÁN!: O ANTIFASCISMO ATÉ 1945

Na noite de 23 de abril de 1925, uma reunião política foi marcada na rua Damrémont, no bairro de Montmartre, em Paris. Uma reunião como essa, certamente, não era incomum para esse distrito de trabalhadores radicalizados. Mas esse não era um encontro comum. Afinal, nessa inofensiva quinta-feira, o orador de honra era Pierre Taittinger – líder da recém fundada organização fascista *Jeunesses Patriotes*.³⁰ Taittinger, que mais tarde fundaria a famosa empresa de champanhe que leva seu nome, estava nos seus trinta e poucos anos e levava uma vida alinhada com o crescente movimento fascista. Criado em uma família católica nacionalista, ele trabalhou como balconista antes de servir com distinção na Primeira Guerra Mundial. Mais tarde, ganhou acesso ao poder político e financeiro quando se casou com a filha de um banqueiro bem relacionado. Na década de 1920, se viu à frente dos *Jeunesses Patriotes*, uma organização com mais de 100 mil membros organizados em destacamentos militares que desfilavam ao som de tambores e cornetas pelas ruas de Paris, enfeitados com camisas azuis e boinas pretas.³¹

Os comunistas locais de Montmartre resolveram encarar essa reunião em seu território como aquilo que era: uma ameaça. Alguns deles conseguiram entrar na reunião e foram capazes de lançar insultos e ameaças ao líder fascista enquanto ele discursava, mas não foi o suficiente para atrapalhar o processo. Quando Taittinger e seus paramilitares deixaram o local por volta das 23h30, ele contou que “havia uma atmosfera de tumulto. Uma multidão nas calçadas, clamando ódio e raiva, cantando a ‘Internacional’ diante de uma linha fina de policiais que eram incapazes de fazer muito”.³² Eles logo descobririam que as luzes da rua haviam sido quebradas para permitir que um esquadrão de comunistas fosse capaz de se manter escondido nas sombras. Como recorda Taittinger,

... Tiros de revólver estalaram: nós fomos pegos numa emboscada. Companheiros heroicos se lançaram na frente de seu líder para protegê-lo com seus corpos. Dois deles tombaram. Os feridos caíram sangrando. [Nós] recuamos em direção à estação de metrô de Mont-Cenis, levando nossos feridos [e] partindo de metrô.³³

Quatro *Jeunesses Patriotes* caíram mortos. Mais trinta ficaram feridos.³⁴ No dia seguinte, o periódico comunista *L’Humanité* se manteve irreduzível: “Os fascistas colheram o que plantaram. Os trabalhadores não vão tolerar que alguém os desafie em seu território. A experiência da Itália e da

Alemanha é muito forte no coração de todos os proletários para permitir que isso aconteça novamente por aqui”.³⁵

Comunistas matando fascistas por realizar uma reunião? Como as coisas chegaram a isso? Para encontrar a resposta, talvez precisemos voltar a 1898, no auge do Caso Dreyfus na França, quando as tensões sobre o julgamento do capitão judeu Alfred Dreyfus atingiram seu ponto de ruptura. Vários anos antes, Dreyfus havia sido preso (equivocadamente) por supostamente ter revelado segredos militares aos alemães. No entanto, a prova posterior de sua inocência fragmentou a sociedade francesa entre anticlericais, “Dreyfusianos” de esquerda e militaristas antisemitas. Entre os exemplos mais notáveis deste último estavam três grupos proto-fascistas: a *Ligue antisémite de France*,³⁶ a *Ligue des Patriotes*³⁷ e a *Ligue de l’Action Française*.³⁸ Essas ligas se opunham ferozmente ao marxismo e ao parlamentarismo da Terceira República Francesa e eram altamente nacionalistas, incrivelmente capazes de orquestrar conturbadas mobilizações de rua, tática que havia sido exclusiva da esquerda por décadas. Com o crescimento do movimento “Dreyfusiano”, as ligas organizaram estridentes protestos em defesa dos militares junto a uma multidão de milhares de pessoas enfurecidas nas ruas, que atacaram negócios e estabelecimentos judeus em meio a gritos de “Morte aos Yids!”.³⁹

No entanto, onde havia profascismo, havia também proto-antifascismo. Os anarquistas e membros do antiparlamentar *Parti ouvrier socialiste révolutionnaire*⁴⁰ formaram uma *Coalition révolutionnaire* para desafiar as gangues reacionárias “na rua gloriosa, a rua de enérgicos protestos, a rua das barricadas”.

E eles os desafiaram. A coalizão protegeu os militantes Dreyfusianos e as testemunhas do caso a caminho do tribunal. Eles infestaram a cidade com cartazes reivindicando o espaço público dos antisemitas, iniciando uma ofensiva contra os anti Dreyfusianos, protagonizando contraprotostos e até mesmo se infiltraram dentro da organização, interrompendo uma série de grandes reuniões. Conforme a infiltração dos radicais nas reuniões anti Dreyfus foi ficando mais complicada, o anarquista Sébastien Faure conseguiu forjar convites para participar de uma reunião da “oposição” em um restaurante local de Marselha. Infelizmente, os que chegaram com os convites forjados foram impedidos de entrar, sendo obrigados a dar a volta e quebrar

uma porta de vidro para conseguir invadir o restaurante e atrapalhar o processo.⁴¹

No ano seguinte, em 1899, Dreyfus foi absolvido, embora tivesse que esperar até 1906 para sua total exoneração. No entanto, as ligas anti Dreyfusianas, especialmente a *Action Française*, que o historiador Ernst Nolte argumenta ser “o primeiro agrupamento político a ter influência ou status intelectual que carregou traços inconfundivelmente fascistas”,⁴² conseguiram infundir o nacionalismo militarista com o populismo de rua, prenunciando o fascismo do próximo século, sendo um avanço marcante para as políticas de direita.

Enquanto Nolte cita a *Action Française* como o primeiro grupo proto-fascista, o historiador Robert Paxton argumenta que “o fascismo (entendido funcionalmente) nasceu no final da década de 1860 no sul dos Estados Unidos”⁴³ com o surgimento da Ku Klux Klan (KKK). Paxton aponta seus peculiares uniformes encapuzados, métodos de intimidação violenta e criação de redes alternativas de autoridade como uma reminiscência daquilo que se tornou o fascismo no século XX.⁴⁴ Em resposta à violência da Klan contra a participação negra na Liga Sindical e no Partido Republicano (e contra os negros mais amplamente) nas décadas de 1860 e 70, os membros da Liga boicotaram os *Klansmen*,⁴⁵ organizando grupos armados de autodefesa e, em alguns casos, até mesmo incendiando as plantações de antigos senhores de escravos.⁴⁶

Passando para a década de 1890, Ida B. Wells⁴⁷ lançou uma significativa campanha antilinchamento através de seu artigo “Liberdade de Expressão” e o inovador panfleto *Southern Horrors*.⁴⁸ Wells, que carregava uma pistola com ela para onde quer que fosse, defendeu ardentemente o direito à autodefesa negra. Quando um grupo de afro-americanos incendiou uma cidade de Kentucky em retaliação a um recente linchamento, ela escreveu que “eles mostram algumas faíscas de hombridade com seu ressentimento... Não até que o negro se levante em sua força e se ressinta destes assassinatos a sangue frio, se ele queimar cidades inteiras, uma trégua será oferecida ao linchamento”.⁴⁹

Embora não sejam totalmente alheias, as origens históricas do fascismo italiano e do nazismo alemão – e o antifascismo revolucionário que estes produziram – podem ser desenterradas ao examinar um conjunto de diferentes precedentes históricos, desde o terror racial nos EUA, começando

pouco depois da Revolução Francesa, quando a ordem monárquica europeia foi restaurada em 1815. A partir de então, a política revolucionária europeia girou em torno da ameaça iminente do republicanismo liberal à esquerda e da defesa aristocrática da monarquia tradicional à direita. Esse conflito se intensificou com as revoluções europeias de 1848 na França, na Hungria e na atual Alemanha e além, quando republicanos e seus partidários das classes mais baixas tomaram as barricadas para derrubar os regimes monárquicos do continente e substituí-los por estados-nação republicanos. Nesse ponto, a recém-concebida noção de nacionalismo era, em grande parte, reservas à uma esquerda que contrapunha à soberania hereditária das tradicionais dinastias dominantes da Europa.

Em última análise, a maioria das revoluções nacionais de 1848 falhou. Entretanto, à medida que seus trágicos acontecimentos se desdobravam, eclodiram divisões entre estadistas aspirantes e um movimento operário cada vez mais poderoso e revolucionário, o que afastava muitos liberais da revolução para os braços da elite tradicional. Como escreveu o historiador Eric Hobsbawn, “confrontados com a revolução ‘vermelha’, os liberais moderados e conservadores se uniram”. As elites econômicas estavam dispostas a conceder muitas das demandas liberais na década seguinte, se em troca estes abandonassem a revolução.⁵⁰

Todavia, o espectro de sublevação de “baixo para cima” forçou muitas elites conservadoras a levarem a sério a política popular e a noção liberal de “opinião pública”, talvez pela primeira vez na história. Prenunciando elementos do fascismo do século XX, o imperador francês Napoleão III procurou suprimir a classe trabalhadora da política, enquanto apelava à população por meio do cultivo de sua imagem masculina. Na Alemanha, Otto von Bismarck usou a política da *cenoura no palito*⁵¹ para desenvolver um nascente estado de bem-estar social, privando o socialismo de sua potencial base de apoio e implementando leis antissocialistas em 1878. Um ano depois, em 1879, o político liberal inglês William Gladstone introduziu na Europa as campanhas eleitorais de “cidade-a-cidade”, refletindo a crescente consciência do poder popular. Com o passar do tempo, a pressão vinda de baixo e uma crescente consciência da utilidade de reformar os governantes levaram a expansões do sufrágio e a limitados direitos de sindicalização por toda a Europa.

Apesar dessas e de outras formas destinadas a apaziguar a inquietação

popular, os conservadores tradicionais e seus entorpecidos partidos não estavam, geralmente, dispostos a apoiar seriamente uma mudança em direção à política popular. E quando o século XIX chegou ao fim, o rápido avanço dos sindicatos e partidos socialistas parecia pressagiar um domínio radical esquerdista nos corações e mentes das “massas”. No entanto, ao mesmo tempo, havia indícios gritantes de que não seria o fim dessa história. A década de 1880 testemunhou a criação de várias organizações na França (como a Liga dos Patriotas), Alemanha, Áustria e outros lugares, com círculos eleitorais especialmente pequeno-burgueses, que muitas vezes mergulhavam no “socialismo dos tolos”: o antissemitismo.⁵² Encurralados entre os capitães da indústria e o que eles viam como as “hordas vermelhas aterrorizantes” da classe trabalhadora organizada, artesãos, trabalhadores clericais e funcionários públicos, começaram a forjar suas próprias ligas, associações e partidos políticos. Além disso, a expansão imperialista do final do século, evidenciada na “disputa pela África” e na divisão da China, entre outros exemplos, levou o nacionalismo ao direito de forjar um vínculo poderoso entre governantes e governados, baseado no “prestígio” internacional da conquista estrangeira. Por outro lado, depois de 1903, nacionalistas italianos atacaram sua elite política por não competirem na arena imperial – uma frustração que em 1910 se consolidou na criação da Associação Nacionalista Italiana.⁵³

A explosão da Primeira Guerra Mundial em 1914 evidenciou as fricções existentes no cenário político europeu, abrindo espaço para o eventual surgimento do fascismo. Depois que a Áustria-Hungria declarou guerra à Sérvia em retaliação ao assassinato do arquiduque austríaco Franz Ferdinand em Sarajevo, a Alemanha e o Império Otomano juntaram-se a eles, enquanto Rússia, Grã-Bretanha e França eram as principais potências do outro lado da trincheira. Durante anos, os partidos socialistas da Europa haviam discutido planos para uma greve geral continental no início de uma guerra para deter o militarismo em sua gênese. No entanto, quando as trombetas soaram, a maioria dos partidos se enfileirou atrás de seus estados. Uma notável exceção foi o Partido Operário Social-Democrata Russo (Bolchevique) e seu ardente líder Vladimir Lênin, para quem o conflito era simplesmente “uma guerra imperialista predatória”.⁵⁴ O posicionamento pró-guerra da maioria dos partidos europeus foi a gota d’água para Lênin e para a corrente da esquerda

revolucionária do socialismo internacional, que progressivamente se afastou do centro do movimento.

Os conflitos ideológicos entre os socialistas ainda não eram tão agudos quando a Segunda Internacional foi formada em 1889. Naquela época, a principal controvérsia girava em torno da exclusão dos anarquistas por seu antiparlamentarismo e sua rejeição ao papel do partido e do Estado no processo revolucionário (debate que na década anterior dividiu a Primeira Internacional entre os seguidores de Karl Marx e do anarquista Mikhail Bakunin). Contudo, a unidade socialista não duraria muito. No final da década de 1890, o socialista alemão Eduard Bernstein rompeu profundamente com a ortodoxia marxista argumentando que, uma vez que as condições estavam gradualmente melhorando para os trabalhadores, progressivamente o socialismo poderia ser também alcançado através do processo eleitoral, sem a necessidade de uma revolução.

Nos anos seguintes, correntes reformistas e revolucionárias surgiram dentro da maioria dos partidos socialistas. Suas polêmicas se intensificaram durante a guerra e aumentaram ainda mais após os bolcheviques tomarem o poder em 1917. O entusiasmo estimulado pela Revolução Russa catalisou toda a turbulência econômica e social que envolveu a Europa no final da Primeira Guerra Mundial. De seus dias finais até 1920, uma onda revolucionária se espalhou por toda a Europa, com motins militares, revoltas, greves, ocupações e a formação de conselhos de trabalhadores na Alemanha, Áustria, Hungria e Itália. Essa expansão culminou na formação de repúblicas soviéticas na Hungria em março e na Baviera em abril de 1919. O líder soviético Grigori Zinoviev estava tão otimista que observou: “Ninguém ficará surpreso se, no momento em que essas linhas aparecerem impressas, não termos apenas três, mas seis ou mais novas repúblicas soviéticas. A Europa está correndo em alta velocidade em direção à revolução proletária”.⁵⁵

O otimismo de Zinoviev se provou prematuro. As repúblicas soviéticas da Hungria e Baviera tiveram vida curta e no início da década de 1920, a maré revolucionária estava diminuindo. Há muitas razões para o fracasso do movimento revolucionário no pós-guerra, mas um dos mais importantes foi o predomínio geral da ala reformista do movimento socialista. Isso ficou mais claro ainda quando o líder socialista alemão da nova República de Weimar, Friedrich Ebert, enviou os *Freikorps*⁵⁶ para acabar com a revolta comunista espartaquista de janeiro de 1919. No processo, os *Freikorps*,

compostos principalmente de veteranos da Primeira Guerra Mundial, assassinaram os líderes comunistas Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht.

Os amargos e sangrentos conflitos que dividiram o socialismo internacional depois da guerra representariam obstáculos formidáveis à conquista da unidade antifascista ao longo das décadas seguintes. Os comunistas revolucionários nunca perdoaram a “traição” social-democrata da revolução e os assassinatos de Luxemburgo e Liebknecht. Por outro lado, os sociais-democratas passaram a rejeitar o modelo bolchevique de ditadura revolucionária e se ressentiram com as tentativas comunistas de derrubar seus governos parlamentares. Essas queixas foram ainda mais acentuadas pelo mandato emitido no segundo congresso da nova Internacional Comunista (*Comintern* ou Terceira Internacional) em 1920 para que as correntes revolucionárias dos partidos se dividissem para formar novos partidos comunistas. Enquanto isso, os anarquistas, que haviam, em 1922, formado sua própria Associação Internacional de Trabalhadores anarcossindicalistas, representando mais de 2 milhões de trabalhadores em todo o mundo,⁵⁷ se opuseram ao reformismo social-democrata. Eles também protestaram contra os ataques bolcheviques de 1921 aos marinheiros de Kronstadt e o exército anarquista ucraniano de Nestor Makhno. E também contra a repressão ao anarquismo na nova União Soviética.

No momento em que o socialismo europeu estava mais dividido, sua própria existência logo estaria à mercê da capacidade de reagir perante seu maior desafio.

No final de março de 1921, Emilio Avon, líder socialista local de Castenaso, na região de Bolonha, na Itália, recebeu uma carta surpreendente: “Você é o secretário da seção socialista? Queremos testar sua coragem”. Na noite seguinte, enquanto Avon e sua família dormiam, um grupo de homens armados e mascarados chutou sua porta, o arrastou para fora e o espancou até ficar inconsciente em meio aos gritos horrorizados de sua esposa e seus três filhos. Avon foi “convidado a deixar a cidade dentro de quinze dias sob pena de morte” – convite que ele rapidamente aceitou.⁵⁸

Quem eram esses homens mascarados e porque eles estavam aterrorizando líderes socialistas locais e suas famílias? Estes eram os esquadrões Fascistas⁵⁹

de Benito Mussolini, os *squadristi*, os camisas negras, que desde o fim da guerra percorriam as cidades e o campo destruindo a “peste” vermelha que ameaçava a “unidade nacional”. A luta de classes estourou na Itália durante o *Biennio Rosso* de 1919-1920, quando trabalhadores industriais ocuparam fábricas, camponeses tomaram terras e ondas de greves paralisaram a economia. No entanto, a preferência do primeiro-ministro em negociar ao invés de soltar o exército em cima dos revolucionários testou a paciência dos industriais e latifundiários.⁶⁰ A ameaça de revolução e realidade imediata afetada pela significativa interrupção da produção levaram as elites econômicas a olhar para além da “impotência” do governo parlamentar para solucionar seus problemas. Logo, determinariam que Benito Mussolini era o homem perfeito para esse trabalho.

Como editor do periódico socialista *Avanti!*, Mussolini havia pressionado pela intervenção italiana na Primeira Guerra Mundial – postura que rompeu com a ortodoxia marxista e levou à sua expulsão do Partido Socialista Italiano (PSI). Quando a Itália entrou na guerra, Mussolini serviu no exército por dois anos. Depois de ser lesionado por uma granada e sua carreira militar acabar, tentou iniciar um novo movimento que fundiria elementos de seu socialismo anterior com seu crescente nacionalismo e autoritarismo para forjar o “sindicalismo nacional”, um novo *ethos* de colaboração corporativista entre classes para construir a nova nação italiana. Isso levou à formação do *Fascio di Combattimento* (baseado no clássico símbolo romano de um feixe de gravetos em torno de um machado conhecido como “fascis”) em 1919, marcando o nascimento oficial do fascismo. Entre suas fileiras estavam ex-socialistas, alguns futuristas (uma tendência cultural de vanguarda) e, especialmente, veteranos que haviam sido brutalizados pela guerra.

A Primeira Guerra Mundial foi um conflito que a maioria imaginou que seria curto e rápido, entretanto, se transformou em um atoleiro aparentemente interminável de quatro anos de guerra de trincheiras envolvendo inovadoras ferramentas de morte, como metralhadoras e gases venenosos. A capacidade tecnológica, que foi grandemente aumentada para produzir essa carnificina, traumatizou tantos que o termo “choque de trincheira” foi cunhado para descrever o que é hoje conhecido como PTSD (transtorno de estresse pós-traumático). A desmobilização pós-guerra aumentou o número de desempregados na Itália para 2 milhões, enquanto o custo de vida era 4 vezes

maior que em 1913.⁶¹ No entanto, para muitos jovens, especialmente aqueles que se tornariam fascistas na próxima década, o “espírito de trincheiras” fomentou um tipo peculiar de solidariedade. O fundador da *Faisceau* recordou que, quando a guerra começou, “havíamos sido devolvidos a um estado natural com base igualitária; cada um de nós assumiu seu lugar em uma hierarquia espontaneamente criada ou aceita pela nova sociedade em que fomos colocados”.⁶² Da perspectiva fascista, homens de verdade estavam arriscando suas vidas pela nação em um estado de “hierarquia igualitária”, enquanto parlamentares burgueses medíocres e “afeminados” viviam de forma extravagante, permitindo que os comunistas destruíssem o país. Além disso, soldados nacionalistas italianos ficaram indignados quando seus políticos não conseguiram combater o fracasso da Conferência de Paz de Paris em ceder os territórios prometidos à Itália no Tratado de Londres.⁶³

Embora o fascismo de Mussolini originalmente abarcasse uma retórica de esquerda sobre equilibrar os interesses da elite econômica com os dos camponeses e trabalhadores no interesse da nação (evidente no programa fascista de 1919), na prática, os camisas negras fascistas trouxeram a guerra para casa, visando militarmente os esquerdistas, a serviço de proprietários e patrões. Um dos passatempos favoritos dos esquadrões fascistas era humilhar seus oponentes forçando-os a beber óleo de mamona. Só no primeiro semestre de 1921, cerca de 119 oficinas de trabalho, 107 cooperativas e 83 escritórios camponeses foram destruídas. Em 1920, mais de 1 milhão de trabalhadores agrícolas entraram em greve; no ano seguinte, esse número caiu para 80 mil. Ao unir os esquadrões urbanos de Mussolini com um vasto e reacionário movimento rural, as fileiras dos *fasci* aumentaram de um grupo irregular de 100 homens em 1919 para 250 mil soldados em apenas dois anos.⁶⁴

A primeira organização antifascista militante a resistir aos esquadrões de Mussolini foi o *Arditi del Popolo*⁶⁵, fundada em Roma pelo anarquista Argo Secondari no final de junho de 1921. Toda uma gama de militantes antifascistas (comunistas, anarquistas, socialistas e republicanos) foi organizada conjuntamente sob a estrutura de uma guerrilha federal, descentralizada dos Arditi, cujo símbolo era um crânio cercado por um louro com uma adaga em seus dentes. Em poucos meses, os Arditi mobilizaram 144 seções, compostas por cerca de 20 mil membros, para defender as cidades contra as incursões fascistas. Inicialmente, o recém-fundado Arditi

ganhou algumas vitórias notáveis. Na cidade de Sarzana, no noroeste do país, por exemplo, os *squadristi* tinham aterrorizado a população local ao destruir seus escritórios sindicais e assassinar esquerdistas durante os primeiros meses de 1920. Contudo, uma incursão punitiva fascista organizada na cidade para vingar a morte de outro fascista foi prontamente impedida por seções dos Arditi junto com os trabalhadores locais. Vinte fascistas morreram na batalha.⁶⁶

O *Arditi del Popolo* foi incapaz de suportar os ataques fascistas por várias razões: o enorme apoio financeiro e material que estes haviam recebido das elites econômicas, o fato que grande parte da infraestrutura da esquerda já havia sido destruída quando a organização foi formada e, principalmente, a incompetência da esquerda em cooperar entre si para a destruição de seu inimigo comum. Em janeiro de 1921, aqueles que tentaram seguir os passos de Lênin romperam com o PSI para formar o Partido Comunista Italiano (PCI), acreditando que o país estava prestes a uma revolução. Essa cisão não apenas dividiu socialistas entre duas correntes, mas reduziu seu poder acumulado – a lista de filiados do PSI antes do racha era de 216 mil, sendo reduzida a um total de 100 mil filiados para ambas as partes. Enquanto o centro e a direita do novo PCI procuraram trabalhar com os socialistas de esquerda, a ala da esquerda do partido, agrupada em torno de Amadeo Bordiga, recusou qualquer cooperação com o PSI. Além de que, vários meses após a formação do *Arditi del Popolo*, o PSI retirou seu apoio após a assinatura do Pacto de Pacificação⁶⁷ com Mussolini, ao mesmo tempo que o Partido Comunista retirou seus membros do Arditi, passando acusar a organização de fazer parte de uma “manobra burguesa”. Membros da base de ambos os partidos continuaram com os Arditi, mas as únicas instituições de esquerda a manterem seu apoio à luta armada foram a *Unione Anarchica Italiana* e a anarcossindicalista *Unione Sindicale Italiana*.⁶⁸ Além dos Arditi, coalizões de trabalhadores organizaram uma série de ataques antifascistas ao longo de 1922, incluindo uma tentativa de greve geral da Aliança do Trabalho em 31 de julho. O PSI, no entanto, desencorajou a organização de greves locais em favor de uma greve geral estritamente legal que seria orquestrada. Entretanto, a violência fascista esmagou a tentativa de greve geral antes que pudesse ganhar um *momentum*.⁶⁹

Em 1924, Mussolini relembriaria a “Marcha sobre Roma” no final de outubro de 1922, quando chegou ao poder, como “um ato insurrecional, uma

revolução... uma violenta tomada de poder”.⁷⁰ Essa interpretação reforçava a imagem do valor marcial que ele procurava cultivar, mas não se assemelhava nem um pouco à forma mundana que efetivamente se deu sua ascensão. O descontentamento das elites após a guerra foi suficiente para que o primeiro-ministro liberal Giovanni Giolitti fizesse vista grossa para os camisas negras aterrorizando sindicalistas, grevistas e políticos de esquerda, inserindo-os inclusive à sua coligação para as eleições de maio de 1921, onde ganharam 36 das 120 cadeiras que o bloco possuía no parlamento. Logo depois, Mussolini transformou seu movimento no *Partito Nazionale Fascista*.⁷¹

Mas a mera participação parlamentar foi insuficiente para Mussolini e seus seguidores. Com o passar dos meses, ficou cada vez mais claro que os fascistas tinham o apoio de grande parte do exército e da elite econômica, enquanto os primeiros-ministros que sucederam Giolitti lutavam por governabilidade. No final de outubro de 1922, Mussolini empenhou-se na aposta de “guerra psicológica”⁷² quando reuniu fora de Roma um grupo de fascistas que ameaçava tomar o poder à força. Embora o primeiro-ministro estivesse pronto para ordenar lei marcial para impedir o avanço do fascismo, o que certamente teria sido suficiente, o rei Vittorio Emanuele III se recusou a aprovar o decreto. Em vez disso, convidou o líder fascista para formar um governo de coalizão. Mussolini exigiu o controle exclusivo do governo, que lhe foi prontamente concedido. A Marcha dos Camisas Negras em 31 de outubro de 1922 foi apenas uma representação cerimonial de seu líder e da cautelosa manipulação de um governo liberal fragmentado.⁷³

Socialistas e comunistas estavam relativamente despreocupados com a mudança de poder. A Confederação Italiana do Trabalho não era hostil ao novo governo, amplas frentes antifascistas não surgiram e o líder comunista Palmiro Togliatti sentiu-se confiante que “o governo fascista, que é a ditadura da burguesia, não possui intenção de se libertar de nenhuma das crenças democráticas tradicionais”.⁷⁴ Logo Togliatti e o resto da Itália descobririam que a destruição de “crenças democráticas” era a própria essência do fascismo. Meses depois da “Marcha sobre Roma”, Mussolini ordenou a prisão do Comitê Central do PCI, mandando o partido para clandestinidade e milhares de comunistas para o exílio. O assassinato de Giacomo Matteotti, líder do recém-independente Partido Socialista Unitário, expôs a fraqueza de Mussolini como primeiro-ministro de uma coalizão na qual seu próprio partido era minoria. No entanto, as forças da esquerda não conseguiram forjar

uma aliança antifascista forte o suficiente. Alguns socialistas e comunistas saíram do parlamento em protesto, mas o líder comunista Antonio Gramsci os acusou de serem relutantes demais para sair do “terreno puramente parlamentar”.⁷⁵

Por outro lado, Tito Zaniboni não possuía tal relutância. Em 4 de novembro de 1925, o deputado do Partido Socialista Unitário se hospedou em um quarto de hotel ao lado do quarto de Mussolini para atirar no primeiro-ministro enquanto discursava em sua varanda. Mas, uma conversa telefônica entre Zaniboni com o chefe da maçonaria italiana planejando o tiroteio foi interceptada, levando à prisão do pretense assassino antes que ele pudesse disparar.⁷⁶ Mussolini usou a tentativa como uma desculpa para acabar com o controle do parlamento sobre o governo, encarregando-se de responder somente ao rei, proibindo então o Partido Socialista Unitário e a maçonaria.⁷⁷ Mais três tentativas contra a vida de Mussolini foram feitas no ano seguinte. Em abril, a aristocrata anglo-irlandesa Violet Gibson abriu fogo contra o líder italiano enquanto ele saía de um congresso internacional de cirurgiões, mas a bala simplesmente roçou seu nariz. Em setembro, o anarquista Gino Lucetti lançou uma bomba no carro de Mussolini que feriu pelo menos 8 pessoas, menos o pretendido. Finalmente, em outubro, um adolescente chamado Anteo Zamboni atirou em Mussolini, mas milagrosamente a bala atravessou sua jaqueta deixando-o ileso. Zamboni foi então assassinado por uma multidão enfurecida. Alguns alegaram que este último era um anarquista, mas os antifascistas creem que ele foi infiltrado pelos fascistas como uma desculpa para a repressão. De qualquer forma, essas tentativas foram usadas para eliminar todos os partidos políticos e jornais não fascistas, inaugurando assim a ditadura de Mussolini.⁷⁸

Por volta de 1926, todos os potenciais oponentes de Mussolini foram cooptados ou esmagados com sucesso. Até o surgimento dos primeiros grupos de *partisans* na década de 1940, a resistência ao regime era quase inteiramente orquestrada no exterior, onde militantes exilados contrabandeavam jornais e manifestos clandestinos ou realizavam ataques individuais a alvos fascistas.⁷⁹ Por algum tempo, pelo menos, o regime de Mussolini esteve em bases sólidas. A única coisa que os antifascistas exilados podiam fazer contra esse poder, era se organizar contra a onda de fascismo que ameaçava engolir o continente.

A República de Weimar nasceu da guerra e foi batizada nas chamas da revolução de 1918-1919 e na tentativa de golpe da direita em 1920. O novo governo social-democrata tentou apelar para as classes mais baixas incorporando à constituição alemã o estado de bem-estar social pela primeira vez na história, enquanto mantinha o apoio das classes altas, ao impedir a revolução comunista.⁸⁰

Sob diferentes circunstâncias, isso poderia ter sido suficiente para a nova república traçar um curso de estabilidade, mas não na Alemanha do período entre guerras. Os nacionalistas de direita associaram a república à derrota; uma derrota mitologizada na traição de políticos e civis (judeus/socialistas) ao invés do fracasso no campo de batalha. Eles se ressentiam de ter que pagar o que consideravam excessivas reparações de guerra ditadas pelo Tratado de Versalhes e ansiavam por um retorno à autoridade tradicionalista. À esquerda, o Partido Comunista da Alemanha (KPD), que rompeu com o Partido Social Democrata da Alemanha (SPD) em 1919, tentou derrubar a república à força e instituir a ditadura do proletariado. No entanto, após a decisão do governo social-democrata de chamar paramilitares de extrema-direita – as *Freikorps* – para reprimir a revolta espartaquista de 1919, as tentativas subsequentes de levantes armados pelo KPD em 1921 e 1923 fracassaram miseravelmente.⁸¹

Na década de 1920, a Alemanha estava inundada de formações paramilitares em todo o espectro político, como a organização dos veteranos independentes *Stahlhelm*, que no decorrer dos anos se desviou para a direita, excluindo seus membros judeus.⁸² Em 1924, os sociais-democratas e alguns partidos de centro formaram o *Reichsbanner Schwarz-Rot-Gold* (preto, vermelho e dourado sendo as cores da nova bandeira republicana) para estabelecer uma presença de esquerda entre os veteranos. Em meados da década, o grupo possuía uma adesão de aproximadamente 900 mil membros. Para não ficarem para trás, vários meses depois os comunistas formaram o *Roter Frontkämpferbund*⁸³ (RFB) para competir com o social-democrata *Reichsbanner* e estabelecer uma frente auxiliar militante para o partido similar à *Roter Soldatenbund*⁸⁴ formado em 1918 e os *Proletarische Hundertschaften*⁸⁵ de 1923-24. Por volta de 1927, sua adesão era de 127 mil.⁸⁶

Nesse ponto, os socialistas e os comunistas estavam muito mais preocupados uns com os outros do que com a formação paramilitar que se mostraria a mais importante de todas: as *Sturmabteilung* (Tropas de Assalto, ou SA) do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (*Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei*, ou NSDAP) de Adolf Hitler. Quando Hitler formou seu novo partido fora do Partido Trabalhista Alemão de direita, ele não trouxe nenhuma inovação à ideologia de direita existente.⁸⁷ A mistura de militarismo, tradicionalismo, hipertrama, antissemitismo e antimarxismo que ele colocou em um quadro social darwinista de luta nacional e racial foi apenas uma corrente particularmente virulenta do principal pensamento de extrema-direita da época. Até a própria suástica já era quase um pré-requisito para os *völkisch* [grupos populistas de direita] antes de Hitler adotá-la como logotipo do novo partido em 1920. No entanto, ele modernizou esse antigo símbolo “ariano”, engrossando-o de acordo com as novas tendências gráficas da publicidade.⁸⁸ Esse é um exemplo de como Hitler reinventou as ideias e símbolos da direita por meio de imagens, oratória e organização.⁸⁹

Hitler também reinventou a política de direita através da violência. As tropas de choque nazistas (abreviação de *Nationalsozialistische*) não apenas imitaram os camisas negras de Mussolini usando suas distintivas camisas marrons, mas também combinavam com a brutalidade de suas contrapartes italianas. Em março de 1927, um grupo de várias centenas de SAs encontrou duas dúzias de membros da orquestra comunista da RFB e um político comunista que por acaso estava a bordo do mesmo trem com destino a Berlim. Quando a RFB os saudou com o punho cerrado, os nazistas “consideraram isso uma provocação”, como recorda um nazista:

Em cada uma das estações da viagem, nós lançamos uma saraivada de pedras no vagão comunista. Todas as pedras acertavam o alvo, já que o vagão da quarta classe não tinha divisões laterais e seus ocupantes estavam amontoados. Num instante, o painel de vidro foi quebrado. De pé nos degraus do vagão, tentamos forçar nossa entrada durante a viagem. Do telhado, colocamos um mastro através das janelas e causamos muitos ferimentos.⁹⁰

Depois que o trem chegou à estação final, os nazistas partiram para atacar o bairro de Kurfürstendamm e qualquer um que “parecesse judeu”. Quando a polícia chegou no trem, encontraram mais de duzentas pedras, um revólver com cartucho vazio e três dentes soltos em meio a vidros, poças de sangue e lascas de madeira. O rosto do político comunista era “uma confusão

sangrenta disforme”. Seis passageiros foram hospitalizados, incluindo dois nazistas.⁹¹ Mal sabiam esses comunistas que estes eram apenas os alvos iniciais na “guerra de extermínio contra o marxismo” de Hitler.⁹²

Enquanto Hitler planejava uma guerra contra a esquerda, socialistas e comunistas se concentravam em combater uns aos outros.

Em 1928, o *Comintern* anunciou que a situação pós-guerra havia entrado em um “terceiro período” revolucionário que exigia uma estratégia de maior antagonismo em relação aos socialistas, a fim de esclarecer seu suposto papel na salvaguarda do capitalismo. De acordo com o *Comintern*, um “primeiro período” revolucionário havia surgido no final da Primeira Guerra Mundial, que exigiu uma estratégia similarmente oposta quando os comunistas se separaram para formar seus próprios partidos. Este período terminou quando a promessa revolucionária do pós-guerra diminuiu. Como resultado, o *Comintern* mudou de curso para adotar formalmente uma política de “frente única” em relação aos socialistas em 18 de dezembro de 1921, quando um “segundo período” mais estável se estabeleceu.⁹³ Os socialistas alemães recusaram a oferta.

O anúncio de 1928 do “terceiro período” danificou ainda mais as relações entre as duas principais correntes. A partir de então, os comunistas argumentaram que os socialistas eram “social-fascistas”, significando que a social-democracia seria inevitavelmente cooptada pela burguesia à medida que se voltavam cada vez mais para o fascismo, a fim de defender seu poder diante das turbulências da classe trabalhadora. Para a burguesia, *os socialistas seriam a cenoura enquanto os fascistas seriam o palito* – daí “social-fascistas”, dois lados da mesma moeda.⁹⁴ O líder soviético Zinoviev argumentou que “as principais seções da social-democracia alemã não são mais que uma fração do fascismo alemão com uma fraseologia ‘socialista’”.⁹⁵ De fato, uma razão significativa para o “social-fascismo” foi a necessidade de Stalin de se defender de Zinoviev e Trotsky os colocando à sua direita na luta pelo poder na URSS.⁹⁶ As políticas internas em Moscou muitas vezes influenciaram a estratégia antifascista continental mais do que as realidades italianas ou alemãs.

A amargura com o rótulo “social-fascista” foi atenuada quando o chefe de polícia de Berlim, um socialista, proibiu marchas e manifestações comunistas no 1º de maio de 1929. A pressão dos militantes forçou o KPD a desafiar a proibição e iniciar um protesto. A tropa de choque nazista atacou os

comunistas, provocando greves em massa e três dias de barricadas e insurreição, que só foram controlados quando a polícia entrou com carros blindados. Os confrontos deixaram 30 mortos, quase 200 feridos e 1.200 pessoas foram presas. Organizações comunistas como a RFB e sua ala jovem, a *Rote Jungfront*, foram prontamente banidas.⁹⁷

Enquanto socialistas e comunistas estavam na garganta um do outro, o NSDAP (Partido Nacional Socialista) de Hitler estava crescendo. Embora o fracasso nazista do “Putsch da Cervejaria”⁹⁸ em 1923 representasse um revés temporário para o movimento de Hitler, após sua libertação da prisão, os membros do NSDAP cresceram de 17 mil, em 1926, para 40 mil em 1927 e 60 mil em 1928.⁹⁹ O início da Grande Depressão em 1929 abalou a fé de muitos alemães na capacidade da república de resolver seus problemas. A violência das tropas de choque se intensificou no final do ano, quando esquadrões começaram a marchar pelos bairros comunistas para atacar seus locais de reunião e suas tabernas. Os comunistas finalmente foram forçados a começar a levar os nazistas a sério, mas permaneceram sendo desafiados. O jornal comunista *Die Rote Fahne*¹⁰⁰ proclamou: “Onde quer que um fascista ouse mostrar seu rosto nos bairros da classe trabalhadora, os punhos dos trabalhadores iluminarão seu caminho de volta para casa. Berlim é vermelha! Berlim fica vermelha!”¹⁰¹

Esse tipo de oposição militante ao NSDAP gerou um debate estratégico significativo dentro do KPD. Grande parte da liderança do partido defendeu a oposição ao nazismo através das greves em massa de trabalhadores organizados, mas a depressão enfraqueceu o trabalho organizado e o KPD havia se tornado o partido dos desempregados. Sua liderança lutou para se ajustar às novas circunstâncias econômicas em processo para calibrar a resistência partidária a um tipo diferente de inimigo. Eles apoiavam a resistência física aos nazistas, mas defendiam o “terror proletário em massa” em vez de “ações individuais contra fascistas individuais”, o que estava implícito no slogan popular “atinga os fascistas onde quer que você os encontre!”¹⁰² A oposição a esse slogan pelos líderes do KPD alienou de maneira significativa as formações armadas do partido que viviam a realidade cotidiana de combater os ataques dos milicianos das tropas de choque hitlerista. Essa oposição também quebrou, frequentemente, ao longo de linhas geracionais, com jovens ansiosos prontos para bater em qualquer coisa com uma camisa marrom, enquanto líderes mais antigos pediam moderação. Um

comunista desesperado argumentou: “Na minha opinião, o terror em massa é uma enorme impossibilidade... O fascismo só pode ser detido agora pelo terror [individual] e, se isso falhar, a longo prazo tudo estará perdido”.¹⁰³

A campanha clandestina coordenada pela RFB contra os ataques nazistas às tabernas comunistas no outono de 1931 representou uma escalada relevante da estratégia antifascista. Por gerações, as tabernas serviram como espaços de organização e recreação local para a esquerda. Logo após seu sucesso na eleição de 1930, quando o NSDAP se tornou o segundo maior partido do *Reichstag*,¹⁰⁴ os nazistas usaram seus recém-financiados recursos para comprar, essencialmente, todas as tabernas esquerdistas de Berlim e usá-las como base de suas operações no outono de 1931. Então, uma vez que greves de aluguel e protestos não conseguiram desalojar os nazistas, a RFB entrou em ação...

Em setembro, duas tabernas da SA foram destruídas, resultando na morte de um soldado. Em 15 de outubro, a estratégia se intensificou. Enquanto uma manifestação diversionista estava sendo realizada a um quilômetro de distância, cerca de 35 homens começaram a marchar lentamente em direção a uma taberna da SA na Richardstrasse cantando a “Internacional” e gritando “Abaixo o fascismo!”. De repente eles pararam e 4 ou 5 deles sacaram armas de fogo e abriram fogo contra a o estabelecimento, ferindo 4 e matando o dono, que havia se juntado ao NSDAP “por motivos de negócios”. Entretanto, a ação foi responsável por um número de prisões e a taberna voltou a funcionar três meses depois. Para a consternação da ala militar do partido, a liderança do KPD repudiou publicamente esses ataques.¹⁰⁵

Debates semelhantes ocorreram dentro do movimento anarquista alemão. Embora em menor escala que seus pares comunistas e socialistas, a tropa de ação direta anarquista alemã *Schwarze Scharen* (Rebanho Preto, ou Tropas Pretas) foi fundada em 1929 para proteger as reuniões do sindicato anarcossindicalista União dos Trabalhadores Livres da Alemanha (FAUD) e da Juventude Anarquista. Vestidos inteiramente de preto e com boinas combinando, os *Schwarze Scharen* adicionaram uma propaganda criativa a suas brigas de rua com os nazistas, que incluía teatro de marionetes, música e teatro de rua. (Os comunistas e socialistas também tinham coros, teatros e várias formas de *agitprop*). Embora suas fileiras nunca excedessem as centenas, em algumas cidades eles representavam a principal oposição antifascista.

Não obstante, seus métodos de enfrentamento sofreram forte oposição por alguns dos sindicalistas anarquistas da FAUD. À medida que a atmosfera política se intensificava, o grupo começou a armazenar explosivos. Em maio de 1932, com base na dica de um informante, seu esconderijo foi invadido pela polícia. As prisões subsequentes a essa descoberta, em paralelo com a ascensão de Hitler ao poder, selaram o destino do grupo.¹⁰⁶

O escopo de violência só aumentou com o passar dos anos. Segundos seus próprios relatos, de 1930 a 1932, 143 nazistas foram mortos na violência, enquanto os comunistas perderam 171 membros. Embora os nazistas tenham atacado mais os comunistas que os socialistas, as mortes socialistas também aumentaram.¹⁰⁷

A crescente violência e agitação política levou a organização paramilitar republicana/socialista *Reichsbanner* a propor a criação de uma “Frente de Aço” contra o fascismo com o SPD e várias organizações trabalhistas em dezembro de 1931. Além da necessidade de responder mais vigorosamente ao nazismo, a iniciativa reconheceu que a mudança por decreto para um “governo presidencial” em 1930, que drenou o conteúdo democrático de Weimar, exigia uma maior atenção à política de rua. O SPD também estava ansioso para desviar a atenção da sua relutante aceitação ao quarto decreto emergencial do chanceler Brüning, que havia cortado salários e gastos sociais. Enquanto a prioridade do partido era reforçar a autoridade do governo contra Hitler, a Frente de Aço procurava “ao mesmo tempo projetar uma nova imagem agressiva”.¹⁰⁸

A criação da Frente de Aço também refletiu a frustração dos jovens militantes com a natureza obsoleta e didática da propaganda de seus partidos. Hitler, por outro lado, passou a dominar o elemento psicológico da propaganda. Ao invés de apresentar “razões” para “refutar opiniões”, ele visava a “eliminação de pensamento” e a criação de um “estado receptivo a devoção fanática” por meio de uma política dinâmica de ação constante.¹⁰⁹ O imigrante socialista russo Sergei Chakhotin observou isso e defendeu internamente que o SPD também adotasse esse tipo de propaganda psicologicamente informada. Enquanto caminhava pela cidade, Chakhotin também notou que alguém havia desenhado uma linha sobre uma suástica para cobrir o logotipo nazista. Isso deu a ele a ideia de transformar a linha em uma seta para baixo. Depois de discutir a questão com alguns camaradas, ele a transformou em três flechas (*Drei Pfeile*). Em sua mente, elas

representavam “unidade, atividade e disciplina”, ou o SPD, os sindicatos e o *Reichsbanner*. Ele também propôs que os socialistas adotassem a saudação de punho cerrado dos comunistas (fato que originalmente levou Hitler a adotar a saudação romana de Mussolini em 1926).¹¹⁰

Ainda assim, a liderança socialista permaneceu profundamente reticente em aceitar as inovações de Chakhotin e as chamadas de base para aumentar sua militância. Infelizmente para o partido, a oposição do SPD à inovação foi institucionalizada. Desde a criação da república, a executiva do SPD tinha desenvolvido um crescente controle sobre o partido até o ponto que “os líderes ocupavam seus cargos indefinidamente e escolhiam seus sucessores”.¹¹¹ A liderança entrincheirada se opôs à campanha de grafitar flechas antifascistas sobrepondo as suásticas porque era ilegal. “Nós nos tornaremos ridículos com todo esse absurdo”, argumentaram – embora posteriormente as três flechas tenham se tornado um dos principais símbolos do antifascismo. E seguindo a eleição da *Landtag*¹¹² prussiana de 1932 – quando os nazistas superaram o SPD como segundo maior partido da Alemanha – o SPD fez campanha sob a bandeira da Frente de Aço, com punhos e flechas voando.

Como veículo eleitoral, a Frente de Aço foi muito bem-sucedida. Já como uma formação paramilitar, “existia apenas no nome”. Enquanto os membros da Frente de Aço participavam de alguns exercícios militares, eles não estavam sendo preparados como uma força militar. Para muitos, foi “outra meia medida”. Certamente, muitos membros da Frente de Aço participaram dos intensos combates de rua que deixaram 99 mortos nos dois meses seguintes à descriminalização da SA, mas após a tomada de poder pelos nazistas, descobriu-se que “a Frente de Aço era feita de lata”.¹¹³

A popularidade da Frente de Aço levou o KPD a formar a *Antifaschistische Aktion*¹¹⁴ como uma rede de células fabris, grupos de vizinhos, blocos de apartamentos, bairros e outras associações distribuídas territorialmente. Nos anos 80 e 90, muitos grupos antifascistas adotariam o nome dessa organização alemã, embora o *Comité d’Action Anti-Fasciste*¹¹⁵ também tenha adotado um nome semelhante na França nos anos 1920. Na Alemanha da década de 1930, os conselhos executivos locais da *Antifaschistische Aktion* consistiam de representantes do KPD, RFB, ligas esportivas comunistas e antigas plataformas comunistas antifascistas, como a Autodefesa da Massa Vermelha (RMSS) e o *Kampfbund*. A *Antifaschistische Aktion* visava

“fornecer uma estrutura na qual pessoas de todas as classes sociais pudessem ser reunidas em uma livre coligação para combater a repressão econômica, social e, acima de tudo, criar uma base de defesa sobre a qual sociais-democratas e comunistas poderiam se unir contra os nazistas”.¹¹⁶

No entanto, essa unidade deveria ocorrer sob controle comunista, não socialista. Militantes de base social-democrata foram bem recebidos pela *Antifaschistische Aktion*, mas o KPD ainda estava instruindo seus agentes a “sabotar a Frente de Aço a todo o momento”.¹¹⁷ Em 30 de janeiro de 1933, o presidente do Reich, Paul von Hindenburg, nomeou Hitler chanceler da República de Weimar. O slogan eleitoral socialista do ano anterior de “Esmague Hitler, vote Hindenburg!” demonstrou quão fútil era a esperança em deter o nazismo por meios puramente eleitorais.¹¹⁸ Os governos europeus balançaram para a direita durante o período entre guerras, mas os conservadores tradicionais constantemente impunham soluções autoritárias para questões econômicas e políticas vindas de cima – como na Romênia, Grécia, Bulgária e na Espanha de Primo Rivera – sem ter que se voltar para o populismo fascista de baixo.¹¹⁹ Os socialistas alemães esperavam que os governos presidenciais do início dos anos 1930 fossem fazer o mesmo, e, no final das contas, a direita tradicional pensou que, ao trazer Hitler para dentro do governo, fosse ser capaz de controlá-lo.

No início da década de 1930, o KPD já considerava esses governos autoritários como fascistas. Aos olhos deles, Hitler era apenas a variação de um tema comum e a incapacidade de seu partido em cumprir suas promessas levaria à sua pronta destituição.¹²⁰ Mas, alguns meses depois, o *Reichstag* aprovou a Lei Habilitante, concedendo a Hitler autoridade suprema. Toda a oposição foi forçada à clandestinidade. Os socialistas organizaram 3 mil militantes na Tropa de Choque Vermelha, enquanto aproximadamente 36 mil comunistas participariam da resistência até 1935. A Gestapo efetivamente conseguiu esmagar toda a oposição antes do final da década.¹²¹ Em última análise, os socialistas e comunistas estavam bem mais preocupados uns com os outros para poder reconhecer que os nazistas não eram simplesmente uma nova variante contrarrevolucionária tradicional. Ambas as lideranças estavam muito presas em seus caminhos para rapidamente apoiar inovadoras opções táticas de confronto. Todo o continente, e sua população judaica em particular, pagaria um alto preço pelo fracasso em deter Hitler.

Assim, em 1934, a Itália e Alemanha sucumbiram ao fascismo. Enquanto isso, na Inglaterra, os 50 mil camisas negras da União Britânica dos Fascistas (BUF) de Oswald Mosley estavam propagando o antissemitismo com o apoio do jornal *Daily Mail*.¹²² Para muitos esquerdistas e judeus britânicos, havia chegado a hora de tomar uma posição.

Pequenos grupos fascistas começaram a surgir no Reino Unido na década de 1920, como a *Imperial Fascist League*¹²³ e os *British Fascisti*,¹²⁴ entretanto, foi o parlamentar Oswald Mosley o responsável por colocar o fascismo no mapa da Grã-Bretanha. Depois de se voltar para a direita, ele formou o *New Party*¹²⁵ em 1931. O partido de Mosley saiu-se mal nas pesquisas e lutou para criar uma presença pública em meio a problemas contínuos e constantes ataques a seus membros. Em uma reunião em Glasgow, a polícia teve que se apressar para escoltar Mosley em segurança, depois que ele foi agredido com pedras e lâminas de barbear. Enquanto o *Labour Party*¹²⁶ e o Congresso Sindical dos Trabalhadores (TUC) condenaram a violência, suas bases estavam bem representadas entre os desregrados.¹²⁷

A organização de Mosley, a BUF, encontrou uma resposta semelhante. Quando a BUF começou a se organizar no West End de Londres em 1933, os judeus do East End decidiram acabar com eles. Em 30 de abril de 1933, apenas meses após a ascensão de Hitler ao poder, um grupo de mil judeus cantando “Abaixo os nazistas, abaixo os hitleristas!” colocou membros do BUF que estavam panfletando para correr. Seis judeus foram presos, alguns dos quais haviam “espancado seriamente” os fascistas.¹²⁸ Temendo a ascensão do fascismo, os judeus britânicos formaram várias organizações como a *Zionist League of Jewish Youth*¹²⁹ e a *Jewish United Defense Association*,¹³⁰ puramente dedicadas à autodefesa. Da mesma forma, em 1936, veteranos judeus formaram o *Ex-Servicemen’s Movement Against Fascism*¹³¹ (EMAF) “para atacar o fascismo em suas fortalezas”, e depois a Legião dos Camisas Azuis e Brancas, que aterrorizavam tanto os fascistas que estes se referiam a eles como as “Tropas de Choque Judaicas”. Uma divisão geracional caracterizou as respostas à violência antifascista. Os judeus mais velhos tendiam a criticar aqueles que estavam “copiando a violência nazista que tanto odiamos e desprezamos”. Em vez disso,

acreditavam que o objetivo era “mostrar ao mundo que o judeu pode ser um cidadão tão bom quanto qualquer outra pessoa”. Judeus mais jovens tendiam a responder que “os punhos podem ser colocados em melhor serviço do que canetas”.¹³²

Outros judeus se organizaram contra o fascismo no Partido Comunista da Grã-Bretanha (PCGB), mesmo que não se alinhassem inteiramente com suas ideias, os comunistas eram ditos “os únicos que tentavam levar a luta até os fascistas”.¹³³ Isso era uma meia verdade, já que o *Independent Labour Party*¹³⁴ mudou para uma posição combativa depois de inicialmente realizar debates conjuntos com o BUF. E outros grupos de esquerda menores, como a *Socialist League*¹³⁵, eram igualmente opositores.¹³⁶ Formas de resistência organizada menos formais também surgiram entre os jovens judeus da classe trabalhadora que se engajaram na “guerra de gangues”, ao ponto do *Evening Standard* escrever “os camisas negras do East End correm um perigo real de violência física. Existem algumas ruas em Whitechapel onde nenhum camisa negra poderia andar à noite sem ser agredido”.¹³⁷

No entanto, quando chegou a hora de acabar com Mosley e o BUF, antifascistas de uma variedade de grupos (muitos não organizados) apareceram em massa. Em setembro de 1934, 120 mil manifestantes reprimiram completamente uma reunião do BUF no Hyde Park, em Londres. Todavia, essa oposição antifascista não se limitava às grandes cidades. Na pequena cidade de Tonypany, 36 pessoas, de uma multidão de 2 mil que se reuniu para enfrentar o BUF, foram presas sob acusação de tumulto. Legalmente, a polícia só poderia acabar com o discurso de ódio se este causasse desordem pública. Portanto, quando os antifascistas causaram uma ruptura, a polícia teve uma desculpa oficial para acabar com o evento do BUF. No total, 57 das 117 reuniões públicas que o BUF tentou organizar em 1936 foram interrompidas ou impedidas pela ação de antifascistas.¹³⁸

O panorama do antifascismo internacional se alterou significativamente no verão de 1935, quando a Internacional Comunista deu uma completa reviravolta em sua análise do “terceiro período” e dos “sociais-fascistas”. A nova linha pedia o emprego de uma ampla Frente Popular para reforçar a segurança diplomática da URSS, dada a ascensão do nazismo. Os esquerdistas não-soviéticos, que meses antes haviam sido acusados de serem fascistas disfarçados, de repente foram convidados para a comunhão antifascista de braços abertos. Os partidos liberais “burgueses”, que

alegadamente haviam aberto o caminho para o fascismo engolfar o globo, tornaram-se os baluartes da Frente Popular. Os trotskistas dissidentes, que haviam criticado a linha da *Comintern* sobre o “terceiro período”, defendiam uma frente única socialista mais geral. Agora, Trotsky atacava Stalin por ter ido longe demais na direção oposta com essa “virada oportunista e patriótica” que ameaçava “amortecer a luta revolucionária”.¹³⁹ No entanto, em meados da década de 1930, Stalin estava mais que ansioso para abandonar a “luta revolucionária” em favor de fortificar a soberania da União Soviética.

Na Grã-Bretanha, o já pequeno PCGB havia sofrido muito com a retórica acalorada do “terceiro período”. Com o advento da Frente Popular, o partido adotou ansiosamente a democracia parlamentar, que até então era considerada um “opióceo contrarrevolucionário”, estendendo a mão para o *Labour Party*. Embora os trabalhistas tenham recusado o convite, o PCGB continuou a cultivar uma imagem de respeitabilidade e recuou do ativismo antifascista de ação direta. Em outubro de 1936, o BUF planejou uma nova marcha pelo bairro judeu East End, em Londres. Em resposta, o *Jewish People’s Council Against Fascism and Anti-Semitism*¹⁴⁰ (JPC) e seus aliados na EMAF e no *Jewish Council of Action*¹⁴¹ distribuíram uma petição para a proibição da marcha que recebeu 77 mil assinaturas em dois dias. Quando o governo se recusou a proibir a procissão devido as leis de liberdade de expressão, o JPC decidiu mobilizar a comunidade para bloquear fisicamente a rota da marcha. O PCGB se recusou a endossar esse protesto “de confronto” e, em vez disso, incitou seus membros a participarem de uma manifestação em apoio à República Espanhola na Trafalgar Square ao mesmo tempo. O partido até imprimiu um panfleto defendendo “dignidade, ordem e disciplina”, em vez de interrupção.

As bases do partido, principalmente seus membros judeus, ficaram indignadas. Elas “se oporiam a Mosley com seus corpos se necessário, não importando o que o Partido Comunista dissesse”.¹⁴² Depois de intensos protestos, a liderança do partido concordou em apoiar o bloqueio antifascista.¹⁴³

E então, em 4 de outubro de 1936, alguns milhares de fascistas se reuniram para marchar pelo – em grande parte judeu – East End de Londres. No entanto, como lembrou um antifascista judeu: “resolvemos que sob nenhuma circunstância permitiríamos que os fascistas e sua propaganda, junto com

seus insultos e ataques, viessem à nossa comunidade onde nosso povo vivia e trabalhava em paz”.¹⁴⁴

Segundo a polícia, 100 mil manifestantes inundaram as ruas vizinhas para impedir o avanço dos fascistas. Meia hora antes do início da marcha, a polícia cercou a multidão com seus bastões para liberar espaço para o BUF. Depois que a multidão recuou, deixando vários homens feridos no chão, as barricadas subiram. Os antifascistas em Cable Street viraram um caminhão para bloquear a estrada, enquanto outros invadiram um canteiro de obras nas proximidades procurando materiais para somar a uma massa de colchões e móveis. Uma ampla gama de antifascistas, de “judeus ortodoxos barbudos” a “irlandeses católicos durões”, defendia as barricadas com as pedras da pavimentação que haviam sido retiradas da rua com picaretas. Quando a polícia atacou o caminhão capotado, os antifascistas jogaram pequenas caixas de pólvora em formato de minúsculas bombas. Enquanto os fascistas gritavam “Os Yids, o Yids, vamos nos livrar dos Yids!”, os antifascistas berraram o slogan espanhol: “Não passarão!”.¹⁴⁵

Enquanto isso, os fascistas continuavam a chegar, alguns deles em carros adaptados com redes ao invés de vidros em suas janelas para mitigar a destruição das pedras antifascistas. Finalmente, depois de meia hora, Oswald Mosley chegou em um carro aberto, protegido por camisas negras em motocicletas. Fascistas adoradores o saudaram, enquanto os antifascistas vaiavam e os chamavam de “ratos”. Mais e mais policiais chegavam, elevando o total para 6 mil, mas se viam cada vez mais incapazes de manter a “ordem”. Pedras e outros projéteis como “garrafas de limonada com gás”, que quando sacudidas explodiam, eram continuamente jogadas em direção à polícia e aos fascistas reunidos. Quando a polícia montada atacou os antifascistas, um saco de pimenta foi estourado na frente de um cavalo de polícia e bolinhas de gude foram atiradas aos seus pés. Tijolos e sacos de merda choveram sobre eles das janelas dos apartamentos. Uma cena ainda mais violenta se desenrolou quando a multidão tentou prender alguém sob custódia policial.

Assim, antes que a marcha fascista pudesse avançar, a polícia foi obrigada a cancelá-la. Camisas negras indignados gritavam: “Queremos liberdade de expressão!”. No total, 80 manifestantes foram presos e 73 policiais ficaram feridos.

No dia seguinte, o BUF atacou o governo por ter “se rendido ao Terror

Vermelho”. De acordo com um judeu antifascista, boa parte da comunidade estava “cansada e envergonhada de manter a cabeça baixa”. E naquela que se tornaria conhecida como a lendária “Batalha de Cable Street”, Mosley não passou.¹⁴⁶

Os ilustres voluntários estrangeiros de Mussolini, conhecidos como o *Corpo Truppe Volontarie* (CTV), foram atingidos. Literalmente. Depois de uma bem-sucedida explosão *Schwertpunkt*¹⁴⁷ realizada pelas linhas republicanas ao norte de Madrid, no estilo da futura blitzkrieg nazista, o altamente mecanizado CTV avançou mais rápido do que suas linhas de suprimento podiam manter e foi atingido por uma tempestade de neve e granizo. Congelados em seus uniformes tropicais, frustrados com a falta de refeições e bebidas quentes,¹⁴⁸ soldados italianos começaram a ouvir mensagens transmitidas pelos alto-falantes através das linhas inimigas:

Italianos, filhos da nossa terra! Vocês foram enviados para cá, enganados por uma falsa propaganda ou impulsionados pela fome e pelo desemprego. E, sem querer, vocês se tornaram os executores do povo espanhol... Venham para nossas fileiras: estas são as fileiras dos defensores do povo, da civilização e do progresso. Nós abrimos nossos braços para vocês: venham conosco. Os voluntários do Batalhão Garibaldi.¹⁴⁹

Após anos de exílio, os antifascistas italianos do Batalhão Garibaldi finalmente ficaram frente a frente às legiões do “Il Duce” para combate aberto, nas planícies e colinas de Castilla-La Mancha, fora de Guadalajara.

Era março de 1937 e a Guerra Civil Espanhola estava em fúria. O general Francisco Franco, líder da rebelião militar que irrompeu contra a Segunda República Espanhola em julho de 1936, estava cada vez mais desesperado para conquistar a capital e legitimar sua autoridade. Ainda assim, a defesa de Madrid se provou muito mais resiliente do que ele jamais imaginara. “¡No Pasarán!”, gritavam as pessoas. Eles não passariam. Para virar a maré, Franco convocou as forças que Mussolini, assim como Hitler, enviara à Espanha em violação direta ao acordo de neutralidade com a França e Grã-Bretanha, que observavam tudo conscientemente.

Para alcançar a glória na Espanha, Mussolini equipou uma força de 35 mil homens com 250 tanques, sendo 180 de artilharia, e quatro companhias de

metralhadoras motorizadas. Era a “força mais fortemente armada e melhor equipada para entrar na batalha”.¹⁵⁰

No entanto, sua vantagem tecnológica evaporou quando seus veículos ficaram atolados na lama fora de Guadalajara e seu apoio aéreo ficou aterrado em campos de pouso inundados. De 12 a 17 de março, o CTV enfrentou ataques intermitentes de uma série de forças que incluíram a XI Brigada Internacional (composta pelo batalhão francês *Commune de Paris* e os batalhões alemães *Edgar André* e *Thälmann*), a XII Brigada Internacional (composta pelo batalhão italiano *Giuseppe Garibaldi* e o franco-belga *André Marty*) e a guerrilha anarquista Cipriano Mera, apoiada pela força aérea republicana.¹⁵¹ Um pequeno número de deserções se transformou em um colapso em larga escala no dia 18, quando a República Espanhola reivindicou sua primeira vitória da guerra. Na qualidade de correspondente de guerra do *The New York Times*, Ernest Hemingway argumentou que era “impossível exagerar demais a importância dessa batalha” que energizou o antifascismo internacional após quinze anos de contínuas derrotas.¹⁵²

Enquanto a Batalha de Guadalajara representava um ponto alto na unidade antifascista transnacional, graves conflitos surgiram sob a superfície que assolou a República Espanhola desde a sua criação. A República foi proclamada em 1931, um ano após o fim da ditadura do general Miguel Primo de Rivera (1923-1930), que foi fortemente influenciado por Mussolini.¹⁵³ Como a República de Weimar, a República Espanhola passou sua breve existência combatendo as presepadas da esquerda e da direita. O inimigo mais persistente da República à esquerda era a anarcossindicalista *Confederación Nacional del Trabajo* (CNT), que lançou as fracassadas revoltas “tres ochos” (três oitos) de 18 de janeiro de 1932, 8 de janeiro de 1933 e 8 de dezembro de 1933.¹⁵⁴

Enquanto isso, à direita, uma fração de militares lançou um golpe malsucedido em agosto de 1932. Em 1934, uma revolta de mineiros socialistas nas Astúrias contra o que eles consideravam ser um novo governo fascista de direita, foi brutalmente reprimida. A partir de 1934, a saudação antifascista de punho cerrado começou a se espalhar na Espanha.¹⁵⁵ Após a mudança estratégica do *Comintern* para a Frente Popular em 1935, o minúsculo Partido Comunista da Espanha (PCE), que tinha apenas mil membros quando a República foi proclamada,¹⁵⁶ formou uma coalizão eleitoral com socialistas e republicanos para as eleições de 1936.

Foi a vitória da Frente Popular na eleição de 1936 que começou a movimentar as peças no jogo para a revolta militar naquele verão. Além das forças armadas, Franco foi apoiado por monarquistas, industriais e latifundiários, a Igreja e a Falange – um pequeno partido fascista formado em 1933 por José Antonio Primo de Rivera, filho do ex-ditador. No decorrer da guerra, os membros da Falange – os camisas azuis – cresceram consideravelmente, de 5 mil antes do início da guerra para 2 milhões alguns anos depois.¹⁵⁷ Franco não era um fascista – ele era mais um tradicionalista católico autoritário – e por isso não devia nada a Falange, mas, mesmo assim, depois da guerra, transformou a Falange fascista no partido oficial do estado em sua ditadura. José António Primo de Rivera, no entanto, se viu em território inimigo quando a guerra começou e foi executado pelo governo republicano meses depois.

Enquanto guarnições leais a Franco alcançaram rápidas vitórias em algumas regiões, em Barcelona, trabalhadores da CNT anarquista, da UGT socialista e outros, se mobilizaram para acabar com a revolta militar e proclamar a revolução social. Nas semanas e meses seguintes, os anarquistas e seus aliados socialistas revolucionários coletivizaram a indústria e a agricultura em grande parte de Aragão, Catalunha e Valência. Somente em Barcelona, cerca de 3 mil empresas foram coletivizadas.¹⁵⁸ George Orwell, que chegou a Barcelona em meio à revolta revolucionária, a descreveu como “a primeira vez que estive em uma cidade comandada pela classe trabalhadora”.¹⁵⁹

O Partido Comunista, no entanto, foi absolutamente contra o desenrolar da revolução espanhola. O fim da análise do “terceiro período” e o giro em direção à “Frente Popular” representou um recuo das ambições revolucionárias em favor da fortificação da URSS na arena global. Passando para década de 1930, os soviéticos tentaram fortalecer as relações com as potências ocidentais quando o *Comintern* reduziu o “revolucionismo” de seus partidos nacionais. Quando a Itália invadiu a Abissínia (Etiópia) em 1935, a URSS apenas emitiu um protesto indeciso incitando um boicote a produtos italianos que eram menos necessários que os produtos da França e Grã-Bretanha. Depois que a guerra na África terminou, os soviéticos suspenderam as sanções italianas para retomar uma relação econômica com o regime fascista que remetia à um pacto comercial realizado com Mussolini em 1924. Da mesma forma, os soviéticos fizeram 5 tentativas em 1935 para melhorar as relações com o novo regime de Hitler, mas os nazistas não queriam mais

do que relações comerciais.¹⁶⁰ Isso prefigurou o Pacto de Não-Agressão de 1939.

No caso espanhol, isso significava que enquanto os anarquistas e trotskistas consideravam a guerra e a revolução inseparáveis, o PCE “se fez o campeão da pequena propriedade burguesa” argumentando que o tempo não estava maduro para a revolução e a agitação social só dificultaria o esforço de guerra.¹⁶¹ Enquanto essas tensões aumentavam, o antifascismo passou a ser associado à uma coligação cada vez mais dominada pelos comunistas com alguns elementos socialistas e republicanos de classe média, que se opunham à revolução. Em contraste, José Garcia Pradas, da CNT, afirmou que “ser antifascista significa ser revolucionário”.¹⁶²

O prestígio que o PCE desenvolveu se originou inteiramente do importante papel da URSS no conflito. No entanto, quando a guerra na Espanha eclodiu, Stalin foi empurrado à ação pelo *Comintern* e pelo movimento operário internacional.¹⁶³ Uma vez que a URSS veio apoiar ativamente a República, o *Comintern* organizou as Brigadas Internacionais. Ao longo da guerra, havia entre 32 e 35 mil antifascistas de 53 países envolvidos, compondo batalhões em grande parte organizados por antecedentes regionais, como o polonês Batalhão Dabrowski, o batalhão americano Abraham Lincoln e o Batalhão Centro-Europeu Dimitrov. Cerca de mais de 5 mil pessoas vieram lutar nas fileiras armadas da CNT e do dissidente *Partido Obrero Unificado Marxista* (POUM).¹⁶⁴ George Orwell veio para lutar no segundo. Os soviéticos também venderam equipamentos militares e enviaram seus assessores para a República. Assim nasceu a imagem popular de Stalin defendendo a República contra Hitler e Mussolini.

No entanto, após a queda da URSS, documentos recém-disponibilizados pelo Arquivo Militar Estatal Russo levaram os historiadores Ronald Radosh, Mary Habeck e Grigory Sevostianov a desafiarem essa representação heroica em seu livro *Spain Betrayed* [Espanha traída]. Esses documentos revelaram que “Stalin, de fato, enganou a República em negociatas com armas em milhões de dólares... por meio de uma artimanha secreta na contabilidade”. Além disso, “muitos dos itens fornecidos eram antigos e inutilizáveis”. Como o México era o único outro país a fornecer apoio material à República, Stalin podia, segundo esses historiadores, usar sua “ajuda como chantagem virtual” para essencialmente “assumir e administrar a economia espanhola, o governo e as forças armadas”.¹⁶⁵

Enquanto isso, em casa, o “Grande Expurgo” soviético estava em andamento. Ao longo de vários anos, qualquer líder soviético que pudesse desafiar o poder de Stalin foi forçado a confessar pertencer ao “Centro Terrorista Trotskista-Zinovievista” ou algum outro plano enquanto “outros milhões foram presos e centenas de milhares mortos após julgamentos a portas fechadas”.¹⁶⁶

O expurgo se estendeu até a Espanha, onde a unidade de inteligência militar soviética (GRU) e a polícia secreta (NKVD) cometeram assassinatos e sequestros de importantes esquerdistas anti-stalinistas que muitas vezes eram colocados em prisões secretas.¹⁶⁷ A manifestação mais visível desse conflito interno na esquerda foi o confronto de rua no dia 1º de maio de 1937, quando a polícia catalã, apoiada pelos comunistas, tomou a central telefônica de Barcelona, que estava sob controle anarquista. O que se seguiu foram 4 dias de combates enquanto a anarquista CNT e o trotskista POUM tentavam defender os ganhos de sua revolução dos ataques da polícia e das unidades comunistas armadas. Em última análise, a liderança da CNT negociou o fim do conflito a fim de evitar a eclosão de uma guerra civil dentro da guerra civil. Esse confronto representou o fim de qualquer unidade antifascista de esquerda que porventura existisse nos primeiros meses da guerra. Depois de lutar pelo POUM durante os dias de maio, Orwell fugiu da Espanha, não para escapar dos fascistas, mas para fugir dos comunistas que o tinham rotulado junto a seus camaradas como “Trotskistas-Fascistas”.¹⁶⁸

Tudo isso para dizer que o antifascismo espanhol era uma colcha de retalhos desigual de transcendente unidade e profundo conflito sectário. Fundamentalmente, a harmonia ilusória da Frente Popular foi fraturada por interpretações rivais de revolução e antifascismo. Franco colheu os espólios dessa desunião, embora seja improvável que qualquer ajuda que não fosse francesa ou britânica poderia ter impedido uma vitória nacionalista. Ainda assim, enquanto Franco e seus aliados fascistas governaram até sua morte em 1975, a chama de resistência antifascista nunca mais cintilou na Espanha.

A Segunda Guerra Mundial despontou após a invasão nazista na Polônia em setembro de 1939 (apesar dos combates no Pacífico tenham começado mais cedo). Durante meia década seguinte, os nazistas e seus aliados matariam

mais ou menos 200 mil ciganos, 200 mil “deficientes” físicos e milhares de homossexuais, esquerdistas e muitos outros dissidentes, enquanto a “solução final” de Hitler assassinou 6 milhões de judeus em câmaras de gás, esquadrões de fuzilamento, desnutrição e falta de tratamento médico nos imundos guetos e campos de concentração, espancamentos ou trabalhando com desespero suicida até a morte. Aproximadamente 2 em cada 3 judeus do continente foram mortos, incluindo alguns dos meus parentes.

Então, essas são as apostas dessa conversa. Quando falamos de fascismo, não devemos nos afastar muito, no pensamento, das pessoas que coletaram os cabelos, dentes de ouro e sapatos daqueles que eles exterminaram. Quando falamos de antifascismo, não devemos esquecer que, para muitos, a sobrevivência foi a personificação física dessa luta.

Este livro teria que ser muito maior para fazer justiça ao antifascismo durante a Segunda Guerra Mundial. No entanto, podemos, no mínimo, evocar brevemente os espíritos das células de resistência descentralizadas, bandos *partisans*, redes clandestinas de operários que produziam armas defeituosas, panfletos estudantis da Rosa Branca, as famílias que escondiam judeus em seus sótãos e porões, os adolescentes do *Edelweißpiraten*¹⁶⁹ que travaram uma “guerra eterna contra a Juventude Hitlerista”,¹⁷⁰ os grevistas holandeses de 1941...

Finalmente, vamos acender uma vela para todas as vítimas do Holocausto, incluindo aqueles que caíram nos levantes armados nos campos de concentração e guetos de Bialystok, Varsóvia, Cracóvia, Bedzin, Czestochowa, Sosnowiec, Sobibor, Treblinka e Auschwitz.

³⁰ N. do T.: Jovens Patriotas.

³¹ Robert Soucy, *French Fascism: The First Wave, 1924–1933* (New Haven: Yale University Press, 1986), p. 39–55.

³² Soucy, *French Fascism: The First Wave*, p. 55–56; *Le Figaro*, 24 de abril de 1925.

³³ Soucy, *French Fascism: The First Wave*, p. 55–56.

³⁴ *Ibid.*, p. 56.

³⁵ *L’Humanité*, 24 de abril de 1925.

³⁶ N. do T.: Liga Antissemita da França.

³⁷ N. do T.: Liga dos Patriotas, organização-irmã dos *Jeunesses Patriotes*.

³⁸ N. do T.: Liga da Ação Francesa.

³⁹ Soucy, *French Fascism: The First Wave*, p. 1–5; Martin P. Johnson, *The Dreyfus Affair: Honour and Politics in the Belle Époque* (New York: St. Martin’s Press, 1999), p. 88–94.

- ⁴⁰ N. do T.: Partido dos Trabalhadores Socialistas Revolucionários.
- ⁴¹ Jean-Marc Izrine, *Les libertaires dans l'affaire Dreyfus* (Paris: Alternative libertaire, 2012), p. 72, 76, 105.
- ⁴² Ernst Nolte, *Three Faces of Fascism: Action Française, Italian Fascism, National Socialism* (London: Weidenfeld and Nicolson, 1965), p. 25–26.
- ⁴³ Robert O. Paxton, “The Five Stages of Fascism,” *Journal of Modern History* 70, no. 1 (1998): p. 12.
- ⁴⁴ Ibid.
- ⁴⁵ N. do T.: Como eram conhecidos os membros da Ku Klux Klan.
- ⁴⁶ Steven Hahn, *A Nation Under Our Feet: Black Political Struggles in the Rural South From Slavery to the Great Migration* (Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 2003), p. 267–87.
- ⁴⁷ N. do T.: Ida B. Wells foi uma jornalista, sufragista, feminista e socióloga negra norte-americana.
- ⁴⁸ N. do T.: Horrores Sulistas.
- ⁴⁹ Philip Dray, *At the Hands of Persons Unknown: The Lynching of Black America* (New York: Random House, 2002), p. 59, 70.
- ⁵⁰ E. J. Hobsbawm, *A era do capital: 1848 - 1875* (Paz & Terra, 2012), p. 15–16.
- ⁵¹ N. do T.: Grosso modo, a política da cenoura no palito consistia em oferecer à população uma combinação de punições e recompensas a fim de incentivar bom comportamento. O termo se origina de uma ilustração de um jumento com uma vareta arramada no próprio lombo, na ponta dessa vareta há uma cenoura que o distrai do que acontece ao seu redor.
- ⁵² Charles Asher Small, ed., *Global Antisemitism: A Crisis of Modernity* (Leiden: Martinus Nijhoff, 2013), p. 5; Geoff Eley, *From Unification to Nazism: Reinterpreting the German Past* (Boston: Allen & Unwin, 1986), p. 232–249.
- ⁵³ Alexander De Grand, *Italian Fascism: Its Origins & Developments*, Segunda Edição (Lincoln: University of Nebraska Press, 1989), p. 13.
- ⁵⁴ Vladimir Lenin, “The Tasks of the Proletariat in the Present Revolution (Teses de Abril)” in Robert C. Tucker, ed., *The Lenin Anthology* (New York: W. W. Norton, 1975), p. 296.
- ⁵⁵ Milorad M. Drachkovitch and Branko Lazitch, The Third International, na edição de Milorad M. Drachkovitch, *The Revolutionary Internationals, 1864–1943* (Stanford, California: Stanford University Press, 1966), p. 165.
- ⁵⁶ N do T.: As *Freikorps* foram grupos paramilitares que surgiram em toda a Alemanha a partir de dezembro de 1918, logo após a derrota do país na Primeira Guerra Mundial.
- ⁵⁷ François Guinchart, *L'Association internationale des travailleurs avant la guerre civile d'Espagne (1922 - 1936): Du syndicalisme révolutionnaire à l'anarchosyndicalisme* (Editions du temps perdu, 2012), p. 140–141; Gabriel Kuhn, *All Power to the Councils!: A Documentary History of the German Revolution of 1918–1919* (Oakland: PM Press, 2012).
- ⁵⁸ Anthony L. Cardoza, *Agrarian Elites and Italian Fascism: The Province of Bologna, 1901–1926* (Princeton: Princeton University Press, 1982), p. 348.
- ⁵⁹ Eu capitalizo a palavra “Fascista” somente quando escrevo sobre o movimento de Mussolini.
- ⁶⁰ Alexander De Grand, *Italian Fascism: Its Origins & Development Second Edition* (Lincoln: University of Nebraska Press, 1989), p. 28.
- ⁶¹ De Grand, *Italian Fascism*, p. 22.
- ⁶² Soucy, *French Fascism: The First Wave*, p. 159.
- ⁶³ N. do T.: O Tratado de Londres de 1915, também conhecido como ‘Pacto de Londres’, foi assinado em 26 de abril de 1915, através do qual a Itália entrou na Primeira Guerra Mundial ao lado da Tríplice

Entente. Sob o acordo, a Itália receberia áreas habitadas por italianos na Áustria-Hungria e parte da costa da Dalmácia, além da divisão do restante do território dos Balcãs. Foi assinado secretamente por Itália, Grã-Bretanha, França e Império Russo.

⁶⁴ De Grand, *Italian Fascism*, p. 30-31.

⁶⁵ N. do T.: Ousadia do Povo.

⁶⁶ Stanislao G. Pugliese ed., *Fascism, Anti-Fascism, and the Resistance in Italy 1919 to the Present* (Lanham: Rowman & Littlefield, 2004), p. 55–59; Rivista Anarchica, *Red Years, Black Years: Anarchist Resistance to Fascism in Italy* (London: ASP, 1989), p. 15–17.

⁶⁷ N. do T.: Assinado em 03 de agosto de 1921, o pacto propunha o fim da violência entre socialistas e fascistas italianos.

⁶⁸ Pugliese, *Fascism, Anti-Fascism*, p. 55–59; Larry Ceplair, *Under the Shadow of War: Fascism, Anti-Fascism, and Marxists, 1918–1939* (New York: Columbia University Press, 1987), p. 23–24; Donald Howard Bell, “Working-Class Culture and Fascism in an Italian Industrial Town, 1918–22” *Social History* 9, no. 1 (1984): p. 21.

⁶⁹ Ceplair, *Under the Shadow of War*, p. 25.

⁷⁰ Simonetta Falasca-Zamponi, *Fascist Spectacle: The Aesthetics of Power in Mussolini’s Italy* (Berkeley: University of California Press, 1997), p. 2.

⁷¹ N. do T.: Partido Nacional Fascista.

⁷² De Grand, *Italian Fascism*, p. 34–37.

⁷³ Falasca-Zamponi, *Fascist Spectacle*, p. 1.

⁷⁴ Ceplair, *Under the Shadow of War*, p. 26; Aldo Agosti, *Palmiro Togliatti: A Biography* (London: I. B. Tauris, 2008), p. 23.

⁷⁵ Ceplair, *Under the Shadow of War*, p. 26–27.

⁷⁶ Martin Clark, *Mussolini* (London: Routledge, 2016), Capítulo 4.

⁷⁷ De Grand, *Italian Fascism*, p. 55.

⁷⁸ Clark, *Mussolini*, Capítulo 4.

⁷⁹ Rivista Anarchica, *Red Years, Black Years*, p. 7–8.

⁸⁰ Detlev Peukert, *The Weimar Republic: The Crisis of Classical Modernity* (New York: Hill & Wang, 1989), p. 276.

⁸¹ Eric Weitz, *Weimar Germany: Promise and Tragedy* (Princeton: Princeton University Press, 2009), p. 91.

⁸² Richard J. Evans, *The Coming of the Third Reich* (New York: Penguin, 2003), p. 73.

⁸³ N. do T.: Aliança dos Combatentes da Frente Vermelha.

⁸⁴ N. do T.: Liga de Soldados Vermelhos.

⁸⁵ N. do T.: Centenas de Proletários.

⁸⁶ Peter M. Merkl, *Political Violence Under the Swastika: 581 Early Nazis* (Princeton: Princeton University Press, 1975), p. 140; Benjamin Ziemann, *Contested Commemorations: Republican War Veterans and Weimar Political Culture* (Cambridge: Cambridge University Press, 2013), p. 15.

⁸⁷ Weitz, *Weimar Germany*, p. 98.

⁸⁸ Sherwin Simmons, “‘Hand to the Friend, Fist to the Foe’: The Struggle of Signs in the Weimar Republic,” *Journal of Design History* 13, no. 4 (2000): p. 324–325.

⁸⁹ Weitz, *Weimar Germany*, p. 98.

⁹⁰ Thomas Friedrich, *Hitler’s Berlin: Abused City* (New Haven: Yale University Press, 2012),

- ⁹¹ Friedrich, *Hitler's Berlin*, p. 100–101; Daniel Siemens, *The Making of a Nazi Hero: The Murder and Myth of Horst Wessel* (London: I. B. Tauris, 2013), p. 67.
- ⁹² Eve Rosenhaft, *Beating the Fascists? The German Communists and Political Violence 1929–1933* (London: Cambridge University Press, 1983), p. 7.
- ⁹³ Kevin McDermott and Jeremy Agnew, *The Comintern: A History of International Communism from Lenin to Stalin* (New York: St. Martin's Press, 1997), p. 31.
- ⁹⁴ Rosenhaft, *Beating the Fascists?*, p. 31.
- ⁹⁵ Ceplair, *Under the Shadow of War*, p. 49.
- ⁹⁶ *Ibid.*, p. 52.
- ⁹⁷ Rosenhaft, *Beating the Fascists?*, p. 34.
- ⁹⁸ N. do E.: O “Putsch da Cervejaria” foi uma tentativa falhada de golpe de Estado de Adolf Hitler e do Partido Nazista contra o governo da região alemã da Baviera, ocorrido em 9 de novembro de 1923. O objetivo de Hitler era tomar o poder do governo bávaro. A ação foi controlada pela polícia bávara, sendo que Hitler e vários correligionários foram presos.
- ⁹⁹ Joachim E. Fest, *The Face of the Third Reich: Portraits of the Nazi Leadership* (New York: Da Capo, 1999), p. 32.
- ¹⁰⁰ N. do T.: A Bandeira Vermelha.
- ¹⁰¹ Rosenhaft, *Beating the Fascists?*, p. 64.
- ¹⁰² *Ibid.*, p. 74.
- ¹⁰³ *Ibid.*, p. 127.
- ¹⁰⁴ N. do T.: Reichstag é o nome do prédio onde o parlamento federal da Alemanha (Bundestag) exerce suas funções.
- ¹⁰⁵ *Ibid.*, p. 111-127.
- ¹⁰⁶ Helge Döhring and Gabriel Kuhn, “Schwarze Scharen: Anarchosyndicalist Militias in Germany, 1929-1933,” in Scott Crow, ed., *Setting Sights: Histories and Reflections on Community Armed Self-Defense* (a publicar).
- ¹⁰⁷ Rosenhaft, *Beating the Fascists?*, p. 6–8.
- ¹⁰⁸ Donna Harsch, *German Social Democracy and the Rise of Nazism* (Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1993), p. 172.
- ¹⁰⁹ Fest, *The Face of the Third Reich*, p. 34–35.
- ¹¹⁰ Harsch, *German Social Democracy*, p. 177–178; Gottfried Korff and Larry Peterson, “From Brotherly Handshake to Militant Clenched Fist: On Political Metaphors for the Worker's Hand,” *International Labor and Working-Class History* 42 (1992): p. 77.
- ¹¹¹ Marcus Kreuzer, “Electoral Institutions, Political Organization, and Party Development: French and German Socialists and Mass Politics,” *Comparative Politics* 30, no. 3 (1998): p. 283.
- ¹¹² N. do T.: A Landtag, ou *Dieta*, é uma assembleia representativa, como a câmara dos deputados, com alguma autoridade legislativa, de uma entidade política chamada *Land* (isto é, Estado, país, território) na Alemanha e na Áustria.
- ¹¹³ Harsch, *German Social Democracy*, p. 174–202.
- ¹¹⁴ N. do T.: Ação Antifascista.
- ¹¹⁵ N. do T.: Comitê de Ação Antifascista.
- ¹¹⁶ Rosenhaft, *Beating the Fascists?*, p. 81, 96–98; Soucy, *French Fascism: The First Wave*, p. 52.
- ¹¹⁷ Ceplair, *Under the Shadow of War*, p. 63.

- ¹¹⁸ Harsch, *German Social Democracy*, p. 179.
- ¹¹⁹ Ceplair, *Under the Shadow of War*, p. 67.
- ¹²⁰ Rosenhaft, *Beating the Fascists?*, p. 81.
- ¹²¹ Frank McDonough, *Opposition and Resistance in Nazi Germany* (Cambridge: Cambridge University Press, 2001), p. 1–11.
- ¹²² Daniel Tilles, *British Fascist Antisemitism and Jewish Responses, 1932–40* (London: Bloomsbury, 2015), p. 7–8.
- ¹²³ N. do T.: Liga Fascista Imperial.
- ¹²⁴ N. do T.: Fascistas Britânicos.
- ¹²⁵ N. do T.: Partido Novo.
- ¹²⁶ N. do T.: Partido Trabalhista.
- ¹²⁷ Keith Hodgson, *Fighting Fascism: The British Left and the Rise of Fascism, 1919–36* (Manchester: Manchester University Press, 2010), p. 106.
- ¹²⁸ Tilles, *British Fascist Antisemitism*, p. 102.
- ¹²⁹ N. do T.: Liga Sionista da Juventude Judaica.
- ¹³⁰ N. do T.: Associação de Defesa Judaica Unida.
- ¹³¹ N. do T.: Movimento de Veteranos Contra o Fascismo.
- ¹³² *Ibid.*, p. 102–110.
- ¹³³ *Ibid.*, p. 104–128.
- ¹³⁴ N. do T.: Partido Trabalhista Independente.
- ¹³⁵ N. do T.: Liga Socialista.
- ¹³⁶ Hodgson, *Fighting Fascism*, p. 109–110, 143.
- ¹³⁷ Tilles, *British Fascist Antisemitism*, p. 127.
- ¹³⁸ Hodgson, *Fighting Fascism*, p. 136–137; Tilles, *British Fascist Antisemitism*, p. 116–117; Copsey, *Anti-Fascism in Britain*, p. 29–35.
- ¹³⁹ Ceplair, *Under the Shadow of War*, p. 91–92; Hodgson, *Fighting Fascism*, p. 13, 146.
- ¹⁴⁰ N. do T.: Conselho do Povo Judeu Contra o Fascismo e o Antissemitismo.
- ¹⁴¹ N. do T.: Conselho de Ação Judaico.
- ¹⁴² Ceplair, *Under the Shadow of War*, p. 174.
- ¹⁴³ Tilles, *British Fascist Antisemitism*, p. 147–149; Hodgson, *Fighting Fascism*, p. 137; Copsey, *Anti-Fascism in Britain*, p. 54–56.
- ¹⁴⁴ Tilles, *British Fascist Antisemitism*, p. 95.
- ¹⁴⁵ *Ibid.*, p. 149; *The Western Daily Press and Bristol Mirror*, 5 de outubro de 1936; *The Daily Independent*, 5 de outubro de 1936; Hann, *Physical Resistance*, p. 83–84; Ceplair, *Under the Shadow of War*, p. 174.
- ¹⁴⁶ Tilles, *British Fascist Antisemitism*, p. 149; *The Western Daily Press and Bristol Mirror*, 5 de outubro de 1936; *The Daily Independent*, 5 de outubro de 1936; Hann, *Physical Resistance*, p. 84–90.
- ¹⁴⁷ N. do T.: Tática militar onde um ponto do campo de batalha é escolhido para ser ponto principal da concentração de artilharia durante um conflito.
- ¹⁴⁸ Antony Beevor, *The Battle for Spain: The Spanish Civil War 1936–1939* (New York: Penguin, 2006), p. 216; Michael Seidman, *Republic of Egos: A Social History of the Spanish Civil War* (Madison: University of Wisconsin Press, 2002), p. 86–87.

- ¹⁴⁹ Jacque Delperrie de Bayac, *Les Brigades Internationales* (Paris: Fayard, 1968), p. 255–256.
- ¹⁵⁰ Jackson, *The Spanish Republic*, p. 349.
- ¹⁵¹ Delperrie de Bayac, *Les Brigades Internationales*, p. 250-254.
- ¹⁵² *New York Times*, 29 de março de 1937.
- ¹⁵³ Shlomo Ben Ami, *Fascism from Above: The Dictatorship of Primo de Rivera in Spain 1923–1930* (Oxford: Clarendon, 1983).
- ¹⁵⁴ Stanley G. Payne, *The Collapse of the Spanish Republic, 1933–1936* (New Haven: Yale University Press, 2006), p. 22.
- ¹⁵⁵ Hugo García, “Was There an Antifascist Culture in Spain During the 1930s?” in Hugo García, Mercedes Yusta, Xavier Tabet e Cristina Clímaco, eds., *Rethinking Antifascism: History, Memory and Politics, 1922 to the Present* (New York: Berghahn, 2016), p. 101.
- ¹⁵⁶ Jackson, *The Spanish Republic*, p. 111.
- ¹⁵⁷ *Ibid.*, p. 418.
- ¹⁵⁸ Chris Ealham, *Anarchism and the City: Revolution and Counter-Revolution in Barcelona, 1898–1937* (Oakland: AK Press, 2010), p. 181.
- ¹⁵⁹ George Orwell, *Homage to Catalonia* (San Diego: Harcourt Brace & Company, 1980), p. 4.
- ¹⁶⁰ Ceplair, *Under the Shadow of War*, p. 105–121.
- ¹⁶¹ Jackson, *The Spanish Republic*, p. 361.
- ¹⁶² García, “Was There an Antifascist Culture?” in García et al., *Rethinking Antifascism*, p. 97–98.
- ¹⁶³ Ceplair, *Under the Shadow of War*, p. 115.
- ¹⁶⁴ Beevor, *The Battle for Spain*, p. 16.
- ¹⁶⁵ Ronald Radosh, Mary R. Habeck, and Grigory Sevostianov, eds., *Spain Betrayed: The Soviet Union in the Spanish Civil War* (New Haven: Yale University Press, 2001), p. xvii–xix.
- ¹⁶⁶ Adam B. Ulam, *Stalin: The Man and His Era* (New York: Viking Press, 1973), p. 408–409.
- ¹⁶⁷ Radosh et al., eds., *Spain Betrayed*, p. xvii–xviii.
- ¹⁶⁸ Orwell, *Homage to Catalonia*, p. 178.
- ¹⁶⁹ N. do T.: Piratas de Eldelweiss.
- ¹⁷⁰ McDonough, *Opposition and Resistance*, p. 15–16.

DOIS: “NUNCA MAIS!”: O DESENVOLVIMENTO DA ANTIFA MODERNA, 1945-2003

A imagem da parlamentar britânica Mavis Tate aparece na tela. “Eu, como membro do Parlamento, visitei o Campo de Concentração de Buchenwald com outros 9 parlamentares”, diz ela na abertura. “Algumas pessoas acreditam que os relatos que aconteceram lá são exagerados”. O vídeo corta para pilhas de corpos amontoados na traseira de um caminhão. “Nenhuma palavra poderia ser exagero”, esclarece Tate. “Nós vimos e sabemos”. Um homem tenta remover esqueletos carbonizados de fornos industriais. “A realidade era indescritivelmente pior do que as imagens”. Depois de discutir a “bestialidade” alemã, Tate conclui com a ameaçadora advertência: “que ninguém diga que essas coisas nunca foram reais”.¹⁷¹

Quando a projeção chegou em um pequeno teatro no noroeste de Londres em 1945, Morris Beckman e seu primo Harry Rose entraram no saguão. Noticiários como este mostravam ao mundo uma pequena porção do terror nazista, mas foi somente na década de 1970 que o Holocausto “começou a ser percebido pelos estudiosos e pelo público em geral como um evento histórico de grande importância”.¹⁷² Para judeus como Beckman e Rose, no entanto, o horror não poderia ser mais palpável. Eles sabiam o que os noticiários pós-guerra não diziam: que a maioria dos cadáveres distorcidos na tela pertencia a adoradas filhas judias, pais judeus amorosamente excêntricos, avós judias duronas que davam um sorriso irônico cada vez que recontavam ter sobrevivido aos *pogroms*¹⁷³ de suas juventudes. Beckman e Rose não precisavam ouvir isso de Mavis Tate; eles estavam todos muito conscientes. Eles se sentiram “nauseados vendo esses corpos como esqueletos cobertos de pele”.¹⁷⁴

Ambos tinham servido na guerra, Beckman como um operador de rádio na marinha mercante e Rose em uma unidade que havia lutado por trás das linhas japonesas na Birmânia. Como veteranos judeus, o nazismo não poderia ter sido mais pessoal. E assim, quando voltavam para casa, não poderiam ficar mais chocados com o que descobriram: um ex-detento 18B (na Grã-Bretanha, alguém preso durante a guerra por simpatizar com o nazismo) gritando “Não queimaram judeus suficientes em Belsen!”. “Não posso acreditar!”, exclamou Rose. Ainda em seu uniforme com medalhas, reclamou

com um policial próximo que “apenas deu de ombros e se afastou”. “Bem, vou pegar o bastardo!”, disse Rose. Mas Beckman o deteve, temendo que fosse preso. “Ninguém está fazendo nada sobre isso?”, indignou-se.¹⁷⁵

Acreditava-se que a vitória aliada na Segunda Guerra Mundial marcou o fim definitivo do fascismo na história, mas, como Beckman e Rose haviam aprendido, não era tão simples assim. Logo após a destruição física dos regimes fascistas, ondas de amnésia histórica amplificaram a prevalência da resistência a Hitler, Mussolini e seus aliados, ao mesmo tempo que abafavam a natureza verdadeiramente disseminada da colaboração. A punição dessa colaboração e o fomento da democracia europeia, seja a democracia capitalista liberal do Ocidente ou a democracia “popular” no Oriente, foi encapsulada no processo de “desnazificação”. Nas zonas de ocupação ocidentais, um processo indiferente de processar pessoas baseados em questionários chegou ao fim no final de 1946, com mais de 2 milhões de casos ainda em aberto.¹⁷⁶ Muitos ex-nazistas e fascistas permaneceram em seus cargos, enquanto o foco do Ocidente mudou de um breve “momento de unidade antifascista” para hostilidade com a Guerra Fria a partir de 1947.¹⁷⁷

Antes de fechar a janela de “unidade antifascista”, os partidos comunistas europeus alcançaram o apogeu de sua influência, à medida que seus papéis proeminentes na resistência e a vitória do Exército Vermelho lhes davam uma recém-descoberta legitimidade patriótica. Continuando a se afastar do fomento da revolução global iniciada nos anos 1930, Stalin dissolveu o *Comintern* em 1943, enquanto os partidos comunistas apoiavam a eliminação aliada dos comitês antifascistas revolucionários, ou “Antifas”, que haviam surgido na França, Itália e na Alemanha, e, em vez disso, apresentaram programas relativamente moderados de modernização industrial, reforma social e democratização.¹⁷⁸ A desnazificação era mais completa no Oriente do que no Ocidente, mas sua análise excessivamente focada “na classe” tirava do caminho trabalhadores e camponeses “inocentes” enquanto transferia toda a culpa para as elites.¹⁷⁹

Embora a Grã-Bretanha nunca houvesse sido ocupada, homens como Beckman e Rose voltaram à escassez de comida e combustível, fome, austeridade e às terríveis lembranças do bombardeio aéreo nazista.¹⁸⁰ O esforço de guerra havia forjado um amplo consenso antifascista na sociedade britânica, mas como os fascistas de 1930 foram libertados da prisão e saíram de seus esconderijos, os judeus eram culpados pelo estado sombrio da

sociedade pós-guerra. Ao longo dos anos seguintes, os membros e simpatizantes dos 14 grupos fascistas em Londres e grupos equivalentes em outros lugares orquestraram campanhas visuais com cartazes que tinham slogans como “Os judeus devem ir!” e “Guerra aos judeus!”. Eles atacaram pessoas em bairros judeus, tentaram incendiar sinagogas e até jogaram bombas caseiras em uma reunião do Conselho do Comércio.¹⁸¹ Enquanto que na política britânica esses ataques podem ter sido “atividades marginais”,¹⁸² para os judeus que tinham medo de sair pela porta da frente eles eram bem sérios.

Não muito tempo depois de impedir que seu primo atacasse um orador fascista, Morris Beckman e 3 colegas veteranos judeus se encontraram em uma reunião ao ar livre da fascista Liga Britânica de ex-militares e mulheres. Naquele dia, Jeff Hamm, antigo membro da União Britânica dos Fascistas, estavam denunciando “aliens em nosso meio” que lucravam enquanto “nossos meninos” lutavam no exterior. Isso foi suficiente para os veteranos judeus. Esse grupo de 4 integrantes, que incluía um especialista em judô antes pertencente à Guarda da Rainha, um ex-piloto da RAF, Beckman e outro veterano, espalharam-se por uma multidão de 60 pessoas. Enquanto o perito de judô fingia comprar exemplares do jornal da Liga, ele repentinamente esmagou a cabeça de dois comissários fascistas, e Beckman e os outros derrubaram o palco, dispersando todos. Beckman explicou que “a pura malevolência do orador” fez com que ele e seus companheiros interrompessem fisicamente uma reunião fascista do pós-guerra pela primeira vez.¹⁸³

Não seria a última. Essa ação direta desencadeou a formação do *43 Group*, ou Grupo 43, em março de 1943: uma organização antifascista militante composta principalmente, embora não inteiramente, de judeus britânicos veteranos dedicados a acabar com o fascismo por meio de ação direta e em buscar uma legislação contra o incitamento racista. Mais tarde, militantes antifascistas rejeitariam o caminho legislativo por causa de sua política revolucionária anti-Estado. Mas o Grupo 43 era declaradamente ecumênico. Foi aberto a “qualquer um que queria combater o fascismo e o antissemitismo”. Embora o grupo tenha sido nomeado com o número de membros originais, dentro de um mês a associação aumentou para 300 pessoas, organizadas em unidades de “comando” que atacavam eventos fascistas, um departamento de “inteligência” que coletava e organizava

informações e, mais tarde, um departamento de propaganda, um comitê social e uma equipe que publicava o periódico do grupo, o jornal *Em Guarda*.¹⁸⁴

As unidades de comando do Grupo 43 tinham vários métodos para interromper as reuniões fascistas ao ar livre. Se um único membro pudesse atravessar o cordão de guardas fascistas para derrubar o palco do orador, a polícia tinha uma política de não permitir que os fascistas o montassem novamente. Com isso em mente, o Grupo organizou unidades de cerca de uma dúzia com formação em cunha [em V] que, em um determinado momento, começariam longe na multidão e aumentariam o vapor para que “pudessem romper muitas vezes o número de guardas fascistas musculosos” e chegar até o palco. Se estivesse muito bem guardado, no entanto, os comandos se dispersariam no meio da multidão e começariam a discutir e a brigar por toda a parte, a ponto de a desordem levar a polícia a encerrar o evento. Outro método era “pular o campo”, ocupando o espaço de reunião fascista bem antes que eles pudessem se estabelecer.

No verão de 1946, o Grupo 43 estava atacando de 6 a 10 reuniões fascistas por semana. Beckman estima que cerca de um terço foi interrompido pelo Grupo, um terço foi encerrado pela polícia e um terço continuou com sucesso. Depois de um tempo, o Grupo 43 tornou-se tão popular que os moradores locais se juntaram a eles ou até mesmo acabavam com eventos fascistas por conta própria usando táticas similares. Com o surgimento do “caso difícil dos Yids do East End”, como os camisas negras os chamavam, “a mentalidade de manter a cabeça baixa e entrar em casa rapidamente se foi para sempre”.¹⁸⁵

Em 1947, Oswald Mosley, que havia sido preso como líder da União Britânica dos Fascistas, voltou formalmente a liderar seus seguidores. Dada a perturbação que o Grupo 43 e uma variedade de antifascistas comunistas, trotskistas, anarquistas e sindicalistas haviam desencadeado em suas reuniões ao ar livre, Mosley começou a realizar eventos em ambientes fechados. Quando os antifascistas não conseguiram interromper a primeira reunião interna de Mosley, eles atiraram tijolos e pedras nos guardas fascistas que cuidavam do prédio, embora sem sucesso. Depois disso, porém, o Grupo 43 conseguiu forjar ingressos para entrar nas aparições de Mosley, e uma vez lá dentro, iniciavam discussões acaloradas com eles, interrompendo assim e, muitas vezes, terminando os encontros. Assim, mais da metade das reuniões internas de Mosley foram sabotadas. Mesmo quando o novo *Union*

*Movement*¹⁸⁶ de Mosley realizou reuniões sob nomes falsos, os infiltrados no Grupo 43 informaram os comandos, que mais uma vez interromperam os comícios.¹⁸⁷ Um infiltrado do Grupo 43, que se tornou um dos guarda-costas mais confiáveis de Mosley, certa vez deixou um grupo de comandos entrar em sua mansão, onde eles roubaram uma grande quantidade de documentos que mostravam as relações próximas entre o líder fascista e um número de parlamentares.¹⁸⁸

Os ataques custaram caro aos fascistas britânicos (que não mais se identificavam publicamente com o termo “fascista”, dada sua impopularidade). Como Morris Beckman relatou, “nós iríamos considerar [os fascistas] um inimigo tão grande quanto os que lutamos contra durante a guerra... Nós fomos muito disciplinados. Tínhamos que ser. Nosso trabalho era colocar o maior número possível de fascistas no hospital”.¹⁸⁹

Os ferimentos infligidos ao número dois de Mosley, Jeffrey Hamm, confirmam isso. Ele teve sua mandíbula quebrada na “batalha de Brighton”; foi deixado inconsciente por um tijolo voador enquanto se dirigia a uma reunião em Londres; os comandos do Grupo 43, antes fuzileiros navais e paraquedistas, o agrediram em sua casa, apesar de ele ter um nazista ex-paraquedista da SS como guarda-costas.¹⁹⁰

Em 1949, a ameaça fascista havia recuado. Alguns ex-Mosleyitas até se tornaram antifascistas vocais. Em parte, isso ocorreu porque “a feroz agressão dos antifascistas os fez sentirem-se deprimidos, e porque toda vez que mostravam seus rostos eles seriam atacados com selvageria”. Para muitos, simplesmente não valeu a pena.¹⁹¹ Em 1950, o Grupo 43 se desfez, acreditando que seu objetivo de erradicar o fascismo mosleyita havia sido alcançado, pelo menos naquele momento.

No entanto, enquanto Mosley e seus camisas negras estavam calados, desenvolvimentos posteriores mudariam a face da Europa para sempre e serviriam de base para um ressurgimento fascista. Para compensar a escassez de mão-de-obra após a guerra, as ondas de imigração de possessões coloniais europeias e países recém-descolonizados no Sul Global nas próximas décadas desafiarão fortemente as noções racializadas de cidadania e nacionalidade na Europa.

Como a primeira onda significativa de migração veio do Caribe para a Grã-Bretanha, fascistas e outros supremacistas brancos mobilizaram a campanha “Mantenha a Grã-Bretanha Branca” (Keep Britain White) rabiscando “KBW”

nas paredes de Londres. No final da década de 1950, gangues de “*teddy boys*”¹⁹² aterrorizavam comunidades caribenhas que eram forçadas, pela indiferença ou cumplicidade da polícia, a organizar patrulhas de autodefesa armadas, às vezes com facões, bombas de gasolina e coquetéis molotov. Ao mesmo tempo, ex-Mosleyitas formaram a *League of Empire Loyalists*¹⁹³ em 1954 para agitar contra o processo de descolonização representado por grupos domésticos como o *Movement for a Colonial Freedom*,¹⁹⁴ formado no mesmo ano.¹⁹⁵ A oposição à descolonização e à imigração se tornaria a pedra angular do ressurgimento da extrema-direita no período pós-guerra.

Em 1959, Oswald Mosley voltou do exílio político novamente. Nos anos que se seguiram, o movimento sindicalista uniu-se ao recém-formado Partido Nacional Britânico (*British National Party*, ou BNP), que emergiu da reacionária Liga dos Legalistas do Império, para atacar o crescente movimento anti-apartheid. Em resposta a desenvolvimentos como este e a formação em 1962 do Movimento Nacional Socialista fora do BNP, o antifascista *Yellow Star Movement*¹⁹⁶ (YSM) foi criado quando, em uma manifestação de Mosley em Trafalgar Square, organizadores antifascistas entregaram estrelas amarelas para os antifascistas usarem, como tinham feito na Grã-Bretanha nos anos 1930 e 40 em solidariedade aos judeus alemães. O YSM logo se fragmentou frente à questão da violência, quando uma parte pacifista do grupo se juntou ao *London Anti-Fascist Committee*¹⁹⁷ e outra mais militante ajudou a criar o *1962 Committee*, comumente conhecido como Grupo 62, com os membros originais do Grupo 43. Como seus predecessores, mais de uma década antes, o Grupo 62 atacou vendedores de jornais fascistas e interrompeu à força reuniões internas de Mosley. Em uma ocasião, eles até se vestiram como camisas negras para se infiltrar na sede de Mosley. Uma vez lá dentro, eles roubaram discos e destruíram o lugar. Em 1963, o Movimento Sindical de Mosley foi forçado a sair da esfera pública e, embora o Grupo 62 tenha começado a desaparecer, continuou seu trabalho pela próxima década.¹⁹⁸

Não obstante, a reação racista da Europa contra o aumento da imigração não se limitou aos fascistas. Em 1968, o político conservador Enoch Powell proferiu seu infame discurso dos “rios de sangue” sobre a imigração. Dia após os tumultos nos Estados Unidos provocados pelo assassinato de Martin Luther King Jr., Powell alertou os bretões brancos contra permitir que “o homem negro tivesse o chicote sobre o homem branco”.¹⁹⁹ O discurso de

Powell alimentou uma maré de crescente violência contra imigrantes que cada vez mais visava a crescente comunidade asiática (no Sul), evidente nas origens do termo “Paki-bashing” [“Surras em Pakis”] ou “ataques contra paquistaneses” no final dos anos 60.²⁰⁰

Um dos principais beneficiários dessa onda de racismo foi a recém-formada Frente Nacional (*National Front*, ou FN). Em 1967, fascistas e supremacistas brancos do BNP, da *Racial Preservation Society*²⁰¹ e outros grupos estabeleceram essa nova organização em um esforço para reformular sua política fascista a fim de cultivar um apelo mais amplo. No início dos anos 1970, a FN lançou uma campanha para “deter a invasão asiática”, que culminou com a marcha “Envie-os de volta!” em 1974. Enquanto isso, uma organização chamada *Liberation*²⁰² (anteriormente *Movement for a Colonial Freedom*) articulou uma contramanifestação com cerca de 1.500 comunistas, socialistas e outros antifascistas que tentaram bloquear a FN. Quando a polícia atacou a marcha, um antifascista chamado Kevin Gately foi pisoteado até a morte.²⁰³

A morte de Gately “foi um alerta para o movimento antifascista”.²⁰⁴ Comitês antifascistas locais e regionais tinham como alvo reuniões fascistas depois que a Frente Nacional ganhou 3 mil novos membros em 1976 e melhorou sua exibição nas urnas.²⁰⁵ Enquanto um movimento predominantemente branco antifascista estava crescendo, comunidades negras e asiáticas também estavam se mobilizando contra o racismo. Em resposta ao assassinato em 1976 de um adolescente chamado Gurdip Singh Chaggar, o *Southall Youth Movement*²⁰⁶ foi formado. O movimento dos Panteras Negras e sua organização radical de autodefesa inspirou o desenvolvimento do *Asian Youth Movement*²⁰⁷ com filiais em toda a Inglaterra.²⁰⁸ Outros grupos de autodefesa da época incluíam a *United Black Youth League*²⁰⁹, o *Brixton Black Women’s Group*²¹⁰ e o *Blacks Against State Harassment*.²¹¹

Esse movimento crescente obteve uma vitória significativa no verão de 1977, quando grupos de feministas, gays, lésbicas, anarquistas e socialistas, junto com membros da comunidade do bairro londrino multirracial de Lewisham, impediram que 6 mil membros da Frente Nacional realizassem uma marcha “anti-assaltos”. Enquanto a polícia tentava abrir caminho para a marcha fascista, um grupo de “afro-caribenhos do sul de Londres” bloqueou seu avanço e um grupo de esquerdistas acusou os manifestantes de agarrarem

a bandeira da FN em meio à “guerra feminista” e uma chuva de tijolos de um canteiro de obras próximo. Uma vez que a FN fugiu, a polícia atacou os antifascistas com cassetetes, prendendo 200. Para um dos principais organizadores, “Lewisham era nossa Cable Street [referindo-se ao famoso bloqueio antifascista de 1936]... A FN havia sido detida e sua capacidade de marchar por áreas negras havia sido completamente destruída”.²¹² Lewisham levou o Partido Socialista dos Trabalhadores a criar a Liga Anti-Nazista (ANL) no final daquele ano e, nos quatro anos seguintes, a ANL tornou-se um movimento de massas antifascista de centenas de milhares de pessoas que utilizavam tanto a ação eleitoral quanto a ação direta para erradicar a ameaça da Frente Nacional.

Curiosamente, esses desenvolvimentos ocorreram em meio à explosão da música punk rock em toda a Grã-Bretanha. Enquanto o punk rapidamente se transformou em uma infinidade de estilos e subgêneros, para os propósitos desse livro, o mais importante é focar no *Oi!* e na cultura skinhead em que foi construído. Embora hoje a maioria das pessoas associe os skinheads ao racismo, ironicamente o movimento surgiu quando elementos dos “mods” britânicos da classe trabalhadora encontram a música e a cultura jamaicana no final da década de 1960. Originalmente derivada da figura do “*rude boy*” jamaicano, o popular e elegante bandido da classe trabalhadora celebrado no início do *ska* e do *rocksteady*, a cultura skinhead britânica foi inicialmente um local multirracial de intercâmbio cultural quando surgiu em Londres por volta de 1969.²¹³ Em meados do final dos anos 70, skinheads de vários grupos gravitavam para subgênero do punk *Oi!*, que se destacava na ostentação de bandas como os *Sex Pistols* ao forjar um pub-rock direto, “de volta às origens” com seu atemporal estilo masculino da classe trabalhadora caracterizado por bandas como *Angelic Upstairs*, *Sham 69*, e *Cock Sparrer*.²¹⁴ Com o tempo, no entanto, a cena punk britânica e o *Oi!* especificamente, testemunharam o crescimento surpreendente de uma presença violenta de skinheads *white-power* alimentada por uma queda econômica em meados da década e uma intensificação do recrutamento da Frente Nacional.

Para combater os skinheads nazistas (muitas vezes chamados só de “carecas”) e a onda mais ampla de racismo anti-imigração na indústria da música, evidente na afirmação de que “Enoch é o nosso homem” e do apelo de Eric Clapton para “impedir que a Grã-Bretanha se torne uma colônia negra” o Partido Socialista dos Trabalhadores (SWP) e seus aliados criaram o

Rock Against Racism (RAR).²¹⁵ Do final de 1976 a 1981, bandas punks como *The Clash*, *X-Ray Spex* e *Stiff Little Fingers* dividiram o palco de reggae de *Aswald* e *Steel Pulse* para criar um fórum inovador para jovens brancos apreciarem a música jamaicana pela primeira vez. Enquanto shows menores do RAR frequentemente se tornavam campos de batalha, punks e skinheads antirracistas lutavam contra os “Fronters”. Os grandes festivais do RAR influenciaram uma geração de jovens com o slogan “NF = No Fun”. Skinheads racistas ensaiaram uma tentativa fracassada de responder com seu próprio *Rock Against Communism*.²¹⁶

Em pouco tempo, a cultura skinhead racista se espalhou bem além da Grã-Bretanha. Em 1978, grupos skinheads racistas se desenvolveram no bairro de Les Halles em Paris. No início dos anos 80, eles atacaram shows de punks e lançaram “la chasse aux Beurs”, algo como ‘caça aos árabes’, que matou 23 pessoas em 1983.²¹⁷ Essa violência racista foi alimentada pelo crescimento do *Front National* (FN) de Jean-Marie Le Pen que obteve o primeiro sucesso eleitoral nas eleições municipais de 1983. A FN francesa foi formada em 1972 pela mais importante organização fascista do pós-guerra, *Ordre Nouveau*²¹⁸, como uma organização de fachada para criar um verniz de respeitabilidade política nos modelos do partido fascista italiano pós-guerra, o *Movimento Sociale Italiano* (MSI). Eles até pegaram emprestado o logotipo da chama tricolor do MSI.²¹⁹

Décadas antes, o fascismo encontrou terreno fértil na França entre guerras. Enquanto o Partido Nazista de Hitler tinha cerca de 850 mil membros de uma população de 60 milhões quando assumiu o poder em 1933, a *Croix de Feu*²²⁰, que era apenas uma das quatro principais organizações fascistas francesas, tinha quase 1 milhão de membros em 1937 em uma população de 40 milhões.²²¹ Na década de 1920, as principais organizações fascistas francesas se uniram para formar a *Front National* original, um precedente claro para o último partido.²²² Embora o fascismo fosse desacreditado depois da guerra, a extrema-direita continuava sendo uma “faísca sob as cinzas”.²²³

Le Pen foi nomeado líder da FN porque era um “moderado” que não havia sido membro da *Ordre Nouveau* e podia, portanto, projetar uma imagem dominante para o novo partido. No entanto, os anos de ascensão do político francês foram gastos a serviço do efêmero movimento anti-imposto pequeno burguês de Pierre Poujade, na década de 50, e dos esforços para manter o controle francês da Argélia no início dos anos 1960. Quando a Argélia

conquistou sua independência em 1962, Le Pen mudou seu foco de proteger uma “Argélia francesa” para evitar uma “França argelina”. Depois que os antigos fascistas foram expulsos da FN no final dos anos 70, Le Pen forjou a identidade de seu partido em torno do “racismo etno-cultural” da *nouvelle droite* (nova direita) que se opunha à imigração em nome da “identidade nacional francesa”.²²⁴

Durante os 20 anos que se passaram entre a independência da Argélia e o crescimento da FN no início dos anos 1980, o antifascismo deixou de ser uma força mobilizadora para a esquerda francesa.²²⁵ Jean Louis Rançon, um situacionista membro do conselho de ocupação da Sorbonne em maio de 1968, explicou que o legado da Guerra Civil Espanhola pesou sobre a questão do antifascismo para a esquerda antiautoritária. “Nunca mais com eles!” foi a atitude dos comunistas libertários frente a possibilidade trabalhar com os stalinistas.²²⁶ No entanto, a ascensão da FN e dos skinheads nazistas no início dos anos 80 forçou uma nova geração a lidar com os desafios do antifascismo.

Inspirados pelo exemplo do Partido dos Panteras Negras dos EUA, em 1982, jovens negros marginalizados dos subúrbios parisienses formaram grupos punks antifascistas como os *Black Dragons*, que tinham uma frente só de mulheres chamada *Miss Black Dragons*. Esses jovens também foram responsáveis por um crescente movimento de revitalização do *rockabilly*.²²⁷ A Marcha para Igualdade e Contra o Racismo de 1983 tentou aplicar os métodos dos movimentos dos direitos civis dos EUA ao antirracismo francês e levou à criação do *SOS Racisme* um ano depois. Formado à margem do Partido Socialista como um movimento de massas de estilo não-governamental, o SOS se opunha à FN, mas também servia para desviar a atenção das políticas cada vez mais anti-imigrantes e neoliberais do governo socialista.²²⁸

Em 1985, um grupo multirracial de punks franceses formou os *Red Warriors*²²⁹. Um de seus membros explicou: “Chegou ao ponto em que dissemos: ‘é hora de acabar com a lei skinhead das ruas. É hora de nos unirmos como uma gangue.’ Uma gangue radical que não recuaria, cuja doutrina seria o antifascismo radical, que instigaria medo no outro campo”.²³⁰ Os *Red Warriors*, onde seus membros eram campeões de artes marciais, patrulhavam seus bairros à procura de skinheads. Quando se deparavam com o inimigo, eles saltavam de seus carros usando jaquetas *bomber* invertidas

(para se distinguirem dos casacos comuns dos racistas) e “arrebetavam os caras”. Mais tarde na década, os membros do grupo multirracial *Ducky Boys* se refeririam a esses combatentes antifascistas como “caçadores de skinheads”.

A maioria anarquista e situacionista (tendência marxista libertária de vanguarda) de membros dos *Red Warriors* também estava em contato com o grupo anarquista antifascista SCALP (*Section Carrément Anti-Le Pen*, em português, Seção Completamente Anti-Le Pen) formada em Toulouse, em 1984. A estética do SCALP incorporou a imagem rebelde da resistência e seus companheiros nativos americanos, evidenciada quando os membros do grupo cantaram “Le Pen, você é um fascista! Vamos ESCALPELAR você!” enquanto bombardeavam com coquetéis molotovs a tropa de choque que guardava um evento da FN em junho de 1984. Em 1986, os estudantes anarquistas formaram o grupo RÉFLEX, e seu jornal RÉFLEXes continua a monitorar a extrema-direita até hoje. Na década de 1990, o grupo clandestino de luta armada *Francs-Tireurs Partisans*²³¹ (FTP) batizado em homenagem a uma unidade de guerra com o mesmo nome, explodiu escritórios da FN e as casas de seus líderes.²³² Esforços de “antifascistas radicais” na coordenação nacional culminaram na criação da rede *No Pasarán* em 1992 – uma clara homenagem à defesa de Madrid durante a Guerra Civil Espanhola.²³³ No entanto, embora a antifa anarquista francesa dos anos 80 e 90 fosse certamente inspirada pelo legado da Revolução Espanhola, eles também foram influenciados por estratégias inovadoras de políticas “autonomistas” que emanaram da Itália, da Alemanha Ocidental, da Holanda e outros lugares nos anos 70 e 80.

As origens da política anticapitalista “autônoma”, ou *autonomista*, podem ser encontradas na Itália do pós-guerra, quando marxistas dissidentes frustrados com a moderação dos partidos comunistas e socialistas começaram a defender um foco renovado na classe trabalhadora, que tinha, a seus olhos, sido subjugada nas exigências políticas dos partidos que afirmavam representá-la. Influenciada por figuras como Cornelius Castoriadis, Raya Dunayevskaya e C.L.R. James, uma visão da teoria revolucionária “construída de práxis e análise social de baixo pra cima” tomou forma.²³⁴ Em vez do gigantesco partido stalinista, a “organização autônoma da classe trabalhadora” era, segundo Mario Tronti, “a base material da revolução”.²³⁵

Passando adiante para a década de 1970, essa corrente autonomista levou à

criação de vários grupos, como a *Autonomia Operaia*²³⁶, fundada em 1973. O movimento autônomo formou uma base ideológica para uma onda mais ampla de resistência que incluiu um movimento de conselhos operários e outras lutas (muitas vezes, lideradas por mulheres), como greves de aluguel, ocupações, organização comunitária e a prática generalizada de *autoriduzione* (auto redução), onde aqueles que lutavam para sobreviver tinham preços reduzidos individualmente para valores que pudessem pagar. Uma corrente militante e contracultural chamou a si mesma de *Índigenas Metropolitanos*, usando uma estética semelhante aos indígenas americanos, como o SCALP fez vários anos depois. No final da década, a alma do movimento autonomista foi fortemente reforçada pelas novas correntes de feminismo radical, evidente nas primeiras marchas “Recuperem a Noite”, em Roma, em 1976, onde 10 mil mulheres se vestiam de bruxas e cantavam “Chega de mães, chega de filhas, vamos destruir suas famílias”.²³⁷

O autonomismo italiano se espalhou para a Alemanha Ocidental no final da década de 1970, onde se uniu a movimentos feministas, alternativos, antinucleares e de ocupação, para desenvolver um ambiente robusto de centros sociais e ocupações autonomistas.²³⁸ Os autonomistas, como eram chamados esses militantes, rejeitavam as “velhas” tradições da esquerda. “Lutamos por nós mesmos”, explicou um jornal autonomista em 1982: “Não nos envolvemos em lutas representativas. Não lutamos pela ideologia, nem pelo proletariado, nem pelo ‘povo’. Lutamos por uma vida autodeterminada”.²³⁹

Na prática, os autonomistas realmente se engajaram em lutas populares. Por exemplo, eles ocuparam o canteiro de obras de uma instalação nuclear na Bavária como parte de uma campanha massiva bem-sucedida que envolveu dezenas de milhares de pessoas.²⁴⁰ No entanto, fundamentalmente, a política autonomista alemã tratava de desenvolver formas não-hierárquicas de autogestão, que então forjaria o mundo que eles procuravam criar por meio de ação direta não mediada. Essa ação direta tomou várias formas, mas uma das mais espetaculares foi a tática conhecida como *black bloc*, onde autonomistas vestiam-se de preto com os rostos cobertos por capacetes de motocicleta, balaclavas ou outras máscaras para criar uma massa uniforme e anônima de revolucionários preparados para realizar ações militantes, às vezes envolvendo armas como mastros, tacos, projéteis e coquetéis molotovs. Embora os autonomistas italianos e outros grupos, como o feroz Zengakuren

japonês, tivessem usado táticas de rua semelhantes, o estilo distintivo do *black bloc* autonomista se espalharia por meio de movimentos políticos autônomos e anarquistas em todo o mundo nas décadas seguintes. A tática *black bloc* apareceu pela primeira vez quando o movimento autonomista alemão foi forçado a se defender, e defender a outros, de um ressurgimento nazista em meados da década de 1980.

Para definir a cena: após a guerra, o estado da Alemanha Ocidental foi fundado como uma instituição expressamente antifascista. Pelo menos na superfície, havia consenso sobre os horrores do nazismo entre todos os partidos políticos. No entanto, como a próxima geração veio da consciência política da década de 1960, muitos jovens radicais estavam chocados com as deficiências da desnazificação e com o fracasso da geração de seus pais em acabar definitivamente com o legado nazista.

Mais tarde na década, os temores de uma fascistização do governo da Alemanha Ocidental foram agravados pelo assassinato policial do jovem manifestante Benno Ohnesorg em uma grande manifestação contra a visita do Xá do Irã em 1967. Em uma reunião naquela noite, Gudrun Ensslin, uma das futuras fundadoras da *Red Army Faction*²⁴¹ (RAF) proclamou: “Esse estado fascista vai matar a todos nós... A violência é a única maneira de responder à violência. Essa é a geração de Auschwitz e não há como argumentar com eles”.²⁴² Os medos foram acentuados pela incapacidade em processar o oficial que atirou em Ohnesorg e a aprovação das “leis de emergência” em 1968.²⁴³ Alguns argumentaram, no entanto, que a “incessante invocação” do espectro do fascismo pela esquerda diluiu seu valor retórico.²⁴⁴

O antifascismo não ressurgiria de maneira significativa na Alemanha Ocidental até os anos 80, como quando, em 1985, o antifascista Günter Sare foi morto por um canhão de água policial em uma manifestação em Frankfurt contra o Partido Democrático Nacional (NPD), de extrema-direita, provocando motins em várias cidades. No ano seguinte, um grupo chamado Antifascistas Revolucionários bombardeou um celeiro que estava preparado para sediar uma festa de aniversário para Adolf Hitler²⁴⁵ cantando Fogo e Chamas (“fogo e chamas” era um canto autonomista popular).

O período também viu o nascimento de uma nova publicação importante quando a *Antifaschistisches Infoblatt*²⁴⁶ foi iniciada na primavera de 1987 em Berlim, permanecendo até hoje como um periódico informativo nos mesmos moldes do francês RÉFLEXes, do britânico Searchlight ou do holandês

Kafka. Suas primeiras edições, publicadas em alemão e turco para incluir a grande comunidade turca de Berlim, apresentavam o logotipo da comunista *Antifaschistische Aktion* do início da década de 1930. No entanto, enquanto o logotipo original apresentava duas bandeiras vermelhas, representando o comunismo e o socialismo (embora o KPD ainda fosse hostil ao SPD), o logotipo da *Infoblatt* apresentava uma bandeira vermelha na frente da bandeira negra do anarquismo/autonomismo. Os logotipos do final dos anos 80 exibiam bandeirolas da esquerda para a direita como as dos anos 1930, mas com o início dos anos 90 o logotipo foi invertido com as bandeiras fluindo da direita para a esquerda, como costumam fazer nos logos antifas desde então, enquanto alguns mostravam duas bandeiras negras.

A violência nazista explodiu na Alemanha, Tchecoslováquia e em toda a Europa Oriental após a queda do Muro de Berlim, em 1989. Com o colapso total do bloco soviético, os fascistas na região tentaram capitalizar com o sentimento anticomunista. Na Alemanha, os skinheads aproveitaram a euforia nacionalista que estava rumando para a reunificação juntamente com seus aliados de extrema-direita entrarem em guerra contra imigrantes, estrangeiros, esquerdistas, homossexuais e outros. Em 1991, eles atacaram um albergue de refugiados em Hoyerswerda, ferindo 32. No ano seguinte, milhares aplaudiram quando bandidos racistas atiraram pedras e bombas incendiárias em um asilo para imigrantes em Rostock. Os nazistas mataram pelo menos 80 pessoas entre 1990 e 1994. A extrema-direita foi investigada por 23 mil crimes apenas em 1993. Membros da equipe nacional de luge²⁴⁷ norte-americana foram agredidos por skinheads nazistas, enquanto uma exposição sobre a perseguição judaica foi bombardeada no mesmo ano.

Essa violência racista encontrou apoio social significativo quando o partido neofascista *Die Republikaner*²⁴⁸ recebeu quase um milhão de votos em 1990. O chanceler democrata cristão Helmut Kohl fez pouco para acalmar as tensões quando proclamou que “a Alemanha não era um país de imigrantes”. O sistema facilitou esse terror racista, já que os skinheads recebiam apenas punições leves (membros de um grupo que assassinaram um imigrante africano foram condenados a cumprir penas de 2 a 4 anos de prisão) e a Anistia Internacional divulgou um relatório acusando a polícia de cometer graves abusos contra os imigrantes.²⁴⁹

Os autonomistas emergiram como a principal força de oposição militante a essa violência racista. Frequentemente combatendo nazista e a polícia junto

com a juventude turca, o florescente movimento antifa autônomo interrompeu uma manifestação nazista em frente ao *Reichstag* e uma série de comemorações pelo centésimo aniversário de Hitler em 20 de abril de 1989. Em 1990, um bloco de 2.500 antifas atrás de faixas escritas “Nunca Mais, Alemanha!” e “Cale a Boca, Alemanha – já chega!”, confrontou mil nazistas comemorando o aniversário do suicídio de Rudolf Hess. Cerca de uma semana depois da queda do Muro de Berlim, a antifascista Cornelia Conny Wessmann morreu em uma manifestação em Göttingen, quando a polícia a perseguiu na direção de um carro que se aproximava. Em retaliação, seus camaradas em 30 cidades desencadearam uma onda coordenada de destruição de propriedades como armazéns, bancos e prédios do governo, aos olhos deles, apêndices do Estado capitalista responsável por sua morte.²⁵⁰

Pouco antes da queda do muro, em meados dos anos 80, o problema neonazista na República Democrática Alemã (RDA) começou. Ironicamente, a identidade antifascista fez com que as autoridades relutassem em considerar ataques com skinheads contra estrangeiros ou punks como algo mais sério do que “hooliganismo”. Reconhecer um problema nazista teria minado a legitimidade do Estado. Portanto, a necessidade de autodefesa e resistência recaiu sobre a marginalizada cena punk. Em 1988, punks em Halle criaram um “comando de aniquilação skinhead” composto por membros armados treinados em artes marciais. No começo do ano seguinte, os punks de Berlim Oriental e outros dissidentes se depararam com uma edição da *Antifaschistisches Infoblatt* e se inspiraram para lançar a *Autonome Antifa Berlin (Ost)*.²⁵¹

É importante notar que na Alemanha Oriental e em todo o bloco soviético, a música ocidental já era classificada como propaganda. Por exemplo, de acordo com a URSS, o *The Clash* promovia a “violência”, a *Canned Heat* a “homossexualidade”, enquanto *Donna Summer* promoveu o “erotismo” e o *Black Sabbath* a “violência e obscurantismo religioso”.²⁵² Portanto, a perspectiva de punks militantes desafiando as credenciais antifascistas do então dirigente Partido Socialista Unificado da Alemanha (SED) provocou perseguições, vigilância e repressão policial. No entanto, alguns meses antes da queda do Muro de Berlim, que originalmente foi justificado como um “Muro de Defesa Antifascista” quando o construíram em 1961, um grupo de 30 antifascistas conseguiu se enfiar em um comício do SED e desenrolar uma

faixa com os dizeres “Atenção! Neonazistas na RDA!” e “Arranque o mal pela raiz!”.²⁵³

Depois da queda do muro, uma coordenação antifascista alemã mais ampla se tornou possível. Vários grupos surgiram dessa onda de organização, incluindo o *Autonome Antifa (M)*, ou *AA (M)*, que se formou em Göttingen no início de 1990. (O M representava Mittwoch, ou quarta-feira, que era o dia da semana que o grupo se encontrava). O *AA (M)* se distinguiu da maioria dos outros grupos antifascistas autônomos, buscando coalizões com a esquerda, dando entrevistas à imprensa e organizando um projeto de *agitprop* chamado “Arte e Luta”.

Esforços dessa coordenação maior, na verdade, levaram cerca de uma dúzia de grupos incluindo o *AA (M)* a formar uma rede horizontal chamada de *Antifaschistische Aktion/Bundesweite Organisation (AA/BO)* em 1992, que durou até sua dissolução em 2001.²⁵⁴ Enquanto isso, os antifascistas migrantes organizaram-se na *Antifa Gençlik* de 1988 a 1994. Mulheres antifascistas começaram a criar grupos antifascistas feministas, chamados de “fantifa”, em resposta ao machismo e ao comportamento predominantemente patriarcal de seus colegas homens. A primeira tentativa de organização desse tipo ocorreu em 1985, mas foi realmente no final dos anos 80 e início dos 90 que grupos antifascistas feministas surgiram definitivamente. Vinte e cinco grupos fantifa participaram de mais de uma dúzia de reuniões nacionais nos anos 90. Manifestações de mulheres, blocos femininos em grandes manifestações e congressos femininos tornaram-se comuns no movimento.²⁵⁵

Durante o mesmo período, a antifa autonomista alemã também procurou estabelecer conexões internacionais. Um dos grupos mais importantes com quem entraram em contato foi a Ação Antifascista Britânica (AFA), formada em 1985 por uma coalizão de grupos que incluía o Grupo dos Socialistas Judaicos, organizações antirracistas locais, grupos anarquistas como o Guerra de Classes e Movimento de Ação Direta (DAM), a equipe editorial do informativo *Searchlight* e a Ação Vermelha.²⁵⁶ Este último grupo foi criado pelos esquadrões da Liga Anti-Nazista (essencialmente, sua tropa de choque) quando foram expulsos sem cerimônia do Partido Socialista dos Trabalhadores em 1981 após seu fim.²⁵⁷ Ao longo dos anos seguintes, a Ação Vermelha, cujo grito de guerra era “Nós somos os VERMELHOS!”, continuou lutando contra skinheads fascistas em shows de punk e nas ruas. Após a formação da AFA, a Ação Vermelha assumiu um papel de liderança

na organização contra a gravadora nazista *Blood & Honour*²⁵⁸ (B&H), criada em 1987 por Ian Stuart, o líder da mais infame banda nazista da época, o *Skrewdriver*. A B&H desenvolveu uma rede de distribuição internacional para discos e bandas nazistas como a *Brutal Attack* e a *No Remorse* – cujas camisetas diziam “Um dia, o mundo saberá que Adolf Hitler estava certo”.²⁵⁹

Na Grã-Bretanha, as leis de liberdade de expressão e o prestígio internacional do punk britânico *white-power* atraíram skinheads de toda a Europa para Londres. Para retaliar, a AFA pressionou as lojas e bares locais que aceitavam negócios nazistas ou vendiam seus produtos organizando petições e piquetes. Quando isso não funcionou, métodos mais persuasivos foram empregados – como quando dois homens com balaclavas demoliram a fachada de uma loja da B&H com marretas antes de destruir as mercadorias nazistas com ácido.²⁶⁰

Como Stuart explicou: “tivemos que divulgar nossos shows de boca em boca. Se eles [a AFA] ouvissem a respeito, eles iam querer transformá-lo em um banho de sangue”. Portanto, em vez de divulgar a localização de um programa nazista, os organizadores secretamente divulgariam um ponto de encontro onde os skinheads convergiriam para a localização do evento. Em maio de 1989, cem militantes da AFA apareceram em um local “secreto” no Hyde Park uma hora antes do encontro nazista e ficaram à espera. Quando pequenos grupos “de todos os países da Europa, mas principalmente da Alemanha, começaram a aparecer, eles começaram a ser caçados implacavelmente”.

Cenas semelhantes se desenrolaram na lendária “Batalha de Waterloo” em 1992, quando a AFA atacou skinheads nazistas a caminho de um show do *Skrewdriver*. Stuart, que certa vez escreveu uma música chamada “Dead Paki in Gutter” (Paquistânês Morto na Sarjeta), também não se saiu melhor. Regularmente os antifascistas quebravam garrafas em sua cabeça enquanto andava pela rua, esmagavam seus dedos com martelos e convenciam comercios locais a evitá-lo. Por fim, ele sentiu que não tinha mais escolha a não ser se mudar.²⁶¹

Quando, em meados dos anos 90, o AA (M) entrou em contato com os antifascistas britânicos, tensões emergiram baseadas nas diferentes visões sobre o antifascismo. Apesar de compartilharem uma política socialista revolucionária, militantes do grupo alemão ficaram chocados com o que eles viam como reducionismo de classe por parte dos membros da AFA, que

viajaram para Göttingen para encontrá-los para uma grande manifestação. Como um dos fundadores do AA (M) lembrou: “Houve uma discussão sobre a relação entre o patriarcado e o fascismo... [O delegado da AFA] tentou cortar a discussão com o comentário de que ‘isso seria tão importante quanto à questão de saber se alguém come carne ou é vegetariano’”. Por outro lado, os delegados da AFA desdenhavam da influência da cultura anarco-punk na cena alemã e preferiram marchar em trajes “normais”, referidos como um “look casual”, ao invés de ser juntar ao AA (M) em um grande bloco negro. Mais fundamentalmente, no entanto, à medida que as duas organizações continuaram as discussões nos próximos anos, a AFA ficou atordoada com o argumento apresentado pelo AA (M), predominantemente de classe média, de que a classe trabalhadora era em grande parte irrelevante para a luta antifascista. Em vez disso, a política desse grupo alemão era formada pelo anti-imperialismo e pelo feminismo.²⁶²

Depois de várias tentativas de coordenação internacional mais formal, incluindo a curta Rede Antifascista Europeia, a primeira conferência internacional de militantes antifascistas foi realizada em Londres em outubro de 1997. Delegados representaram 22 organizações da França, Alemanha, Noruega, Suécia, Holanda, Irlanda, Dinamarca, Espanha, Estados Unidos e Canadá. As primeiras objeções começaram a surgir quando a delegação britânica, que acreditava que a estratégia antifascista deveria ser desenvolvida “pelo viés de classe e não de raça”, argumentou que a propaganda deveria ser dirigida principalmente à classe trabalhadora branca, potencial base popular do fascismo, em vez das vítimas marginalizadas por esse mesmo fascismo. No final da conferência, apenas 9 dos 22 grupos visitantes aderiram à nova Rede Antifascista Militante Internacional, incluindo a AFA Hannover e a alemã R.O.T.K.A.P.C.H.E.N., a Plataforma Antifascista de Zaragoza, o Fórum Antifascista de Toronto e a Ação Antirracista de Minneapolis. O AA (M), que não aderiu à nova Internacional, criticou duramente a AFA por seu foco supostamente restrito ao confronto direto. O quase colapso da AFA alguns anos mais tarde, quando seus grupos membros declinaram de 25 em 1999 para menos de 5 um ano depois, levou ao fim dessa Internacional.²⁶³

Um anarquista argentino chamado Luís, que chegou a Göttingen em 2003, estava ansioso para se juntar à lendária AA (M). Isso acabou sendo mais complicado do que ele imaginava. Na época, o antifascismo alemão foi envolvido no debate sobre a posição sionista *Antideutsche* que emergiu com a

reunificação e intensificou seu crescimento no final dos anos 90. Os *antideutschen* argumentavam que, dado o legado histórico do Holocausto, os antifascistas alemães eram obrigados a oferecer seu quase irrestrito apoio a Israel. A postura pró-EUA do movimento se solidificou após o 11 de setembro, e o grupo apoiou a invasão do Iraque em 2003. Os avós de Luís eram judeus alemães que haviam fugido dos nazistas nos anos 1930, mas ele manteve uma posição fortemente anti-sionista. Portanto, ele foi recrutado pela facção “anti-imperialista” e anti-sionista da AA (M). No entanto, as tensões haviam crescido de forma tão intensa dentro do grupo que nenhuma das facções aprovaria a admissão de alguém que simpatizasse com o outro lado. O *Antideutschen* bloqueou Luís. Esse conflito levou à divisão do AA (M) em 2004. Luís juntou-se ao novo grupo formado pela fração “anti-imperialista” chamada *Antifaschistische Linke International*²⁶⁴, que ainda existe.²⁶⁵

Ainda assim, a crescente internacionalização do modelo militante antifa foi talvez muito mais importante do que a longevidade de organizações específicas. No final dos anos 80, o antifascismo se espalhou por muitos países da Europa, incluindo Áustria, Suíça e Suécia. Por exemplo: em Oslo, na Noruega, os punks da casa autônoma *Blitz* formaram um grupo de afinidade chamado Ação Antifascista para se defenderem de skinheads nazistas como os Boot Boys, Viking e os Anti-Antifa, que realizaram uma série de atentados a bomba durante essa época. Em 1992, jovens antifas e imigrantes se organizaram juntos para impedir uma marcha nazista pela cidade de Gjøvik. Embora os partidos de esquerda simplesmente encorajassem as pessoas a permanecerem dentro de suas casas naquele dia, essa coalizão antirracista mobilizou uma importante presença de rua que intimidou os nazistas a cancelar o evento. Em 1994, o grupo de afinidade Ação Antifascista se tornou uma rede formal de mesmo nome com grupos em várias cidades usando a, agora padrão, bandeira antifa. Como seus homólogos continentais, a antifa norueguesa era em grande parte anarquista/autonomista, embora possuísse alguns elementos tradicionalmente marxistas, ligada a correntes punks e contraculturais.²⁶⁶

Em 1995, os antifascistas noruegueses descobriram que uma nova casa nazista havia sido estabelecida na cidade de Sandaker. Quando as tentativas de persuadir o proprietário a arrancar seus novos inquilinos falharam, cerca de 500 antifascistas convergiram e cercaram a casa. Como a entrada da frente

era guardada pela polícia, os nazistas atacaram os antifascistas com estilingues e rojões, jogaram garrafas de gasolina e arremessaram um molotov. Os antifascistas retaliaram atirando pedras, mas não conseguiram romper a linha policial. No entanto, depois de algum tempo, suspeitando que a casa nazista já havia crescido o suficiente, a polícia invadiu o espaço prendendo 78 pessoas por posse de armas. Isso finalmente convenceu o proprietário a rescindir o contrato. No ano seguinte, o movimento antifascista norueguês, que até então colaborara fortuitamente com sindicatos e alguns partidos de esquerda, começou a ver um declínio acentuado em atividades nazistas. No final da década, a legitimidade da organização influenciou a opinião pública a transcender a tendência anterior de igualar fascistas e antifascistas como “extremistas” equivalentes. Após três nazistas assassinarem um militante antirracista negro de 15 anos em 2001, enormes mobilizações, e alguns retrocessos públicos, eliminaram as evidências de fascismo na Noruega até os dias de hoje.²⁶⁷

Enquanto isso, na Holanda, a antifa militante surgiu da frente de autodefesa dos autonomistas holandeses, conhecidos como *kraakers*,²⁶⁸ quando os senhorios e donos de imóveis recrutaram fascistas e hooligans de futebol para atacar ocupantes em seus prédios. Entre 1968 e 1981, mais de 10 mil casas e apartamentos foram ocupados por pessoas em Amsterdã. Os ocupantes tinham grande apoio popular devido à falta de moradias populares, mas nos anos 80, novas leis e medidas policiais mais duras ameaçaram o movimento de ocupação. Em 1985, a polícia despejou ilegalmente uma mulher e seu filho de uma ocupação. Quando os *kraakers* voltaram a ocupá-la, a polícia atirou em um deles e depois bateu brutalmente em outros 32 que haviam sido presos. Na manhã seguinte, um deles, Hans Koch, amanheceu morto em sua cela. Em retaliação, os *kraakers* atacaram delegacias de polícia e prédios do governo, ateando fogo em carros de polícia durante três noites de revolta. Enquanto isso, uma outra ala do movimento chamada RaRa (Grupo de Ação Antirracista) travou uma bem-sucedida campanha de bombardeios contra a rede de supermercados Makro, exigindo que se retirassem da África do Sul durante o apartheid.²⁶⁹

Nos anos 80, os *kraakers* antifascistas confrontaram eventos mantidos pelo neofascista *Centrum Partij*, mas o que estava em jogo começou a aumentar quando o neonazi CP’86 e outros grupos nazistas de luta armada foram criados, modelados com base no grupo Combate Inglês 18, afiliado ao grupo

Sangue e Honra (B&H). Influenciados pela formação da rede alemã AA/BO, em 1992, os antifascistas holandeses formaram uma rede nacional de AFA. Seus grupos mais significativos estavam baseados fora de Amsterdã, em Utrecht, Nijmegen, Leiden, Groningen e Haia. O militante da AFA Job Polak escreveu que o grupo “pode realmente se orgulhar de ser um dos fatores mais importantes para manter a extrema-direita ‘controlada’ durante os anos 90: pequenos e sob pressão... [isto] ajudou a paranoia e as lutas internas dentro dos vários grupos fascistas impedindo-os de saírem ainda mais de controle”.²⁷⁰

Na Itália, o modelo militante de organização antifascista, com suas bandeiras e especificidades organizacionais, não tinha surgido, de verdade, até o final da década de 1990, embora a luta antifascista italiana seja muito anterior a isso. Apesar da Constituição de 1948 ter proibido a reforma dos partidos fascistas, o neofascista Movimento Sociale Italiano (MSI) emergiu das cinzas do regime de Mussolini em 1946. Em 1953, o MSI se tornou o mais importante partido europeu de direita radical, ganhando 5,9% dos votos. Embora sua transição gradual em direção ao centro tenha ajudado na campanha eleitoral, ela também alienou a ala militante do movimento. Várias divisões ocorreriam nos anos seguintes, como a partida do *Ordine Nuovo*²⁷¹ do MSI em 1956 e o racha do ainda mais militante *L’Avanguardia Nazionale*²⁷² de dentro do *Ordine Nuovo* nos anos 60. A partir de 1969, esses e outros grupos fascistas, como o *Nuclei Armati Rivoluzionari*²⁷³ lançaram uma “estratégia de tensão” insurrecional (com apoio da CIA) para desestabilizar a sociedade italiana e fomentar o desejo de uma renovação fascista para retornar à ordem. Em 12 de dezembro de 1969, três bombas feriram 18 pessoas em Roma, enquanto uma explosão na Piazza Fontana, em Milão, matou 17 e feriu outras 88. Embora a responsabilidade fascista pelos atentados fosse evidente, a polícia prendeu dois anarquistas, incluindo Giuseppe Pinelli, que foi atirado para a morte pela janela da delegacia. Da mesma forma, os fascistas bombardearam uma manifestação antifascista em Brescia em 1974, matando 8 pessoas e ferindo 100. Essa onda de violência fascista chegou ao final após o ataque à estação de trem de Bolonha em 1980, que matou cerca de 80 pessoas.²⁷⁴

A violência fascista e a análise marxista mais ampla do fascismo como integralmente ligado ao sistema capitalista, levou a esquerda revolucionária italiana a fundir as lutas antifascistas e anticapitalistas. Por exemplo: a

*Brigate Rosse*²⁷⁵, uma organização comunista da luta armada conhecida pelo sequestro e execução do antigo Primeiro-Ministro Aldo Moro em 1978, que planejou ataques à escritórios de grandes empresas capitalistas foram concebidos como ações amplamente antifascistas tanto como o assassinato de dois membros do MSI em 1974.²⁷⁶ Além das ações armadas dissimuladas, os revolucionários italianos estavam mais do que dispostos a se engajar em ações militantes nas ruas. Manifestações antifascistas de rua com membros de grupos como *Autonomia Operaia* e *Lotta Continua* reuniam muitas vezes de três a quatro mil militantes usando máscaras de esqui e bandanas, armados com bastões, barras de ferro, coquetéis molotovs e, às vezes, pistolas. Embora o propósito expresso de tais marchas possa ter sido a oposição ao fascismo, o Estado e todo o sistema capitalista foram implicados dentro da violência fascista e, portanto, eram alvos legítimos para o saque generalizado e a destruição de propriedade. No final da década de 1970, o popular slogan “Barras de ferro em 68, e em 1977, o P38 [revólver]” refletia a escalada de táticas dos autonomistas em uma “luta tripla” de baixa intensidade durante os “anos de chumbo” entre a esquerda revolucionária, o Estado e os fascistas armados. Embora a violência de esquerda durante essa Era tenha gerado mais atenção, os fascistas foram realmente responsáveis pela maioria das mortes políticas ocorridas de 1969 a 1980.²⁷⁷

Nos anos 80, a violência fascista diminuiu na Itália, enquanto a repressão e uma epidemia de heroína causaram estragos na esquerda revolucionária. No final dos anos 80 e início dos 90, no entanto, a cena skinhead *white-power* chegou à Itália. Em Milão, o grupo mais cruel dessa época foi o *Azione Skinhead*, composto por hooligans de futebol da Inter. Em 1990, esses skinheads atearam fogo a um centro social anarquista ocupado chamado *Laboratorio Anarchico*. Em retaliação, anarquistas e autonomistas destruíram o bar skinhead local e “colocaram muitos nazistas no hospital”. Logo depois disso as autoridades baniram a *Azione Skinhead*.²⁷⁸ O antifascismo militante foi organizado a partir de grupos e assembleias de centros sociais autônomos, mas durante esse período não havia formações exclusivamente antifascistas além dos grupos SHARP (*Skinheads Against Racial Prejudice*).

Enquanto a ameaça skinhead caiu em meados da década de 1990, o espectro do fascismo governamental aumentou à medida que Silvio Berlusconi convidou o MSI, que logo se renomeou *Alleanza Nazionale*²⁷⁹, para formar um governo com ele em 1994. “Pela primeira vez na Europa do

pós-guerra um partido de extrema-direita, ainda imbuído de nostalgia fascista, tornou-se membro de um gabinete”.²⁸⁰ Berlusconi também incluiu o populista e anti-imigração *Lega Nord*²⁸¹ que era originalmente uma defensoria regional dos interesses do Norte quando foi fundada em 1989, mas posteriormente se transformou em um partido mais amplo com aspirações nacionais. Ao fazê-lo, Berlusconi legitimou o MSI, que era benignamente considerado “pós-fascista” e contribuiu para a reabilitação do legado de Mussolini. A simpatia de Berlusconi em relação ao fascismo ficou clara anos depois, quando ele afirmou que “Mussolini não assassinou ninguém. Mussolini costumava mandar as pessoas de férias em exílio interno”.²⁸²

Quando o MSI entrou no governo, sua ala mais militante rompeu para formar a *Fiamma Tricolore*.²⁸³ Nos anos seguintes, outros partidos e organizações surgiram à direita dos “pós-fascistas”, como o *Forza Nuova*²⁸⁴ e *Casa Pound*, cujos membros começaram a aterrorizar imigrantes, *queers* e esquerdistas. No final dos anos 90, um movimento antifa especificamente começou a crescer. Em 1999, antifascistas autônomos de Milão participaram do primeiro evento público do *Forza Nuova* na cidade, que contou com representantes fascistas de todo o continente. O autonomista italiano e membro da torcida organizada do AC Milan, Niccolò Garufi, lembrou como ele e seus companheiros convergiram para a proteção policial do evento a partir de duas direções de uma rua estreita arremessando molotovs. Enquanto empurravam a polícia para trás, um grande grupo de skinheads da Frente Vêneto atacou os antifascistas, mas eles foram espancados. Garufi credita essa ação direta antifascista ao sufocante crescimento do *Forza Nuova* em Milão, porque o evento de abertura foi “em uma fortaleza”, onde seus líderes não conseguiam alcançar o povo. Para Garufi e seus camaradas, “a ação direta é o único argumento que eles podem entender”.²⁸⁵ No entanto, a resistência antifascista não conseguiria impedir inteiramente o avanço do fascismo.

Garufi sentiu isso pessoalmente em 16 de março de 2003, em Milão, quando dois irmãos fascistas e seu pai (cujo cão foi nomeado “Rommel” em homenagem ao general nazista) atacaram um grupo de camaradas seus com facas. O melhor amigo de Garufi foi gravemente ferido, outro camarada foi esfaqueado 27 vezes, mas sobreviveu, e Davide “Dax” Cesare – um trabalhador antifascista, punk, metalúrgico, lutador de Muay Thai, marido e pai envolvido na ORSO (Oficina della Resistenza Sociale, operando em um

centro social ocupado) – foi morto. (Garufi pontua que foi no mesmo dia que Rachel Corrie foi morta por um trator israelense). Quando ele e seus amigos chegaram ao hospital, foram espancados pela polícia.²⁸⁶

Quando menino, Garufi e seu pai comunista sempre participaram das comemorações locais no dia 25 de abril, o Dia da Libertação italiana, comemorando o fim da guerra. Todos os anos o grupo colocava grinaldas de flores em placas comemorativas de resistência. Após a morte de Dax, a organização *partisan* oficial ANPI (Associazione Nazionale Partigiani d'Italia²⁸⁷) aceitou o pedido de seus camaradas para incluí-lo entre seus mártires. Agora, antifascistas de todas as gerações deixam flores no local de sua morte a cada 25 de abril. Como diz o grafite antifascista: “Dax vive!”.²⁸⁸



A cultura skinhead *white-power* da Skrewdriver e da Frente Nacional (FN) cruzou o Atlântico e encontrou terreno fértil nos Estados Unidos e Canadá no final dos anos 80. No entanto, toda vez que essa nova contracultura fascista se espalhava, o crescente modelo de antifascismo militante estava no seu encaixe.

Podemos localizar a gênese antifa na América do Norte em uma pizzaria de Minneapolis, onde um grupo de skinheads antirracistas e multirraciais chamados *Baldies*²⁸⁹ estava reunido durante as férias de Natal em dezembro de 1987. No início do ano, um grupo local que ostentava a insígnia nazista e se autodenominava *White Knights*²⁹⁰ começou a aterrorizar afro-americanos e ameaçar os esquerdistas. Os *Baldies* decidiram revidar. Um skinhead negro em seu grupo chamado Mike jogou um tijolo pela janela na casa do líder dos *White Knights*; ele foi preso e multado em 200 dólares.²⁹¹

Decididos a pensar melhor sua estratégia, os *Baldies* se reuniram numa pizzaria para traçar seu rumo seguinte. Enquanto liam os periódicos anarquistas britânicos como *Class War* e *Black Flag*,²⁹² um *baldie* de 16 anos chamado Kieran havia aprendido sobre a recém-formada Ação Antifascista. Histórias de confrontos físicos com os “Fronters” *white-power* conversavam diretamente com esses jovens skinheads, mas a palavra *fascismo* “soava como um termo esquerdista dogmático” para o clima político dos EUA. Como resultado, os *Baldies* decidiram chamar sua nova formação de *Anti-Racist Action* (Ação Antirracista, ou ARA).²⁹³ Em seu primeiro informativo, a ARA descreveu suas atividades como:

- ≥ **Educação: folhetos, adesivos, pôsteres, cartazes e zines.**
- ≥ **Ação direta: tinta spray, pés-de-cabra, tijolos.**
- ≥ **Confronto: sua decisão.**²⁹⁴

Nos meses seguintes, a ARA de Minneapolis pressionou lojas de discos a parar de vender música racista, organizou uma manifestação com um grupo de estudantes negros com uma organização progressista predominantemente branca, onde eles apagaram grafites nazistas, mobilizaram-se contra a brutalidade policial e confrontaram os *White Knights* onde quer que os

encontrassem. Como Kieran explicou à revista punk *Maximumrocknroll* em 1989, “uma das razões pelas quais os *Baldies* ganharam tanto não é porque estamos em alguma viagem machista ou pensamos que somos grandes pessoas, mas porque conseguimos os números para nos apoiar e é isso que é o mais importante”.²⁹⁵

Quando os *Baldies* começaram a confrontar os skins *white-power*, eles só conheciam o modelo de enfrentamento da AFA britânica. No entanto, conforme a organização se expandia, eles entraram em contato com vários grupos antirracistas na área que existiam há anos, incluindo o Centro de Renovação Democrática (CRD). Inicialmente chamado de Rede Anti-Klan, o CRD emergiu do ultraje após a absolvição dos nazistas e membros da Klan que mataram 5 membros do Partido Comunista dos Trabalhadores e feriram outros 10 em um comício anti-Klan em Greensboro, na Carolina do Norte. A polícia estava visivelmente ausente quando eles abriram fogo. O tiroteio, que foi filmado com uma câmera, ficou conhecido como o “Massacre de Greensboro”.²⁹⁶ A ARA também aprendeu com o “novo comunismo” de ex-membros do *Sojourner Truth Organization* (STO) e *October League*, assim como o Comitê Anti-Klan John Brown (JBAKC).²⁹⁷ O JBAKC foi formado em 1978 por antigos membros do *Weather Underground*, a Organização Comunista 19 de maio (em homenagem ao aniversário compartilhado de Malcolm X e Ho Chi Minh), e por outros grupos. Membros dos Panteras Negras que estavam presos os informaram que o chefe do sindicato de guardas do Estado de Nova York era um *klansmen*. O JBAKC foi projetado para ser um grupo antirracista e anti-imperialista para os revolucionários brancos trabalharem lado a lado de pessoas não brancas. Seu primeiro jornal, *Death to the Klan!*²⁹⁸, citou Malcolm X ao dizer: “Precisamos de aliados que lutem e não nos digam para não sermos violentos. Se um homem branco quer ser um aliado, pergunte a ele o que ele acha de John Brown. Você sabe o que John Brown fez? Ele foi para a guerra”.

Como a citação sugere, o JBAKC promoveu oposição física à Klan. Em 1983, eles ajudaram a organizar uma contramanifestação de 1.200 pessoas que confrontaram a KKK em meio a uma saravada de pedras. No final dos anos 80, o grupo tinha cerca de 300 membros organizados em 13 cidades em todo o país. A essa altura, o nome de seu jornal havia mudado para *No KKK – No Fascist USA!* que eles tiraram da banda punk MDC (e que desde então se

tornou o maior hino popular anti-Trump: *No Trump – No KKK – No Fascist USA!*). O tamanho da JBAKC dobrou nos anos 90.²⁹⁹

O Comitê Anti-Klan John Brown havia se desenvolvido a partir de tradições mais amplas de resistência militante ao terrorismo supremacista branco, simbolizado pelo Partido dos Panteras Negras, pelo Exército de Libertação Negra e pelo nacionalismo negro, bem como pelos Boinas Marrons, Jovens Lordes, Jovens Patriotas e outros grupos semelhantes. Enquanto a lente política desses grupos foi moldada muito mais pelo anti-imperialismo do que uma tradição especificamente antifascista, os Panteras Negras frequentemente chamavam a polícia de “porcos fascistas” para destacar a hipocrisia da forçada imagem antinazista norte-americana enquanto a polícia aterrorizava a comunidade negra diariamente. E há um elemento de continuidade entre o punho cerrado antifascista e o poder negro. A autodefesa militante contra a violência supremacista branca pode, naturalmente, ser investigada ainda mais por meio de Malcolm X, os Diáconos para Defesa e Justiça, os escritos de Robert F. Williams e outros indivíduos e grupos, que se estendem por centenas de anos. Embora seja possível citar as origens da política antifascista militante na Europa, é crucial situar a ARA dentro de uma luta muito mais longa e mais profunda contra uma ampla variedade de homens da Klan, encapuzados ou não.

Os membros mais antigos do JBAKC e do Centro de Renovação Democrática estavam empolgados com esse aumento súbito de organização antirracista, como o *Baldie* de Minneapolis Kieran recorda, mas também compartilhavam algumas preocupações “legítimas” – como a presença de um machismo excessivo, enquanto outros recomendavam aos jovens skinheads que prestassem mais atenção à organização comunitária.

À medida que a ARA cresceu, esses problemas foram melhorados, mas tais desafios acometeram muitos grupos militantes antifascistas de uma forma ou de outra. O crescimento da ARA ocorreu inicialmente quando os *Baldies* fizeram uma turnê com a banda local *Blind Approach* e conheceram skinheads como o SHOC (Skinheads of Chicago³⁰⁰) e os *Brew City Skins*, de Milwaukee. A cultura skinhead dos antirracistas foi reforçada pela visita de Roddy Moreno, vocalista da banda britânica *Oi! The Opressed*, em Nova York em 1986. Nessa viagem, ele contou aos skinheads de Nova York sobre o SHARP (Skinheads Against Racial Prejudice³⁰¹), que ele havia formado na Grã-Bretanha vários anos antes. Posteriormente, o primeiro grupo SHARP foi

formado em Nova York em 1986 e ao longo dos anos seguintes, o SHARP e grupos similares como o RASH (*Red and Anarchist Skinheads*³⁰²) espalharam-se por toda a cena punk. Essas conexões informais foram ampliadas quando a *Maximumrocknroll* deu à AFA grande destaque em uma de suas matérias e, imediatamente, cartas começaram a chegar de todo o país.³⁰³

Um dos mais antigos grupos punks antirracistas apareceu em Atlanta, onde casas de shows começaram a receber regularmente “pessoas tatuadas com suásticas, literalmente fazendo a saudação nazista”. “Nos cansamos disso”, recorda um antifascista de Atlanta chamado Iggy, e “tudo começou como uma tentativa de criar uma cultura que fosse hostil a isso”. No início, Iggy e seus amigos ficavam do lado de fora de casas locais com panfletos que diziam “nazistas não são bem-vindos aqui”. Com o tempo, eles aprenderam táticas de organização comunitária com antigos radicais dos anos 1960 e se tornaram o “grupo de jovens não-oficial” da Rede de Vizinhos local em sua campanha anti-Klan. Iggy e seus colegas punks trabalharam duro para limpar os grafites nazistas espalhado pela área do distrito Five Points e começavam brigas com qualquer membro da *American Front* ou da *Old Glory Skins* que passassem por eles. Depois de um tempo, grupos de skinheads começaram a trazer seus novos recrutas usando camisetas dos *Hammerskins*³⁰⁴ para os Five Points para se provarem capazes enfrentando os antifascistas. De 1993 a 1994, no entanto, a organização antirracista erradicou amplamente qualquer presença nazista consistente na cena punk de Atlanta. Iggy se lembra que uma das últimas vezes que ele viu alguém entrar em um show vestindo uma camiseta do *No Remorse* (uma banda do *Blood&Honour*, ou B&H, a gravadora nazista): sem que os militantes da ARA tivessem que agir, um “skinhead negro bateu em sua cara quatro vezes, apagando ele e arrastando-o para fora completamente inconsciente pelos pés”. “Uau”, Iggy relembra, “nós conseguimos fazer com que essas pessoas se tornassem completamente inaceitáveis”.³⁰⁵

Conforme a ARA se espalhou pelos EUA, skinheads antirracistas canadenses começaram a enfrentar grupos fascistas como o *Aryan Nations*, em Edmonton, formando a Liga Antifascista em 1990. Depois que fascistas atacaram um jornalista e alguns antifascistas colando lambe-lambes, o grupo organizou uma manifestação ao lado de fora da casa dos skinheads. Quando eles saíram com espingardas modificadas ilegalmente, foram presos pela

polícia. Outros grupos similares surgiram, como o *United Against Racism*³⁰⁶ em Winnipeg e a Ação Antirracista de Toronto, formada em 1992.

Nos anos seguintes, eles confrontaram o grupo neonazi *Heritage Front*³⁰⁷ e organizaram campanhas de solidariedade com a *First Nations*.³⁰⁸ Em 1994, a Rede Antifascista do Centro-Oeste foi estabelecida. No ano seguinte, mudou para Rede da Ação Antirracista. A essa altura, a ARA estava se expandindo além de suas raízes na cena punk para abranger uma gama mais ampla e diversificada para as dezenas de milhares de ativistas organizados em mais de 200 localidades nos EUA, Canadá e América do Sul. Politicamente, a ARA era predominantemente anarquista e antiautoritária, refletido no papel influente da Federação Anarquista Revolucionária do Amor e da Raiva, embora também houvesse membros trotskistas, maoístas e outros militantes da esquerda.

À medida que as fileiras da ARA se expandiram e se diversificaram, o mesmo aconteceu com suas atividades. Os grupos da ARA defenderam clínicas de aborto contra os ataques fundamentalistas cristãos (o apoio à “liberdade reprodutiva” era um dos quatro pontos da ARA), organizaram patrulhas de autodefesa, protestaram contra a brutalidade policial, conduziram campanhas de solidariedade na Palestina e apoiaram o prisioneiro dos Panteras Negras Mumia Abu Jamal.³⁰⁹

No entanto, a ARA continuou “indo onde eles iam”, confrontando grande comícios da Klan do Centro-Oeste nos anos 90 e se opondo a outros grupos como a Igreja Mundial do Criador e a Aliança Nacional quando eles estavam competindo pelo poder dentro do movimento *white-power* no início dos anos 2000. Em janeiro de 2002, a supremacista Igreja Mundial do Criador deu seu lance para liderar o movimento. Seu líder, Matt Hale, organizou um evento em um bairro predominantemente negro e latino de York, na Pensilvânia, em solidariedade a 9 homens brancos, incluindo o ex-prefeito da cidade, que acabara de ser acusado do assassinato da filha de um pastor negro durante revoltas raciais em 1969. O testemunho contava como o prefeito havia entregado um rifle a um dos acusados com instruções de “matar o maior número possível de negros”.³¹⁰ Em 1999, um membro da Igreja Mundial matou duas pessoas e feriu outras 9 em uma série de atentados contra judeus e negros.³¹¹ Os organizadores da ARA viajaram para York com antecedência para se encontrarem com ativistas dos direitos dos imigrantes e ajudaram a reunir apoio local para uma contramanifestação.³¹²

Enquanto Hale conversava com um grupo de 70 pessoas dentro da biblioteca da cidade, uma multidão de apoiadores – incluindo *Hammerskins* de Baltimore com bandeiras nazistas – estava dividida por uma linha de policiais entre eles e os manifestantes antirracistas. Como recorda um jovem antirracista de Nova Jersey chamado Howie, os antirracistas estavam jogando bolas de neve contra os nazistas. Quando a polícia tentou mudar a posição da linha, um buraco se abriu e os antirracistas explodiram para dentro, provocando um tumulto. O argentino Luís (que se juntaria ao movimento antifa alemão alguns anos depois) tinha viajado para York com seus camaradas da NEFAC (Federação de Anarquistas Comunistas do Nordeste) de Boston. Ele contou como “nós conseguimos construir uma aliança tática espontânea com os jovens locais da vizinhança” que mostraram aos antirracistas um beco para contornar a polícia e alcançar os fascistas quando eles estavam partindo. Antirracistas mascarados estouraram as janelas e luzes dos carros dos nazistas, e a polícia teve dificuldade para responder à “luta de rua”. Um nazista tentou atropelar um grupo de antirracistas com sua caminhonete, carregando um deles no para-lama por quase seis metros. Vinte e cinco pessoas foram presas, incluindo o motorista da caminhonete. Segundo Murray, da ARA de Baltimore, “a comunidade e a ARA se uniram para expulsar os fascistas da cidade”.

Os fascistas organizaram vários comícios menores em York para compensar sua derrota. “A aparência de ser forte e poderoso” é importante para eles, explicou Howie, “eles não conseguiam se olhar da mesma forma no espelho depois de tomarem uma surra de uma garota vegana de 50 kg”. Após a manifestação, Howie e seus camaradas criaram a Ação Antirracista de Nova Jersey, baseada em New Brunswick.³¹³

Em agosto de 2002, foi a vez da supremacista Aliança Nacional dar o seu lance para a liderança do movimento planejado na maior reunião *white-power* desde a Segunda Guerra Mundial. Enquanto os nazistas marchavam com faixas dizendo “Diversidade é genocídio da raça branca”, membros da ARA, do NEFAC e do bloco antinazista árabe “perseguiram a marcha do começo ao fim”.³¹⁴ Não obstante, naquele dia, a ARA e seus aliados haviam desenvolvido um plano audacioso para impedir que um número considerável de supremacistas chegasse à manifestação. Sabendo que um grupo de cerca de 200 fascistas estava planejando se reunir no hotel Baltimore Travel Plaza e

pegar um ônibus fretado até D.C., eles juntaram “esforços para tentar parar seu transporte”, um antifa chamado Howie me explicou.

Naquela manhã, os antirracistas se reuniram em um ponto de encontro e dali se dividiram em dois grupos com o plano de convergir no Baltimore Travel Plaza, onde os ônibus estavam programados para chegar. O grupo de Howie estava “um pouco confuso” sobre o plano e não tinha certeza de onde o outro grupo estava. Alguns membros de seu grupo avançaram, enquanto ele ficou para trás com um dos carros. Como ele descreve, 25 antirracistas avançaram em direção à praça em meio a uma tempestade torrencial, apenas para descobrir que os ônibus já haviam sido destruídos.³¹⁵ Segundo uma fonte bem informada:

Cerca de uma hora antes da manifestação programada, um ônibus lotado de neonazistas de Detroit entrou no Travel Plaza. Várias versões relatam o que aconteceu em seguida: uma pequena multidão vestida de preto atacou os neonazistas. Apenas alguns carecas tinham saído do ônibus, e aqueles que o fizeram foram atacados. O ônibus levou a maior parte do dano, tendo suas janelas quebradas, pneus rasgados e o interior pulverizado com spray de pimenta. Tão rapidamente como chegaram, os agressores fugiram da cena, deixando para trás uma faixa que dizia “Esmague o Ódio”.³¹⁶

Uma vez que os militantes antirracistas perceberam que os ônibus já haviam sido atacados, “todos os policiais da cidade” se voltaram sobre eles. Enquanto a polícia se dirigia para procurar seus carros, Howie se escondeu debaixo de um deles. Dada a chuva forte, ele conseguiu evitar a prisão. Seus 28 camaradas presos, que vieram a ser conhecidos como os “28 Antirracistas de Baltimore”, foram inicialmente acusados pelos ataques de ônibus, mas, no final, todos foram libertados, uma vez que chegaram muito depois do fato.³¹⁷

No entanto, alguns antirracistas norte-americanos pagaram o preço final por sua militância durante essa época. Em 1998, uma mulher skinhead supremacista atraiu dois skinheads da ARA (um negro e um branco) chamados Daniel Shersty e Lin “Spit” Newborn para o deserto de Las Vegas. Lá, encontrou o resto do grupo neonazista que os matou a sangue frio.³¹⁸ “Dan”, disse seu pai, “morreu como um soldado que acreditava em sua causa – o antirracismo”.³¹⁹

Não é surpresa que a primeira manifestação pós-guerra com a essência estratégica do antifascismo militante moderno tenha surgido na Grã-

Bretanha, onde os fascistas se aproveitaram de suas parvas leis de liberdade de expressão para tentar renascer seu movimento. Apesar dos altos e baixos, o repertório estratégico básico estabelecido pelo Grupo 43 levou adiante o antifascismo britânico nas décadas seguintes. Na década de 1970, tornou-se muito mais ideológico e incrustado na subcultura punk. Desenvolvimentos semelhantes se espalharam pelo continente e além, à medida que as transformações demográficas, econômicas e políticas criaram abertura para a extrema-direita. Assim, podemos dizer que o antifascismo militante moderno, ou o que o historiador Gilles Vergnon chama de “*néoantifascisme*”, surgiu das estratégias de protesto confrontacional das primeiras décadas do pós-guerra, da política autonomista e das mudanças subculturais dos anos 70 e 80, e um amplo antirracismo (informado pelo anti-imperialismo) distinto das tendências pré-guerra dos antifascistas europeus de limitar sua análise antirracista ao antissemitismo.³²⁰ Na virada do século XXI, o antifascismo se tornou uma fórmula potente e portátil para confrontar o fascismo. No entanto, ao entrar no novo milênio, os antifascistas em um grande número de países teriam que recalibrar suas estratégias à medida que novos partidos de extrema-direita se popularizariam, ao distanciarem-se de políticas abertamente fascistas e explicitamente desumanas.

¹⁷¹ Beckman reconta ver a reportagem sobre Belsen. A reportagem que descrevo é sobre Buchenwald e Belsen, então pode ou não ter sido essa: <https://www.youtube.com/watch?v=-tGwjwK9pIM>.

¹⁷² Omer Bartov, *The Holocaust: Origins, Implementation, Aftermath* (London: Routledge, 2000), p. 1.

¹⁷³ N. do T.: Palavra que em russo significa “destruição” e, por extensão, atos de violência contra os judeus.

¹⁷⁴ Hann, *Physical Resistance*, p. 158.

¹⁷⁵ Hann, *Physical Resistance*, p. 159; Morris Beckman, *The 43 Group: Battling with Mosley’s Blackshirts* (Stroud: The History Press, 2013), p. 34.

¹⁷⁶ Mark Mazower, *Dark Continent: Europe’s Twentieth Century* (New York: Vintage, 2000), p. 239.

¹⁷⁷ Geoff Eley, “Legacies of Antifascism: Constructing Democracy in Postwar Europe,” *New German Critique* 67 (1996): p. 75.

¹⁷⁸ Eley, “Legacies of Antifascism,” 80, 94.

¹⁷⁹ Mary Fulbrook, *Anatomy of a Dictatorship: Inside the GDR 1949–1989* (New York: Oxford University Press, 1995), p. 24.

¹⁸⁰ David Cesarani, “Foreword to Second Edition,” in Beckman, *The 43 Group*, p. 13.

¹⁸¹ Beckman, *The 43 Group*, p. 26, 60–61, 159.

¹⁸² Richard Griffiths, “Anti-Fascism and the Post-War British Establishment,” in Nigel Copsey, ed., *Varieties of Anti-Fascism: Britain in the Inter-War Period* (New York: Palgrave Macmillan, 2010), p. 247.

- ¹⁸³ Beckman, *The 43 Group*, p. 35–36.
- ¹⁸⁴ *Ibid.*, p. 38–54.
- ¹⁸⁵ *Ibid.*, p. 34, 44–45, 52.
- ¹⁸⁶ N. do T.: Movimento da Unidade.
- ¹⁸⁷ *Ibid.*, p. 94–98.
- ¹⁸⁸ *Ibid.*, p. 192–193.
- ¹⁸⁹ Hann, *Physical Resistance*, p. 161–162.
- ¹⁹⁰ Beckman, *The 43 Group*, p. 127, 152, 166.
- ¹⁹¹ *Ibid.*, p. 71. Outra razão para esse declínio foi desocupação britânica da Palestina e a formação de Israel em 1940. Os fascistas não podiam mais condenar os judeus pelas ações das guerrilhas sionistas na Palestina que frequentemente atacavam as forças britânicas nos esforços para estabelecer um Estado sionista. Embora muitos membros do grupo fossem sionistas, o comunicado oficial do grupo foi “A Palestina é a Palestina e Hackney é Hackney. Uma situação não tem nada a ver com a outra”.
- ¹⁹² N. do T.: “Teddy Boy” foi uma subcultura britânica entre as décadas de 50 e 70. Era tipificada por homens usando roupas inspiradas na era eduardiana. Se iniciou em Londres na década de 1950 e espalhou-se rapidamente pelo Reino Unido, tendo ficado associada ao rock and roll e ao rockabilly. Os Teddy Boys costumavam brigar constantemente com os Mods - subcultura emergente da classe trabalhadora.
- ¹⁹³ N. do T.: Liga dos Legalistas do Império.
- ¹⁹⁴ N. do T.: Movimento pela Liberdade Colonial.
- ¹⁹⁵ Hann, *Physical Resistance*, p. 197–206.
- ¹⁹⁶ N. do T.: Movimento da Estrela Amarela.
- ¹⁹⁷ N. do T.: Comitê Antifascista Londrino.
- ¹⁹⁸ *Ibid.*, p. 218–228; Copsey, *Anti-Fascism in Britain*, p. 104–110.
- ¹⁹⁹ Clare Hanson, *Eugenics, Literature and Culture in Post-War Britain* (New York: Routledge, 2013), p. 106–107.
- ²⁰⁰ Christopher T. Husbands, “Racial Attacks: The Persistence of Racial Vigilantism in British Cities,” in Tony Kushner e Kenneth Lunn, eds., *Traditions of Intolerance: Historical Perspectives on Fascism and Race Discourse in Britain* (Manchester: Manchester University Press, 1989), p. 100–101.
- ²⁰¹ N. do T.: Sociedade de Preservação Racial.
- ²⁰² N. do T.: Libertação.
- ²⁰³ Hann, *Physical Resistance*, p. 231–244.
- ²⁰⁴ *Ibid.*, p. 244.
- ²⁰⁵ *Ibid.*, p. 251.
- ²⁰⁶ N. do T.: Movimento de Juventude de Southall.
- ²⁰⁷ N. do T.: Movimento da Juventude Asiática.
- ²⁰⁸ Nathalie Thomlinson, *Race, Ethnicity and the Women’s Movement in England, 1968–1993* (New York: Palgrave Macmillan, 2016), p. 78; Copsey, *Anti-Fascism in Britain*, p. 124–125.
- ²⁰⁹ N. do T.: Juventude Negra Unida.
- ²¹⁰ N. do T.: Grupo de Mulheres Negras de Brixton.
- ²¹¹ Renton, *When We Touched the Sky*, p. 27.
- ²¹² *Ibid.*, p. 57–72; Hann, *Physical Resistance*, p. 263–264; Copsey, *Anti-Fascism in Britain*, p. 126–129.

- ²¹³ Stephen A. King, *Reggae, Rastafari, and the Rhetoric of Social Control* (Jackson: University Press of Mississippi, 2002), p. 36–38; Mark S. Hamm, “From the Klan to Skinheads: A Critical History of American Hate Groups,” in Brian Levin ed., *Hate Crimes Volume 1: Understanding and Defining Hate Crime* (Westport: Praeger, 2009), p. 100; Dick Debdige, *Subculture: The Meaning of Style* (New York: Routledge, 1988), p. 54–56.
- ²¹⁴ Nathan Wiseman-Trowse, *Performing Class in British Popular Music* (New York: Palgrave Macmillan, 2008), p. 136–140.
- ²¹⁵ Renton, *When We Touched the Sky*, p. 32, 41.
- ²¹⁶ *Ibid.*, p. 33–46, 128, 158–159.
- ²¹⁷ *Antifa: Chasseurs de Skins*, directed by Marc-Aurèle Vecchione (2008; Paris: Resistance); Aude Konan, “Black Dragons: The Black Punk Gang Who Fought Racism & Skinheads in 1980s France,” *okayafrica*, August 10, 2016: <http://www.okayafrica.com/featured/black-punkblack-dragons-france/>.
- ²¹⁸ N. do T.: Nova Ordem.
- ²¹⁹ Jonathan Marcus, *The National Front and French Politics: The Resistible Rise of Jean-Marie Le Pen* (New York: New York University Press, 1995), p. 19, 52.
- ²²⁰ N. do T.: Cruz de Ferro.
- ²²¹ Robert Soucy, *French Fascism: The Second Wave 1933–1939* (New Haven: Yale University Press, 1995), p. 36.
- ²²² Soucy, *French Fascism: The First Wave*, p. 53.
- ²²³ Marcus, *The National Front*, p. 13.
- ²²⁴ *Ibid.*, p. 12–25.
- ²²⁵ Vergnon, *L’antifascisme en France*, p. 163.
- ²²⁶ Entrevista com Jean Louis Rançon, fevereiro de 2017.
- ²²⁷ Filo Loco, “Sideburns in the Suburbs: The Rockabilly Gangs of 1980s Paris,” *Vice*, 11 de fevereiro de 2015: https://www.vice.com/en_dk/article/gilles-elie-cohen-del-vikings-photography-paris-876.
- ²²⁸ Sylviane Dahan and Lluís Rabell, “SOS Racisme; Los límites de una resistencia cultural” in David Karvala et al., eds., *No Pasarán... aunque lleven trajes: La lucha contra la extrema derecha hoy* (Barcelona: La Tempestad, 2010), p. 129–133; Vergnon, *L’antifascisme en France*, p. 195.
- ²²⁹ N. do T.: Guerreiros Vermelhos.
- ²³⁰ *Antifa: Chasseurs de Skins*.
- ²³¹ N. do T.: Franco-atiradores Partisans.
- ²³² *Ibid.*; *Anti-Fascist Resistance in France* (Toronto: Arm the Spirit, 2000); Réseau No Pasaran, *Scalp*.
- ²³³ David Porter, *Eyes to the South: French Anarchists & Algeria* (Oakland: AK Press, 2011), p. 312.
- ²³⁴ Steve Wright, *Storming Heaven: Class Composition and Struggle in Italian Autonomist Marxism* (London: Pluto, 2002), p. 23.
- ²³⁵ *Ibid.*, p. 29.
- ²³⁶ N. do T.: Autonomia Operária.
- ²³⁷ George Katsiaficas, *The Subversion of Politics: European Autonomous Social Movements and the Decolonization of Everyday Life* (Atlantic Highlands, NJ: Humanities Press, 1997), p. 23–30, 39.
- ²³⁸ *Ibid.*, p. 66.
- ²³⁹ Geronimo, *Fire and Flames: A History of the German Autonomist Movement* (Oakland: PM Press, 2012), p. 103.
- ²⁴⁰ Katsiaficas, *The Subversion of Politics*, p. 111–112.

²⁴¹ N. do T.: “Fração do Exército Vermelho”, popularmente conhecido como “Grupo Baader-Meinhof”.

²⁴² Jeremy Varon, *Bring the War Home: The Weather Underground, the Red Army Faction, and Revolutionary Violence in the Sixties and Seventies* (Berkeley: University of California Press, 2004), p. 39.

²⁴³ Martin Klimke, *The Other Alliance: Student Protest in West Germany and the United States in the Global Sixties* (Princeton: Princeton University Press, 2011), p. 170.

²⁴⁴ Ben Mercer, “Specters of Fascism: The Rhetoric of Historical Analogy in 1968,” *Journal of Modern History* 88, no. 1 (2016), p. 96–129.

²⁴⁵ Nigel Copsey, “Crossing Borders: Anti-Fascist Action (UK) and Transnational Anti-Fascist Militancy in the 1990s,” *Contemporary European History* 25, no. 4 (2016): p. 712; Geronimo, *Fire and Flames*, p. 13; Katsiaficas, *The Subversion of Politics*, p. 209.

²⁴⁶ N. do T.: Folha de Informações Antifascista.

²⁴⁷ N. do E.: esporte olímpico de inverno que, junto com o bobsleigh e o skeleton, representam uma das distintas modalidades de descida em trenó.

²⁴⁸ N. do T.: Os Republicanos.

²⁴⁹ Katsiaficas, *The Subversion of Politics*, p. 161–170; Charles Hawley e Daryl Lindsey, “Racism and Xenophobia Still Prevalent in Germany,” *Der Spiegel*, 24 de agosto de 2012: <http://www.spiegel.de/international/germany/xenophobia-still-prevalent-in-germany-20-years-afterneo-nazi-attacks-a-851972.html>; Eric Brothers, “Issues Surrounding the Development of the Neo-Nazi Scene in East Berlin,” *European Judaism: A Journal for the New Europe* 33, no. 2 (2000): p. 46; “German ‘Skinheads’ Attack U.S. Lugers,” *Washington Post*, 31 de outubro de 1993: <http://www.washingtonpost.com/wp-srv/sport/olympics1998/history/1994/articles/94-attack.htm>.

²⁵⁰ Katsiaficas, *The Subversion of Politics*, p. 172–174.

²⁵¹ Peter Ulrich Wei., “Civil Society from the Underground: The Alternative Antifa Network in the GDR,” *Journal of Urban History* 41, no. 4 (2015): p. 647–664.

²⁵² Alexei Yurchak, *Everything was Forever, Until it was No More: The Last Soviet Generation* (Princeton: Princeton University Press, 2006), p. 214–215.

²⁵³ Weiß, “Civil Society from the Underground”; Alan Nothnagle, “From Buchenwald to Bismarck: Historical Myth-Building in the German Democratic Republic, 1945–1989,” *Central European History* 26, no. 1 (1993): p. 100.

²⁵⁴ Katsiaficas, *The Subversion of Politics*, p. 172–174; Copsey, “Crossing Borders,” p. 711–114; *Love & Rage* 7, no. 2: p. 14. Cortesia: Arm the Spirit (ATS).

²⁵⁵ Herausgeber innenkollektiv, *Fantifa: feministische Perspektiven antifaschistischer Politiken* (Münster: Edition Assemblage, 2013); “Antifa heißt (auch) Feminismus!” *Antifaschistisches Infoblatt*, 2 de fevereiro de 2013: <https://www.antifainfoblatt.de/artikel/antifa-hei%C3%9Ft-auch-feminismus>.

²⁵⁶ Birchall, *Beating the Fascists*, p. 107; Hann, *Physical Resistance*, p. 326–327.

²⁵⁷ Hann, *Physical Resistance*, p. 315.

²⁵⁸ N. do T.: Sangue e Honra.

²⁵⁹ Robert Forbes and Eddie Stampton, *The White Nationalist Skinhead Movement: UK & USA, 1979–1993* (Port Townsend, WA: Feral House, 2015), p. 253–256.

²⁶⁰ Birchall, *Beating the Fascists*, p. 159; Hann, *Physical Resistance*, p. 335.

²⁶¹ Birchall, *Beating the Fascists*, p. 157–166; Mark S. Hamm, *American Skinheads: The Criminology*

and *Control of Hate Crime* (Westport: Praeger, 1993), p. 36; Hann, *Physical Resistance*, p. 351–352.

²⁶² Copsey, “Crossing Borders,” p. 715–720.

²⁶³ Ibid., p. 720–724; Luma Nichol, “London antifascist conference sabotaged by sectarian politics of its organizers,” *Freedom Socialist*, janeiro de 1998: <http://www.socialism.com/drupal-6.8/?q=node/1312>.

²⁶⁴ N. do T.: Esquerda Antifascista Internacional.

²⁶⁵ Interview with Luís, abril de 2017; Simon Erlanger, “At Issue: ‘The Anti-Germans’ The Pro-Israel German Left,” *Jewish Political Studies Review* 21, No. 1/2 (2009): p. 95–106.

²⁶⁶ Norwegian information from Adrien Alexander Wilkins: “Vold og Motvold—Antifascistisk voldbruk i Norge 1990-2001”; “20 Jahre organisierte Antifa in Norwegen,” *Antifaschistisches Infoblatt*, janeiro de 2014: <https://www.antifainfoblatt.de/artikel/20-jahre-organisierteantifa-norwegen>.

²⁶⁷ Ibid.

²⁶⁸ N. do T.: Carrascos.

²⁶⁹ Katsiaficas, *The Subversion of Politics*, p. 115–119.

²⁷⁰ Job Polak, “A History of Dutch fascism and the militant anti-fascist response,” *libcom*: <https://libcom.org/history/history-dutch-fascismmilitant-anti-fascist-response>.

²⁷¹ N. do T.: Nova Ordem.

²⁷² N. do T.: Vanguarda Nacional.

²⁷³ N. do T.: Núcleo Armado Revolucionário.

²⁷⁴ Stanley G. Payne, *A History of Fascism 1914–1945* (New York: Routledge, 1995), p. 504–507; Robert C. Meade, *Red Brigades: The Story of Italian Terrorism* (Basingstoke: Macmillan, 1990), p. 34–56; Lia Luchetti and Anna Lisa Tota, “An ‘unaccomplished memory’: the period of the ‘strategy of tension’ in Italy (1969 1993) and the Piazza Fontana bombing in Milan,” in Anna Lisa Tota e Trever Hagen, eds., *Routledge International Handbook of Memory Studies* (London: Routledge, 2016), p. 386; Peter Dale Scott, *The Road to 9/11: Wealth, Empire, and the Future of America* (Berkeley: University of California Press, 2007), p. 182. Agradecimentos a Ahmed Daoud por partilhar informações de sua tese: “A conquistare la rossa primavera”? Politiche della memoria, uso pubblico dela Resistenza italiana e pratiche dell’antifascismo durante la Seconda Repubblica (1993-2009).

²⁷⁵ N. do T.: Brigadas Vermelhas.

²⁷⁶ Meade, *Red Brigades* 42–43; Barry Rubin and Judith Colp Rubin, *Chronologies of Modern Terrorism* (Armonk, NY: M. E. Sharpe, 2008), p. 43.

²⁷⁷ Meade, *Red Brigades*, p. 35, 84–86.

²⁷⁸ Entrevista com Niccolò Garufi, março de 2017.

²⁷⁹ N. do T.: Aliança Nacional.

²⁸⁰ Piero Ignazi, “Fascists and Post-Fascists,” in Erik Jones e Gianfranco Pasquino, eds., *The Oxford Handbook of Italian Politics* (Oxford: Oxford University Press, 2015), p. 220.

²⁸¹ N. do T.: Liga do Norte.

²⁸² Filippo Focardi, “Antifascism and the Resistance: Public Debate and Politics of Memory in Italy from the 1990s to the Present”, in García et al., eds., *Rethinking Antifascism*, p. 263.

²⁸³ N. do T.: Chama Tricolor.

²⁸⁴ N. do T.: Força Nova.

²⁸⁵ Entrevista com Niccolò Garufi.

²⁸⁶ Ibid.

- ²⁸⁷ N. do T.: Associação Nacional Partisan da Itália. A ANPI foi fundada por participantes da resistência italiana durante a Segunda Guerra Mundial.
- ²⁸⁸ Ibid.
- ²⁸⁹ N. do T.: Os Carecas.
- ²⁹⁰ N. do T.: Cavaleiros Brancos.
- ²⁹¹ *ARA Minneapolis Newsletter #1*, 1988 (Cortesia ATS); Entrevista com Kieran, abril de 2014.
- ²⁹² N. do T.: “Guerra de Classes” e “Bandeira Negra”, respectivamente.
- ²⁹³ Entrevista com Kieran, abril de 2014.
- ²⁹⁴ *ARA Minneapolis Newsletter #1*, 1988 (Cortesia ATS).
- ²⁹⁵ “Kieran Knutson of Anti-Racist Action, interview in Maximumrocknroll” in Stephen Duncombe e Maxwell Tremblay, *White Riot: Punk Rock and the Politics of Race* (London: Verso, 2011), p. 147–149.
- ²⁹⁶ Horace Randall Williams e Ben Beard, *This Day in Civil Rights History* (Montgomery: NewSouth Books, 2009), p. 333; Entrevista com Kieran, março de 2017.
- ²⁹⁷ Entrevista com Kieran, março de 2017.
- ²⁹⁸ N. do T.: “Morte a Klan!”
- ²⁹⁹ Harvey Klehr, *Far Left of Center: The American Radical Left Today* (New Brunswick: Transaction Publishers, 1991), p. 110–112; Zoe Trodd, “A Theatrical Manager: John Brown and the Radical Politics of the American Makeover Mythos” in Dana Heller, ed., *The Great American Makeover: Television, History, Nation* (New York: Palgrave Macmillan, 2006), p. 27; *Death to the Klan!*, Outono de 1983, 16 (Cortesia ATS); Apresentação do Comitê Anti-Klan John Brown na ROAR Conference em São Francisco, março de 2017.
- ³⁰⁰ N. do T.: Skinheads de Chicago.
- ³⁰¹ N. do T.: Skinheads Contra o Preconceito Racial.
- ³⁰² N. do T.: Skinheads Vermelhos e Anarquistas.
- ³⁰³ Entrevista com Kieran, março de 2017; “Kieran Knutson of Anti-Racist Action” in Duncombe e Tremblay, *White Riot*, p. 147–148; Timothy Brown, “From England with Hate: Skinheads and ‘Nazi Rock’ in Great Britain and Germany,” in Timothy Brown e Lorena Anton, eds., *Between the Avant-Garde and the Everyday: Subversive Politics in Europe from 1957 to the Present* (New York: Berghahn, 2011), p. 127–128; Kevin Young e Judith H. Sumner, “Beyond White Pride: Identity, Meaning and Contradiction in the Canadian Skinhead Subculture,” *The Canadian Review of Sociology and Anthropology* 34, no. 7 (maio de 1997): p. 175-206; Todd Ferguson, “Taking it Back, Making it Strong!: The Boundary Establishment and Maintenance Practices of a Montréal Anti-Racist Skinhead Gang”, (tese de mestrado, McGill University, 2002).
- ³⁰⁴ Os Hammerskins foram um grupo supremacista formado em 1988 em Dallas, Texas.
- ³⁰⁵ Entrevista com Iggy, março de 2017.
- ³⁰⁶ N. do T.: Unidos Contra o Racismo.
- ³⁰⁷ N. do T.: Frente Legado.
- ³⁰⁸ N. do T.: “Primeiras Nações” são como são chamados os povos indígenas aborígenes ao sul do Círculo Polar Ártico. Existem 634 tribos ligadas às “Primeiras Nações” espalhadas pela Canadá. Mais da metade nas províncias de Ontario e British Columbia.
- ³⁰⁹ *Anti-Racist Action Bulletin*, outubro de 2001, p. 3; Antifa Forum, *Antifascism in Canada* (Toronto: Antifa Forum, 1996); Entrevistas com Kristin, Walter Tull, Kieran, Gato e Howie.
- ³¹⁰ Daniel J. Wakin, “York, Pa., Mayor is Arrested in 1969 Racial Killing,” *New York Times*, 18 de

maio de 2001; Dennis B. Roddy, “York street fighting between neo-Nazis, anti-racists leads to 25 arrests,” *Pittsburgh Post-Gazette*, 13 de janeiro de 2002.

³¹¹ “Midwest shooting spree ends with apparent suicide of suspect,” *CNN*, 5 de julho de 1999: <http://www.cnn.com/US/9907/05/illinois.shootings.02/>.

³¹² Entrevista com Murray, abril de 2017.

³¹³ Roddy, “York street fighting”; “Billy Roper,” *Southern Poverty LawCenter*: <https://www.splcenter.org/fighting-hate/extremist-files/individual/billy-roper>; Entrevistas com Howie, Luís e Murray.

³¹⁴ Leonard Zeskind, *Blood and Politics: The History of the White Nationalist Movement from the Margins to the Mainstream* (New York: Farrar, Straus and Giroux, 2009), p. 533; Flint, “Fascists, Anti-Fascists and the State,” *Barricada*, 2002: <http://nefac.net/node/73>.

³¹⁵ Entrevista com Howie, março de 2017.

³¹⁶ Flint, “Fascists, Anti-Fascists”.

³¹⁷ Entrevista com Howie; Flint, “Fascists, Anti-Fascists”.

³¹⁸ Bethany Barnes, “Plea deal reveals new details in 1998 slayings of anti-racism activists,” *Las Vegas Sun*, 23 de março de 2014: <https://lasvegassun.com/news/2014/may/23/plea-deal-reveals-new-details-1998-slayings-anti-r/>.

³¹⁹ Lynda Edwards, “Death in the Desert,” *Orlando Weekly*, June 17, 1999: <http://www.orlandoweekly.com/orlando/death-in-the-desert/Content?oid=2263332>.

³²⁰ Vergnon, *L’antifascisme en France*, p. 185.

TRÊS: A ASCENSÃO DOS “NAZISTAS ENGRAVATADOS” E O ANTIFASCISMO HOJE

“Assustado pra caralho” e sem saber o que o esperava, Dominic embarcou em um trem noturno com destino a Heidenau, na Alemanha, onde neonazistas estavam atacando refugiados sírios recém-chegados. A xenofobia vinha crescendo na Alemanha desde o início das manifestações contra refugiados em 2013. Em outubro do ano seguinte, racistas tentaram incendiar um campo de refugiados perto de Rostock, provocando lembranças da infame revolta anti-imigração da cidade, 22 anos antes. Por volta de julho de 2015, os problemas aumentaram ainda mais à medida que os antifascistas se mobilizavam para defender um campo de refugiados de ataques neonazistas e hooligans em Dresden.

Um mês depois, o conflito atingiu seu ponto de ruptura no leste do país, reduto mais conservador. Na noite de 20 de agosto de 2015, uma tentativa de incendiar um centro de refugiados foi realizada. No dia seguinte, quatro ônibus que transportavam 250 refugiados para Heidenau (fora de Dresden) foram bloqueados por mil neonazistas, membros do Partido Nacional Democrata (NPD) e por moradores locais xenófobos que se revoltaram durante a noite. Dominic foi uma das várias centenas que respondeu a um chamado antifascista para defender os refugiados no que rapidamente havia se tornado uma questão de vida ou morte.³²¹

Ao chegar, Dominic e seus companheiros foram para o abrigo de refugiados. Ele podia “ver como [eles] ficaram aliviados porque eu e meus duzentos amigos brancos de classe média com nossas jaquetas pretas estávamos de tocaia na frente do abrigo para defende-los”. E quando os neonazistas atacaram com fogos de artifício, pedras e garrafas, os refugiados lutaram lado a lado com os antifascistas alemães, impedindo que os agressores chegassem ao abrigo. “Os refugiados me disseram”, lembra Dominic, “que eles vieram de uma zona de guerra onde eram ameaçados de morte todos os dias e agora são novamente ameaçados”. Dominic se sentiu “envergonhado” pelo seu país, mas a defesa dos refugiados sírios também o fez “sentir que essa é a coisa certa a se fazer” e era isso que ele queria “fazer até o fim”.³²²

A explosão da Guerra Civil Síria catalisou o maior influxo de refugiados que a Europa experimentou desde os imensos níveis de deslocamento após a Segunda Guerra Mundial. Embora a maioria dos 4,9 milhões de refugiados sírios que a guerra produziu tenha fugido para países vizinhos – com 2,5 milhões deslocados para a Turquia e um milhão para o Líbano, por exemplo – cerca de 1,3 milhão de refugiados da Síria, Afeganistão, Iraque e de outros países fugiu para a Europa em 2015, e outros 350 mil chegaram em 2016. No entanto, nem todos os migrantes tiveram tanta sorte – somente em 2016, pelo menos 4.812 pessoas morreram tentando atravessar o Mediterrâneo.³²³

A histeria nacionalista sobre os refugiados foi acentuada pela turbulência econômica causada pela crise financeira de 2008 e pelo medo generalizado que foi gerado nos últimos anos devido a uma série de ataques sangrentos realizados pelos chamados “radicais islâmicos”, incluindo o tiroteio no jornal humorístico francês *Charlie Hebdo*, o ataque à boate Bataclan em Paris, em 2015, as explosões no aeroporto e no metrô de Bruxelas em julho de 2016. E, mais recentemente, uma explosão fora de um concerto em Manchester, Inglaterra, que matou 22 pessoas em maio de 2017.

Os partidos de extrema-direita mantiveram uma interpretação étnica e linguística da cidadania para marginalizar os imigrantes e até mesmo as minorias de segunda ou terceira geração. Eles alertaram para o aumento do crime (especialmente a agressão sexual), a pressão sobre a funcionalidade dos serviços sociais, a competição por empregos e, fundamentalmente, a perda da identidade nacional, racial, cultural e religiosa. De acordo com o slogan do partido francês *Front National* (FN) nos anos 1970, “um milhão de desempregados é um milhão de imigrantes a mais”.³²⁴ Embora as estatísticas mostrem que os refugiados não causaram aumento notável na pobreza ou no crime, “a percepção é a realidade”, argumentou Georg Pazderski, do partido de extrema-direita *Alternative für Deutschland*³²⁵ (AfD), “e, no momento, nossos cidadãos se sentem indispostos, inseguros”.³²⁶

Nesse tenso contexto, um número significativo de partidos de extrema-direita emergiu da relativa obscuridade para desafiar a ordem europeia ao se livrar de suas origens ou associações explicitamente fascistas, a fim de cultivar um apelo predominantemente *mainstream*. Ao passar do racismo biológico para a diferença cultural, a segurança e a escassez, eles aproveitaram e fomentaram medos populares sobre a imigração. Eles também capitalizaram com a indignação contra medidas de austeridade que os

partidos socialistas e de esquerda frequentemente aceitavam ou até mesmo orquestravam a contragosto. Suas soluções “eurocéticas” implicavam em um afastamento do “globalismo” da União Europeia (EU) em direção ao retorno à soberania tradicional e ao chauvinismo do Estado-nação.

Essas políticas estavam se configurando por toda a Europa. No Reino Unido, o voto do “Brexit” de 2016 para que o Reino Unido deixasse a UE foi em grande parte alimentado pelo partido de extrema-direita *United Kingdom Independence Party*³²⁷ (UKIP). Da mesma forma, na França, o feroz anti-imigração *Front National* (FN) ganhou 27% dos votos nacionais em dezembro de 2016, e Marine Le Pen, que assumiu em 2011 a liderança do partido de seu pai, Jean-Marie, conquistou 33,9% do total de votos em sua malsucedida aposta para a presidência em 2017. Na Áustria, Norbert Hofer do Partido da Liberdade da Áustria (FPÖ), cujo slogan foi “A Áustria primeiro”, obteve 49,7% dos votos nas eleições presidenciais de 2016, mas ficou aquém do vitorioso Partido Verde. Da mesma forma, na Holanda, o Partido pela Liberdade (PVV), personificado pelo profundamente anti-muçulmano Geert Wilders, parecia prestes a vencer as eleições gerais de 2017 após uma década de crescente *momentum*, entretanto, o PVV conquistou apenas 20 cadeiras, bem abaixo dos 33 assentos aliados ao primeiro-ministro de centro direita. Em 2014, o partido de extrema-direita *Jobbik* conquistou 20% dos votos e se tornou o terceiro maior partido da Hungria. Dois anos antes, o *Jobbik* propusera uma nova legislação visando o “desvio sexual”, com sentenças de até oito anos. Na Grécia, o *Golden Dawn*³²⁸, que o comissariado de Direitos Humanos do Conselho Europeu chamou de “neonazista e violento”, tornou-se uma força política de terceiro escalão desde que conquistou 18 assentos parlamentares em 2012. Na Finlândia, um partido de extrema-direita chamado *Finns* se tornou o segundo maior partido da coalizão governista. Partidos de direita similares também ascenderam na Escandinávia: o Partido do Povo Dinamarquês tornou-se a segunda maior força política na Dinamarca ao conquistar 21% dos votos em 2015. E os Democratas da Suécia também se tornaram o terceiro maior partido em seu país.³²⁹

Na Alemanha, o eurocentrismo anti-imigração tem sido defendido pela nova *Alternative für Deutschland* (AfD). Embora tenha sido fundado em 2013 por jornalistas neoliberais e economistas em oposição ao socorro grego oferecido pela chanceler Angela Merkel, se desviou ainda mais para a direita

quando ela decidiu abrir as portas do país para mais de um milhão de refugiados em 2015. Naquele ano, na Alemanha, ocorreram mais de mil ataques contra abrigos de refugiados, refletindo uma indignação generalizada com a política de imigração do governo. O sentimento anti-imigração só aumentou quando, de acordo com a polícia, 80 mulheres relataram terem sido agredidas sexualmente por mil homens “de aparência árabe ou norte-africana”, na véspera de Ano Novo de 2016.

A AfD capitalizou avidamente o crescente frenesi anti-imigração, argumentando que “o Islã não pertence à Alemanha”, uma posição que, segundo as pesquisas, 60% dos alemães concordaram. Enquanto o partido atingiu o pico de 16% a nível nacional no final de 2016, sua influência ultrapassou seu eleitorado. A AfD desempenhou um papel importante para pressionar Merkel a pedir desculpas por sua postura aberta em relação aos refugiados e a fechar um acordo com a Turquia para reduzir o número de sírios que seriam autorizados a entrar na Europa. Além disso, o partido de Merkel começou a disputar agressivamente o eleitorado da AfD, propondo uma proibição de burcas em público e uma nova Lei de Integração que controlaria onde os refugiados poderiam viver e os forçaria a aprender a língua, a cultura e a história da Alemanha.³³⁰

É claro que a história alemã estava no centro do conflito sobre imigração. Por gerações, o nacionalismo alemão havia sido contaminado por sua associação com o regime nazista. Esse legado alimentou o argumento universalista de Merkel de que o passado destrutivo do país lhes dava o dever de abraçar os refugiados. Porém, segundo Björn Höcke, líder da AfD, os anos de “vergonha” nacional deixaram o país com “a mentalidade de um povo totalmente vencido”. Em vez disso, ele argumentou que os alemães deveriam enfatizar que “não há pessoas que tenham dado mais esforços à humanidade que a Alemanha”.³³¹ O projeto de recuperar a “grandeza” nacional alemã começou sua conflituosa ascensão na década de 1990, após a reunificação. Talvez sua maior manifestação pública seja a comemoração de um bombardeio contra os aliados em Dresden que matou 25 mil pessoas. Tendo começado em 1999 e pego fôlego com o novo milênio, neonazistas de toda a Europa se reúnem em Dresden anualmente em fevereiro para lamentar aquilo que o NPD chamou de “Holocausto de bombas”.

Mas à medida que o número de nazistas cresceu aos milhares, o mesmo aconteceu com o número de antifascistas, que em 2004 marcharam contra

eles em Dresden com uma faixa que dizia “Chorem mais, nazistas – contra todas as formas de revisionismo histórico”.³³²

Essa foi a mesma época em que Dominic formou um grupo antifa com outros 10 jovens punks em sua pequena cidade de quinze mil habitantes no oeste da Alemanha. Como “muitos jovens” na Alemanha, o antifascismo foi sua “primeira parada no processo de radicalização política”. O pequeno grupo de Dominic se concentrou em investigar skinheads locais e distribuir panfletos informativos “para dificultar a vida dos nazistas”. Todo segundo fim de semana do mês, cerca de 100 nazistas organizavam manifestações em sua região, onde seriam confrontados não apenas por milhares de autonomistas, mas também por contramanifestações de prefeitos e grandes partidos políticos locais. Dominic se lembra de como foi “fácil desacreditar os nazistas mais durões”, já que os antifascistas podiam ter certeza de que “a sociedade dominante estava com a gente em um nível discursivo e às vezes até físico”. Esses eram “tempos fáceis, comparados com os dias de hoje”, ele me conta, melancólico.³³³

O apogeu desse “período clássico” do antifascismo, como Dominic chama, ocorreu quando os antifascistas finalmente conseguiram bloquear a marcha nazista anual de Dresden (que se tornou a maior do gênero na Europa) em 2010. Naquele ano, a aliança antifascista “No Pasarán” e a coalizão *Dresden-Nazifrei* mobilizaram enormes bloqueios de 12 mil pessoas – incluindo uma corrente humana no centro de Dresden – e incendiaram barricadas que perturbaram completamente o transporte nazista e forçaram a polícia a cancelar o evento. Comentaristas conservadores argumentaram que o confronto era contraproducente porque “quanto mais alta a indignação contra os neonazistas, mais eles são incitados a continuar suas provocações. Isso cria para eles um palco perfeito”. No entanto, uma vez que os antifascistas finalmente conseguiram parar a marcha após uma década tentando, a participação nazista na comemoração de Dresden despencou de cerca de 6 mil pessoas para 500 em 2011.³³⁴ Apesar de tudo, não foi um “palco perfeito”.

Enquanto antifascistas alemães “celebravam o sucesso em ter parado os nazistas”,³³⁵ como Dominic colocou, o panorama da política de extrema-direita mudou rapidamente sob seus pés por volta de 2013 com o desenvolvimento da AfD e a fundação em 2014, dos Patriotas Europeus Contra Islamização do Oeste, em Dresden, conhecido pela sigla em alemão

PEGIDA. Todas as segundas-feiras, o PEGIDA organizava “passeios noturnos” cantando “Ali Vão pra Casa!” com cartazes denunciando “Fatima Merkel”. Em pouco tempo, esses “passeios” cresceram a ponto de contar com 15 mil pessoas.³³⁶

De muitas maneiras, o PEGIDA representou um desafio muito mais sério para o movimento antifascista do que as rotineiras marchas nazistas anuais da década anterior. O primeiro desafio foi logístico: é muito mais fácil se mobilizar contra manifestações anuais do que se opor a manifestações semanais. Além disso, dada a natureza mais direitista do leste, grande parte da oposição às marchas nazistas anuais não era local, mas “exportada para Dresden”, como explica Dominic.

Em uma região onde “o movimento nazista era muito mais aceito pelas pessoas normais” do que no oeste, o PEGIDA conseguiu cultivar uma tradicional e respeitável plataforma islamofóbica, que aproveitou do espírito dos protestos democráticos de 1989 usando o slogan “Nós somos pessoas”.³³⁷ Havia também outros slogans: em uma referência às agressões sexuais em Colônia, um líder do PEGIDA usava regularmente uma camiseta que dizia “*Rapefugess not welcome*”.³³⁸ Na verdade, ao focarem exclusivamente nas deformações mais autoritárias do Islã, que se opunham à democracia política, à homossexualidade ou ao feminismo, por exemplo, sem reconhecer que a maioria das religiões ocidentais possuem tendências equivalentes, muitos europeus de esquerda e de centro foram atraídos para grupos como o AfD e o PEGIDA.

Os críticos chamaram o PEGIDA de “nazistas engravatados” para enfatizar o fascismo subjacente à sua aparente respeitabilidade. Essa imagem convencional muitas vezes forneceu cobertura para as atividades neonazistas e para membros violentos de grupos como o *Hooligans Against Salafists*³³⁹ (HoGeSa), a *German Defence League*³⁴⁰ (uma homenagem à contraparte inglesa) e as gangues de motoqueiros de direita.³⁴¹ Na verdade, depois de sua formação em Dresden, muitos outros “GIDAS” surgiram em todo o país, como o KAGIDA em Kassel e o BAGIDA na Baviera. O mais bem-sucedido dos *spinoffs* do GIDA foi o LEGIDA, de Leipzig, que conseguiu mobilizar alguns milhares de manifestantes. Entretanto, esforços similares no oeste foram malsucedidos. A capacidade de organização do PEGIDA parece ter atingido seu pico em janeiro de 2015, embora tenha conseguido se expandir

para vários países europeus, incluindo Dinamarca, Noruega, Suécia, Holanda e Reino Unido.³⁴²

Segundo Dominic, a ascensão da AfD e do PEGIDA “trouxe uma crise ao antifascismo tradicional ao se ver não mais confrontado por uma pequena minoria radical, mas por uma enorme proporção da sociedade que se articula de maneira racista... ‘táticas militares’ [antifas] não funcionam se você está enfrentando 15 mil pessoas em Dresden ou um partido que pode ganhar 20% dos votos”.

O desafio em adaptar a estratégia antifascista para enfrentar um inimigo mais popular e *mainstream* aparentemente aproximou os movimentos antifascistas e antirracistas – antes bastante separados – para realizarem ações conjuntas de apoio aos refugiados. Por exemplo, embora a maioria das tentativas de ocupação de lares para os refugiados tenha sido reprimida pela polícia, em face de uma reação xenófoba, radicais alemães e imigrantes recém-chegados começaram a trabalhar em conjunto na busca de moradia e melhores condições de vida.

Enquanto isso, o crescimento das políticas de extrema-direita prosperava com a rejeição da “ideologia de gênero” que havia infringido o patriarcado tradicional. Esse aspecto do ressurgimento de extrema-direita promoveu o desenvolvimento de grupos “fantifa” (feministas antifascistas), como o *Queerfeministische Fantifa Frankfurt*, seguindo a tradição dos anos 90. Em maio de 2016, houve um Fantifa Kongress em Hamburgo “aberto a todos os gêneros”. Sua declaração de missão dizia: “Como atualmente a Antifa é excludente e não atraente para mulheres, uma reavaliação vigorosa do movimento antifascista deverá ser realizada”.³⁴³

No entanto, apesar de várias tentativas em adaptar o antifascismo à nova ameaça das políticas populistas de extrema-direita, Dominic lamenta que o movimento ainda não tenha uma “resposta”. E por fim, defende uma dupla estratégia que implique “um movimento político aberto a muitas questões, juntamente com uma ala militar que combata os problemas concretos na base... você pode separá-los na estrutura, mas eles não são excludentes um do outro”.³⁴⁴

Uma dinâmica semelhante se desenrolou na Dinamarca nas últimas duas décadas. Enquanto a antifa alemã se mobilizava todos os anos contra as marchas nazistas em Dresden, a antifa dinamarquesa se organizava contra uma manifestação anual que comemorava o suicídio do ex-líder nazista

Rudolf Hess em 1987. Em 1992, 2 mil nazistas marcharam em sua homenagem na Alemanha, mas depois que a repressão do Estado começou a dificultar o evento, ele foi transferido pela primeira vez em 1995 para Roskilde, na Dinamarca. Lá, eles confrontaram um movimento antifascista que se originou como uma resposta ao atentado neonazista no escritório dos Socialistas Internacionais em 1992, onde um jovem antirracista chamado Henrik Christensen foi morto. O assassinato ultrajou a esquerda dinamarquesa, e vários grupos criaram a Rede Antirracista, enquanto a Ação Antifascista se desenvolveu a partir do movimento de ocupação autonomista de Copenhague, liderados pela Brigada de Ocupação (BZ), que havia sido bastante formidável na década de 1980.³⁴⁵

No final dos anos 90, coligações massivas de sindicatos, partidos de esquerda e militantes antifascistas se uniram para bloquear a rota pretendida pela marcha de Rudolf Hess quando ela partiu da sede dos nazistas em uma pequena cidade fora de Roskilde. Embora não houvesse muitos nazistas dinamarqueses na época, os suecos e alemães ligados ao *English Combat 18* e o *Blood & Honour* estavam frequentemente no país. Ole, um antifascista dinamarquês, me explicou como os organizadores desenvolveram sua estratégia de frente dupla para conseguir frustrar a comemoração. Primeiro: os partidos e sindicatos mobilizaram cerca de mil pessoas no meio da madrugada para montar um enorme acampamento bloqueando a estrada, com palcos para autofalantes e shows de música. Segundo: pequenos grupos de antifascistas bloquearam as estações de trem para que os nazistas não pudessem sair da cidade para irem comemorar em outro lugar – houve um ano em que os nazistas simplesmente andaram até a esquina de sua sede para tirar uma foto com suas faixas, voltaram para dentro e as publicaram na internet.

Para conseguir impedir até mesmo essa data simbólica, no ano seguinte, os militantes dinamarqueses da antifa chegaram à sede dos nazistas logo no início da manhã para impedir que eles saíssem para tirar fotos. Eles trabalhavam em coordenação com a antifa alemã, que posicionava batedores no porto de balsas para poder alertar os dinamarqueses quando os nazistas alemães cruzassem o mar Báltico. Ole ri ao se lembrar de como a frustração de estarem presos em sua própria sede fez os nazistas brigarem entre si, criando uma cisão no grupo.³⁴⁶ O bem-sucedido bloqueio da marcha celebrando Hess destruiu o nazismo dinamarquês e, nos anos seguintes,

espantou a maioria dos carecas das ruas para a internet.³⁴⁷ No entanto, a coligação entre a esquerda governista e o antifascismo militante também sofreu quando os sociais-democratas desautorizaram a antifa em um esforço para cortejar eleitores mais moderados.³⁴⁸

Enquanto vários grupos fascistas tentaram criar uma presença política pública durante a última década, talvez o método mais bem-sucedido de combate tenha sido a exposição de suas ações e identidades. Em inglês, isso é chamado de *doxxing* (ou “doxing”): tornar pública a informação privada de alguém para intimidá-la ou alavancar a opinião pública para constrangê-la, demiti-la ou causar algum outro resultado negativo. Embora pesquisar e expor os fascistas seja há muito tempo um dos elementos básicos do antifascismo pós-guerra, seu escopo se expandiu com o crescimento da internet e das redes sociais. Hoje em dia, a prática desempenha um papel central tanto nos manuais fascistas quanto antifascistas.

Rasmus Preston é um cineasta antifascista dinamarquês com um pouco de experiência pessoal em ambos os lados da guerra de *doxxing*. Em 2012, ele foi contra a ortodoxia antifascista ao tornar pública sua participação no *Projekt Antifa* em Copenhague. Em retrospecto, ele reconhece que sua “decisão foi mais séria do que pôde perceber na época”, já que o resultado foi o tipo de assédio que força a maioria dos antifascistas a esconderem suas identidades. Nos meses seguintes, os nazistas o expuseram na internet, o agrediram verbalmente várias vezes e regularmente enviavam ameaças de morte. No entanto, “eu não me arrependi”, ele explica, porque “é importante não ter medo e mostrar que a face do antifascismo não é uma pessoa mascarada de capuz preto, mas a política de seres humanos reais que têm sentimentos e são humanos em todas as formas”. Por outro lado, Preston é uma das figuras principais do grupo de pesquisa antifascista Redox, que teve seu início em 2006 quando torpedeou o *Danish Front*³⁴⁹ ao postar fotos de seus líderes com tatuagens de suásticas, refletindo na demissão de seus empregos. Preston explicou como o “*doxxing* é uma ferramenta muito importante para criar conflitos dentro dos movimentos de extrema-direita”, porque estabelece um constante “fardo mental”.³⁵⁰

No entanto, de acordo com Preston, o *doxxing* e estratégias antifascistas tradicionais foram insuficientes para derrotar a nova onda populista de extrema-direita na Dinamarca. Às vezes, mobilizações antifascistas de rua contra o pequeno PEGIDA dinamarquês, renomeado *For Freedom*³⁵¹,

conseguiram atrapalhar os planos dos organizadores anti-imigrantes. Em dezembro de 2016, antifascistas de Copenhague incendiaram barricadas em frente a uma faixa em inglês que dizia “Faça os racistas sentirem medo novamente” (uma clara homenagem ao movimento anti-Trump) em um esforço para deter a marcha dos supremacistas.³⁵²

Contudo, é o crescimento de outro grupo, o *Danish People’s Party*³⁵³ (DPP), que representa uma ameaça mais séria para os antifascistas. Fundado em 1995, o DPP cresceu continuamente nos anos 2000, antes de vencer as eleições parlamentares europeias de 2014 para, em seguida, ganhar 21% dos votos em 2015 e se tornar o segundo maior partido da Dinamarca. Grande parte de seu sucesso se deve à incorporação estratégica de ideais anti-imigrantistas, anti-muçulmanos e anti-UE em uma “readaptação mais tradicional do estado de bem-estar social” dinamarquês. Isso permitiu “ir até o limite do que você pode dizer e de que tipo de políticas você pode defender”, argumenta Preston.

Mais recentemente, porém, o DPP “enfraqueceu” sua oposição à UE e à imigração para apoiar o governo minoritário de Lars Løkke Rasmussen – abrindo espaço político à direita de seu partido para o surgimento do Nova Direita (Nye Borgerlige) em 2015. Esse partido emergente associou a xenofobia populista com uma plataforma econômica neoliberal e atacou o DPP por sua complacência com relação à imigração depois que o país recebeu mais de 20 mil pedidos de asilo em 2015. Embora o Nova Direita marque apenas entre 2,6% e 4,5% nas pesquisas, o fato de que a maioria de seus eleitores sejam oriundos do DPP puxou novamente o partido para a direita: em fevereiro de 2017, o DPP argumentou que os imigrantes muçulmanos deveriam celebrar o Natal e frequentar a igreja “se eles quisessem ser dinamarqueses”, e a declaração posterior de que “imigrantes e seus descendentes” não poderiam ser dinamarqueses, mesmo se eles tivessem nascido no país ou fossem cidadãos, foi vigorosamente apoiada pelo parlamento.

Em suma, a maré xenófoba cresceu tanto na Dinamarca que até os sociais-democratas se moveram para a direita dizendo que o governo deveria pagar os imigrantes para “irem para casa”.³⁵⁴

Antifascista de longa data, Preston explicou o desafio e sua opinião sobre o caminho a seguir:

Antigamente, com os grupos nazistas violentos, a estratégia era muito óbvia. Certifique-se de que eles não marchem, os bloqueie, esteja pronto para enfrentá-los fisicamente e, se necessário, impedi-los de se organizar. Agora ficou bem mais difícil. Contra os movimentos populistas, é muito difícil justificar estratégias militantes enquanto a opinião pública está mudando, já que a violência advogada pela extrema-direita, não está clara e aparente (mas escondida em suas políticas, influenciando principalmente não-brancos, pessoas de fora da “tribo/comunidade nacional”). Aqui a estratégia antifascista clássica encontra seus limites. Precisamos construir movimentos socialistas libertários que consigam formular respostas para as mesmas perguntas que a extrema-direita faz.³⁵⁵

Nesse meio tempo, na Suécia, o equivalente às marchas de Dresden e Roskilde era a marcha anual de Salem, que celebrava Daniel Wretström, um neonazista sueco supostamente morto em uma briga contra jovens imigrantes em 2000. A partir do ano seguinte, neonazistas de toda a Suécia e de toda a Europa (incluindo até mesmo alguns norte-americanos) convergiram para a pequena cidade de Salem, fora de Estocolmo, para marchar silenciosamente com tochas fascistas erguidas para lembrar Wretström e promover a supremacia branca.

Durante a década anterior, a Suécia estabeleceu a reputação de ser a casa de um dos movimentos neonazistas mais violentos do continente (apesar de seu pequeno tamanho), que girava principalmente em torno da cena de rock *white-power*. De 1989 a 1991, neonazistas realizaram mais de 100 ataques contra campos refugiados. Nos dois anos seguintes, John Ausonius, conhecido como “homem laser”, realizou uma série de atentados – ferindo cerca de dez pessoas e matando uma - contra pessoas negras na rua antes que pudessem prendê-lo. Em 1995, um grupo de neonazistas assassinou dois garotos e um jogador de hóquei homossexual. Em 1999, após uma série de assaltos a banco, atentados contra um escritório sindical e o carro de um jornalista, a violência atingiu seu clímax com os assassinatos do sindicalista Björn Söderberg e de dois policiais.³⁵⁶

Mas toda essa violência neonazista provocou uma dura reação social. As manifestações contra o terror racista atraíram milhares de pessoas, enquanto os principais jornais publicaram os nomes e fotos dos principais líderes nazistas do país, esmagando efetivamente o movimento. Foi depois disso que a morte de Wretström, em 2000, se tornou a oportunidade perfeita para os neonazistas do *National Socialist Front*³⁵⁷, o *Swedish Resistance Movement*³⁵⁸ (SMR) e outros se reinventassem como vítimas ao invés de agressores. Em 2003, a marcha de Salem atraiu 2 mil neonazistas e simpatizantes, se tornando a maior marcha nazista na história escandinava.

Entretanto, não foi sem oposição. Em Salem, neonazistas foram confrontados pelo movimento antifascista sueco e seus aliados nacionais e internacionais. A *Antifascistisk Aktion* (AFA) sueca foi oficialmente formada em 1993, após vários anos de organização e trabalho em rede de militantes anarquistas e autonomistas antifascistas que estavam em contato com seus camaradas alemães, britânicos e dinamarqueses. De acordo com Dolores C., militante antifascista de longa data e organizadora do sindicato anarcossindicalista SAC (*Sveriges Arbetares Centralorganisation*), no final da década de 1990, a AFA sueca tinha muitas líderes proeminentes e a rede como um todo dava um grande destaque ao feminismo.³⁵⁹

Na década seguinte, Dolores e seus camaradas dedicaram uma quantidade inimaginável de tempo e esforço na organização contra a marcha de Salem. Em 2002 e 2003, os antifascistas tentaram acabar a marcha bloqueando fisicamente a estação de trem para que os nazistas não pudessem embarcar. Embora tenham conseguido atrasar o evento, eles foram violentamente espancados pela polícia. Assim, a resposta da polícia forçou os organizadores a “experimental” novas estratégias. Em 2004, vários antifascistas se vestiram “normalmente” para se misturar com a multidão na estação de trem de Estocolmo, bloqueando as entradas dos trens com destino a Salem para que não pudessem parar em segurança na estação, enquanto um outro grupo, usando bandanas e capuzes, ficava atrás de uma grande faixa bloqueando as várias entradas da estação. No ano seguinte, os antifascistas repetiram a mesma estratégia em várias outras estações de trem, à medida que o número de nazistas na marcha de Salem ia diminuindo.

Sindicalistas antifascistas que trabalhavam como maquinistas e cobradores colocaram uma “notificação de segurança” aos seus chefes dizendo que não iriam trabalhar naquele dia porque era inseguro transportar neonazistas. Outras táticas incluíam embarcar nos vagões nazistas para realizar uma inspeção de segurança ou até mesmo se aproximar de uma mulher neonazista escalada para o discurso principal do dia seguinte para cortar seus longos cabelos loiros.

Segundo Dolores, os organizadores da antifa sueca “aprenderam que o melhor é ter diversidade de táticas”. Depois que um grande bloco antifascista foi atacado por policiais da cavalaria em 2006, os organizadores se deram conta que formar uma grande massa de militantes só os tornava mais fáceis de conter. Em 2007, os manifestantes antifascistas tentaram dispersar-se em

grupos menores para espalhar a polícia e darem-se tempo para causar estragos suficientes para acabar a marcha. Alguns grupos começaram incêndios, outros dispararam fogos de artifício, enquanto outros entoaram coros antifascistas. O caos e o conflito que os antifascistas produziam diminuiu a influência na marcha nazista ano após ano até seu encerramento em 2011. Os organizadores assumiram o crédito por conseguir bloquear as tentativas neonazistas de desenvolver uma base mais ampla de apoio, espantando inclusive os supremacistas brancos mais dedicados.³⁶⁰

Embora os antifascistas tenham conseguido acabar definitivamente com a marcha em Salem, os neonazistas ainda representavam uma grave ameaça. Em 15 de dezembro de 2013, cerca de 30 membros do SMR atacaram uma manifestação antirracista que acontecia em um subúrbio de Estocolmo. Embora mais tarde a polícia tenha admitido ter recebido uma dica sobre o ataque com antecedência, eles posicionaram apenas 6 guardas durante a manifestação, e enquanto neonazistas vestidos de preto avançavam, os 6 policiais fugiram atrás de seus capacetes – deixando uma multidão de idosos e famílias antirracistas exposta. Os poucos militantes antifascistas presentes se adiantaram para defender a multidão. Um deles, Joel Bjurströmer Almgren, notou que vários dos agressores da SMR estavam portando facas. Ciente de que os neonazistas da SMR eram responsáveis por vários ataques a facas, sendo um deles fatal, no ano anterior, ele decidiu que não deixaria o mesmo destino acontecer a nenhum dos seus companheiros ou à “manifestação desprotegida”. Joel “puxou sua faca e entrou no meio do caos”. Sentindo que “não tinha escolha”, a fim de defender a multidão, ele esfaqueou um dos nazistas. Atualmente ele cumpre 5 anos e meio por “tentativa de homicídio, desordem violenta e porte ilegal de arma”.³⁶¹

Meses depois, alguns membros do neonazista Partido dos Suecos atacaram 4 feministas indo embora para a casa após uma manifestação do Dia Internacional da Mulher na cidade de Malmö, causando ferimentos tão graves que todas tiveram que ser hospitalizadas. Showan, um sueco-iraniano de 25 anos e fundador da seção sueca dos “Fãs de Futebol Contra a Homofobia” entrou em coma, mas conseguiu se recuperar.³⁶²

Por volta dessa mesma época, o grupo antifascista semiclandestino Frente Revolucionária (*Revolutionära Fronten*) começou a ganhar notoriedade quando começaram a atacar casas de conhecidos neonazistas, arrebentando suas portas com machados, as destruindo completamente e depois postando

os vídeos online. Ao contrário da Dinamarca, onde fascistas e antifascistas aparentemente têm uma regra não escrita que os impede de irem às casas uns dos outros, tais limites não existem na luta sueca. De acordo com Dolores C., algumas pessoas no meio antifa tinham preocupações sobre sua decisão de postar os vídeos online e fazer uma entrevista com a *Vice News*. Outros, explica ela, tinham problemas com o fato de que muitos de seus membros vinham da cultura hooligan do futebol, que sentiam ser cultivada como “uma cena que não estava interessada em nada além de confronto físico”. Como analisa Dolores: “você tem que agir contra os nazistas, mas não pode ser sua única prática... ser antifa é uma necessidade, mas não é nossa identidade”.

Não obstante, nos últimos anos, o movimento antifascista sueco sofreu com a intensa repressão governamental, de tal forma que a Frente Revolucionária não existe mais, e a AFA sueca aparenta relativa inatividade.³⁶³

Enquanto essas dinâmicas se desenrolavam, a Suécia experimentou sua própria onda de políticas populistas de extrema-direita, na forma dos Democratas da Suécia (*Sverigedemokraterna*, SD). Fundado em 1988, o SD era um partido explicitamente neonazista que, em 1996, inspirado pelo manual do *Front National* francês decidiu amenizar sua crueldade racista. Eles até mudaram seu símbolo de um braço fascista segurando uma tocha para uma “frágil flor branca”, como descrevem alguns historiadores. Montando na crescente onda de xenofobia europeia em 2010, o SD entrou no parlamento com 5,7% dos votos. Em 2014, sua plataforma eurocética e anti-imigração recebeu 13% dos votos, tornando-se o terceiro maior partido do Riksdag. Uma pesquisa realizada no início de 2017 apontou que eles eram o partido mais popular da Suécia, em parte devido à indignação popular em aceitar o número recorde de 150 mil imigrantes no ano interior.³⁶⁴

Embora ele não tenha se referido diretamente aos Democratas da Suécia, as observações feitas pelo preso antifascista Joel Bjurströmer Almgren apontam para a necessidade de renovação do movimento antifascista na Suécia. Apesar dele se manter firme atrás de suas ações e declare que agiria da mesma forma se a necessidade surgisse novamente, Joel declarou:

Eu acho que o antifascismo na Suécia anda um pouco empacado. Precisamos encontrar novos caminhos. Em algum momento entre 2005 e 2010 nós empacamos. Vimos que a violência foi eficaz e ficamos presos nesse padrão... [os fascistas] se mudaram para outras arenas e nós estávamos presos em nossos caminhos. Táticas violentas não funcionam em tudo. A violência ainda é uma ferramenta, mas só deve ser usada quando necessária. Precisávamos reestruturar e pensar em novas maneiras de

enfrentá-los. Mas nós não fizemos isso, então parece que estamos cada vez mais ficando para trás. Eles estão liderando o caminho e nós estamos os perseguindo muito atrás.³⁶⁵

Desafios semelhantes se desenvolveram na Holanda com a ascensão meteórica do líder populista islamofóbico Geert Wilders. A popularidade de Wilders surgiu de sua intransigente oposição ao Islã, envolto em uma retórica feminista e pró-LGBT, e mesmo assim, evidentemente seu desejo interno era o de conseguir eliminar todas as mesquitas holandesas e banir o Corão. Em 2010, ele se afastou do neoliberalismo para desenvolver um “chauvinismo social” que basearia benefícios sociais nas habilidades de linguagem e recusaria mulheres que usassem a burca.

Entretanto, o que realmente diferenciava Wilders, na compreensão estratégica antifascista, foi sua recusa inicial em se associar com a direita pseudo-fascista da Europa. Wilders é o único membro oficial de seu próprio partido político, o Partido pela Liberdade (PVV). Essa estratégia o permitiu evitar escândalos que poderiam surgir com essa associação. Além disso, por muitos anos o PVV evitou manifestações populares e a presença nas ruas, que são elementos característicos da extrema-direita. O antifascista holandês Job Polak explicou que “nós, como movimento antifascista, ainda não conseguimos encontrar” uma mobilização mais efetiva contra essa forma de política, já que a falta de uma presença de rua a “torna muito mais difícil” de enfrentar.

Nos últimos anos, contudo, o PVV foi se movendo gradualmente para uma forma mais popular de política com manifestações de rua anti-austeridade e Wilders, que disse ao *The Guardian* em 2008 que “meus aliados não são Le Pen ou Haider”, não obstante, se viu cada vez mais próximo do *Front National* francês de Le Pen, assim como do austríaco FPÖ.³⁶⁶ Embora Wilders tenha perdido as Eleições Gerais de 2017, o PVV ainda está a postos para capitalizar com qualquer crise que possa causar a exaltação da xenofobia e da islamofobia holandesa.

De todos eles, com certeza, o partido de extrema-direita mais importante da Europa Ocidental, e que – juntamente com o FPÖ austríaco – estabeleceu o tom para a atual ascensão da direita, é o novo aliado de Wilders: o francês *Front National*. Depois que assumiu a liderança do partido de seu pai, Jean-Marie, em 2011, Marine Le Pen procurou promover imediatamente um processo de *dédiabolisation* (descontaminação), afastando-se das primeiras

associações da FN com o fascismo e o antissemitismo, mudando o alvo do partido para o Islã. E apesar de uma disputa pública contra o pai em 2015, quando ele elogiou o regime colaboracionista de Vichy na Segunda Guerra Mundial e se referiu aos campos de concentração como “um mero detalhe histórico”, Marine Le Pen conseguiu em grande parte normalizar a FN ao ponto em que, apenas 5 anos depois de assumir o cargo, o partido contava com 11 prefeitos e mais de 1.500 conselheiros municipais, tendo ganho 27% dos votos nacionais em 2016.

Enquanto isso, a islamofobia nacionalista do partido e a oposição eurocética à “antidemocrática” União Europeia, mudaram o centro de gravidade da política francesa, à medida que o medo público do “terrorismo” aumentou. Para competir com a FN, o ex-presidente Nicolas Sarkozy, que tentou concorrer novamente em 2017, de certa forma superou a postura anti-imigração de Le Pen.³⁶⁷

De acordo com Camille, do SCALP Besançon (que concordou apenas em se comunicar por meio de um bate-papo criptografado), a ascensão da FN, alimentada em parte por uma série de ataques mortais e outras dinâmicas, levou a uma “grande virada” no antifascismo francês entre 2010 e 2014. Culturalmente, o desenvolvimento de uma cultura antifa hip-hop, impulsionada por grupos como *Sang Mélé* e *Première Ligne*, diversificou as fileiras do movimento e expandiu seus horizontes culturais além de suas origens punk. Os grupos mais antigos desapareceram, como o SCALP nas regiões de Toulouse, Dijon e Besançon e a *Rede No Pasarán*, enquanto novos se formaram, como *Action Antifasciste Paris Banlieue*,³⁶⁸ em 2010.³⁶⁹

Um dos novos grupos antifas é o *Pavé Brûlant*³⁷⁰ que foi formado em 2015, em Bourdeaux. Desde sua formação, o *Pavé Brûlant* conseguiu impedir com sucesso várias tentativas do nacionalista *Bloc Identitaire*³⁷¹ de organizar eventos anti-halal destinados a encobrir a islamofobia com a falsa preocupação com os direitos animais. Em entrevistas, esses antifascistas relataram como a ascensão do *Front National* legitimou o racismo casual e marginalizou a posição antirracista. Essa dinâmica, que muitos comentaristas passaram a chamar de “*lepénisation des esprits*” (Le Penização das mentes), tornou-se uma marca da nova extrema-direita “banal”.

Essa mudança política levou à decisão de separar os grupos parisienses SCALP e RÉFLEX em janeiro de 2014, após 25 anos de militância antifascista. Os antifascistas do SCALP-RÉFLEX explicaram que a “grande

virada estratégica da FN – e uma das grandes dificuldades do antifascismo radical – é a estratégia dos militantes não ocuparem as ruas, mas seus porta-vozes ocuparem as telas das televisões”.³⁷² À luz desses desafios, o SCAP-RÉFLEX fez a seguinte avaliação:

O antifascismo de rua (manifestações, marchas etc.) hoje enfrenta um impasse: ou enfrenta grupos de extrema-direita que são politicamente insignificantes, mas fisicamente perigosos ou tenta confrontar organizações que são significativas politicamente e se depara com partidos que não se articulam apenas nas ruas, mas que, a essa altura, estão profundamente integrados no jogo político, sustentados pela aplicação das leis e reconhecidos como legítimos pela população... Uma das consequências da *lepénisation des esprits* é tornar ações antifascistas ilegítimas aos olhos do poder e da população.³⁷³

Para Camille, a única maneira de responder à ascensão dos principais partidos de extrema-direita é “transformar o antifascismo em um movimento de solidariedade concreto e amplo que possa desenvolver o conceito e a prática da autodefesa contra a polícia, o Estado e o ativismo racista... O combustível do *Front National* é o medo. Nosso combustível tem que ser a solidariedade”.³⁷⁴

30 de setembro de 2012. Mais uma noite tensa de incertezas para os imigrantes em Atenas. Nas últimas semanas, grupos milicianos do ascendente partido fascista *Aurora Dourada* (Chrysi Avgi) destruíram barracas de vendedores imigrantes, os brutalizando no processo. Dias antes, entre 80 e 100 membros do *Aurora Dourada*, usando camisetas pretas e calças de combate, atacaram um centro comunitário de imigrantes da Tanzânia e destruíram lojas próximas enquanto a polícia permaneceu com os braços cruzados. Na mesma época, um vendedor de Gana chamado Issa Ahmed Agboluaje foi esfaqueado e seu amigo espancado. Membros do *Aurora Dourada* surraram um imigrante egípcio chamado Abu Zeid Mubarak com tacos e barras de ferro, fraturando sua mandíbula e quebrando seu nariz. Com a polícia fazendo vista grossa, ou às vezes até mesmo participando da violência, os imigrantes locais tinham poucos aliados.³⁷⁵

Entre eles, no entanto, existia um agrupamento de anarquistas atenienses que havia recentemente começado a organizar uma série de patrulhas antifascistas com motocicletas pelos bairros imigrantes. Eles eram recebidos pelos imigrantes com aplausos entusiasmados sempre que passavam.

Yiorgos, um jovem cineasta e um dos organizadores da patrulha, explicou que “tentamos usar essas patrulhas de forma militarizada para atacar os fascistas e realizar manifestações – misturando essas duas coisas”. De sua perspectiva, as patrulhas serem claramente visíveis era “psicologicamente importante” para o movimento antifascista.

E naquele tenso começo de noite no final de setembro de 2012, uma patrulha antifa composta por 80 motocicletas transportando cerca de 150 antifascistas entrou num bairro imigrante segurando robustos estandartes com bandeiras anarquistas vermelhas e negras gritando “Esmague os fascistas!” – só para darem de cara com um grupo de membros do *Aurora Dourada*. O que se seguiu foi uma batalha que deixou vários dos fascistas hospitalizados. Logo após a luta, no entanto, esquadrões de elite da Força Delta da polícia de Atenas atacaram os antifascistas em uma rua lateral estreita. Apesar de muitos antifas terem conseguido escapar da captura, 15 foram presos. Imigrantes e anarquistas da vizinhança gritavam cantos antifascistas enquanto eles eram levados embora. “Foi um momento emocionante”, recorda Yiorgos.³⁷⁶

Nenhum dos fascistas foi preso.

Os 15 prisioneiros antifascistas foram torturados durante cinco dias na Direção Geral da Polícia de Ática, assim como outros 25 antifascistas, presos no dia seguinte durante uma manifestação de solidariedade. Os antifas foram espancados de maneiras variadas: nus, privados de sono por lasers apontados em seus olhos, “usados como cinzeiros”, e tiveram água negada a ponto de “estarem com tanta sede que beberam água dos banheiros”.

Ao ser descoberta e reportada pelo jornal *The Guardian*, a tortura dos antifascistas se tornou um miniescândalo para o governo grego.³⁷⁷ Ainda assim, embora uma multidão de 2 mil antifascistas motociclistas tenha protestado em frente ao parlamento, e outras manifestações tenham ocorrido em Kavala, Creta e em outras regiões da Grécia, Yiorgos lamentou que o governo tivesse efetivamente acabado com as patrulhas antifascistas em Atenas... e o agrupamento que as organizou. As manifestações com motocicletas continuaram acontecendo, mas não faziam mais parte de uma sustentação estratégica de resistência ao *Aurora Dourada*.³⁷⁸

A natureza do *Aurora Dourada* torna isso ainda mais significativo: ao contrário do PVV holandês ou da FN francesa nos últimos anos, o *Aurora Dourada* é um partido fascista tradicional no seu desejo de controlar as ruas e

gerar uma violenta fúria populista contra “imigrantes ilegais, anarquistas e todos aqueles que destruíram Atenas várias vezes”, como disse Ilias Panagiotaros, um dos deputados do partido. (Um mês depois da prisão dos 15 antifascistas, Panagiotaros liderou um ataque contra o público de um teatro que assistia à uma performance onde havia um Jesus gay sendo representado).

Suas origens datam da criação do jornal *Chrysi Avgi* em 1983 por Nikos Michaloliakos, que se tornou seu líder quando ele foi formado oficialmente em 1985. Embora prefiram o rótulo de “nacionalistas”, suas raízes fascistas estão evidentes nos primeiros flertes de Michaloliakos com nacional-socialismo, e sua proximidade com ex-líderes presos da junta militar. Depois, há também o fato que o logotipo do partido é um meandro da suástica, e que seus membros muitas vezes usam a saudação fascista e organizam marchas solenes, levantando tochas nos comícios – uma tradição nazista.

Durante décadas, o *Aurora Dourada* não foi pouco mais do que um partido marginal. Recentemente, em 2009, recebeu apenas 0,29% dos votos.³⁷⁹ Mas a crise econômica grega chegou em 2010. Para evitar sua falência, o governo aceitou pacotes maciços de socorro que exigiram a implementação de uma dura austeridade e drásticos aumentos de impostos. Embora essa série de empréstimos e as medidas de austeridade tenham impedido o colapso da economia grega, elas não impediram o colapso total da vida cotidiana de muitos gregos. A economia do país encolheu 25% em cinco anos, taxa semelhante à da Grande Depressão nos EUA. Os números de desemprego eram surpreendentes: 25% no total em 2015 e mais de 50% para os jovens trabalhadores em 2016. O financiamento para a saúde foi reduzido em 20% de 2010 a 2011 e em 55% no ano seguinte.

Não surpreendentemente, durante esse período, a taxa de suicídios aumentou em 35%. (Como diz o movimento espanhol 15M: “*No son suicídios, son asesinatos*” – “Não são suicídios, são assassinatos”).³⁸⁰

A insegurança dos imigrantes foi aumentada pelo fato de que uma porcentagem muito alta de policiais votou no *Aurora Dourada*, e evidências em vídeo sugeriam uma cooperação bastante regular entre ambos. Como governo após governo (até o socialista *Syriza*) aceitou medidas de austeridade ditadas pela “troika” europeia, aparentemente cedendo a soberania grega à UE e ao FMI, a plataforma hipernacionalista e anti-imigração do *Aurora*

Dourada começou a ganhar força e, por volta de 2015, era o partido mais popular entre os jovens de 18 a 24 anos.³⁸¹

No entanto, à medida que o partido fascista com a presença de rua mais intimidante da Europa começou a crescer, ele encontrou, sem dúvida, um dos mais formidáveis movimentos autonomistas do continente. Ao contrário da maioria dos outros países europeus, o antifascismo militante grego, que remonta à resistência à ocupação fascista e nazista durante a Segunda Guerra Mundial e se estende durante os anos da junta militar de 1967-1974, não adotou, em sua grande maioria, o modelo antifascista radical internacionalista de esquerda. Diante disso, o antifascismo militante grego se tornou uma faceta de um movimento anarquista mais amplo e envolvido em uma profusa variedade de lutas sociais. Influenciados pelos autonomistas italianos e alemães, pelo pensamento situacionista francês, pelo punk rock e pelo legado de resistência à junta militar, o movimento anarquista moderno grego surgiu na década de 1980.

Contudo, foi a revolta de 2008 que colocou esse movimento no mapa internacional para a maioria das pessoas. Em dezembro daquele ano, o assassinato policial do anarquista Alexis Grigoropoulos, de 15 anos de idade, provocou um mês de insurreições como nunca antes visto na Grécia. Anarquistas, estudantes, hooligans de futebol, migrantes, ciganos e outros grupos frustrados com a sociedade, foram às ruas para atacar lojas de luxo, cercar delegacias e ministérios do governo, destruir e incendiar bancos, expropriar alimentos de supermercados e ocupar escolas, universidades, estações de rádio e emissoras de televisão. Mesmo a gigantesca árvore de Natal na praça Syntagma, no centro de Atenas, se viu incapaz de escapar das chamas. Empregados saíram de seus trabalhos e assembleias de estudantes, trabalhadores e bairros surgiram em todo o país. Com dificuldades, a polícia recrutou informalmente o apoio de milicianos fascistas – uma visão do que estava por vir. Quando a fumaça abaixou, um rastro de destruição havia deixado aproximadamente 200 milhões de euros de prejuízos patrimoniais – e radicalizado uma geração inteira de jovens gregos.³⁸²

Apesar das vibrantes políticas radicais no país, a ascensão do *Aurora Dourada* pegou muitos com a guarda baixa. Quando passei algum tempo na Grécia em 2012, logo após os fascistas terem entrado no parlamento, quase todas as conversas que tive com anarquistas locais incluíam comentários do

tipo: “Não tínhamos ideia de que isso aconteceria pra valer. Antes eles eram uma completa piada”.³⁸³



R.I.P.

KILLAH-

P

18
9
13

CIA - E.Y.P. + ARMY - EXPERIMENTS - ELECTRONIC HARASSMENT - SILENT

Mural para Pavlos Fyssas em Atenas. [FOTO DO AUTOR]

O assunto ficou mais sério em 18 de setembro de 2013, quando o rapper antifascista Pavlos Fyssas (Killah P) foi esfaqueado até a morte por membros do *Aurora Dourada* depois de assistir a um jogo de futebol em um café de Atenas. O assassinato provocou indignação em todo o país e, enquanto antifascistas que gritavam “Matem fascistas em todos os bairros” entraram em confronto com a polícia, uma greve geral foi convocada no setor público. Os antifascistas tiveram como alvo as lojas de penhores, especialmente porque muitas delas eram propriedades de membros do *Aurora Dourada*, supostamente ligados ao crime organizado.³⁸⁴

Mas enquanto a maioria dos anarquistas e outros antifascistas autonomistas vingaram o assassinato de Fyssas destruindo propriedades e confrontando a polícia, uma fração mais clandestina e minoritária do movimento decidiu tomar outro caminho: em 1º de novembro de 2013, dois homens – com seus rostos escondidos por capacetes de motocicleta com viseiras escuras – saltaram de uma moto, correram para dentro de um escritório do *Aurora Dourada* em Neo Iraklio, um subúrbio ateniense, e esvaziaram suas armas em três membros do partido, matando dois e hospitalizando o terceiro. Uma célula anarquista chamada “Forças Revolucionárias Militantes do Povo” reivindicou a autoria do ataque. Nos meses que se seguiram, o *Aurora Dourada* alegou que seus escritórios sofreram mais de 10 atentados.³⁸⁵

Os antifascistas parecem concordar que a ação, e particularmente os assassinatos, germinou o medo dentro do coração dos fascistas, restringindo cada vez mais sua presença de rua e capacidade de realizar campanhas de oposição em público.³⁸⁶

O *Aurora Dourada* sofreu um golpe muito mais significativo, no entanto, quando quase 70 de seus líderes partidários e deputados, incluindo o fundador Nikos Michaloliakos, foram presos por supostamente orquestrarem violências, algumas das quais letais, contra imigrantes e militantes de esquerda, incluindo o assassinato de Fyssas.³⁸⁷ O julgamento subsequente colocou um freio em sua ascensão, e a paixão anterior da mídia por eles começou a desaparecer. O partido logo descobriu que sua capacidade de se expandir além de sua base estava seriamente prejudicada.

E como o número de campanhas do *Aurora Dourada* diminuiu, também diminuiu o número de manifestações antifascistas. Ao invés disso, mais ações

de pequenos grupos antifas foram realizadas, como uma ação em abril de 2017, quando cerca de uma dúzia de membros da “Brigada Pavlos Fyssas” destruíram a fachada de um escritório do partido com marretas em plena luz do dia.³⁸⁸

Não obstante, o *Aurora Dourada* ainda ficou em terceiro lugar nas eleições de 2015 e permanece sendo o terceiro maior partido do país desde o início de 2017.³⁸⁹

Desde o afluxo de refugiados, todavia, a maioria das organizações antifascistas se concentrou no apoio e solidariedade aos refugiados. Uma das manifestações mais significativas disso tem sido uma campanha para ocupar edifícios abandonados e usá-los como abrigo para refugiados recém-chegados. A primeira dessas ocupações em Atenas ocorreu em 2015, na rua Notara, número 26, em Exarcheia, um bairro anarquista pelo qual a polícia raramente passa. A Notara e outras ocupações de refugiados na área, como um hotel abandonado na City Plaza, são organizadas por assembleias horizontais compostas por ativistas gregos e os próprios refugiados. Um refugiado palestino da Síria chamado Rami explicou que “aqui nas ocupações há uma comunidade. Você sente que é um ambiente familiar. Em Notara, nos sentimos como se fôssemos uma grande família, como se fosse nossa casa”.

Essa nova casa se viu ameaçada em agosto de 2016, quando fascistas atacaram a ocupação Notara com bombas de gás-lacrimogênio e tentaram incendiá-la. Felizmente, ninguém se feriu.³⁹⁰ Enquanto isso, no decorrer do ano, a repressão policial contra as ocupações atingiu níveis sem precedentes, apesar do partido socialista *Syriza* estar no poder. Cinco ocupações foram reintegradas pela polícia no final de 2016 e início de 2017, com muitos anarquistas e refugiados detidos.³⁹¹

“Se você demonstra solidariedade aos refugiados, então você é um antifascista”, argumenta Malamas Sotiriou, um kickboxer anarquista membro do *Anti-Authoritarian Movement*³⁹² (AK) e organizador do centro social Micropolis, na cidade de Thessaloniki, no norte da Grécia. Quando visitei pela primeira vez o centro social Micropolis em 2012, fiquei impressionado com a variedade de atividades que ele abarca. Além de um restaurante e um bar gerenciado coletivamente, eles tinham uma oficina de cerâmica e artesanato, um coletivo de marceneiros, academia de kickboxing, loja e muito mais. Nos últimos anos, o Micropolis acolheu muitos refugiados não apenas como sendo o centro, mas parte de uma “economia solidária” mais ampla.

Por exemplo, alguns refugiados que eram padeiros na Síria agora administram uma padaria no centro social, onde fazem doces que depois são vendidos através das várias redes de solidariedade estabelecidas ao longo dos anos. Da mesma forma, barbeiros sírios agora administram uma barbearia em Micropolis, enquanto metade dos membros de sua equipe de kickboxing também são refugiados.³⁹³

Alguns refugiados kickboxers talvez participem do anual Torneio Antifa de Artes Marciais que Sotiriou e seus camaradas iniciaram em 2014 em resposta a um torneio onde membros do *Aurora Dourada* foram convidados para entregar as medalhas aos vencedores. O torneio adversário criado por Sotiriou em Thessaloniki atraiu participantes antifascistas de toda a Europa, ansiosos para apoiar a mensagem de que “não existe lugar para o fascismo dentro das artes marciais”.³⁹⁴

Desde então, outros torneios antifas de artes marciais foram organizados em Moscou, Madrid, Praga e Santiago, no Chile. Os participantes frequentemente treinam em academias antifascistas como a *Palestra Popolare AntiFa Boxe* de Turim, o *Club de boxe antifa et solidaire* em Marselha, ou o *Club de boxeo no C.SO. La Traba* em Madrid.³⁹⁵ E, no momento em que escrevo esse livro, uma campanha de arrecadação de fundos está em andamento para criar uma academia “antifascista, antirracista e antissexista” em Chicago, Illinois... o plano é chama-la de *Haymaker*.

Estudantes sem documentos³⁹⁶ da Universidade da Califórnia em Berkeley estavam com medo de sair na noite de 1º de fevereiro de 2017. Mas não foram os rumores do norte da Califórnia naquele mês que os assustaram – isto é, que funcionários da Imigração e Alfândega estavam patrulhando o campus à procura de pessoas sem os papéis “adequados” para serem presas.³⁹⁷ Não, a violência anti-imigração que eles temiam naquela noite não veio do governo, veio do antigo editor do jornal *Breitbart News*, Milo Yiannopoulos, que havia sido convidado para falar no campus pelos republicanos de Berkeley.

Yiannopoulos emergiu de uma relativa obscuridade por meio de sua defesa do chamado “*Gamergate*”³⁹⁸ – assédio de desenvolvedoras de jogos feministas e não-brancas, críticas da mídia, por desafiarem o patriarcado e a

supremacia branca do “domínio geek”.³⁹⁹ Logo depois, o Twitter baniu Yiannopoulos por liderar um incansável ataque racista e misógino a atriz Leslie Jones, em grande parte porque ela teve a ousadia de “profanar” o filme clássico supostamente “branco, masculino e *geek*” *Ghostbusters*⁴⁰⁰ ao interpretar a caça-fantasma Patty Tolan.

No início de 2017, Yiannopoulos tornou-se talvez a maior celebridade da chamada *alt-right*, ou direita alternativa, usando de sua identidade como imigrante gay para mitigar seu racismo, sua misoginia (“o feminismo é um meio malvado, vingativo, rancoroso, horroroso e manhoso de filosofia para odiar homens”), islamofobia (“mulçumanos estupram todo mundo”), transfobia e promover a cultura do estupro (em uma de suas manchetes no *Breitbart* pode-se ler: “‘Vadias culpadas’ são a razão porque suspeitos de estupro devem ficar anônimos”).⁴⁰¹

Sua presença no campus seria o suficiente para alarmar qualquer estudante sensato, mas quando as autoridades de Berkeley anunciaram que Yiannopoulos planejava “nomear publicamente estudantes sem documentos”, semelhante ao que ele já havia feito antes com uma estudante trans na Universidade de Wisconsin em Milwaukee, o jovem Juan Prieto e outros estudantes sem documentos sentiram que “a segurança de nossa comunidade estava em jogo”.⁴⁰²

Como Prieto relatou, nos dias que antecederam o evento, os estudantes se reuniram com o reitor, escreveram artigos de opinião, reuniram uma petição com muitas assinaturas de estudantes e professores, e encorajaram ex-alunos a ligarem para a universidade em protesto... Tudo em vão. A “universidade deixou claro que nenhum método pacífico iria impedi-lo de falar”, explicou Prieto e, assim, a palestra “precisava ser interrompida por qualquer meio necessário”.

Na noite do discurso de Yiannopoulos, pouco antes de começar, antifascistas vestidos de preto chegaram a uma grande concentração de pessoas e começaram a derrubar as barricadas policiais, lançar fogos de artifício, quebrar janelas e a pichar tudo com tinta spray no que mais tarde ficou estimado em aproximadamente US\$ 100 mil de prejuízos. E o que semanas de engajamento, argumentação e tentativa de diálogo público não conseguiram alcançar, foi, no entanto, alcançado em cerca de 15 minutos, quando a polícia rapidamente anunciou o cancelamento do evento, alegando preocupações de segurança.

Embora agências de notícias como a CNN se referissem aos antifascistas como “agitadores externos” sem qualquer evidência, como lhes é habitual, alguns deles eram estudantes de Berkeley. E, certamente, muitos manifestantes anti-Yiannopoulos se opuseram às táticas antifa. Mas a comemoração e festa espontânea que se desenrolou após o cancelamento do evento atesta o fato de que a grande maioria estava satisfeita com os resultados dessas táticas – um fato amplamente não reportado pela mídia. Em última análise, observa Prieto, “a vida de muitos estudantes pode ter sido salva naquela noite”.⁴⁰³

Protestos, ou o medo deles, já haviam conseguido impedir discursos de Yiannopoulos nas Universidades de Nova York, Estado de Iowa e UC Davis (onde uma estudante de intercâmbio chamada Barbara ficou tão aterrorizada que fugiu do campus por um dia), mas o espetáculo criativo e/ou destrutivo do protesto em Berkeley desencadeou um interesse repentino da mídia pela notória “Antifa”.⁴⁰⁴

No mês seguinte, apareceram artigos na *Wired*, *BBC News*, *Salon*, *Newsweek* e *Al Jazeera*. Uma manchete do *International Business Times* perguntava “O que é Antifa?”. O editor Dennis Johnson, que atacou publicamente o contrato de US\$ 250 mil entre Yiannopoulos e a editora *Simon & Schuster* no programa, que me pediu para escrever esse livro depois de me ouvir falar sobre antifascismo na NPR. E a *Vice* e a *Rolling Stone* entraram em contato comigo pedindo a possibilidade de infiltrarem um de seus jornalistas em um grupo antifa – coisa que assegurei ser impossível.⁴⁰⁵

Apesar disso, essa recente onda de antifascismo militante não nasceu da noite para o dia. Na verdade, o movimento antifascista que surgiu da ARA nunca havia morrido, embora tenha certamente passado por uma relativa calmaria em meados dos anos 2000 até talvez o início da campanha Trump. Os organizadores com quem conversei tendem a concordar que, a partir do início dos anos 2000, a ARA foi “vítima de seu próprio sucesso”, porque o declínio do fascismo levou-a ao seu próprio declínio.⁴⁰⁶ Entre outros fatores, esse processo foi acelerado por dois fatores: a prisão em 2003 de Matt Hale, o líder da Igreja Mundial do Criador, por organizar o assassinato de um juiz federal; e a morte em 2002 do “neonazi mais importante da América” por cerca de três décadas, William Pierce, autor da fantasia da guerra racial *The Turner Diaries*, e principal líder da rival Aliança Nacional.⁴⁰⁷

Como disse Howie, um antifascista de Nova Jersey: “Chegamos a um

determinado ponto, onde o maior grupo neonazista era o Movimento Nacional Socialista, com apenas 80 caras fazendo encenações”.⁴⁰⁸ E, enquanto o movimento anti-guerra se posicionava contra os conflitos no Afeganistão e no Iraque, o foco de alguns líderes mudou para o que eles acreditavam ser um perigo mais imediato.

Enquanto a ARA e grupos semelhantes permaneceram – e alguns novos se formaram durante esse período, como a ARA da região central do Texas – os antifascistas que entrevistei relataram o desafio de legitimar seu meticuloso e ingrato trabalho diante de seus companheiros. Por exemplo, no meio da década, Jack fez parte da segunda geração de antifascistas do nordeste de Boston. Como ele passava “horas e horas sozinho em uma sala de bate-papo lendo o *Stormfront* e outros fóruns nazistas regionais, tentando perseguir essas pessoas através de plataformas na internet”, ele teria “debatido com outros revolucionários não-adeptos das táticas antifa, que responderam: ‘esses caras são idiotas, nós devíamos nos preocupar com as prisões negras e o racismo institucional’”. Embora os antifascistas também se preocupassem com essas questões, da perspectiva de Jack, “dependia de nós tentar impedir que esse fascismo político revolucionário fosse capaz de estabelecer um caminho para o poder do Estado”.⁴⁰⁹

Desafios semelhantes foram enfrentados pelo grupo antifa que é o mais antigo em atividade nos EUA: o *Rose City Antifa* (RCA) em Portland, Oregon. Fundado em 2007, a partir de uma campanha contra o *Hammerfest*, um festival skinhead neonazista, o RCA foi fortemente influenciado pelo grande número de europeus em seu grupo, refletido no fato de que eles foram o primeiro grupo norte-americano a se auto intitular *antifa*. Como uma militante anônima do RCA me explicou, embora eles organizassem campanhas publicitárias locais contra membros do *Volksfront* e trabalhassem para acabar com bandas de *white-power* como a *Death in June*, o grupo sempre se considerou ligado ao movimento europeu. No entanto, quando eles organizaram um evento de solidariedade para a antifa russa, outros esquerdistas disseram: “Quem se importa? Isso é tão remoto”. Ao refletir sobre o crescimento sísmico do antifascismo nessa última década, essa militante do RCA me relatou como por anos sua organização foi vista como “um estranho hobby que a maioria dos esquerdistas considerava estúpido e um desperdício de tempo”. Ela explicou que às vezes era possível gerar entusiasmo ao confrontar uma grande “marca” como a KKK, mas quando se

organizaram contra o minúsculo fórum supremacista da *American Renaissance*, a resposta foi um “grande bocejo”.⁴¹⁰

O número de “grupos de ódio” no país tem aumentado gradualmente desde 1999 e, de acordo com o *Southern Poverty Law Center*, isso se deve em grande parte ao crescente sentimento anti-imigração no país. Mas a eleição do primeiro presidente negro em 2008, Barack Obama, fez esse crescimento explodir, evidenciado no aumento exponencial de “grupos patrióticos” antigovernamentais de 149 em 2008 para 1.360 em 2012.⁴¹¹ Essas organizações encontraram uma população branca cada vez mais receptiva que, alienada pela decadência dos chamados “valores tradicionais”, se encontrava em profunda dificuldade devido à crise econômica pós-industrial. Depois da eleição, eles começaram a “construir uma plataforma para que alguém como Trump pudesse defende-los 8 anos depois”.⁴¹²

Depois de um pico em 2011, contudo, o número de “grupos de ódio” diminuiu consideravelmente até 2014, quando atingiu seus números mais baixos desde 2004. Isso não aconteceu porque a política supremacista estava desaparecendo, mas porque cada vez mais neonazistas estavam redirecionando seu foco para a internet e para as mídias sociais, onde floresceram em redes como o Reddit e o 4chan.

Essa mudança virtual foi parte e parcela da nova “direita alternativa”, ou *alt-right* – um termo cunhado em 2008 por Richard Spencer, o “racista profissional de calças cáqui” que lidera o supremacista *National Policy Institute*. A *alt-right* se tornou uma grande tenda para uma ampla diversidade de reacionários – dos “realistas raciais” e “arqueofuturistas” aos “anarcocapitalistas” oximoros – que se opõem ao estabelecimento de “corniservadores”, uma combinação racista dos termos “corno” e “conservador” implicando que os conservadores tradicionais são homens brancos patéticos que observam impotentes os homens negros fazerem sexo com suas esposas.⁴¹³ Enquanto o termo “corniservador” é certamente novo, essa motivação racista foi na verdade uma das bases principais para a supremacia branca anti-abolicionista que surgiu depois da Guerra da Secessão. De acordo com o especialista em *alt-right*, Shane Burley,

A Alt-Right se define pelo nacionalismo racial, a desigualdade de pessoas e raças, a necessidade dos papéis tradicionais de gênero, uma hierarquia antidemocrática e antisemitismo. Quando comparados aos neonazistas cantarolando com suas bandeiras e suásticas, o que diferencia a *alt-right* é sua

aderência à tecnologia, os memes e seus membros de classe média-alta com formação universitária.⁴¹⁴

O núcleo da *alt-right* faz pouco ou nenhum esforço para esconder seu fascismo. O popular podcast do blog *The Right Stuff* se chama *The Daily Shoah* (“Shoah” é um termo para Holocausto, e o título é um trocadilho com o popular programa de televisão progressista *The Daily Show*), enquanto um site que afirma ser “o site *alt-right* mais visitado do mundo” se chama *The Daily Stormer*, referenciando claramente o site neonazista *Stormfront* e as tropas de choque nazistas – as *Stormtroops*.

No entanto, uma facção significativa do movimento decidiu experimentar com o uso de mensagens mais ambíguas, buscando novas oportunidades em formatos mais intelectuais, científicos e “respeitáveis”. A fundadora da ONG *One People’s Project*, Daryle Lamont Jenkins, que vem monitorando pessoalmente a extrema-direita desde 2000, argumenta que a mudança em direção à política fascista começou com a ascensão do grupo miliciano anti-imigração *Minutemen* em 2005. Para os neonazistas, seu crescimento representou “uma chance de brilhar, de repente eles podiam fazer parte de algo mainstream”, explicou Jenkins.⁴¹⁵

Essa mudança estratégica de auto apresentação veio a caracterizar um segmento importante da *alt-right*. Ao contrário dos nazistas da década de 1930, muitos ideólogos da *alt-right* tendem a contornar a oposição social à retórica da superioridade branca incorporando elementos da *nouvelle droite*⁴¹⁶ francesa – isto é, dizendo que as diferenças “biológicas” inerentes entre as raças ditam que eles devem promover sua própria homogeneidade para prosperar. Se esse imperativo “natural” for deixado de lado, o resultado será um “genocídio branco” nas mãos de uma crescente população não branca que se estima superar em número os brancos até a metade desse século. Contra o conceito esquerdista cada vez mais popular de “privilégio branco”, os nacionalistas brancos afirmam que eles não são mais conquistadores, mas sim *vítimas*.

Até certo ponto, esse objetivo foi perseguido se apoiando em duas conotações do termo “alternativo”.

A primeira é a associação do termo com *escolha*. Essa marca da política de extrema-direita tem sido retratada como a nova “alternativa” para jovens conservadores frustrados (especialmente estudantes) que “estão cansados de

terem que ouvir como viver, como falar, qual idioma eles têm que utilizar, quais livros ler, como se expressar, quais opiniões eles têm permissão para manter” – como fraseou Milo Yiannopoulos.⁴¹⁷ Na era Trump, a palavra “alternativa” contorna a valoração normativa. Declarações não são certas ou erradas, elas são, de acordo com a conselheira de Trump, Kellyanne Conway, “fatos alternativos”. Os discursos de Yiannopoulos não são incitações veladas à violência, eles são “pontos de vista alternativos”.⁴¹⁸ Dessa forma, a linguagem do discurso da *alt-right* procura reapropriar a retórica liberal da diversidade para transformar “a raça branca” em apenas mais um grupo de interesse, ao invés de sua mitologia histórica de dominação – e o nacionalismo branco como uma posição “provocativa” como qualquer outra a ser escolhida.

A segunda conotação é a de cultura “alternativa”. Yiannopoulos perguntou, “o que você faz se quer ir contra a sociedade educada? Irrita seus pais? Todas as coisas más que faria ouvindo *Sex Pistols* nos anos 90 ou Madonna nos 80, bom, agora isso seria como votar em Donald Trump e isso é uma coisa legal”. “Aqueles bonés MAGA [Make America Great Again – Faça a América Grandiosa Novamente] são punks”, ele acrescentou.⁴¹⁹ Muitas pessoas na *alt-right* que são mais consistentemente simpáticas com seu fascismo consideram Milo Yiannopoulos, seu *Breitbart* e outras plataformas mainstream como parte da *alt-lite*⁴²⁰. (Contudo, grande parte do apelo *mainstream* de Yiannopoulos evaporou quando comentários seus pró-pedofilia vieram à tona). Ao enquadrar o feminismo, a libertação *queer* e o antirracismo como facetas de uma hegemonia “computadorizada” estupidificante e antinatural, a *alt-right* deu aos brancos racistas frustrados, especialmente homens, uma “rebelião” para expressar aquilo que pensavam o tempo todo. Fascistas e nacionalistas brancos estão seguindo essa linha de recrutamento se infiltrando em subculturas de maioria branca como a cena skinhead, punk, e mais amplamente, metal, neofolk, gótico, videogames, comunidades de cosplayers (evidente em *Gamergate*), cultura hipster (hipsters nazistas são conhecidos como “Nipsters”), e até *furries* e *bronies* (homens que são fãs de My Little Pony).⁴²¹ Essa tendência mostra a importância da presença do antifascismo nos contextos subculturais.

Ao se tornar “uma marca” *mainstream*, a política de extrema-direita despontou para influenciar Donald Trump no curso de sua bem-sucedida candidatura à presidência. Embora alegasse ser “a pessoa menos racista que

“você já conheceu”, Trump se recusou a repudiar publicamente o ex-líder da Ku Klux Klan, David Duke; disse também que imigrantes mexicanos sem documentos eram “estupradores”, que um juiz mexicano-americano não poderia fazer seu trabalho adequadamente, chamou apoiadores seus que atacaram um homem latino sem-teto de “passionais” e tuitou um meme antissemita e anti-Clinton, além de outro meme supremacista com estatísticas falsas sobre a criminalidade negra. Não obstante, Trump nomeou Steve Bannon, ex-presidente executivo do *Breitbart News* e admirador do ideólogo fascista Julius Evola, como CEO de sua campanha, e depois como Chefe-Estrategista da Casa Branca. Por um breve período, Bannon esteve até no Conselho de Segurança Nacional. Certamente, Trump não precisava da *alt-right* para ser racista. Anos antes, o Departamento de Justiça o processou duas vezes por não aceitar alugar seus apartamentos para negros, e ele também pediu a pena de morte para os jovens negros condenados injustamente (e depois perdoados) conhecidos como *Central Park Five*. Não obstante, Trump liderou o movimento do “nascituro” alegando uma suposta origem estrangeira de Barack Obama.⁴²²

A *alt-right* não criou Trump, mas ele claramente valorizou seu potencial político o suficiente para ecoar muitos de seus argumentos e elogiar suas estrelas – como o extraordinário teórico da conspiração Alex Jones, a quem Trump não mediu elogios quando participou de seu programa de rádio, o *Infowars*.

Tanto Trump quanto a *alt-right* conseguiram explorar uma ansiedade conservadora generalizada em decorrência do desaparecimento da América branca “tradicional” – uma ansiedade sobre o fato de que eles estão perdendo a “batalha” demográfica e não constituirão mais a maioria populacional dentro de uma geração, que eles estão perdendo a guerra cultural uma vez que o casamento gay foi legalizado, que a noção de “privilégio branco” está cada vez mais em disputa, que a luta negra está ascendendo, que a “cultura do estupro” agora é um alvo de denúncias e que a identidade de transgêneros e seus direitos estão sendo cada vez mais legitimados. Além disso, o elitismo liberal e o neoliberalismo endureceram sentimentos reacionários entre muitos brancos da classe trabalhadora.

O grau em que a vitória de Trump pode ser atribuída unicamente a uma *reação negativa* pode ser exagerado se ignorarmos o fato de que sua parcela do eleitorado branco era quase idêntica à de Mitt Romney 4 anos antes. Isso

mostra como, em muitos aspectos, Clinton perdeu mais do que Trump ganhou.

Não por menos, a campanha Trump criou uma plataforma para a *alt-right* mobilizar o ódio branco contra o feminismo, o *Black Lives Matter*, muçulmanos e latinos. Sua vitória encorajou a supremacia branca implícita e explicitamente, energizando o racismo muito além do resultado das urnas.

Sua vitória também foi celebrada pelas estrelas da extrema-direita europeia. Marine Le Pen anunciou que “hoje [era] os EUA, mas amanhã será a França”. O líder da AfD alemã declarou que a vitória “mudava os EUA, a Europa e o mundo”. Geert Wilders rejubilou, o esperançoso presidente austríaco Norbert Hofer comemorou e o líder da UKIP, Nigel Farage, viajou para se encontrar pessoalmente com Trump em Nova York.⁴²³ Depois do Brexit, a extrema-direita europeia procurou retratar a vitória de Trump como mais um passo em um amplo movimento de recuperação da “civilização ocidental”. Essa meta política fundamental talvez tenha ficado abaixo da superfície durante a campanha Trump, mas por algum tempo foi explícita entre a *alt-right*. Assim, enquanto a ascensão da *alt-right* à Casa Branca certamente surpreendeu a maior parte da esquerda, definitivamente não surpreendeu os pequenos grupos antifascistas que se colocavam na linha de frente para combater a extrema-direita que venceu a campanha. Isso começou depois da eleição de Obama, quando uma lenta movimentação de novos grupos – incluindo o *NYC Antifa*, criado em 2010 – aumentou, esses novos grupos estavam mais inclinados a chamarem-se de “antifas” que “antirracistas”. Isso parece ter sido influenciado por uma consciência maior do movimento europeu através das redes sociais.

Ainda sim, a rede da Ação Antirracista (ARA) permaneceu por meio de grupos como o *Hoosier Anti-Racist Movement* (HARM) em Indiana. Em 19 de maio de 2012, um grupo de 18 membros do HARM e outros antirracistas com máscaras e capuzes realizaram uma ação audaciosa para reprimir uma organização fascista regional. Supostamente, eles irromperam dentro em um restaurante de Chicago para atrapalhar fisicamente uma reunião do *Illinois European Heritage Association*, que era composta por supremacistas brancos do Movimento Nacional Socialista, do Conselho de Cidadãos Conservadores e de membros de outros grupos. Após a ação, cinco antirracistas foram presos e acusados de “ação criminosa”. Alex Stuck, John Tucker e os irmãos Jason, Cody e Dylan Sutherlin foram sentenciados a cumprir de 42 meses a 6 anos

de prisão, embora até setembro de 2014 todos já tivessem sido libertados. Treze outros antirracistas nunca foram detidos, entretanto, a polícia deteve 2 neonazistas, um por posse ilegal de armas semiautomáticas e outro por um mandado aberto por pornografia infantil.⁴²⁴

Em setembro de 2014, a cidade de Chicago sediou a primeira conferência anual da nova *Torch Network*, herdeira do legado da *ARA Network*. Agora, ela reivindica 12 organizações, incluindo a *Philly Antifa*, *South Side Chicago Anti-Racist Action*, *Rose City Antifa* e os *Atlanta Antifascists*.

O grupo de Atlanta, como muitos dos grupos antifas atuais, se formou em 2016 como uma resposta ao aumento das atividades do Movimento Nacional Socialista, da Liga do Sul e da Juventude Tradicionalista. Iggy, um dos membros da ARA que era ativo nos anos 80 e 90, comentou que hoje “eles não são mais como quando eu comecei”. Em vez disso, os antifascistas de Atlanta fizeram uma campanha pública de propaganda contra os adesivos e cartazes da organização supremacista *Identity Europa*, que “tentam esconder suas identidades para permanecerem mais anônimos possíveis”. Segundo Iggy, de certa forma, essas campanhas foram muito bem sucedidas porque cobriam a propaganda fascista “tão rapidamente que as pessoas mal notavam que havia um problema”. Para remediar a situação, eles começaram a colar adesivos que diziam “aqui havia propaganda racista”.⁴²⁵

Enquanto a organização e a pesquisa antifascista estavam se desenvolvendo, também havia confrontos públicos. Em 27 de fevereiro de 2016, um *Klansmen* esfaqueou três antirracistas em uma briga que explodiu em uma manifestação da KKK na cidade de Anaheim.⁴²⁶ Em junho, 7 antifascistas foram esfaqueados, 2 deles ficando em estado crítico, por membros do supremacista *Tradionalist Workers Party* e do *Golden State Skinheads* durante um tumulto em uma manifestação em Sacramento.⁴²⁷ A *Antifa Sacramento* foi formada no mesmo ano.

Esses confrontos ocorreram em um contexto maior onde a militância e os protestos contra Trump estavam aumentando. Mais e mais manifestantes se infiltravam nos comícios de Trump para atrapalhar as atividades e, em 11 de março de 2016, foram tantos infiltrados em um discurso marcado na Universidade de Illinois, em Chicago, que os organizadores foram obrigados a cancelá-lo devido a brigas entre os dois lados.

Mas o interesse e entusiasmo pelo antifascismo só aumentaram depois da vitória de Trump e da onda de violência racista que ela produziu. Embora o

combate à opressão institucional permanecesse de vital importância, muitos passaram a acreditar que a resistência genuína a Trump também exigia forças em desenvolvimento para combater a violência fascista nas ruas. Assim, muitos grupos novos se formaram.

Um deles é o *Antifa Nebraska*. Apesar de pequeno, o grupo multirracial obteve uma grande vitória alguns meses após sua formação, ao fazerem *doxxing* – um escracho público – com Cooper Ward, co-apresentador do podcast *The Daily Shoah*, que vivia na cidade de Omaha. O grupo antifascista imprimiu milhares de panfletos com seu nome, foto e informações sobre seu nazismo e os pregou por toda a cidade, forçando-o a abandonar a faculdade, apagar suas mídias sociais e se esconder. Essa ação provocou conflitos internos dentro do grupo político de Cooper, o *American Vanguard*, que o acusou de ser um informante.⁴²⁸

Da mesma forma, o *Chelsea East Boston Antifascist Coalition* (CEBAC) foi criado no dia seguinte à eleição de Trump por um grupo diverso de ativistas com experiência em justiça reprodutiva, direitos dos imigrantes e organização *queer*.⁴²⁹

Outro é o *Smash Racism DC*. Um dos organizadores do grupo, um antifascista de longa data chamado Chepe, explicou como o grupo negro e latino *Smash Racism DC* é um “grupo de afinidade mais solto” que está trabalhando para criar uma rede local de grupos semelhantes, a fim de “fazer DC e sua região completamente insegura para grupos neonazistas e fascistas”. Para expandir seu alcance, o grupo decidiu focar mais no público exterior que muitos outros grupos antifa. Em abril de 2017, por exemplo, realizou um evento público chamado “A Antifa Desmascarada” para explicar “Anarquismo para Iniciantes”, a “História das Lutas Antifascistas Lideradas por Negros” e outras pautas.

No entanto, o grupo é mais conhecido por sua ação na noite anterior à posse de Donald Trump, quando organizou uma manifestação fora do baile de comemoração da *alt-right*, o *Deploraball*. Fascistas em *smokings* foram atacados com ovos e vários bonés MAGA foram incendiados. Na manhã seguinte, um bloco negro “anticapitalista e antifascista” – isto é, uma massa de militantes anônimos vestidos de preto – partiu do Círculo de Logan para interromper “os negócios de sempre”, enquanto o homem a quem os liberais lamentavam ser literalmente um fascista estava fazendo seu juramento na Casa Branca. Alguns membros do bloco negro, embora certamente não todos,

se envolveram na destruição seletiva de propriedades corporativas para esmagar “a fachada de legitimidade” de Trump. Mais notavelmente, as fachadas da Starbucks e do Bank of America foram rapidamente atacadas, destruição semelhante forçou um McDonald’s a encerrar suas atividades, e caixas eletrônicos e outros bens corporativos foram pintados com spray ou destruídos, causando cerca de US\$ 100 mil em danos. O momento mais emblemático do dia talvez tenha sido quando uma limusine foi incendiada.

No total, 214 pessoas foram presas e acusadas por incitarem tumultos, revoltas e conspirações criminosas, com uma potencial sentença de cerca de 75 anos por pessoa. Não é necessário dizer que isso excede qualquer precedente de condenação para esse tipo de acusação. Conforme documentado por Natasha Lennard, uma jornalista que estava na vanguarda tentando explicar ao público estratégias antifas e as táticas *black bloc*, a polícia nem sequer alegou que a maioria dos detidos tivesse realmente danificado alguma coisa. Em vez disso, a maioria foi acusada de ter “intencionalmente incitado ou instigado outros a se engajarem no motim”.⁴³⁰ A prisão em massa e as acusações excessivas são claramente esforços para conter protestos violentos e estão de acordo com legislações recentemente propostas em 18 estados norte-americanos para criminalizar piquetes em estradas, o uso de máscaras e outras formas variadas de protesto. Leis em tramitação nos estados do Tennessee, Carolina do Norte e Dakota do Norte permitiriam até mesmo que motoristas atacassem os manifestantes nas ruas.⁴³¹

Talvez o incidente público mais significativo do antifascismo norte-americano recente tenha ocorrido mais tarde, no dia da posse, quando um antifascista vestido de preto socou o supremacista branco Richard Spencer na cara em plena luz do dia, enquanto estava sendo entrevistado na calçada e explicava o significado de *Pepe the Frog*, uma das mascotes da *alt-right*. (Na realidade, ele foi socado novamente por outra pessoa mais tarde no mesmo dia). O soco ecoou em toda a internet, já que o vídeo do incidente se tornou viral. O vídeo não só foi a base para uma série de montagens com trilhas de música pop, de Whitney Houston a Justin Bieber, como também a criação de uma conta no Twitter, o @PunchedToMusic, um esquete humorístico no *Saturday Night Live Weekend Update* e uma manchete do *The New York Times* que perguntava: “É isso? Está tudo bem bater em um nazista?”.⁴³² Um ícone da *alt-right* que tentava encobrir seu nazismo sob um verniz de

intelectual “respeitável” foi banalizado e se transformou em um *meme* extremamente popular, ou seja: mais uma fonte de “escárnio” para o voraz apetite virtual dos *millennials*. Se o *Rock Against Racism* promoveu o “NF = No Fun”, então Spencer sendo socado com as batidas do cantor DMX ao fundo transformou a *alt-right* em *alt-wrong*⁴³³ para muitos jovens, mesmo que apenas por um momento.

Talvez mais importante, o incidente conseguiu realizar uma contribuição significativa para legitimar o antifascismo e, mais especificamente, a ideia de confrontar fisicamente os fascistas e os supremacistas brancos.

Nesse meio tempo, não houve descanso para Spencer, o rosto do fascismo norte-americano. Em 8 de abril, o *Smash Racism DC* e outros antifascistas o confrontaram junto a seus apoiadores quando o grupo se reuniu para protestar contra os ataques de Trump contra a Síria. Spencer foi “bombardeado com glitter” (ele ficou inesperadamente coberto de glitter) e foi perseguido pelas ruas enquanto fugia.

Enquanto alguns comentaristas liberais lamentavam a “incivilidade” e a afronta à “liberdade de expressão” que um soco em um nazista supostamente representava, eles ignoraram completamente o fato de que um ativista da *alt-right* atirou em um antifascista chamado “Hex” durante um protesto em um discurso de Milo Yiannopoulos na Universidade de Washington no dia da posse. Hex passou três semanas na UTI e perdeu a vesícula biliar e parte do fígado, mas conseguiu se recuperar.

Hex, vale pontuar, é membro do *General Defense Committee* (GDC) do *Industrial Workers of the World* (IWW) – também conhecido como Wooblies, um dos sindicatos mais famosos e antigos dos EUA – que se tornou uma frente emergente do antifascismo. Embora o sindicato revolucionário IWW tenha organizado originalmente o GDC em 1917 para apoiar seus membros que foram presos durante o período conhecido como o “Terror Vermelho”⁴³⁴ na Primeira Guerra Mundial,⁴³⁵ a partir de 2011, os Wooblies das Cidades Gêmeas⁴³⁶ imaginaram um GDC mais proativo que não “esperaria até que o ataque chegasse para organizar o combate”. Entre suas primeiras ações estava a interrupção de um evento do revisionista do Holocausto, David Irving, e uma contramanifestação durante um evento que hasteou uma bandeira confederada.

Mais recentemente, depois que a polícia de Minneapolis matou os jovens negros Philando Castile e Jamar Clark, o movimento *Black Lives Matter*

organizou uma ocupação fora da delegacia de polícia responsável pelo caso. O GDC foi um dos vários grupos que ajudaram realizar a segurança da ocupação. Essas e outras ações ajudaram a diversificar os membros do IWW local. Em abril de 2017, o GDC das Cidades Gêmeas tinha 139 membros.⁴³⁷

Internamente, o GDC opera com o modelo de frentes de trabalho – ou seja, é composto por uma série de grupos internos que se concentram em diferentes aspectos da organização. Uma das frentes de trabalho do GDC é a restrita “frente de trabalho antifa”, que realiza pesquisas e sugere ações para o corpo maior. Erik D., um dos organizadores originais do GDC das Cidades Gêmeas, explicou que, no início, o grupo foi criticado por alguns antifascistas mais tradicionais por serem “imprudentes” ou “liberais”, mas ele esclarece que acredita que tanto frentes de ação mais restritas quanto de antifascismo popular são “absolutamente necessárias”. Na sua visão, o objetivo era “migrar do antifascismo ninja para o antifascismo popular de base ampla”.

Kieran, outro organizador do GDC, é um dos fundadores da ARA. Como Erik, ele acredita que não será “apenas um esquadrão de elite antifascista realizando uma operação técnica que ganhará isso”.

“Mais e mais”, ele explicou, “se tornou importante para mim tentar integrar o antifascismo dentro de uma concepção mais ampla de autodefesa da classe trabalhadora... de modo que não sejamos reduzidos a uma gangue extremista atacando outra gangue extremista”. Apesar dessas posições, Kieran afirma que os modelos da ARA e do GDC “não são mutuamente exclusivos... o confronto físico ainda está muito presente no cardápio”.⁴³⁸

O sucesso do GDC das Cidades Gêmeas espalhou esse modelo de antifascismo “militante e popular” por todo o país na sequência das eleições.⁴³⁹ Por exemplo, um GDC recém-formado ajudou a interromper um evento neoconfederado e a organizar uma grande manifestação contra a KKK na Carolina do Norte. “Nem todo mundo que é antifascista vai ser capaz de se mascarar e destruir coisas”, explicou Joe, do GDC da Carolina do Norte. “É preciso criar espaços para pessoas idosas, pessoas com deficiência que não conseguirão ir às ruas”.⁴⁴⁰

Um novo grupo GDC também foi organizado na cidade de Baltimore imediatamente após a eleição de Trump. Eles rapidamente pressionaram com sucesso uma VFW local para cancelar um show de rock *white-power*. “É errado pensar que 97% das atividades antifascistas que não envolvem confrontos violentos têm que ser feitas por pessoas dispostas a confrontos

violentos”, destacou Murray, veterano da ARA e atual organizador do GDC de Baltimore.⁴⁴¹

Inspirados pelo GDC das Cidades Gêmeas e o legado dos Panteras Negras, membros da *United Electrical, Radio, and Machine Workers of America*⁴⁴², em Burlington, Vermont, criaram a *Workers Defense Guard*⁴⁴³ no final de 2015 como um meio antifascista popular e militante para autodefesa da classe trabalhadora, em resposta às ameaças da Ku Klux Klan contra sindicalistas em sua cidade.⁴⁴⁴

Outra nova organização antifascista popular é a *Redneck Revolt*⁴⁴⁵ (RnR), que busca recuperar a associação histórica entre o termo “caipira” e as bandanas vermelhas dos rebeldes armados na Batalha de Blair na Virgínia Ocidental, em 1921, – a maior rebelião trabalhista na história norte-americana – a fim de “incitar um movimento entre os trabalhadores brancos” contra a supremacia branca. A RnR se inspira no legado dos Jovens Patriotas dos anos 60 e 70. As origens das RnR remontam à criação do *John Brown Gun Club* por membros do *Kansas Mutual Aid Collective* em Lawrence, Kansas, por volta de 2005 ou 2006. Em 2009, um dos membros do grupo se mudou para o Colorado e ajudou a criar um novo grupo na região com o mesmo espírito e nome, mas morreu logo depois. Ainda sim, com a campanha de Trump ganhando força, um dos co-fundadores do grupo, Tyler, me disse que era “muito chocante ter um bilionário como Trump se identificando como representante por brancos da classe trabalhadora”. Portanto, o RnR foi reformulado no início de junho de 2016 como uma organização nacional que contava com 26 grupos em abril de 2017.

Os organizadores da RnR foram muito bem-sucedidos ao se inserirem em “espaços onde nacionalistas brancos recrutavam pessoas até dizer chega”, como em shows de apresentação de armas, afirma Tyler. “As pessoas em shows de armas geralmente odeiam mais o governo do que eu, então há ótimos lugares para começar” o recrutamento, diz ele. A RnR desenvolveu uma associação que inclui muitos veteranos, ex-republicanos e até 3% de ex-milicianos do grupo que, segundo Tyler, disseram a ele que a RnR é “o que originalmente pensávamos que fosse esses 3%”.

Dado como a “esquerda cedeu armas à direita”, como diz Tyler, o objetivo da RnR é “legitimar a defesa da comunidade e o uso de armas na esquerda”. Ele também acrescentou que, embora os objetivos da RnR “sejam os mesmos” que os grupos antifas, seus membros usam suas bandanas ao redor

de seus pescoços, e não sob seus rostos, e pretendem ser “tão diretos sobre quem eles são e o que estão fazendo quanto for possível”. Apesar de seu foco ser na classe trabalhadora branca, cerca de 30% do grupo são de pessoas não brancas.

Outros grupos armados de esquerda/autodefesa da comunidade incluem os *Maoists Red Guards* em Austin, Texas, o *Huey P. Newton Gun Club*, com 8 organizações em todo o país, e o LGBTQ *Trigger Warning* (TW) em Rochester, Nova York. Oscar, um membro da TW, explicou que o grupo começou logo após a eleição de Trump, como uma resposta ao aumento da homofobia e do racismo locais. Além de desenvolver as “habilidades necessárias para defender nossa comunidade”, os organizadores da TW estão trabalhando para “adotar uma abordagem holística do antifascismo”, que inclui uma educação política sobre as raízes do fascismo. Em última análise, eles pretendem “desafiar a noção de que pessoas *queer* são fracas e desamparadas”.⁴⁴⁶

Com ou sem armas, os antifascistas estiveram nas ruas confrontando uma série de marchas da MAGA que forneceram plataformas para a organização pública da *alt-right*. Uma filial local da RnR, chamada *Phoenix John Brown Gun Club*, por exemplo, contra protestou uma manifestação do MAGA em 25 de março com rifles, ao lado de um grupo armado de Boinas Marrons do Arizona e membros da AFA de Phoenix. No dia seguinte, a *Philly Antifa* e seus aliados foram ajudados em seus esforços para acabar com uma marcha pró-Trump com a chegada de centenas de crianças em bicicletas que corriam pelas ruas bloqueando o tráfego. A polícia interrompeu a marcha por motivos de “segurança”.⁴⁴⁷

Os confrontos mais sérios, no entanto, ocorreram em Berkeley, na Califórnia, que se tornou um território muito disputado após o incidente com Milo Yiannopoulos. Em 4 de março, data em que comícios pró-Trump foram marcados em todo o país, uma briga começou entre manifestantes da *alt-right* e antifascistas, que pareciam dominar a maior parte dos conflitos do dia. Reportagens e notícias mostraram fotos de muitos manifestantes da *alt-right* ensanguentados.⁴⁴⁸ Em um esforço para vingar essa derrota, os nacionalistas brancos organizaram um evento “de sequência” no mesmo local para 15 de abril, apresentando uma série de palestrantes do movimento, incluindo Lauren Southern, “uma versão canadense de Milo Yiannopoulos”. Membros de vários grupos milicianos de extrema-direita de todo o país compareceram,

como os *Oath Keepers* e os *3%ers*, juntamente com gangues de motoqueiros fascistas que aparentemente apareceram à procura de briga no que a AFA californiana chamou de “a maior manifestação racista da *alt-right* em 2017”.⁴⁴⁹

Embora uma cerca alaranjada tenha inicialmente mantido os dois lados separados, uma vez que as duas multidões se espalharam pelo parque, a polícia pareceu ter desaparecido, e o que se seguiu foram horas de enormes conflitos de rua. Um membro do *Pastel Bloc*, um grupo médico antifascista que se formou na sequência do protesto contra Yiannopoulos, explicou que dessa vez os fascistas estavam muito melhor preparados, apesar de terem visto o dobro de facas na multidão em comparação ao protesto de quatro de março.⁴⁵⁰ Previsivelmente, a grande mídia reduziu o evento a uma batalha entre facções pró e anti-Trump, ignorando as saudações nazistas, os sinais antisemitas e a participação do grupo misógino e violento *Proud Boys*.

O modelo norte-americano de cultura e organização antifa também começou a crescer entre as torcidas organizadas de times profissionais de futebol. Um exemplo é a *Cosmopolitan Anti-Fascist Action*, um grupo antifa composto predominantemente por imigrantes da América Central e do Sul, que mantém a homofobia e a transfobia fora da arquibancada durante os jogos do *New York Cosmos*. Eles organizaram uma campanha para expor a presença de um grupo ultra de extrema-direita liderado por skinheads brancos da Polônia entre os torcedores do NYCFC (New York City Football Club) e também organizaram vários protestos anti-Trump. Grupos semelhantes atuam na torcida dos *New York Red Bulls*, assim como nas equipes de Portland, Seattle e Montreal.⁴⁵¹

Enquanto isso, na Europa, alguns dos mais ferozes conflitos antifascistas aconteceram no contexto do futebol. Embora diferentes equipes tenham tido suas próprias conotações políticas, religiosas e étnicas desde o começo do século XX, a relação do esporte com a política antifa moderna pode ser traçada a partir do final dos anos 70. Isso foi quando a Frente Nacional (NF) estava em plena ascensão na Grã-Bretanha e seus agentes tentavam recrutar pessoas durante os jogos. A Liga Anti-Nazista (ANL) – mais tarde Ação Antifascista – assumiu o papel de liderança na defesa contra a venda de

jornais fascistas nos jogos; eles também organizaram grupos de apoiadores da antifa, como o *Reds Against the Nazis*, que era composto por torcedores do Manchester United (os membros da Ação Vermelha eram em sua maioria esmagadora fãs do Manchester United).⁴⁵²

No final dos anos 80, a AFA de Leeds organizou uma campanha contra as vendas de jornais fascistas nos jogos do Leeds United e divulgou um relatório sobre o hooliganismo fascista chamado “Terror nas Arquibancadas”, que chamou a atenção do público para essa ameaça da extrema-direita. Como contou Paul Bowman, cofundador da AFA de Leeds, esses esforços levaram à publicação do primeiro fanzine antirracista da Grã Bretanha, o *Marching Altogether*, e a formação da primeira torcida organizada antirracista, o *Leeds Fans United Against Racism and Fascism*. Antes da primeira metade dos anos 90, o fascismo organizado britânico havia sido efetivamente expurgado do futebol, e o antirracismo se tornado postura dominante no esporte.⁴⁵³

Durante a mesma época, antifascistas, movimentos de ocupação e autonomistas de Hamburgo, na Alemanha, oficialmente transformaram o FC. St. Pauli em talvez o time antifascista mais icônico do mundo. Localizado no meio do distrito da luz vermelha da cidade, perto de ocupações que enfrentavam batalhas para defender suas moradias no bairro de Hafensstraße, o St. Pauli ficou imbuído de fomentar a contracultura e a rebelião do distrito, com de seu famoso logotipo não-oficial de caveira e ossos cruzados. Em 1993, os torcedores do St. Pauli criaram a Associação de Fãs de Futebol Antifascistas e, posteriormente, participaram ativamente de outras iniciativas, como a criação de torcidas organizadas *queers*. Ao longo dos anos, os torcedores do St. Pauli estreitaram laços com torcedores antifas do Celtic, AC Bilbao, e de outros clubes para estimular uma cultura mais aberta de hooliganismo antifascista.⁴⁵⁴

Em Thessaloniki, na Grécia, torcedores anarquistas do clube PAOK formaram a torcida organizada Portão 4, enquanto os torcedores do time Hércules organizaram o antifascista Portão 10 Autonomista. A pequena equipe profissional ateniense Panionios também adotou uma posição antifascista. Eles convidaram crianças refugiadas para seus jogos declarando que “Panionios significa refugiados”. A torcida organizada antifascista do clube se chama Panteras. Por outro lado, os fãs do Olympiakos são conhecidos por serem apoiadores do *Aurora Dourada*. Além do futebol

profissional, em 2012, a Liga Antifa de Atenas foi criada com 9 equipes e vem crescendo mais a cada ano.⁴⁵⁵

Em outros lugares, em fevereiro de 2017, a torcida organizada antifascista *Bukaneros*, do time Rayo Vallecano, em Madrid, conseguiu pressionar a equipe a mandar de volta um jogador fascista ucraniano que havia sido comprado recentemente. O Torneio Antifascista de Futebol em Torún, na Polônia, a Copa do Mundo Antirracista em Belfast, a Taça do Povo na Cidade do Cabo, a Copa Libertária de Futebol em Estocolmo, a Copa Antifa em Lünen, na Alemanha e o festival italiano *Kick Racism* em Udine são exemplos de torneios antifascistas e antirracistas em todo o mundo.⁴⁵⁶

Não obstante, nem todos os torcedores de futebol antifascistas têm espaço para seu ativismo no esporte. Durante anos, o autonomista antifascista Niccolò participou da “neutra” torcida organizada do AC Milan, a *Forza Leoni*, até que o clube a fechou em 2005. Estranhamente, Niccolò e outros antifas se misturaram com futuros membros do grupo fascista *CasaPound*. Nos últimos 10 anos, no entanto, ultras de extrema-direita dominaram quase totalmente o futebol italiano. Em Milão, o grupo fascista ultra mais forte é o *Lealtà Azione*, que se juntou à rede *Hammerskin Nations*. De acordo com Niccolò, os ultras fascistas e os militantes do *CasaPound* são frequentemente empregados pela máfia como soldados. Fãs de futebol antifascistas tendem a se juntar a torcidas organizadas mais “neutras”.⁴⁵⁷

No entanto, a grande maioria dos hooligans de futebol é apolítica. Jelle, ex-modelo de passarela em Milão e hooligan do Ajax de Amsterdã no início dos anos 2000, descreveu como seu grupo atacaria qualquer um que se “parecesse com um nazista” ou usasse roupas de marcas como Fred Perry ou Lonsdale, mas “mais da metade do tempo era besteira”. Até certo ponto eles tinham um “antifascismo apolítico” que às vezes os levava a se unir com os antifascistas. “Se você acha que é assustador algum antifa vir bater em você”, Jelle reconta ironicamente, “veja alguns hooligans de futebol que são criminosos de verdade”. Contudo, eles “quase tão facilmente se voltariam para tentar espancar os antifas também” se não conseguissem alcançar os nazistas. Embora no geral não exista uma forte conexão entre futebol e política na Holanda, Jelle explicou que, nos últimos anos, grupos de hooligans desenvolveram relações com a extrema-direita e “foram atrás dos centros de imigração” em Utrecht e outros lugares.⁴⁵⁸

A maioria dos ultras do futebol russo também é apolítica, de acordo com

Vladimir, organizador de um torneio de futebol antifascista em Moscou, em 2015, que envolveu equipes da Rússia e da Bielorrússia. No entanto, ele apontou que os líderes dos grupos ultra “impulsionaram suas ideologias políticas”, mudando assim suas alianças de um lado para o outro. Um ultra chamado Petr, de Ecatimburgo, lamentou em 2015 que “os estádios de futebol tenham se tornado o principal pilar dos nazistas... semelhante à Bulgária, Hungria, Polônia e Romênia”. Os nazistas voltaram a conquistar o controle das arquibancadas perto do final dos anos 90. Os únicos grupos extremistas abertamente antifascistas entre as equipes caucásias, como o Spartak Nalchik, existem por conta do ódio russo aos nazistas decorrente das guerras na Chechênia. Mesmo a criação de torcidas organizadas “neutras” pode ser perigosa, como foi para o torcedor antifascista do Dynamo Moscow, Ilya Dzhaparidze, assassinado por nazistas por criar uma torcida organizada apolítica.⁴⁵⁹

Assim como em outros países do antigo bloco soviético, a violência neonazista estourou na Rússia nos anos 1990. No final da década, grupos SHARP e RASH foram formados em Moscou, estabelecendo as bases para um pequeno, mas tenaz movimento antifa que entrou a galopes na próxima década. O movimento antifa de São Petersburgo começou em meados dos anos 2000, quando a revista *Anti-Fascist Motive* foi publicada. Com o passar dos anos, a antifa russa enfrentou talvez o mais violento movimento neonazista do continente. Pelo menos 9 antifas foram assassinados por neonazistas entre 2005 e 2009, incluindo Timur Kcharava, Alexander R’uhin, Alexey Krylov, Stanislav Markelov, Anastasia Baburova, Ivan Khuterskoy, Ilya Borodaenko e Fedor Filatov, e bombas foram implantadas nas casas de militantes antifascistas. Mais recentemente, em fevereiro de 2017, um punk antifa chamado Igor foi assassinado do lado de fora de um show punk depois que ele pediu aos neonazistas para pararem com suas saudações.⁴⁶⁰ A luta antifascista na Rússia é ainda mais difícil, dada a política autoritária do Kremlin e o forte colaboracionismo entre autoridades e vários grupos de extrema-direita.

Embora esteja além do alcance geográfico deste livro, seria uma grave injustiça contar a história do antifascismo internacional no ano de 2017 sem

ao menos mencionar o núcleo antifascista da maior revolução popular do nosso tempo: a Revolução de Rojava no norte da Síria.

As sementes ideológicas revolucionárias foram plantadas por Abdullah Öcalan, líder do Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK), ao ler o teórico anarquista Murray Bookchin, o historiador Benedict Anderson e outros escritores, enquanto cumpria sua sentença de prisão perpétua em uma prisão turca. Com o passar dos anos, a noção de Bookchin sobre o municipalismo libertário e a dissecação de Anderson da ideia de uma nação como uma “comunidade imaginada” influenciou Öcalan a redirecionar o PKK para longe de suas origens como um partido de vanguarda marxista-leninista na luta pela libertação nacional curda, que rejeitava o nacionalismo e a hierarquia de Estado, e abraçar os princípios horizontalistas do que ele chamou de “confederalismo democrático”.⁴⁶¹

Quando o presidente sírio Bashar al-Assad decidiu retirar suas forças do norte do país em 2012 em meio à guerra civil, a tarefa de combater o Estado Islâmico (ISIS) na região que os curdos chamavam de Rojava recaiu para as Unidades de Proteção Curda (YPG) e nas Unidades de Proteção da Mulher (YPJ), que haviam sido estabelecidas anos antes pelo o Partiya Yekita Demokrat (PYD), aliado sírio do PKK. No final de 2014, o ISIS controlava a maior parte da região e avançava ocupando o enclave curdo de Kobanî. No entanto, em 27 de janeiro de 2015, uma milícia de mulheres socialistas e feministas com poucos recursos, que rejeitava a hierarquia e procurava eleger suas comandantes democraticamente, chocou ao mundo ao derrotar o ISIS em Kobanî.

Como explica a escritora curda Dilar Dirik, o símbolo dessa vitória se tornou a jovem revolucionária curda Arîn Mîrkan que, em uma ação suicida, se explodiu perto de uma colina estratégica para capturar uma posição do ISIS e resgatar os combatentes curdos. Além do ISIS, a revolução enfrenta o Exército Sírio, do Exército Sírio Livre e o Estado da Turquia. Em 2015, o YPJ e o YPG se tornaram uma das maiores forças dentro das Forças Democráticas da Síria, grupo secular e multirreligioso que também têm membros árabes, sírios, turcos e de outras etnias.⁴⁶² Uma das intervenções mais importantes da YPJ/YPG na região foi o dramático resgate das centenas de milhares de yazidis que se refugiaram no Monte Sinjar para fugir do genocídio do ISIS contra sua antiga minoria religiosa.⁴⁶³

À medida que a revolução se desenrolou, o Movimento Sociedade

Democrática (TEV-Dem), formado pelo PYD e outras forças, começou a governar os novos cantões autônomos de Rojava, aproximadamente do tamanho do estado de Connecticut, com uma população de 4,6 milhões de habitantes, de acordo com as doutrinas feministas e horizontais de Öcalan. Comunidades locais de 300 membros se confederaram em distritos maiores que foram organizados em “conselhos populares”. A tomada de decisões fluiu de baixo para cima, e todo e qualquer corpo de trabalho é obrigado a ser composto por pelo menos 40% de mulheres.⁴⁶⁴ A batalha contra o ISIS e a situação do povo curdo começou a atrair voluntários estrangeiros por volta de 2014. A “primeira equipe internacionalista” de franco-atiradores foi formada durante a defesa de Kobani. Ela incluía combatentes italianos, espanhóis, britânicos e americanos. Enquanto muitos dos primeiros voluntários ocidentais eram cristãos evangélicos, como os membros dos Filhos da Liberdade Internacional, os mais recentes, porém, eram de esquerda, segundo um anarquista internacionalista em Rojava que consegui entrevistar. Na sua opinião, a maioria dos turcos é marxista-leninista ou maoísta, mas os europeus estão divididos entre marxistas e anarquistas. No entanto, independentemente das políticas individuais, ele estava convencido que de tanto os curdos quanto os estrangeiros consideravam o ISIS e o presidente turco Erdogan como fascistas, e a defesa da Revolução de Rojava como parte da luta antifascista.

Inspirado pelo legado antifascista das Brigadas Internacionais durante a Guerra Civil Espanhola, em junho de 2015, o Batalhão Internacional pela Liberdade (IFB) foi criado em Rojava. Ele incluía organizações comunistas turcas, como o MLKP e o TKP-ML/TIKKO, e grupos nacionais como a anarquista francesa Brigada Henri Krasucki, a União Anarco-Comunista Revolucionária Grega para a Solidariedade Internacionalista e a Brigada Bob Crow para combatentes britânicos e irlandeses.⁴⁶⁵ Em dezembro de 2016, o Tabur Internacional Antifascista (termo curdo para batalhão) também aderiu à IFB. Seu símbolo é uma fênix em ascensão estampada com o triângulo das Brigadas Internacionais e seus membros frequentemente posam com a bandeira antifascista.

De acordo com os relatos, embora o número de voluntários estrangeiros não tenha sido alto, muitos deles pagaram o preço final por seu antifascismo: por volta de fevereiro de 2017, mais de 20 voluntários estrangeiros haviam sido mortos no conflito e muito mais curdos, yazidis e membros de outros grupos

étnicos regionais morreram lutando contra o fascismo por todos os lados. Nas palavras do Tabur Internacional Antifascista, “nosso escudo é inspirado nos revolucionários na Espanha de 1936, que lutaram por um mundo sem fronteiras, sem sombras e sem medo – a história não os derrotou. Seus sonhos não estão mortos, mas vivem em nós, em cada camarada que luta em Rojava. Como uma fênix se ergue das cinzas, assim o fogo da Revolução continuará queimando para sempre”.⁴⁶⁶

³²¹ Entrevista com Dominic; “Migration and the Far Right: An Interview with German Antifascists on Heidenau,” *Viewpoint Magazine*, August 28, 2015: <https://www.viewpointmag.com/2015/08/28/migration-andthe-far-right-an-interview-with-german-antifascists-on-heidenau/>; “Die Brandstifter aus der Nachbarschaft,” *Antifaschistisches Infoblatt*, 10 de junho de 2016: <https://www.antifainfoblatt.de/artikel/die-brandstifteraus-der-nachbarschaft/>; “Ein wenig mehr als Feuerwehr,” *Antifaschistisches Infoblatt*, 20 de outubro de 2015: <https://www.antifainfoblatt.de/artikel/ein-wenig-mehr-als-feuerwehr/>; “German police disperse far right protesters blocking access to refugee center in Saxony,” *DW*, 22 de agosto de 2015: <http://www.dw.com/en/german-police-dispersefar-right-protesters-blocking-access-to-refugee-center-in-saxony/a-18665359>.

³²² Entrevista com Dominic.

³²³ “Why don’t Syrian refugees stay in Turkey?” *BBC News*, 15 de julho de 2016: <http://www.bbc.com/news/magazine-36808038>; Phillip Connor, “Number of Refugees to Europe Surges to Record 1.3 Million in 2015,” *Pew Research Center*, 2 de agosto de 2016: <http://www.pewglobal.org/2016/08/02/number-of-refugees-to-europe-surges-to-record-1-3-million-in-2015/>; “2016: Refugee Arrivals Fall as Deaths Hit Record,” *Al Jazeera*, 18 de dezembro de 2016: <http://www.aljazeera.com/news/2016/12/refugees-mediterranean-161218084101126.html>.

³²⁴ Marcus, *The National Front*, p. 21.

³²⁵ N. do T.: Alternativa para a Alemanha.

³²⁶ Simon Shuster, “European Politics are Swinging to the Right,” *Time*, 22 de setembro de 2016: <http://time.com/4504010/europe-politicsswing-right/>.

³²⁷ N. do T.: Partido da Independência do Reino Unido.

³²⁸ N. do T.: Aurora Dourada.

³²⁹ “Europe’s Rising Far Right: A Guide to the Most Prominent Parties,” *New York Times*, 4 de dezembro de 2016: https://www.nytimes.com/interactive/2016/world/europe/europe-far-right-political-parties-listy.html?_r=0; Anoosh Chakelian, “Rise of the Nationalists: A Guide to Europe’s Far-Right Parties,” *New Statesman*, 8 de março de 2017: <http://www.newstatesman.com/world/europe/2017/03/rise-nationalists-guide-europe-s-far-right-parties>; Peter Foster et al., “Dutch election result”, *The Telegraph*, 16 de março de 2017: <http://www.telegraph.co.uk/news/2017/03/15/dutch-election-results-geert-wilders-and-mark-rutte-viepower/>; Rory Mulholland et al., “Emmanuel Macron says France facing ‘immense task’ to rebuild unity as he defeats Marine Le Pen”, *The Telegraph*, 8 de maio de 2017: <http://www.telegraph.co.uk/news/2017/05/07/french-election-live-marine-le-pen-emmanuel-macronpresidency/>.

³³⁰ Konstantin Richter, “Germany’s far-right AfD is here to stay,” *Politico*, 24 de abril de 2016:

<http://www.politico.eu/article/germanys-farright-afd-is-here-to-stay/>; “Germany shocked by Cologne New Year gang assaults on women,” *BBC News*, 5 de janeiro de 2016: <http://www.bbc.com/news/world-europe-35231046>; Matt Broomfield, “Majority of Germans think Islam does not ‘belong’ in their country,” *Independent*, 13 de maio de 2016: <https://www.independent.co.uk/news/world/europe/refugee-crisis-germany-islam-does-not-belong-in-country-a7027361.html>; Thomas Meaney, “The New Star of Germany’s Far Right,” *The New Yorker*, 3 de outubro de 2016: <http://www.newyorker.com/magazine/2016/10/03/the-new-star-of-germanys-far-right>.

³³¹ Meaney, “The New Star”; Amanda Taub, “Germany’s Taboos, Once a Bulwark Against the Far Right, May now be Enabling it,” *New York Times*, 17 de fevereiro de 2017: <https://www.nytimes.com/2017/02/17/world/europe/germany-far-right-politics-afd.html>.

³³² Carly Berwick, “Dresden,” *Slate*, 16 de fevereiro de 2006: http://www.slate.com/articles/news_and_politics/dispatches/2006/02/dresden.html; “Chronology,” Abolish Commemoration: <http://www.abolishcommemoration.org/chronology.html>.

³³³ Entrevista com Dominic.

³³⁴ Ibid.; “Chronology,” *Abolish Commemoration*; “Counter-Marches Don’t Impress the Nazis a Bit,” *Spiegel Online*, 16 de fevereiro de 2009: <http://www.spiegel.de/international/germany/the-world-fromberlin-counter-marches-don-t-impress-the-nazis-a-bit-a-607856-amp.html>.

³³⁵ Entrevista com Dominic.

³³⁶ Meaney, “The New Star of Germany’s Far Right,” *The New Yorker*; Josh Lowe, “Anti-Islam Organization PEGIDA is Exporting Hate Across Europe,” *Newsweek*, 15 de fevereiro de 2016: <http://www.newsweek.com/anti-islam-organization-pegida-exportinghate-across-europe-426805>.

³³⁷ Kate Connolly, “Estimated 15,000 people join ‘pinstriped Nazis’ on march in Dresden,” *The Guardian*, 15 de dezembro de 2014: <https://www.theguardian.com/world/2014/dec/15/dresden-police-pegidagermany-far-right>.

³³⁸ N. do T.: Junção das palavras “Rape” (Estupro) e “Refugees” (Refugiados), ou seja, “Refugiados estupradores não são bem-vindos”; “Feministische Intervention von rechts?” *Antifaschistisches Infoblatt*, 25 de abril de 2016: <https://www.antifainfoblatt.de/artikel/feministischeintervention-von-rechts>.

³³⁹ N. do T.: Hooligans Contra Salafistas.

³⁴⁰ N. do T.: Liga de Defesa Alemã.

³⁴¹ “Pegida vertraulich,” *Antifaschistisches Infoblatt*, 7 de dezembro de 2016: <https://www.antifainfoblatt.de/artikel/pegida-vertraulich-0>; “HoGeSa ist Teil einer längeren Entwicklung” *Antifaschistisches Infoblatt*, 7 de dezembro de 2015: <https://www.antifainfoblatt.de/artikel/hogesa-ist-teileiner-l%C3%A4ngeren-entwicklung>; Markus Ragusch and Michael Weiss, “Die Hooligans gegen Salafisten sind mehr als nur Ausdruck eines antiislamischen Rassismus,” *Antifaschistisches Infoblatt*, 24 de dezembro de 2014: <https://www.antifainfoblatt.de/artikel/die-hooligans-gegen-salafisten-sind-mehr-als-nur-ausdruck-eines-antiislamischen-rassismus>.

³⁴² Ragusch and Weiss, “Die Hooligans”; “Pegida vertraulich”; “PEGIDA Review,” *Antifaschistisches Infoblatt*, 21 de abril de 2015: <https://www.antifainfoblatt.de/artikel/pegida-review>.

³⁴³ Entrevista com Dominic; Fantifa Frankfurt: <https://fantifafrankfurt.wordpress.com/eine-seite/>; Fantifa Kongress: <https://fantifakongress.noblogs.org/>, traduzido por Christina Chiknas.

³⁴⁴ Entrevista com Dominic.

³⁴⁵ Rudolf Heß »Gedenkmarsch« mußte ausfallen, *Antifaschistisches Infoblatt*, 11 de novembro de

1997:<https://www.antifainfoblatt.de/artikel/rudolfhe%C3%9F%C2%BBgedenkmarsch%C2%ABmu%C ausfallen>; Ren. Karpantschof e Flemming Mikkelsen, “Youth, Space, and Autonomy in Copenhagen: The Squatters’ and Autonomous Movement, 1963–2012,” in Bart van der Steen, et al. eds., *The City is Ours: Squatting and Autonomous Movements in Europe from the 1970s to the Present* (Oakland: PM Press, 2014), p. 192; Katsiaficas, *The Subversion of Politics*, p. 123–127.

³⁴⁶ Entrevista com Ole, março de 2017.

³⁴⁷ “Die dänische Neonaziszene”, *Antifaschistisches Infoblatt*, ²⁷ de dezembro de 2005: <https://www.antifainfoblatt.de/artikel/die-d%C3%A4nische-neonaziszene>.

³⁴⁸ Entrevista com Ole.

³⁴⁹ N. do T.: Frente Dinamarquesa.

³⁵⁰ Entrevista com Rasmus Preston, março de 2017; <https://redox.dk/>.

³⁵¹ N. do T.: Pela Liberdade.

³⁵² For Friheds forsøg på at bygge en folkebevægelse slog fejl, *REDOX*, 7 de agosto de 2015: <https://redox.dk/nyheder/friheds-fors%C3%B8gp%C3%A5-bygge-en-folkebev%C3%A6gelse-slog-fejl>; “Clashes erupt as PEGIDA, pro-immigration supporters hold rival rallies in Denmark,” *RT*, 3 de dezembro de 2016: <https://www.rt.com/news/369122-denmark-pegida-antifa-demos/>.

³⁵³ N. do T.: Partido do Povo Dinamarquês.

³⁵⁴ Entrevista com Preston; Vas Panagiotopoulos, “Denmark’s new anti-Islam, anti-immigration, anti-tax party,” *Politico*, 6 de fevereiro de 2017: <http://www.politico.eu/article/meet-denmarks-new-anti-islamanti-immigration-anti-tax-party-nye-borgerlige-new-right-pernillevermund/>; Lizzie Dearden, “Danish opposition party demands immigrants celebrate Christmas ‘if they want to be Danish,’” *Independent*, 17 de fevereiro de 2017: <https://www.independent.co.uk/news/world/europe/denmark-peoples-party-immigration-refugeeschristmas-christianity-easter-church-danish-a7585221.html>.

³⁵⁵ Entrevista com Rasmus Preston.

³⁵⁶ *Nästa Station Rönninge*, dirigido por Rasmus Preston e Andreas Rasmussen (2015: Produktionskollektivet Opbrud); Fabian Virchow, “Creating a European (no-Nazi) movement by joint political action?” in Andrea Mammone et al., eds., *Varieties of Right-Wing Extremism in Europe* (New York: Routledge, 2013), p. 202–203; Dennis Sven Nordin, *A Swedish Dilemma: A Liberal European Nation’s Struggle with Racism and Xenophobia, 1990–2000* (Lanham: University Press of America, 2005), p. 197–198; Elisabeth Elgán e Irene Scrobbie, *Historical Dictionary of Sweden Third Edition* (Lanham: Rowman & Littlefield, 2015), p. 196, 263–264; Carl-Gustaf Scott, *African Footballers in Sweden: Race, Immigration, and Integration in the Age of Globalization* (New York: Palgrave Macmillan, 2015).

³⁵⁷ N. do T.: Frente Nacional-Socialista.

³⁵⁸ N. do T.: Movimento Sueco de Resistência.

³⁵⁹ *Nästa Station Rönninge*; Virchow, “Creating a European (no-Nazi) movement by joint political action?” in Mammone et al., eds., *Varieties of Right-Wing Extremism*: <https://antifa.se/historik/>; Entrevista com Dolores C., abril de 2017; Jämte, “Antirasismens Många ansikten”, p. 288.

³⁶⁰ *Nästa Station Rönninge*; Entrevista com Dolores C.

³⁶¹ *Antifascisterna*, dirigido por Patrik Öberg e Emil Ramos; “Interview with an Antifascist Prisoner in Sweden, *Kersplebedeb*, 12 de dezembro 2014: <http://kersplebedeb.com/posts/interview-with-an-antifascistprisoner-in-sweden/>; Svenska Motståndsrörelsen, *Redox*: <https://redox.dk/baggrund/organisationer/svenska-motst%C3%A5nds%C3%B6relsen>.

³⁶² Andreas Rasmussen, *Ingen jävla Hjärte* (Malmö: Kira Förlag, 2016); “Info on the nazi attacks on feminists,” *Project Antifa*, 13 de março de 2014: <http://projektantifa.dk/nyheder/article/info-on-the->

nazi-attackson; Gabriel Kuhn, “Kämpa Showan!” PM Blog, dezembro de 2016: <http://www.pmpress.org/content/article.php/20161212062122214>.

³⁶³ Entrevista com Dolores C., Ole e Rasmus Preston; “The Rise of Sweden’s Far-Left Militants,” *Vice News*, 27 de maio de 2014: <https://www.youtube.com/watch?v=U1MYMVfyHi0>.

³⁶⁴ Elgán e Scrobbie, *Historical Dictionary of Sweden*, p. 263–264; Jon Sharman, “Anti-immigrant party takes first place in Sweden, poll shows,” *Independent*, 25 de março de 2017: <https://www.independent.co.uk/news/world/europe/anti-immigrant-sweden-democratsyougov-poll-first-most-popular-refugee-a7649506.html>; Richard Orange, “First we take Hässleholm,” *Politico*, 10 de fevereiro de 2017: <http://www.politico.eu/article/sverigedemokraterna-first-we-takehassleholm-swedish-far-right-rises-ulf-erlandsson-anna-kinbergbatra-stefan-lofven/>; Chakelian, “Rise of the Nationalists.”

³⁶⁵ *Antifascisterna*.

³⁶⁶ Alex de Jong, “Pro-gay and anti-Islam: rise of the Dutch far-right,” *ROAR*, 8 de fevereiro de 2015: <https://roarmag.org/essays/wilders-fortuynnationalism-netherlands/>; Ian Traynor, “‘I don’t hate Muslims. I hate Islam,’ says Holland’s rising political star,” *The Guardian*, 16 de fevereiro de 2008: <https://www.theguardian.com/world/2008/feb/17/netherlands.islam>; Entrevista com Job Polak, março de 2017; Polak, “A History of Dutch Fascism.”

³⁶⁷ Angelique Chrisafis, “Far-right Front National: from protest vote to ‘first party in France’?” *The Guardian*, 19 de março de 2015: <https://www.theguardian.com/world/2015/mar/19/front-national-secretwelcome-provincial-france-elections>; James McAuley, “As France’s Far-Right National Front Rises, Memory of its Past Fades,” *The Washington Post*, 26 de janeiro 2017: https://www.washingtonpost.com/world/as-frances-far-right-national-front-rises-memory-of-its-pastfades/2017/01/26/dfeb0d42-e1ac-11e6-a419-eefe8eff0835_story.html?utm_term=.6b8f319ac196; Adam Nossiter, “France’s Far Right Sees an Opportunity in ‘Brexit,’” *New York Times*, 28 de junho de 2016: <https://www.nytimes.com/2016/06/29/world/europe/france-national-frontbrexit.html>; Dédiabolisation”, *The Economist*, 11 de agosto de 2012: <http://www.economist.com/node/21560280>; Annie Benveniste e Etienne Pingaud, “Far-Right Movements in France: The Principal Role of Front National and the Rise of Islamophobia,” in Gabriella Lazaridis et al. eds., *The Rise of the Far Right in Europe: Populist Shifts and ‘Othering’* (London: Palgrave Macmillan, 2016), p. 63.

³⁶⁸ N. do T.: Na França, um *banlieue* é um subúrbio de uma cidade grande. Eles são divididos em entidades administrativas autônomas e não fazem parte da cidade propriamente dita. Por exemplo, 80% dos habitantes da área metropolitana de Paris vivem fora da cidade.

³⁶⁹ Entrevista com Camille, abril de 2017.

³⁷⁰ N. do T.: Pavimento Em Chamas.

³⁷¹ N. do T.: Bloco Identitário.

³⁷² Entrevista com o Pavé Brûlant, fevereiro de 2017; “Tout ce que vous avez toujours voulu savoir sur le SCALP-Reflex (sans jamais oser le demander)” *SCALP-REFLEX*, 18 de janeiro de 2014: <http://scalp-reflex.over-blog.com/>.

³⁷³ <http://scalp-reflex.over-blog.com/>; Entrevista com Camille.

³⁷⁴ Entrevista com Camille.

³⁷⁵ “Οι «κάτοικοι» του Αγ. Παντελεήμονα,” *Athens Indymedia*, 4 de outubro de 2012: <https://athens.indymedia.org/post/1426623/>; Joanna Kakassis, “Far-Right Greek Party Rides Wave of Economic Anger,” *NPR*, 13 de novembro de 2012: <http://www.npr.org/2012/11/13/164407096/farright-greek-party-rides-wave-of-economic-anger>; “Minority groups react to Amerikis Square attacks,” *ekathimerini*, 26 de setembro de 2012:

<http://www.ekathimerini.com/144930/article/ekathimerini/news/minority-groups-react-to-amerikis-square-attacks>; “Officer took part in market attack,” *ekathimerini*, 11 de setembro de 2012: <http://www.ekathimerini.com/144553/article/ekathimerini/news/officer-took-part-inmarket-attack>; Alex Spillius, “Rise of neo-Nazi Golden Dawn party leads to spate of immigrant attacks in Greece,” *The Telegraph*, 13 de junho de 2012: <http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/europe/greece/9330223/Rise-of-neo-Nazi-Golden-Dawn-party-leads-to-spate-ofimmigrant-attacks-in-Greece.html>; Maria Margaronis, “Greek antifascist protesters ‘tortured by police’ after Golden Dawn clash,” *The Guardian*, 9 de outubro de 2012: <https://www.theguardian.com/world/2012/oct/09/greek-antifascist-protesters-torture-police>.

³⁷⁶ Margaronis, “Greek anti-fascist protesters”; “AntifAlice in Monsterland,”: <http://eagainst.com/articles/antifalice-in-monsterland/>; Entrevista com Yiorgos e Eliana Kanaveli, março de 2017.

³⁷⁷ Ibid.

³⁷⁸ Entrevista com Yiorgos e Eliana Kanaveli.

³⁷⁹ Kakissis, “Far-Right Greek Party”; Yesenia Barragan, *Selling our Death Masks: Cash-For-Gold in the Age of Austerity* (Winchester: Zero, 2014), p. 58; Karolina Tagaris, “Far-right Golden Dawn exploits darker side of Greece’s discontent,” *Reuters*, 11 de setembro de 2015: <http://uk.reuters.com/article/uk-eurozone-greece-goldendawn-idUKKCN0RB1HE20150911>.

³⁸⁰ Lucy Rodgers e Nassos Stylianou, “How bad are things for the people of Greece?” *BBC News*, 16 de julho de 2015: <http://www.bbc.com/news/world-europe-33507802>; “Explaining Greece’s Debt Crisis,” *The New York Times*, 17 de junho de 2016: <https://www.nytimes.com/interactive/2016/business/international/greece-debt-crisis-euro.html>.

³⁸¹ Kakissis, “Far-Right Greek Party”; “Hate on the Streets,” *Human Rights Watch*, 10 de julho de 2012: <https://www.hrw.org/report/2012/07/10/hatestreets/xenophobic-violence-greece>; Tagaris, “Far-right Golden Dawn; Liz Alderman, “Greek Far Right Hangs a Target on Immigrants,” *The New York Times*, 10 de julho de 2012: <http://www.nytimes.com/2012/07/11/world/europe/as-golden-dawn-rises-in-greece-antiimmigrantviolence-follows.html>; “Did one in two Greek policemen really vote for Golden Dawn?”: <http://news.radiobubble.gr/2012/06/did-one-in-two-greek-policemen-really.html>.

³⁸² ORMA Antifa is one explicitly antifa group in Athens: <https://ormantifa.wordpress.com/>; A. G. Schwarz et al., eds., *We are an Image from the Future: The Greek Revolt of December 2008* (Oakland: AK Press, 2010).

³⁸³ Barragan, *Selling our Death Masks*, p. 57.

³⁸⁴ Joseph Charlton, “Greek anti-fascist rapper murdered by ‘neo-Nazi’ Golden Dawn supporter,” *Independent*, 18 de setembro de 2013: <https://www.independent.co.uk/news/world/europe/greek-anti-fascist-rapper-murdered-by-neo-nazi-golden-dawn-supporter-8824664.html>; “Anarchists, riot police clash outside Athens as nation strikes,” *RT*, 18 de setembro de 2013: <https://www.rt.com/news/greecestrike-public-sector-013/>; Entrevista com Yiorgos.

³⁸⁵ Helena Smith, “Golden Dawn shooting survivor could hold clues to identities of killers,” *The Guardian*, 3 de novembro de 2013: <https://www.theguardian.com/world/2013/nov/03/golden-dawn-shootingsurvivor-witnessed-killings>; Dorian Lynskey, “Did a Rapper’s Murder Bring down Greece’s Neo-Nazi Party?” *Buzzfeed*, 23 de janeiro de 2014: https://www.buzzfeed.com/dorianlynskey/how-the-murder-ofrapper-pavlos-fyssas-turned-greece-upside?utm_term=.gb9JwY7o3#.gb9JwY7o3; “Moment of deadly attack on Golden Dawn office,” *Euronews*, 6 de novembro de 2013: <https://www.youtube.com/watch?v=Wz1dVljkhJ0>; “Love and Rockets” Temporada 1, Episódio 4, *Vice on HBO*: <https://www.youtube.com/watch?v=eEk5-MAKIHE&t=1528s>.

³⁸⁶ Entrevista com Malamas Sotiriou, março de 2017; “Die antifa hat es mit viel Mühe geschafft, auf

den Stra.en dominant zu sein,” *Antifaschistisches Infoblatt*, 11 de setembro de 2014: <https://www.antifainfoblatt.de/artikel/%E2%80%9Edie-antifa-hat-es-mit-viel-m%C3%BChe-geschafft-auf-den-stra%C3%9Fen-dominant-zu-sein%E2%80%9C>.

³⁸⁷ Nick Squires et al., “What is the Golden Dawn trial about?” *The Telegraph*, 20 de abril de 2015: <http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/europe/greece/11548387/What-is-the-Golden-Dawn-trial-about.html>.

³⁸⁸ “Pavlos Fyssas Brigade Claims Golden Dawn HQ Attack,” *The National Herald*, 7 de abril de 2017: <https://www.thenationalherald.com/157437/pavlos-fyssas-brigade-claims-golden-dawn-hq-attack/>; Entrevistas com Malamas Sotiriou, Eliana Kanaveli e Yiorgos.

³⁸⁹ Chakelian, “Rise of the Nationalists”; Anthee Carassava, “How the rise of Donald Trump has re-energised Greece’s neo-Nazis,” *Independent*, 31 de janeiro de 2017: <https://www.independent.co.uk/news/world/europe/donald-trump-muslim-ban-greece-neo-nazi-golden-dawnathens-march-protest-a7555706.html>.

³⁹⁰ Patrick Strickland, “Greek punk bands raise money for refugee squats,” *Al Jazeera*, 7 de fevereiro de 2017: <http://www.aljazeera.com/indepth/features/2017/01/greek-punk-bands-raise-money-refugee-squats-170119132728335.html>; “Athens, Greece: Refugee Housing Squat Notara 26 targeted in arson attack,” *Insurrection News*, 24 de agosto de 2016: <https://insurrectionnewsworldwide.com/2016/08/24/athensgreece-refugee-housing-squat-notara-26-targeted-in-arson-attack/>; Entrevista com Eliana Kanaveli e Yiorgos.

³⁹¹ Entrevista com Malamas Sotiriou; “Athens, Greece: Police evict 2 squats, 7 anarchists and over 100 refugees detained,” *Insurrection News*, 13 de março de 2017: <https://insurrectionnewsworldwide.com/2017/03/13/athens-greece-police-evict-2-squats-and-detain-over-100-refugees/>.

³⁹² N. do T.: Movimento Antiautoritário.

³⁹³ Entrevista com Malamas Sotiriou.

³⁹⁴ Ibid.

³⁹⁵ Cyril Castelliti, “Au club de boxe antifa et solidaire de Marseille,” *Vice Sports*, 14 de novembro de 2015: <https://sports.vice.com/fr/article/auclub-de-boxe-antifa-et-solidaire-de-marseille>; “Antifa Fight Club: An overview of Italy’s antifascist gyms & boxing clubs,” *Insurrection News*, 1º de novembro de 2015: <https://insurrectionnewsworldwide.com/2015/11/01/antifa-fight-club-an-overview-of-italys-antifascist-gymsboxing-clubs/>.

³⁹⁶ N. do T.: São jovens que vivem nos EUA sem cidadania americana ou outro status legal de imigração. Imigrantes indocumentados são às vezes referidos como sendo ‘não autorizados’, ‘fora de status’ ou ‘ilegalmente presentes’.

³⁹⁷ Mark Noack, “Rumors of immigration raids reach ‘boiling point,’” *Palo Alto Online*, 18 de fevereiro de 2017: <https://paloaltoonline.com/news/2017/02/18/rumors-of-immigration-raids-reach-boiling-point>.

³⁹⁸ N. do T.: Trocadilho com o escândalo do caso *Watergate*, em 1972, que levou o presidente republicano Richard Nixon à renúncia em 1974.

³⁹⁹ Entrevista com Christopher Key, março de 2017.

⁴⁰⁰ N. do T.: Os Caça-Fantasmas, filme homônimo de 1984. O remake de 2016 foi protagonizado somente por mulheres.

⁴⁰¹ “Yiannopoulos on college speaking tour,” CNN, February 2, 2017: <http://www.cnn.com/2017/02/01/us/milo-yiannopoulos-berkeley/>; Keegan Hankes, “How Stephen Bannon Made Milo Dangerous,” *SPLC*, 23 de fevereiro de 2017:

<https://www.splcenter.org/hatewatch/2017/02/23/how-stephen-bannon-made-milo-dangerous>; Noah Michelson, “Here’s a Fact-Check on Milo Yiannopoulos’ Incendiary Claims About Trans People,” *The Huffington Post*, 18 de fevereiro de 2017: http://www.huffingtonpost.com/entry/milo-yiannopoulos-transgender-people-truth_us_58a84dcae4b07602ad551487.

⁴⁰² Maya Oppenheim, “UC Berkeley protests: Milo Yiannopoulos planned to ‘publicly name undocumented students’ in cancelled talk,” *Independent*, 3 de fevereiro de 2017: <https://www.independent.co.uk/news/world/americas/uc-berkeley-protests-milo-yiannopoulospublicly-name-undocumented-students-cancelled-talk-illegals7561321.html>; Julia Carrie Wong, “UC Berkeley cancels ‘alt-right’ speaker Milo Yiannopoulos as thousands protest,” *The Guardian*, 2 de fevereiro de 2017: <https://www.theguardian.com/world/2017/feb/01/milo-yiannopoulos-uc-berkeley-event-cancelled>; Entrevistas com Juan Prieto, *Against the Grain*, 14 de fevereiro de 2017.

⁴⁰³ Wong, “UC Berkeley cancels ‘alt-right’”; Entrevista com Prieto.

⁴⁰⁴ “Yiannopoulos on college speaking tour,” CNN.

⁴⁰⁵ Max Kutner, “Inside the Black Bloc Protest Strategy that Shut Down Berkeley,” *Newsweek*, 14 de fevereiro de 2017: <http://www.newsweek.com/2017/02/24/berkeley-protest-milo-yiannopoulos-black-bloc-556264.html>; Jason Le Miere, “What is Antifa? Anti-Fascist Group Behind Violent Berkeley Protest Against Milo Yiannopoulos,” *International Business Times*, 2 de fevereiro de 2017: <http://www.ibtimes.com/what-antifa-anti-fascist-group-behind-violent-berkeleyprotest-against-milo-2485217>; Will Yates, “America’s Extremist Battle: Antifa v alt-right,” *BBC News*, 20 de fevereiro de 2017: <http://www.bbc.com/news/blogs-trending-39004753>; Emma Grey Ellis, “Neo-Nazis Face a New Foe Online and IRL: The Far-Left Antifa,” *Wired*, 4 de fevereiro de 2017: <https://www.wired.com/2017/02/neo-nazis-face-newfoe-online-irl-far-left-antifa/>; Patrick Strickland, “US anti-fascists: ‘We can make racists afraid again,’” *Al Jazeera*, 21 de fevereiro de 2017: <http://www.aljazeera.com/indepth/features/2017/02/anti-fascistsracists-afraid-170221100950730.html>; Matthew Sheffield, “Anti-fascist radicals: Liberals don’t realize the serious danger of the alt-right,” *Salon*, 10 de março de 2017: <https://www.salon.com/2017/03/10/anti-fascistradicals-liberals-dont-realize-the-serious-danger-of-the-alt-right/>; Lynn Neary, “Free Speech Advocates, Publishers Wrestle with Questions of Censorship”, *NPR*, 12 de janeiro de 2017: <http://www.npr.org/2017/01/12/509497010/free-speech-advocates-publishers-wrestlewith-questions-of-censorship>; “For Antifa, Not all Speech Should be Free,” *WNYC*, 10 de fevereiro de 2017: <https://www.wnyc.org/story/antifa-speech-free/>.

⁴⁰⁶ Entrevista com Murray.

⁴⁰⁷ “William Pierce,” *SPLC*: <https://www.splcenter.org/fighting-hate/extremist-files/individual/william-pierce>; Matt Hale, *SPLC*: <https://www.splcenter.org/fighting-hate/extremist-files/individual/matt-hale>.

⁴⁰⁸ Entrevista com Howie.

⁴⁰⁹ Entrevista com Jack, março de 2017.

⁴¹⁰ Entrevista com a RCA, abril de 2017.

⁴¹¹ “Hate Map,” *SPLC*: <https://www.splcenter.org/hate-map>; Mark Potok, “The Year in Hate and Extremism,” *SPLC*, 15 de fevereiro 2017: <https://www.splcenter.org/fighting-hate/intelligence-report/2017/year-hate-and-extremism>.

⁴¹² Entrevista com a RCA.

⁴¹³ “Alternative Right,” *SPLC*: <https://www.splcenter.org/fighting-hate/extremist-files/ideology/alternative-right>; “Richard Bertrand Spencer,” *SPLC*: <https://www.splcenter.org/fighting-hate/extremist-files>

⁴¹⁴ Burley, “Defining the Alt Right”; Alexander Reid Ross, *Against the Fascist Creep* (Oakland: AK

Press, 2017), p. 296–305.

⁴¹⁵ Entrevista com Daryle Lamont Jenkins, abril de 2017.

⁴¹⁶ N. do T.: Nova Direita.

⁴¹⁷ “Yiannopoulos on college speaking tour,” CNN.

⁴¹⁸ “Milo Speaks Out to Tucker,” *Fox News Insider*, 1 de fevereiro de 2017: <http://insider.foxnews.com/2017/02/01/campus-chaos-protestsforce-cancellation-milo-yiannopoulos-event-uc-berkeley>.

⁴¹⁹ “Yiannopoulos on college speaking tour,” CNN.

⁴²⁰ N. do T.: Alternativa Leve.; Burley, “Defining the Alt Right”.

⁴²¹ Entrevista com Christopher Key; Ross, *Against the Fascist Creep*, p. 296.

⁴²² Lydia O’Connor, “Here are 13 Examples of Donald Trump Being Racist,” *Huffington Post*, 29 de fevereiro de 2016: http://www.huffingtonpost.com/entry/donald-trump-racist-examples_us_56d47177e4b03260bf777e83.

⁴²³ Krishnadev Calamur, “What Europe’s Far Right Sees in Trump’s Win,” *The Atlantic*, 10 de novembro de 2016: <https://www.theatlantic.com/international/archive/2016/11/trump-far-right-europe/507314/>.

⁴²⁴ Don Terry, “A Better Way,” *SPLC*, 16 de maio de 2013: <https://www.splcenter.org/fighting-hate/intelligence-report/2013/better-way>; “Post-release Fund for Jason Sutherlin,” 11 de agosto de 2014: <https://tinleyparkfive.wordpress.com/>; Indiana Antifa was created in early 2015: Entrevista com Indiana Antifa, maio de 2017.

⁴²⁵ https://torchantifa.org/?page_id=42; Entrevista com Iggy.

⁴²⁶ James Queally, “Ku Klux Klan rally in Anaheim erupts in violence,” *Los Angeles Times*, February 29, 2016: <http://www.latimes.com/local/lanow/la-me-ln-klan-rally-in-anaheim-erupts-in-violence-oneman-stabbed-20160227-story.html>.

⁴²⁷ Mike McPhate, “10 Injured During White Nationalist Protest in Sacramento,” *New York Times*, 26 de junho de 2016: <https://www.nytimes.com/2016/06/27/us/7-injured-during-white-nationalist-protestin-sacramento.html>.

⁴²⁸ Entrevista com Brett; <https://itsgoingdown.org/university-nebraskaomaha-student-cooper-ward-deputy-director-american-vanguard/>.

⁴²⁹ Spencer Sunshine, “The Changing Face of Anti-Fascism,” *truthout*, 18 de janeiro de 2017: <http://www.truth-out.org/news/item/39128-thechanging-face-of-anti-fascism>.

⁴³⁰ Entrevista com Chepe, abril de 2017; <https://itsgoingdown.org/fierce-anticapitalist-anti-fascist-bloc-inauguration/>; Natasha Lennard, “How the Government is Turning Protesters into Felons,” *Esquire*, 12 de abril de 2017: <http://www.esquire.com/news-politics/a54391/how-the-government-is-turning-protesters-into-felons/?src=socialflowTW>; <http://m.democracynow.org/headlines/2017/5/2/48754>.

⁴³¹ Christopher Ingraham, “Republican lawmakers introduce bills to curb protesting in at least 18 states,” *Washington Post*, 24 de fevereiro de 2017: https://www.washingtonpost.com/news/wonk/wp/2017/02/24/republican-lawmakers-introduce-bills-to-curb-protesting-in-at-least-17-states/?utm_term=.750c71800982; “Tennessee bill would make drivers immune from civil liability if they hit protesters in street”: <http://kdvr.com/2017/02/13/tennessee-bill-would-make-driversimmune-from-civil-liability-if-they-hit-protesters-blocking-street/>; Nina Agrawal, “In North Dakota, it could become legal to hit a protester with your car,” *Los Angeles Times*, 3 de fevereiro de 2017: <http://www.latimes.com/nation/la-na-bills-protest-criminal-20170201-story.html>; Steven Nelson, “N.C. House Votes to Protect Drivers Who Hit Protesters,” *U.S. News & World Report*, 28 de abril de 2017: <https://www.usnews.com/news/articles/2017-04-28/north-carolina-house-votesto->

protect-drivers-who-hit-protesters.

⁴³² Liam Stack, “Attack on Alt-Right Leader has Internet Asking: Is It O.K. to Punch a Nazi?” *New York Times*, 21 de janeiro de 2017: <https://www.nytimes.com/2017/01/21/us/politics/richard-spencerpunched-attack.html>.

⁴³³ N. do T.: Trocadilho com o duplo sentido da palavra “right”, que traduzido do inglês pode significar tanto “direita” como “certo”, ou seja, “transformou a ‘alternativa certa’ em ‘alternativa errada’”.

⁴³⁴ N. do T.: O chamado “Terror Vermelho” se iniciou do meio para o fim da Primeira Guerra Mundial e se caracterizou pelo medo do radicalismo nos Estados Unidos. A agitação sindical, o crescimento do bolchevismo internacional e uma série de bombardeios foram o gatilho para um número de ataques governamentais contra pessoas ‘suspeitas de radicalismo’.

⁴³⁵ Laura Weinrib, *The Taming of Free Speech* (Cambridge: Harvard University Press, 2016), p. 94; Joyce L. Kornbluh, *Rebel Voices: An IWW Anthology* (Oakland: PM Press, 2011), p. 427.

⁴³⁶ N. do T.: “Cidades Gêmeas” são dois centros urbanos fundados um ao lado do outro que, com o tempo, se transformam em uma única massa habitacional, perdendo boa parte de suas áreas e terrenos vazios entre uma fronteira municipal e outra. Nesse caso, se trata das cidades de Minneapolis-Saint Paul, em Minnesota.

⁴³⁷ Entrevista com Erik D, março de 2017; “Building Working-Class Defense Organizations: An Interview with the Twin Cities GDC”, 4 de dezembro de 2016: <http://m1aa.org/?p=1316>; “Community Self-Defense: Organizing through the diversity of the Working Class”, 15 de dezembro de 2016: <https://twincitiesgdc.org/2016/12/15/communityself-defense-organizing-the-diversity-of-the-working-class/>.

⁴³⁸ Entrevista com Erik D e Kieran; *Against the Grain*, 14 de fevereiro de 2017.

⁴³⁹ Entrevista com Kieran.

⁴⁴⁰ Entrevista com Joe, março de 2017.

⁴⁴¹ Entrevista com Murray.

⁴⁴² N. do T.: Trabalhadores Elétricos, de Rádio e Operadores de Máquinas Unidos da América.

⁴⁴³ N. do T.: Guarda de Defesa dos Trabalhadores.

⁴⁴⁴ Entrevista com Eazy, maio de 2017; <https://itsgoingdown.org/a-year-oforganizing-the-workers-defense-guard-in-vermont/>.

⁴⁴⁵ N. do T.: Revolta Caipira.

⁴⁴⁶ Entrevista com Tyler e Oscar, março e abril de 2017; <https://www.redneckrevolt.org/>; <https://hueypnewtungunclub.org/home>.

⁴⁴⁷ Bob Fernandez et al., “Pro-Trump Philly march cut short by police for safety,” *Philly.com*, 26 de março de 2017: <http://www.philly.com/philly/blogs/real-time/Pro-Trump-MAGA-March-Philly-Jersey-March-25-2017.html>.

⁴⁴⁸ Amy B. Wang, “Pro-Trump rally in Berkeley turns violent as protesters clash with the president’s supporters,” *Washington Post*, 5 de março de 2017: https://www.washingtonpost.com/news/post-nation/wp/2017/03/05/pro-trump-rally-in-berkeley-turns-violent-as-protesters-clash-with-the-presidents-supporters/?utm_term=.e2764d743abd.

⁴⁴⁹ “How the Biggest Racist Alt-Right Rally of 2017 is Happening... in Berkeley,” *It’s Going Down*, 14 de abril de 2017: <https://itsgoingdown.org/biggest-racist-alt-right-rally-2017-happening-berkeley/>.

⁴⁵⁰ Entrevista com um membro do Pastel Bloc, abril de 2017.

⁴⁵¹ Entrevista com Ian, março de 2017.

⁴⁵² Hann, *Physical Resistance*, p. 311, 314; Gabriel Kuhn, *Soccer vs. the State: Tackling Football and*

Radical Politics (Oakland: PM Press, 2011), p. 143–147.

⁴⁵³ Entrevista com Paul Bowman, abril de 2017; “Marching Altogether: Interview with a member of Leeds Fans United Against Racism and Fascism,” *libcom*: <https://libcom.org/library/marching-altogetherinterview-member-leeds-fans-united-against-racism-fascism>.

⁴⁵⁴ Kuhn, *Soccer vs. the State*, p. 135–139.

⁴⁵⁵ Entrevista com Malamas Sotiriou; “Interview with a member of the fan club Gate 4,” *Left Side Terraces*: <https://leftsideterraces.blogspot.com/2014/04/interview-with-member-of-fan-club-gate.html>; “Interview with a member of Antifa League Athens”: <https://avtonom.org/en/news/interview-member-antifa-league-athens>.

⁴⁵⁶ “Spanish team refuse Ukrainian footballer loan after fans protest ‘neo-Nazi links,’” *RT*, 2 de fevereiro de 2017: <https://www.rt.com/sport/376120-roman-zozulya-dropped-from-rayo-vallecano/>; Kuhn, *Soccer vs. the State*, p. 220.

⁴⁵⁷ Entrevista com Niccolò Garufi.

⁴⁵⁸ Entrevista com Jelle, março de 2017.

⁴⁵⁹ “Interview with Antifa Ultra Petr from Ekaterinburg,” *Russian Football News*, 5 de outubro de 2015: <http://russianfootballnews.com/interviewwith-antifa-ultra-petr-from-ekaterinburg/>; “Antifa in Russian Football,” 12 de outubro de 2015: <http://futbolgrad.com/antifa-in-russianfootball-ultras-organize-tournament-for-tolerance/>.

⁴⁶⁰ AntifascistAttitude: <https://nycantifa.wordpress.com/2010/11/08/russiaantifascist-attitude/>; “Russia: Antifa punk killed by neonazis at The Exploited gig,” 22 de fevereiro de 2017: <https://mpalothia2.wordpress.com/2017/02/22/russia-antifa-punk-killed-by-neonazis-at-the-exploitedgig/>.

⁴⁶¹ Agradecimentos a Murray pelas informações sobre Rojava; Wes Enzina, “A Dream of Secular Utopia in ISIS’ Backyard,” *New York Times*, 24 de novembro de 2015: <https://www.nytimes.com/2015/11/29/magazine/a-dream-of-utopiain-hell.html>.

⁴⁶² Dilar Dirik, “Radical Democracy: The First Line Against Fascism,” *ROAR*, Issue #5, 2017; Dilar Dirik, “Why Koban. Did Not Fall,” *Kurdish Question*, 27 de janeiro de 2015: <http://www.kurdishquestion.com/oldarticle.php?aid=why-kobani-did-not-fall>; Seth Harp, “The Anarchists vs. the Islamic State,” *Rolling Stone*, 14 de janeiro de 2017: <http://www.rollingstone.com/politics/features/american-anarchistsypg-kurdish-militia-syria-isis-islamic-state-w466069>.

⁴⁶³ Correspondência com Murray.

⁴⁶⁴ Meredith Tax, “The Revolution in Rojava,” *Dissent*, 22 de abril de 2015: https://www.dissentmagazine.org/online_articles/the-revolutionin-rojava; Enzina, “A Dream of Secular Utopia.”

⁴⁶⁵ Alex MacDonald, “Bob Crow Brigade ‘30 miles’ from IS-stronghold of Raqqa in Syria,” *Middle East Eye*, 16 de agosto de 2016: <http://www.middleeasteye.net/news/bob-crow-brigade-30-miles-stronghold-raqqasyria-2141320914>; “Foreign Volunteers for the Syrian Kurdish Forces,” *The Carter Center*, 27 de fevereiro de 2017: https://www.cartercenter.org/resources/pdfs/peace/conflict_resolution/syria-conflict/foreignvolunteers-for-syrian-kurdish-forces-2017.02.23.pdf.

⁴⁶⁶ “Rojava: New International Battalion formed—Antifascist International Tabur,” *Insurrection News*, 21 de dezembro de 2016: <https://insurrectionnewswwide.com/2016/12/21/rojava-newinternational-battalion-formed-antifascist-internationalist-tabur/>.

QUATRO: CINCO LIÇÕES HISTÓRICAS PARA ANTIFASCISTAS

Este capítulo analisa brevemente cinco lições que muitos antifascistas extraem ou, creio eu, deveriam extrair da história. Cada uma delas começa com uma descrição mais factual de um determinado fenômeno histórico antes de passar para uma interpretação antifascista dos fatos em questão. Como todos os fenômenos históricos, esses fatos estão sujeitos a múltiplas interpretações. Essas certamente não são as únicas lições do antifascismo, mas esclarecem o embasamento de algumas de suas principais fundamentações históricas.

1. AS REVOLUÇÕES FASCISTAS NUNCA FORAM BEM-SUCEDIDAS. OS FASCISTAS ALCANÇARAM O PODER LEGALMENTE.

Primeiro, alguns fatos importantes: a marcha de Mussolini em Roma foi apenas um espetáculo legitimando um convite anterior para formar um governo. O Putsch da Cervejaria de Hitler em 1923 falhou miseravelmente. Sua eventual ascensão ao poder veio quando o presidente Hindenburg o nomeou chanceler. A lei que lhe concedeu o poder completo foi aprovada pelo parlamento.

Para os militantes antifascistas, esses fatos históricos lançam dúvidas sobre a fórmula liberal de oposição ao fascismo. Essa fórmula equivale essencialmente na fé de um “debate fundamentado” para combater ideias fascistas, na polícia para combater a violência fascista nas ruas e nas instituições governamentais parlamentares para combater as tentativas fascistas de tomar o poder. Não há dúvidas que por algumas vezes essa fórmula funcionou. Também não há dúvidas de que algumas vezes ela falhou.

O fascismo e o nazismo surgiram como apelos emocionais e antirracionalistas fundamentados em promessas masculinas de renovação do vigor nacional. Enquanto a argumentação política sempre é importante para fazer um apelo a uma potencial base popular do fascismo, sua nitidez se ofusca quando confrontada com as ideologias que rejeitam os termos do debate racional. A racionalidade não foi capaz de impedir os fascistas ou os nazistas. Apesar de

necessária, da perspectiva antifascista, infelizmente a razão é insuficiente por si só.

Assim, não é surpresa que a história mostre que governos parlamentares nem sempre são uma barreira para o fascismo. Pelo contrário, em várias ocasiões, foram responsáveis por estender o tapete vermelho. Quando as elites econômicas e políticas do período entre guerras se sentiram suficientemente ameaçadas pela perspectiva da revolução, voltaram-se para figuras como Mussolini e Hitler para esmagar impiedosamente a dissidência e proteger a propriedade privada. Embora seja um erro reduzir inteiramente o fascismo a um último recurso de um sistema capitalista ameaçado, esse elemento de sua composição desempenhou um papel importante e muitas vezes decisivo em suas vitórias. Quando os líderes autoritários do período entre guerras se sentiam muito menos ameaçados, implementavam muitas vezes políticas fascistas de cima para baixo. Para a maioria dos revolucionários, isso significa que o antifascismo deve necessariamente ser anticapitalista. Enquanto o capitalismo continuar a fomentar a luta de classes, eles dizem, o fascismo sempre surgirá como uma solução autoritária para conter a revolução popular.

Quanto à polícia contra a violência fascista – houve vezes que a polícia prendeu e perseguiu fascistas, mas o registro histórico mostra que, junto com os militares, eles também estão entre os mais ansiosos para “restauração da ordem”. Estudos mostram que uma alta porcentagem de policiais gregos votou no *Aurora Dourada*.⁴⁶⁷ Nos EUA, está claro que muitos policiais receberam Trump como o presidente das “Blue Lives Matter” (uma alusão satírica do movimento antirracista Black Lives Matter), que permitiria que a aplicação da lei continuasse com as agressões e assassinatos nas desprotegidas comunidades negras e latinas. Recentemente, foi revelado que o FBI vem investigando de forma alarmante (embora não surpreendente) altos níveis de infiltração de supremacistas brancos na polícia por décadas.⁴⁶⁸ Além disso, independentemente da composição da força policial dos EUA, o fato que ela se origina das patrulhas escravocratas no Sul e da oposição ao movimento trabalhista no Norte nos dá uma visão do papel da supremacia branca dentro do sistema de “justiça” criminal.

Tudo isso para dizer que o fato de que as revoltas fascistas sempre falharam não deve diminuir as preocupações sobre seu potencial insurrecional. A “estratégia de tensão” fascista na Itália, o desenvolvimento do conceito de

“lobo solitário” e “resistência sem líder” promovido pelo líder norte-americano da Klan, Louis Beam, e a luta armada fascista que se desenvolveu em ambos os lados nos conflitos na praça *Euromaidan* na Ucrânia atestam o perigo material da violência fascista insurrecional.⁴⁶⁹ Não obstante, historicamente o fascismo ganhou acesso aos corredores do poder não derrubando seus portões, mas convencendo seus porteiros gentilmente a abri-los.

2. MUITOS LÍDERES E TEÓRICOS ANTIFASCISTAS DO PERÍODO ENTRE GUERRAS NÃO LEVARAM O FASCISMO VERDADEIRAMENTE A SÉRIO ATÉ QUE FOSSE TARDE DEMAIS.

Para cada revolução, houve uma contrarrevolução. Para cada ataque da Bastilha havia um Termidor. Depois da Comuna de Paris, centenas de pessoas foram executadas e outras milhares presas e deportadas. Mais de 5 mil presos políticos foram executados e 38 mil foram presos após o fracasso da Revolução Russa de 1905, que também testemunhou 690 *pogroms* antisemitas que mataram mais de 3 mil judeus.⁴⁷⁰ Os radicais europeus e as minorias étnicas de modo algum eram estranhos à violência da reação tradicional.

No entanto, o fascismo representava algo novo. Inovações ideológicas, tecnológicas e burocráticas criaram um veículo para o imperialismo e o genocídio que os europeus haviam exportado de todo o mundo quando trouxeram suas guerras de extermínio de volta para casa.

Sem surpresa, muitos comentaristas de esquerda conceituaram inicialmente o fascismo dentro dos parâmetros das forças contrarrevolucionárias existentes na época. De acordo com a Federação Socialista dos Trabalhadores, os fascistas italianos eram “no sentido mais estrito, uma Guarda Branca”, referindo-se aos contrarrevolucionários da Revolução Russa. O Partido Comunista da Grã-Bretanha os chamou de “os *Black and Tans* italianos”, se referindo às forças contrarrevolucionárias britânicas na Guerra da Independência da Irlanda. Na década de 1920, alguns marxistas usaram a análise do comunista húngaro Geörgy Lukács de “terror branco” para argumentar que os *squadristi* de Mussolini eram apenas um baluarte não-ideológico da classe dominante.⁴⁷¹

Por outro lado, vários comentaristas destacaram os recursos exclusivos do fascismo. Eles reconheceram a novidade do flerte nacionalista com o socialismo e seu elitismo populista. Eles observaram como setores anteriormente antagônicos, como os latifundiários tradicionais e capitalistas burgueses, podiam formar um movimento contrarrevolucionário unido.⁴⁷² O foco marxista na dinâmica de classes subjacente ao fascismo revelou novos elementos dessa intrigante doutrina que os observadores centristas não foram capazes de captar. No entanto, esse foco também tendeu a limitar o perigo potencial que o fascismo poderia representar para os confins de seu suposto papel de guarda-costas da classe dominante, e assim os marxistas e muitos outros falharam em antecipar como o alcance de sua violência se estenderia além do que era “necessário” para proteger o capitalismo. Além disso, embora o fascismo do período entre guerras tenha se desenvolvido principalmente a partir de círculos eleitorais da classe média com o apoio da classe alta, à medida que os movimentos fascistas cresciam, às vezes, mas nem sempre, eles conquistavam apoiadores na classe trabalhadora – um fato que os marxistas demoraram a aceitar.

Independente do conteúdo de suas análises, muitos políticos socialistas e comunistas não agiram como se a própria existência de seus movimentos estivesse em jogo. Os socialistas italianos assinaram o Pacto de Pacificação com Mussolini em 1921, e nem eles nem os comunistas achavam que a ascensão do *Duce* ao poder representaria mais do que uma nova oscilação para a direita no velho pêndulo da política parlamentar burguesa. Dessa forma, eles não eram totalmente diferentes da maioria dos socialistas espanhóis que colaboraram com o governo militar meio-fascista de Primo de Rivera na década 1920. Na Alemanha, os comunistas acreditavam que o fascismo já havia chegado quando os “governos presidenciais” do início da década de 1930 começaram a governar por decreto. No entanto, nem os supostos “governos presidenciais” fascistas nem a chancelaria de Adolf Hitler foram suficientes para convencer a liderança do partido que eles enfrentavam uma ameaça existencial. Para a liderança do KPD, o fascismo não pedia resistência por quaisquer meios necessários, mas sim paciência. Seu slogan era “Hitler primeiro, depois nós”. Na virada do século, os esquerdistas tinham razões para antecipar que épocas de repressão iriam e viriam. O fascismo mudou as regras do jogo.

O primeiro reconhecimento substancial da essência do perigo fascista veio

com a “Revolta de Fevereiro” de 1934, quando os socialistas austríacos lutaram contra as incursões do autoritário chanceler Dollfuss nos centros socialistas (instigadas por Mussolini). A revolta foi brutalmente reprimida, deixando 200 mortos, 300 feridos e o partido na clandestinidade.⁴⁷³ No entanto, sua bravura inspirou os mineiros socialistas espanhóis que se rebelaram mais tarde naquele ano nas Astúrias. Seu slogan era “Melhor Viena do que Berlim”, onde a ascensão de Hitler ao poder não foi combatida pela força. Quando a Guerra Civil Espanhola eclodiu, o antifascismo foi amplamente entendido como uma luta desesperada contra o extermínio.

A tendência dos teóricos e políticos esquerdistas em conceituar excessivamente o fascismo com base no paradigma da contrarrevolução tradicional impediu a capacidade da esquerda de se ajustar à nova ameaça que enfrentava. Uma vez que as formas de resistência sempre devem ser calibradas contra aquilo que está sendo resistido, cabe aos antifascistas reavaliar continuamente seus arsenais teóricos, estratégicos e táticos, se baseando nas mudanças das ideologias e de práxis de seus adversários da extrema-direita. Matthew N. Lyons colocou essa lição em prática ao criticar escritores que argumentam que a *alt-right* deveria só ser chamada de neonazista. Embora muitos membros da *alt-right* claramente sejam neonazistas, Lyons argumenta que isso “internaliza a infeliz ideia de que as políticas de supremacia branca são basicamente as mesmas.... Que não é preciso compreender nosso inimigo”.⁴⁷⁴ Conceber o inimigo nos termos de um paradigma ultrapassado custou muito caro aos antifascistas. Em algum ponto, a evolução da extrema-direita pode significar transcender completamente a estrutura do “fascismo”, à medida que nos afastamos cada vez mais do século XX.

É essencial que os antifascistas desenvolvam uma compreensão clara e precisa do fascismo. No entanto, a fim de compreender a natureza robusta e flexível da política antifascista, devemos reconhecer a relação entre dois dos muitos registros do antifascismo: o analítico e o moral.

O registro analítico consiste em mobilizar definições e interpretações historicamente informadas sobre o fascismo para elaborar uma estratégia antifascista adequada aos desafios específicos contra grupos e movimentos com ideologias fascistas. Métodos de oposição a grupos neonazistas podem não fazer sentido contra outros grupos de extrema-direita. Compreender sua

diferença deve ser o que mantém as escolhas táticas e estratégicas bem-informadas.

O registro moral se desenvolveu com o poder retórico do epíteto “fascista” – chamar alguém ou algo de fascista – no período do pós-guerra. Ele é colocado em jogo quando a lente antifascista é direcionada a fenômenos que tecnicamente podem não ser fascistas, mas são *fascistóides*.

Por exemplo, os Panteras Negras estavam errados ao chamar os policiais que matavam negros impunemente de “porcos fascistas” se eles pessoalmente não possuísem crenças fascistas ou se o governo dos EUA não fosse literalmente fascista? Em uma manifestação antifa em Madrid, vi uma bandeira do arco-íris com o slogan “homofobia é fascismo”. A existência de homofóbicos não-fascistas invalida o argumento? Os guerrilheiros que lutaram contra Franco na Espanha ou Pinochet no Chile se equivocaram ao chamar sua luta de “antifascista” se, de acordo a maioria dos historiadores, esses regimes não foram tecnicamente fascistas?

Como já discutimos, é importante analisar cada um desses casos e muitos outros para podermos desenvolver uma análise bem afinada. No entanto, o registro moral do antifascismo compreende como o “fascismo” se tornou um significante moral que aqueles que lutam contra uma variedade de opressões têm utilizado para destacar a ferocidade dos inimigos políticos que enfrentam e os elementos de continuidade que eles compartilham com o fascismo real. A Espanha de Franco pode ter sido mais um regime militar católico tradicionalista do que fascismo *per se*, mas isso pouco importava para aqueles que eram perseguidos pela Guarda Civil.

O desafio em definir o fascismo embaça a linha entre esses dois registros. Além disso, o registro analítico contém uma crítica moral, assim como o registro moral implica em uma ampla análise da relação entre uma determinada fonte de opressão e o fascismo. Embora seja verdade que, em certo ponto, o epíteto fascista perde um pouco seu poder se for usado de forma muito genérica, um componente-chave do antifascismo é se organizar contra ambas políticas, fascistas e fascistóides, em solidariedade com todos aqueles que sofrem e lutam. Questões de definições devem influenciar nossas táticas e estratégias, não nossa solidariedade.

3. POR RAZÕES IDEOLÓGICAS E ORGANIZATIVAS, A LIDERANÇA SOCIALISTA E COMUNISTA DEMOROU

MAIS QUE SUA BASE PARA AVALIAR COM PRECISÃO A AMEAÇA DO FASCISMO.

Como inicialmente muitos socialistas e comunistas consideravam o fascismo uma variação da política contrarrevolucionária tradicional, eles se concentraram muito mais em combater uns aos outros do que seus inimigos fascistas. Ambas as frentes argumentavam que, se unissem o proletariado sob sua liderança, superariam qualquer obstáculo da direita.

Assim, enquanto alguns socialistas de base se mantiveram lado a lado com o *Arditi Del Popolo* para lutar contra os camisas negras italianos no início da década de 20, os quadros do partido se retiraram para retomar sua trajetória eleitoral legalista. Quando esse caminho definitivamente foi bloqueado, o partido cambaleou para conseguir mudar seus rumos.

De forma similar os socialistas alemães optaram, na mesma época, por um curso estritamente legalista nas décadas de 1920 e 30, apesar do crescente desconforto dos membros do partido. Embora os socialistas do *Reichsbanner*, e mais tarde na Frente de Aço, tenham pressionado por medidas mais agressivas, o aparato do partido estava mal equipado para considerar estratégias alternativas. Da mesma forma, a base do socialismo austríaco lutava para empurrar a liderança do seu partido para a autodefesa militante frente aos ataques da extrema-direita.⁴⁷⁵ Na Grã-Bretanha, os membros do *Labour Party* e do *Trades Union Congress* confrontaram os fascistas na rua, apesar das advertências de seus líderes. A liderança trabalhista condenou os membros que participaram da Batalha de Cable Street – quando vários grupos enfrentaram os camisas negras de Oswald Mosley no quarteirão judeu do East End em Londres – e se recusou a apoiar os que se juntaram às Brigadas Internacionais para combater na Espanha.⁴⁷⁶ Como argumenta o historiador Larry Ceplair, os sociais-democratas “havia jogado o jogo parlamentar por muito tempo e seus líderes se tornaram ideológica e psicologicamente incapazes de organizar, ordenar ou aprovar qualquer tipo de resistência armada ou revolução preventiva”.⁴⁷⁷

Não obstante, muitos socialistas independentes, que eram muito menos sobrecarregados pela ideologia partidária legalista e pela estratégia eleitoral ditada por uma direção, parecem ter sido mais sensíveis às mudanças de condições na base e muito mais preparados para enfrentar o fascismo.

No início da década de 1920, a Internacional Comunista acreditava que a tarefa mais urgente da revolução era traçar uma clara e antagônica distinção entre o marxismo-leninismo e a social-democracia, para que ela pudesse liderar a onda de insurgência que parecia estar engolfando o continente. Esse objetivo voltou à tona com o início do “terceiro período” do *Comintern* em 1928. O modelo organizacional leninista de “Centralismo Democrático” ditava uma cadeia de comando disciplinada do *Comintern* em Moscou por intermédio dos partidos nacionais para suas filiais regionais e quadros de cada bairro. Esse modelo permitiu que o movimento comunista internacional agisse em uníssono por vastas extensões geográficas, mas também significava que as intermináveis disputas entre a elite do partido em Moscou produziam um impacto maior nas políticas do *Comintern* do que as condições materiais de cada local.

A linha “social-fascista” foi um desses exemplos. Muitas lideranças nacionais a adotaram a contragosto e rapidamente a negligenciaram com a mudança do *Comintern* para a política de Frente Popular em 1935. Os comunistas e os socialistas de base geralmente não se odiavam tanto quanto seus líderes. Na verdade, as primeiras iniciativas de unidade entre socialistas e comunistas na França e na Áustria, por exemplo, vieram de baixo.⁴⁷⁸ Todos esses exemplos demonstram algumas das desvantagens da organização hierárquica.

4. O FASCISMO ROUBA DA IDEOLOGIA, DA ESTRATÉGIA, DA CULTURA E DO IMAGINÁRIO DE ESQUERDA.

O nazismo e o fascismo surgiram no desejo da burguesia capitalista de libertar o nacionalismo, o militarismo e uma masculinidade “decadente” intrínseca à frente dos governos italiano e alemão, e de capturar as políticas populares coletivistas da esquerda socialista “degenerada”. Mesmo antes de Hitler assumir, o Partido Alemão dos Trabalhadores (predecessor do NSDAP) já usava uma considerável dose de vermelho em suas bandeiras e cartazes, e seus membros chamavam uns aos outros de “camaradas”.⁴⁷⁹ Isso produziu paradoxos anti-ideológicos e antirracionais como o “nacional-sindicalismo” e o “nacional-socialismo”. Fascistas e nazistas “de esquerda” foram expurgados à medida que seus partidos conquistavam poder e se uniam

às elites econômicas, embora a cooptação nacionalista da retórica popular da classe trabalhadora tenha desempenhado um papel fundamental para fazê-los chegar até lá.

Com base nas suas boas relações com os empresários, os nazistas foram responsáveis por criar novos postos de trabalho para os desempregados. De certa forma, essa era uma variação colaboracionista entre classes, do papel do sindicato como um intermediário para alcançar o emprego em uma indústria. As tabernas das *Stormtroops* (SA) nazistas claramente floresceram inspiradas na tradição socialista, que datava do século XIX.

Eles também forneceram comida e abrigo gratuito para seus apoiadores no período da Grande Depressão. Essa foi uma ruptura marcante com os conservadores tradicionais, que demonstravam desprezo pelos pobres e desempregados e, no máximo, contribuía ocasionalmente para instituições de caridade apolíticas ou religiosas.

Esse modelo de caridade política de extrema-direita foi adotado pela *Aurora Dourada* grega, a *CasaPound* italiana, o *Hogar Social Madrid*, e a britânica *National Action*, todos os quais começaram a distribuir alimentos e mantimentos grátis para gregos, italianos, espanhóis – apenas “brancos”. Os ativistas da *CasaPound* começaram a imitar as ocupações autonomistas em prédios abandonados, e a *Hogar Social Madrid* não apenas começou com ocupações, mas também se organizou contra a expulsão de espanhóis étnicos em uma clara tentativa de capitalizar com o vibrante movimento de esquerda espanhol.

Mais profusamente, os fascistas do pós-guerra continuaram a se voltar para a esquerda revolucionária e para seus *insights* estratégicos. Os que seguiam a linha da “Terceira Posição” procuraram aplicar teorias maoístas de revolução no Terceiro Mundo às metas de “libertação europeia”, que implicavam em uma remoção forçada de “não-europeus”. Na década de 1980, uma facção francesa chamada *Troisième Voie*⁴⁸⁰ procurou usar uma “estratégia trotskista” para se infiltrar no *Front National*, a fim de aparelhá-lo por dentro. Os fascistas ucranianos tentaram se apropriar do legado do líder anarquista ucraniano Nestor Makhno, enquanto as bases fascistas espanholas *Autónomas* elogiavam o anarquista Buenaventura Durruti.⁴⁸¹

Começando no final dos anos 80 e início dos anos 90, e ganhando força no final dos anos 2000, os fascistas em toda a Europa tentaram copiar até a tática *black bloc* dos autonomistas alemães. Esses “nacionalistas autônomos”

vestidos de preto, que às vezes usam o logotipo das bandeiras antifascistas com slogans nacionais-socialistas ou *kaffiyehs* palestinos, tentaram imitar o apelo da esquerda radical defendendo o anticapitalismo, antimilitarismo e anti-sionismo na Alemanha, Grécia, República Tcheca, Polônia, Ucrânia, Inglaterra, Romênia, Suécia, Bulgária e Holanda. Essa tendência começou a declinar na Europa Ocidental por volta de 2013. A ideia de “nacional-anarquismo” é outra nova variação dessa farsa. Os “nacionais anarquistas” abusam do conceito anarquista de autonomia para defender “comunidades étnicas” separadas e homogêneas, incluindo uma pátria só de brancos.⁴⁸²

Muitos outros exemplos poderiam ser citados, mas esses são suficientes para demonstrar como o antifascismo não se trata apenas de um escape aventureiro na oposição ao fascismo, mas sim da proteção *Against the Fascist Creep*,⁴⁸³ como sugere o título do maravilhoso trabalho de Alexander Reid Ross. Eles também demonstram a importância da ideologia de esquerda. Sem estabelecer como eles se encaixam, conceitos como “autonomia”, “libertação nacional”, ou mesmo “socialismo”, e táticas como as ocupações, organização de mutirões de alimentos ou a formação de *black blocs* podem ser cooptadas bem debaixo dos nossos narizes.

5. NÃO É PRECISO UM GRANDE NÚMERO DE FASCISTAS PARA CONCEBER O FASCISMO

Em 1919, o *fasci* de Mussolini tinha 100 membros. Quando Mussolini foi nomeado primeiro-ministro em 1922, cerca de 7% a 8% da população italiana, e apenas 35 dos mais de 500 membros do parlamento, pertenciam ao seu *Partito Nazionale Fascista* (PNF). O Partido Alemão dos Trabalhadores tinha meros 50 membros quando Hitler participou de sua primeira reunião após a Primeira Guerra Mundial. Quando Hitler foi nomeado chanceler em 1933, apenas cerca de 1,3% da população pertencia ao NSDAP (*Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei*, ou Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães).⁴⁸⁴ Em toda a Europa, partidos fascistas de massas emergiram daquilo que inicialmente eram pequenos núcleos durante o período entre guerras. Mais recentemente, o sucesso eleitoral de muitos partidos fascistas, minúsculos antes da crise financeira de 2008, e a recente onda de migração, demonstraram o potencial para um

rápido crescimento da extrema-direita quando as circunstâncias se tornam favoráveis.

Esses partidos certamente cresceram e ambos os regimes consolidaram seu poder, conquistando apoio das elites conservadoras, industriais ansiosos, dos alienados proprietários de pequenos negócios, nacionalistas desempregados e outros. As triunfantes narrativas de resistência pós-guerra talvez tenham negado que todos, menos os ideólogos do fascismo mais comprometidos, tenham apoiado figuras como Mussolini ou Hitler, mas na verdade ambos os regimes conseguiram cultivar um amplo apoio popular, obscurecendo ainda mais nosso entendimento do que significava ser um fascista ou um nazista nos anos 1930. Nesse sentido, foram necessários alguns fascistas para conceber o fascismo. O ponto é, no entanto, que antes de conseguir tal apoio popular, os fascistas e os nazistas não eram mais que minúsculos grupos de ideólogos.

Enquanto isso, é importante notar que, ao mesmo tempo em que Mussolini montava um grupo com 100 veteranos amargos e alguns socialistas nacionalistas peculiares, e Hitler lutava pela liderança do minúsculo Partido Alemão dos Trabalhadores, a Itália e a Alemanha aparentemente estavam à beira de uma revolução social. Não havia razão para que a esquerda tivesse olhado para qualquer crescimento. Esses pequenos grupos não poderiam ter sido mais irrelevantes.

Dado o que anarquistas, comunistas e socialistas sabiam na época, não havia razão para que eles dedicassem qualquer tempo ou atenção aos primórdios do fascismo. No entanto, é impossível não nos perguntarmos o que poderia ter acontecido se eles tivessem prestado mais atenção. É uma hipótese impossível de se levar a sério, e refletir demais sobre ela significaria omitir os fatores sociais mais amplos que prepararam o terreno para a ascensão do fascismo. Não obstante, os antifascistas concluíram que, como o futuro não é escrito e o fascismo frequentemente emerge de pequenos grupos marginais, todo grupo fascista ou supremacista branco deveria ser tratado como se fossem os 100 *fasci* de Mussolini ou os 54 membros do Partido Alemão dos Trabalhadores que ofereceram a Hitler a base para seus primeiros passos.

A trágica ironia do antifascismo moderno é que, quanto mais bem-sucedido, mais sua *raison d'être* é questionada. Seus maiores sucessos estão no limbo hipotético: quantos movimentos fascistas assassinos foram cortados pela raiz

nos últimos 70 anos por grupos antifas antes que sua violência pudesse se espalhar? Nós nunca saberemos – e isso efetivamente é uma coisa muito boa.

⁴⁶⁷ “Did one in two Greek policemen really vote for Golden Dawn?”; “Les gendarmes et l’élection présidentielle”, *Ifop*: <http://lessor.org/wpcontent/uploads/2017/04/Rapport-sondage-pre%CC%81sidentielle.pdf>.

⁴⁶⁸ Alice Speri, “The FBI has quietly investigated white supremacist infiltration of law enforcement,” *The Intercept*, 31 de janeiro de 2017: <https://theintercept.com/2017/01/31/the-fbi-has-quietly-investigated-white-supremacist-infiltration-of-law-enforcement/>.

⁴⁶⁹ Ross, *Against the Fascist Creep*, p. 115.

⁴⁷⁰ Orlando Figes, *A People’s Tragedy: The Russian Revolution: 1891–1924* (New York: Penguin, 1996), p. 197, 201.

⁴⁷¹ Hodgson, *Fighting Fascism*, p. 51, 55.

⁴⁷² *Ibid.*, p. 27, 36.

⁴⁷³ Paula Sutter Fichtner, *Historical Dictionary of Austria Second Edition* (Lanham, MD: Scarecrow, 2009), p. 96–97.

⁴⁷⁴ Matthew N. Lyons, “Calling them ‘alt-right’ helps us fight them,” *threewayfight*, 22 de novembro de 2016: <https://threewayfight.blogspot.com/2016/11/calling-them-alt-right-helps-us-fight.html>.

⁴⁷⁵ Ceplair, *Under the Shadow of War*, p. 68–69; Julius Deutsch, *Antifascism, Sports, Sobriety: Forging a Militant Working-Class Culture*, Gabriel Kuhn, ed. (Oakland: PM Press, 2017).

⁴⁷⁶ Hodgson, *Fighting Fascism*, p. 105–106, 138, 140, 160–161.

⁴⁷⁷ Ceplair, *Under the Shadow of War*, p. 6.

⁴⁷⁸ *Ibid.*, p. 86.

⁴⁷⁹ Payne, *A History of Fascism*, p. 151.

⁴⁸⁰ N. do T.: Terceira Via.

⁴⁸¹ *Ibid.*, p. 163; Ross, *Against the Fascist Creep*, p. 89–90, 140–141, 170–172.

⁴⁸² “Les autonomes nationalistes en Allemagne” *Reflexes*, 12 de novembro de 2009: <http://reflexes.samizdat.net/les-autonomes-nationalistes-enallemagne-mefiez-vous-des-imitations/>; Maik Fielitz, “Militanter Neonazismus in Griechenland,” *Antifaschistisches Infoblatt*, 13 de março de 2016: <https://www.antifainfoblatt.de/artikel/militanter-neonazismusgriechenland>; Ross, *Against the Fascist Creep*, 217–229, 284.

⁴⁸³ N. do T.: Contra a Deformação Fascista.

⁴⁸⁴ Payne, *A History of Fascism*, p. 151, 287; Soucy, *French Fascism: The First Wave*, p. 24.

CINCO: QUEM TEM MEDO DA ESQUERDA TOLERANTE: “NENHUM PALANQUE” E LIBERDADE DE EXPRESSÃO

A tradição “sagrada” da liberdade de expressão estava sob ataque. O local de nascimento do *Free Speech Movement*⁴⁸⁵ dos anos 1960 – o campus da Universidade da Califórnia em Berkeley – paradoxalmente foi responsável, meio século depois, por gerar um *No Free Speech Movement*⁴⁸⁶. O aguerrido *Berkeley College Republicans* estava cercado, já que primeiro Milo Yiannopoulos e, logo na sequência, Ann Coulter foram proibidos de expressar “suas opiniões” por causa das “malditas crianças”, como descreveu Bill Maher, que faziam o que ele chamou de uma versão “liberal” de queimar livros. Uma horripilante aliança de “bandidos mascarados que chegaram de fora do campus”, “estudantes petulantes” e administradores fracos, como vários especialistas descreveram, transformaram as universidades em “campos de treinamento de propaganda para a próxima geração de Camisas Marrons”. Em outra clara referência nazista, um comentarista da CNN advertiu: “se você não defender a liberdade de Coulter hoje, amanhã alguém virá atrás da sua. E, mais importante, o Iluminismo irá morrer de forma violenta e patética”.⁴⁸⁷

Os confrontos em Berkeley no início de 2017 trouxeram os “anarquistas mascarados empenhados em causar estragos” conhecidos como *Antifas* aos holofotes do público.⁴⁸⁸ Apesar da completa falta de conhecimento histórico ou teórico, os especialistas concluíram que o antifascismo é uma ameaça maior à liberdade de expressão do que o próprio fascismo. Mas será mesmo que os antifascistas são inimigos da liberdade de expressão? Este capítulo é um guia para responder a esta e outras questões controversas relativas à liberdade de expressão e ao antifascismo na Era de Donald Trump. Em última análise, argumento que, embora a ideologia antifascista antiautoritária promova a liberdade de expressão muito mais do que a de seus críticos, inclusive os liberais, o antifascismo militante se recusa a se envolver em debates que sejam baseados nos preceitos do liberalismo clássico que salvaguardam tanto as posições “liberais” como “conservadoras” nos EUA. Ao invés de privilegiar os direitos universais supostamente “neutros”, os antifascistas priorizam o projeto político de destruir o fascismo e proteger os

mais vulneráveis, independentemente de suas ações serem consideradas uma violação da liberdade de expressão dos fascistas ou não.

QUÃO LIVRE É A LIBERDADE DE EXPRESSÃO?

Os termos do debate presumem muitas vezes que o antifascismo é a única ameaça a um estado primordial de liberdade de expressão protegido pelo Estado. É imperativo, no entanto, entender que o governo já limita seriamente o que pode ser expresso e quem pode expressá-lo. Certo ou errado, ele colocou uma série de restrições à fala. Ele restringe anúncios falsos, difamação e comerciais de televisão sobre tabaco. Abre espaço para processos por incitamento à violência, protege os direitos autorais e limita quando e onde as imagens pornográficas podem ser exibidas.

Especialmente em tempos de crise, os estadunidenses simpatizam com as restrições de expressões. Isso ficou evidente após o 11 de setembro, quando metade do país favoreceu a “contenção de imprensa” sobre a cobertura da tortura em Abu Ghraib. Ou no fato de que jornalistas são presos e frequentemente assediados pela polícia durante protestos, como no *Occupy Wall Street* e #NoDAPL, ou que a Casa Branca de Trump restringe o acesso a repórteres opositores. É por isso que os EUA ficaram em 43º lugar no Ranking Mundial de Liberdade de Imprensa em 2017.⁴⁸⁹ Os leitores tirarão suas próprias conclusões sobre a sabedoria dessas várias restrições, mas, independentemente disso, elas mostram que o absolutismo da liberdade de expressão, como muitos tipos de direitos absolutos, se mostra impossível em uma sociedade com interesses antagônicos.

Tais conflitos de interesses se materializaram mais claramente na supressão da liberdade de expressão dos movimentos sociais de esquerda pelo Estado, quando estes se tornaram fortes o suficiente para representar uma ameaça. Recentemente, por exemplo, os protestos do *Occupy Wall Street* e do *Black Lives Matter* foram brutalmente reprimidos. Historicamente, centenas de radicais nascidos no exterior foram deportados e agitadores anti-guerra foram presos e agredidos pela polícia durante o Terror Vermelho de 1917 a 1921. Mais tarde, o macarthismo colocou na lista negra os comunistas e outros radicais. Nas décadas de 1960 e 1970, J. Edgar Hoover e o FBI usaram métodos clandestinos ilegais para acabar violentamente com movimentos

sociais no que era conhecido como COINTELPRO (Programa de Contra Inteligência). Os cadáveres de vários membros dos Panteras Negras assassinados mostram como o governo só assume uma posição neutra com relação à liberdade de expressão quando não está se sentindo ameaçado.

Além disso, se tomarmos a liberdade de expressão não apenas em termos legais, como está “incrustada” na Primeira Emenda, mas como um valor humano mais amplo, devemos reconhecer a completa inocência dos prisioneiros em Guantánamo, as restrições à liberdade de expressão dos milhões de prisioneiros do país e do direito ao voto para muitos ex-presidiários. Tudo isso sem mencionar as restrições ao discurso dos milhões de imigrantes sem documentos no país, a maioria dos quais teme a deportação somente por se expressar, e o grau em que catástrofes colossais como as guerras no Vietnã e no Iraque infringiram no direito à liberdade de expressão e em todos os outros direitos daqueles que foram mortos. Alianças dos EUA com ditadores e apoio a golpes militares no Chile, Argentina, Brasil, Guatemala, Honduras, Haiti, Grécia, Indonésia, Zaire e outros lugares também demonstram como a promoção dos valores da liberdade de expressão está muito abaixo na lista de prioridades do governo.

A Primeira Emenda tem como objetivo a proteção de cidadãos não encarcerados de seu próprio governo, mas não do setor privado. Os direitos de liberdade de expressão, como o direito de protesto, são seriamente restringidos em “locais públicos” de propriedade privada, como shoppings centers ou como ocorreu no Zuccotti Park, durante o *Occupy Wall Street*. Da mesma forma, as associações de proprietários de imóveis que administram os condomínios têm muito mais espaço para restringir o discurso de seus moradores do que o governo.⁴⁹⁰ Os funcionários corporativos, como os funcionários do governo, estão frequentemente sujeitos a cláusulas de sigilo em seus contratos que os proíbem de compartilhar informações privilegiadas mesmo quando são claramente de interesse público. Na era da informação, o poder das empresas de tecnologia para controlar o alcance e o conteúdo da fala foi aprimorado. Como destaca o historiador Timothy Garton Ash: “O que o Facebook fez tem um impacto maior do que qualquer coisa que a França faz, e o Google do que a Alemanha”.⁴⁹¹ No entanto, o impacto das empresas de tecnologia no discurso é apenas a mais recente manifestação da relação entre o direito à fala e o sistema político econômico subjacente.

A liberdade de expressão é frequentemente comparada a um mercado de

ideias. Incorporada nessa metáfora está a noção liberal estadunidense de que a chave para combater o “extremismo” é confiar na essência supostamente meritocrática da esfera pública: se todas as pessoas tiverem permissão para dizer, então as boas ideias irão flutuar para o topo enquanto as más afundarão pelo ralo, como se fosse um fórum do Reddit na vida real. O “extremismo” (um termo aparentemente inócuo que os centristas usam para confundir nazistas com anarquistas e jihadistas com comunistas) surge quando esse processo “natural” de troca discursiva é impedido. A conclusão é que aquele que interrompe um orador fascista se aproxima mais do “fascismo” do que alguém que está realmente combatendo o fascismo. Essa metáfora do “mercado de ideias” foi popularizada no início do século passado pelo juiz da Suprema Corte Oliver Wendell Holmes, que argumentou que a verdade poderia ser melhor promovida por meio de um “livre comércio de ideias”.⁴⁹² O estudioso jurídico C. Edwin Baker observou que “a teoria do mercado de ideias domina consistentemente as discussões sobre a liberdade de expressão na Suprema Corte norte-americana”.⁴⁹³

De fato, a metáfora do “mercado de ideias” descreve perfeitamente a dinâmica de poder da liberdade de expressão em uma sociedade capitalista, embora não da maneira que seus proponentes pretendiam. Corporações multinacionais que aspiram o controle monopolista do capital e da informação estabelecem os limites gerais em que a grande maioria da humanidade vende seu trabalho e articula sua fala. O mercado de *commodities* é inseparável do mercado de ideias, uma vez que as ideias são mercantilizadas junto com tudo que há na sociedade capitalista. Todos os cidadãos não-encarcerados podem literalmente possuir o mesmo direito de fala, mas a capacidade de fazer esse discurso ser ouvido e fazer com que seja importante é altamente estratificada.

Certamente, o contra-argumento é que “livre” não significa necessariamente “igualitário” para o mercado de ideias e *commodities*. Mas é aí que a questão da meritocracia entra em cena. O conceito de mercado é elogiado por sua capacidade de promover resultados benéficos. Quando aplicado à questão do fascismo, devemos nos perguntar: podemos confiar que o “mercado” de ideias não elevará o fascismo à vanguarda da esfera pública? Essa confiança sustenta a perspectiva dos liberais que concordam com John Milton quando ele argumentou que a sociedade deveria “deixar [a verdade] e a falsidade lutarem; alguém já viu a Verdade sair derrotada em um encontro

livre e aberto?”.⁴⁹⁴ Infelizmente, porém, a “verdade” não se saiu tão bem na Europa entre guerras. De fato, os horrores dessa época foram tão catastróficos que, para muitos, esmagaram definitivamente o pressuposto modernista do constante progresso da “verdade”, que sustentava as posições otimistas de Milton.

A valer, historicamente, ideias fascistas e fascistóides prosperaram amplamente dentro de um campo de debate aberto. Às vezes, o discurso público tem sido suficiente para esmagar o fascismo. Mas às vezes não – e é por isso que os antifascistas se recusam a depositar suas esperanças para a liberdade e segurança da humanidade em discursos públicos e processos que já demonstraram ser falhos.

OS ANTIFASCISTAS SÃO CONTRA A LIBERDADE DE EXPRESSÃO?

Se o capital e o Estado, na verdade, tornam o discurso muito menos livre do que os especialistas geralmente presumem, é justo comparar o regime de fala existente àquele que a maioria dos antifas defende.

O antifascismo é uma política de esquerda pan-revolucionária aplicada ao combate à extrema-direita. Portanto, várias tradições socialistas coexistem sob esse guarda-chuva. Desde o estabelecimento da ARA e seu crescimento nos anos 90, a maioria dos antifas estadunidenses foram anarquistas ou comunistas antiautoritários. Certamente, alguns foram stalinistas e outros tipos autoritários que apoiaram os esforços da União Soviética e de regimes semelhantes para delinear de forma muito restrita o alcance do discurso aceitável. Desse ponto de vista, “a liberdade de expressão”, tal como é ela, não passa meramente de uma fantasia burguesa indigna de consideração. Como discordo fortemente dessa posição autoritária, que atualmente é mantida apenas por uma minoria de antifascistas nos EUA, não farei nenhum esforço para defendê-la. Ao invés disso, observarei que a posição antiautoritária mantida pela maioria dos antifas é, na verdade, muito mais pró-liberdade de expressão do que a apresentada pelos liberais.

A falsa suposição de que os EUA maximizam a liberdade de expressão se sustenta no fato de que esse direito se aplica apenas aos cidadãos não encarcerados. Portanto, milhões de pessoas no país inteiro são privadas dessa liberdade. Em contraste, os antiautoritários buscam abolir as prisões, os

Estados e a própria noção de cidadania – eliminando, assim, esse buraco negro de inocência. Eles também pretendem construir uma sociedade sem classes e pós-capitalista que erradique as profundas discrepâncias em nossa sociedade. Ao não destinar recursos para as prisões, a polícia e os militares, a sociedade pós-capitalista seria capaz de promover mais a educação, as artes e as pesquisas em prol do coletivo. A criação de uma sociedade sem classes eliminaria a maioria dos crimes decorrentes dos antagonismos capitalistas e por isso a Antifa argumenta que os métodos de justiça restaurativa devem substituir a polícia e as prisões na abordagem dos conflitos sociais. Em vez de colaborar com regimes opressivos em todo o mundo, os antiautoritários desejam destruí-los, organizando-se solidariamente com aqueles que estão resistindo ativamente entre as classes populares.

O princípio antiautoritário de autonomia individual e coletiva promove uma visão da diversidade e pluralidade humanas que está em desacordo com a sufocante homogeneidade da cultura do consumo vigente no capitalismo. Se os fascistas comesçassem a se organizar em tal sociedade, os antifascistas ainda se organizariam para esmagá-los, mas não construiriam prisões maciças para prendê-los, como fez o governo norte-americano a incontáveis presos políticos ao longo das gerações.

Muitos argumentarão que é simplesmente impossível. Entretanto, mesmo que isso fosse verdade, o que está em questão aqui são valores sendo expostos, não a probabilidade de serem efetivados. Os especialistas atacam a Antifa por serem anti-liberdade de expressão. No entanto, mesmo que você concorde que o esmagamento de uma organização fascista seja uma violação à liberdade de expressão, ainda é óbvio que os antifascistas a defendem muito mais frente à sociedade do que os liberais, quantitativa e qualitativamente.

OS ANTIFASCISTAS CONCORDAM ENTRE SI QUE OS FASCISTAS NÃO DEVEM TER “NENHUM PALANQUE”; ELES ESTÃO TENDO SUA LIBERDADE DE EXPRESSÃO SUPRIMIDA?

Alguns concordam e outros não, embora a maioria não se envolva publicamente com o argumento. Quando eu perguntei ao antifascista holandês Job Polak, ele deu de ombros e sorriu dizendo “nós nunca sentimos

que não devíamos nos envolver... você tem o direito de falar, mas também tem o direito de calar a boca!”⁴⁹⁵

Grande parte da relutância dos antifas em se meter nessa questão decorre de sua rejeição aos termos clássicos do debate liberal, que limitam as questões políticas sobre a expressão pessoal e grupal dentro de um discurso legalista baseado em *direitos*. Para os liberais, a principal questão é sobre o direito de liberdade de expressão dos fascistas. Para os socialistas revolucionários da Antifa, a questão primordial é a luta política contra o fascismo; dessa perspectiva, os direitos promovidos pelo governo parlamentar capitalista não são dignos de respeito.

No entanto, existem grupos antifas que se esforçam para discutir publicamente a posição de que o antifascismo tem que infringir diretamente na liberdade de expressão dos fascistas. A *Rose City Antifa* (RCA), por exemplo, aponta que o direito à liberdade de expressão derivado da Constituição “protege os cidadãos da interferência do Estado, e não da crítica do público... nós não temos um aparato estatal poderoso à nossa disposição..., portanto, os conceitos de ‘censura’ e ‘direitos de liberdade de expressão’ não são de modo algum aplicáveis”⁴⁹⁶

Outro argumento popular que a RCA e outros grupos defendem é que o antifascismo visa a organização fascista e não o discurso fascista. Em uma linha semelhante, o cofundador da AFA de Leeds, Paul Bowman, argumentou que não permitir “nenhum palanque” é mais uma violação da “liberdade de reunião” dos fascistas do que de sua fala propriamente dita. Kieran, cofundador da ARA e organizador do GDC das Cidades Gêmeas, explicou que usaria abordagens muito diferentes com um colega de trabalho de extrema-direita expondo suas opiniões individuais e com outro que estivesse tentando se organizar. Niccolò, de Milão, fez um comentário semelhante quando disse: “Se os fascistas querem ficar em seus bares gritando e bebendo cerveja como porcos, deixe-os que fiquem, mas não os deixem sair”.

Para Niccolò, no entanto, a questão é menos sobre discurso versus organização do que sobre público versus privado, já que ele também explicou que, “para nós, antifascistas, os fascistas nunca deveriam ser permitidos falar *em público*. Nunca”⁴⁹⁷

Outros antifascistas argumentam que a ideia de “nenhum palanque” infringe a liberdade de expressão dos fascistas, mas se justifica pelo fato de

serem... fascistas. Um antifascista chamado Gato, que atuou na *Midwest ARA* nos anos 90, apontou com simplicidade que “não há liberdade de expressão para os fascistas”. O dinamarquês Ramus Preston concordou, dizendo que “toda essa argumentação é uma construção liberal, mas acho que sou contra a liberdade de expressão de grupos fascistas”.⁴⁹⁸

Em 1984, o *Tomahawk*, boletim informativo do SCALP, publicou um ensaio intitulado “Sem liberdade de expressão para o fascista Le Pen”.⁴⁹⁹ A *Indiana Antifa* defende que “discursos que tendem a ferir terceiros nunca deverão ser protegidos”.⁵⁰⁰ Em sua declaração de 2006, “Nenhum Palanque para Fascistas”, o *Irish Workers Solidarity Movement*⁵⁰¹ concordou com a distinção entre expressão organizacional e individual, mas ponderou que “como anarquistas, acreditamos que deveria haver um direito à liberdade de expressão... [esse direito], no entanto, não é inalienável e existem ocasiões muito limitadas em que [ele] deve ser contido”. Malamas Sotiriou, de Thessaloniki (Grécia), argumentou que o assassinato de Pavlos Fyssas em 2013 tornou a sociedade grega muito mais simpática à noção de supressão da propaganda fascista do *Aurora Dourada*. No início de 2017, alguns prefeitos gregos até se recusaram a dar as boas-vindas aos parlamentares do *Aurora Dourada* em suas cidades ou sequer permitiram que eles fizessem discursos públicos. Os antifascistas militantes se opõem ao poder do Estado para suprimir o fascismo por conta de sua política antiestatal e a crença de que qualquer uma dessas medidas rapidamente se voltaria contra a esquerda. No entanto, Sotiriou explicou como as ações desses prefeitos demonstraram que o “movimento antifascista foi capaz de passar a ideia de que não há liberdade de expressão para neonazistas”. Quando perguntei a Yiorgos – um dos organizadores das patrulhas de motocicletas antifascistas – sobre a ideia de liberdade de expressão para os fascistas, ele apenas riu e disse que a noção de “nenhuma liberdade de expressão para os fascistas é muito clara aqui na Grécia... esse tipo de debate é muito norte-americano”. Outra antifascista grega chamada Eliana Kanaveli sorriu e explicou calmamente que o antifascismo pode ser resumido por um ditado popular grego: “se uma mão dói, nós a cortamos fora, não ficamos discutindo a dor”.⁵⁰²

As perspectivas que os antifascistas sustentam, ou como eles as articulam, variam de acordo com cada contexto nacional. Como a maioria dos países da Europa continental tem leis contra a incitação ao ódio racial ou à negação do Holocausto, impedir a propaganda fascista é uma questão menos controversa.

O legado histórico do fascismo e do nazismo era muito mais palpável para as pessoas que haviam crescido sob tais regimes ou que têm parentes que cresceram. Além disso, a cultura política da esquerda europeia está mais inclinada a conceber a luta contra o fascismo em termos politicamente opostos, impedindo a criação de um precedente para o ataque das liberdades civis individuais.

Pessoalmente, acho muito pouco convincente o argumento de que, ao esmagar a organização fascista, o alcance do seu discurso não será afetado. Assim como é essencial saber distinguir entre o que são comentários isolados individuais e o que é uma organização fascista, é importante lembrar que a organização pressupõe a aceitação de um discurso – muitas vezes literal. Nem todo discurso é organizado e, portanto, os antifascistas não lutam contra a fala em si, mesmo que muito da essência desse tipo de organização seja baseada no discurso. Isso ficaria óbvio se a mesa virasse. Se um movimento fascista se tornasse tão poderoso que fosse capaz de impedir que a esquerda se reunisse em público, e fosse tão ameaçador que a expressão coletiva do anticapitalismo carregasse a ameaça de confronto físico, nós *certamente* concluiríamos que nossa fala estaria sendo reduzida.

Embora seja verdade que a Primeira Emenda foque em proteger os cidadãos contra o governo, quando as pessoas argumentam que derrubar o pódio de um alto-falante fascista é uma violação à liberdade de expressão, o termo “liberdade de expressão” é normalmente entendido como um valor ético, e não simplesmente como uma proteção constitucional. O liberalismo clássico postula a liberdade de expressão como um princípio central de sua suposta ideologia “neutra”. Portanto, o debate gira em torno da legitimidade do princípio “universal” de que a sociedade não deve limitar os discursos por motivos políticos. Quando entendido como um valor ao invés de uma lei, fica claro que o antifascismo se opõe a esse princípio em sua forma absoluta (ou seja, acredita que todas as restrições de fala estão erradas). Em vez disso, muitos antifascistas apresentam o argumento anti-liberal de que “não há liberdade de expressão para os fascistas”. Dito isto, a prioridade maior é a segurança e bem-estar das populações marginalizadas. Como argumentou o antifascista Joe, do GDC de Raleigh-Durham, “a ideia de que a liberdade de expressão é a coisa mais importante que podemos proteger só pode ser concebida por alguém que pensa que a vida é análoga a uma sala de debates”.⁵⁰³ Na minha opinião, a ideia de fascistas e “nenhum palanque”

infringe contra sua liberdade de discursar em público, mas essa infração é justificada pelo seu papel político na luta contra o fascismo.

Independentemente de como eles se articulam, esses antifascistas valorizam a troca livre e aberta de ideias – eles simplesmente traçam uma linha daqueles que usam essa liberdade para promover o genocídio ou questionar a humanidade das pessoas.

No entanto, é importante notar que a grande maioria das pessoas que se opõem a limitação do discurso por motivos políticos não é feita por quem tem liberdade de expressão como valor absoluto. Todos eles têm suas exceções à regra, seja por obscenidade, incitamento à violência, violação de direitos autorais, censura à imprensa durante a guerra ou restrições para os encarcerados. Se reformularmos os termos do debate levando em consideração essas exceções, podemos observar que muitos liberais apoiam que o discurso de adolescentes de classe trabalhadora portando drogas seja limitado, mas não o de nazistas. Muitos parecem estar bem com o fato de que, ao mesmo tempo em que polícia anula a liberdade de expressão de imigrantes sem documentos perseguidos, ela amplifica a de membros da Ku Klux Klan quando os protege. Eles defendem a restrição dos anúncios de cigarros, mas não a propaganda da supremacia branca.

Todos esses exemplos limitam a fala. A única diferença é que os liberais fingem que suas limitações são apolíticas, enquanto os antifascistas abraçam declaradamente uma rejeição política ao fascismo. Os antifascistas rejeitam a noção de que a política pode ser reduzida a uma gestão “neutra” de interesses dispersos e atomizados. Eles rompem com o desejo liberal de limitar a questão ao domínio dos direitos individuais, colocando em primeiro plano a luta coletiva contra o fascismo. Quando eles dizem “nunca mais”, eles falam sério e estão dispostos a usar todos os meios necessários para que isso seja garantido.

Na realidade, os critérios liberais de limitação do discurso estão fortemente mergulhados nas difusas lógicas do capitalismo, militarismo, nacionalismo, colonialismo e do racismo institucional de todo o sistema de “justiça” criminal, bem como o de imigração. Toda vez que um ou mais desses fatores limitam a capacidade dos seres humanos de se expressarem, isso é político. Se alguém precisa ser um absolutista para ser considerado “pró-liberdade de expressão”, então 99,9% dos norte-americanos e seus representantes são anti-liberdade de expressão.

Ao invés de reduzir uma discussão complexa à uma distinção maniqueísta qualquer entre facções supostamente “pró” e “anti”, faz muito mais sentido comparar critérios concorrentes para os limites da fala dentro do interesse público. É extremamente falso e impreciso argumentar que os antifascistas são “anti-liberdade de expressão” quando ninguém realmente faz jus ao padrão pelo qual eles são julgados, e a sociedade que os antiautoritários pretendem criar forneceria muito mais oportunidades para muito mais pessoas se expressarem livremente do que o *status quo* que seus críticos liberais defendem.

E OS “DECLIVES ESCORREGADIOS”?

O argumento do “declive escorregadio” é comumente usado contra a restrição da fala por motivos políticos gerais e contra o antifascismo em particular. Como escreve Kevin Drum, no site *Mother Jones*:

... Sempre que você começar a pensar que essas são boas razões para impedir – violentamente ou não – o convite de alguém para falar, pergunte a si mesmo: quem decide? Porque uma vez que você concede o direito de impedir as pessoas de falar, você concede o direito de alguém tomar essa decisão. E que esse alguém eventualmente pode decidir contra os comunistas. Ou manifestantes anti-guerra. Ou gays. Ou sociobiólogos. Ou judeus que defendem Israel. Ou muçulmanos. Eu não quero que ninguém tenha esse poder. Ninguém na esquerda deveria querer isso.⁵⁰⁴

Então a questão é: onde você define um limite? O argumento se baseia na suposição de que não há nenhum limite não arbitrário a ser traçado – uma vez seguindo esse caminho, o declive é tão escorregadio que inevitavelmente desliza para o “totalitarismo”. Portanto, segundo o argumento, é melhor não traçar linha alguma.

À primeira vista, esse argumento pode parecer particularmente convincente por se tratar do fascismo. Se acadêmicos e ativistas lutam para definir um fenômeno que muitas vezes se ramifica para reunir o apoio dos conservadores e se infiltrar nos círculos de esquerda, então como é possível identificá-lo com clareza suficiente para suprimi-lo sem pôr em risco o discurso não-fascista? Este ponto não é inteiramente sem mérito, mas apesar de alguma divergência na interpretação, os antifascistas geralmente concordam na definição das bases estruturais do fascismo, como o patriarcado, a supremacia branca, o autoritarismo e assim por diante. Na prática, antifascistas comuns arriscando seu bem-estar físico e sua liberdade pessoal para enfrentar os

nazistas são quase sempre muito mais versados nas distinções entre os vários tipos de fascismo e suas contrapartes de centro-direita do que a maioria dos especialistas hipócritas. Além disso, como o antifascismo militante geralmente se desenvolve a partir de orientações defensivas e não ofensivas, os fascistas geralmente desenham uma linha não-arbitrária de demarcação política contra os antifascistas com suas facas e punhos. Os fascistas sem “nenhum palanque” só correm o risco de se tornarem “gays sem palanque” se você afastar totalmente a tática de sua política – uma das especialidades dos comentaristas liberais.

Mas “quem decide?”, pergunta Kevin Drum em seu artigo, e é uma pergunta justa. Isso pode parecer uma questão inquietante quando avaliada de uma maneira analítica abstrata, separada do contexto e da política. Quando abordados em um contexto histórico, no entanto, os contornos do debate são mais claros. Esforços para negar uma plataforma aos fascistas não emergiram de indivíduos aleatórios, decidindo subitamente que eles “discordavam” dos fascistas e que, portanto, queriam silenciá-los. Em vez disso, eles surgiram da luta histórica, muitas vezes travada na autodefesa de movimentos de esquerda – judeus, não brancos, muçulmanos, queer, trans e outros – para garantir que os fascistas não crescessem o suficiente para assassiná-los. Esse é um produto de gerações de luta transnacional, não um experimento no campo das ideias.

No entanto, mais fundamentalmente, essa questão gira em torno da fonte de legitimidade política. O antifascismo militante desafia o monopólio estatal dessa legitimidade, fazendo uma defesa política da soberania popular a partir de baixo. Ao fazê-lo, não se esquia de afirmar a justiça da política antifascista. Em vez de aceitar a noção liberal de que todas as “opiniões” políticas são iguais, os antifascistas atacam descaradamente a legitimidade do fascismo e das instituições que o apoiam. Da perspectiva antifascista, a questão não é estabelecer uma linha neutra da qual a política de direita não poderá atravessar, mas transformar inteiramente a sociedade, derrubando a opressão em todas as suas formas. Para os socialistas revolucionários da Antifa, a pergunta a ser feita é: “Quem vencerá a luta política?”.

O fato de as circunstâncias específicas da organização antifascista nunca entrarem nas considerações dos críticos da “liberdade de expressão” demonstra como eles abordam o assunto com base exclusivamente analítica. Se, de acordo com sua filosofia analítica, suprimir a organização da supremacia branca inevitavelmente desliza para a supressão de “todos os

quais você discorda”, ou “sociobiólogos”, como Drum sugere, então é lógico que isso deve ter acontecido com bastante frequência na militância antifascista ao longo do século passado. Mas os especialistas liberais nem mesmo consideram fazer uma pesquisa empírica porque sabem muito pouco sobre o que estão falando. Eles abordam a noção de “nenhum palanque para os fascistas” como se fosse uma nova proposta que os radicais malucos decidiram, espontaneamente, sem nenhuma fundamentação histórica anterior.

Se olharmos o histórico do antifascismo, entretanto, emerge um padrão consistente que é tão familiar aos antifascistas que chega a ser irritante: quando a organização fascista local declina, o mesmo acontece com a organização antifascista. Quando o Grupo 43 mandou o fascista *Union Movement* de Mosley para o esquecimento, eles não voltaram seus olhos para os conservadores e se separaram. Em 2003, Rory McGowan, organizador da ARA, escreveu: “onde não há nenhuma presença visível ou ativa de nazistas, os grupos da ARA caem em um estado de inatividade”.⁵⁰⁵ Quando o SCALP Besançon conseguiu acabar com os programas *white-power* organizados pelos grupos satélites do Sangue & Honra (B&H), o *Radical Korps* e o *Lyon Bunker Korps* e o movimento nazista local se dissolveram em si mesmos; eles [os antifascistas] não se voltaram para o próximo grupo mais conservador e também se dissolveram. Depois que o fascismo norueguês foi em grande parte reprimido no final dos anos 90, a Antifa do país passou a maior parte do tempo monitorando os fascistas suecos com seus camaradas escandinavos, em vez de passar para a próxima força política mais à direita.

O fato de que a expectativa de vida da maioria dos grupos antifas é determinada pelas atividades de seus inimigos fascistas é tão bem conhecido que isso na verdade se constitui em uma crítica comum de como eles se organizam. Muitos organizadores lamentam a dificuldade de manter a adesão quando a organização fascista local é mínima. Se o antifascismo está prestes a silenciar aqueles que têm “pontos de vista alternativos”, então, nos últimos 100 anos, alguns exemplos tangíveis de grupos antifas que deslizavam por esse declive supostamente escorregadio deveriam ter sido vistos. Em vez disso, o registro histórico aponta na direção oposta. Além disso, embora eu concorde com os militantes antifascistas que o banimento estatal dos nazistas não é o caminho a ser seguido, os países europeus que baniram o ódio racial, o nazismo e a negação do Holocausto, apesar de suas hipocrisias e falhas, não se transformaram em distopias autoritárias. O pressuposto estadunidense de

que os limites políticos da fala são totalmente insustentáveis não se confirma pelas evidências.

A alternativa liberal ao antifascismo militante é ter fé no poder do discurso nacional, da polícia e das instituições do governo para impedir a ascensão de um regime fascista. Como nós já estabelecemos, essa fórmula falhou em várias ocasiões notáveis. Dadas as insuficiências documentais do “antifascismo liberal” e o fracasso da estratégia de conciliação aliada que antecedeu a Segunda Guerra Mundial, pode-se argumentar de forma mais convincente que a permissão que o fascismo se desenvolva e se expanda corre um risco documental de cair no “totalitarismo”. Se não os detivermos quando eles são pequenos, nós os enfrentaremos quando? Quando eles estiverem governando? Precisamos esperar até o dia em que suásticas sejam levantadas em prédios públicos para que possamos nos defender?



Faixa na marcha antifascista em Madrid contra o grupo fascista *Hogar Social*, em maio de 2017.
[FOTO DO AUTOR]

Vamos também dar um passo atrás e reconhecer que o pior cenário que os críticos liberais temem implica na completa eliminação do fascismo e da organização supremacista. Como essa perspectiva se tornou mais horripilante do que permitir que tais grupos florescessem? Um recente estudo psicológico da Universidade do Kansas concluiu que “o preconceito racial explícito é um indicador favorável na ‘defesa da liberdade de expressão’ de orientação racista... São racistas defendendo racistas”.⁵⁰⁶ Essa conclusão não invalida inerentemente o argumento liberal, mas deve nos encorajar a pensar além de seus meros princípios para identificar e considerar os motivos desse racismo subjacente.

Finalmente, vale acrescentar que o antifascismo militante é apenas uma faceta de um projeto revolucionário muito maior. Muitos grupos antifa se organizam não apenas contra o fascismo, mas visam combater todas as formas de opressão como a homofobia, o capitalismo, o patriarcado e assim por diante. Dessa forma, eles veem o fascismo apenas como a versão mais aguda dessas ameaças sistêmicas maiores. Quando conversei com membros do *Pavé Brûlant* em Bordeaux, eles enfatizaram continuamente que todos os principais partidos políticos na França manifestavam traços fascistas. Eles argumentam que o *Front National* (FN) serve para distrair a sociedade das características fascistas de outros partidos políticos. Portanto, embora se concentrem em grupos de extrema-direita, o *Pavé Brûlant* é um dos muitos grupos antifa que visa combater a política fascista onde quer que ela surja, como parte de uma estratégia holística.⁵⁰⁷

Isso não significa que os grupos antifascistas pretendem necessariamente aplicar as mesmas táticas a segmentos cada vez maiores do cenário político, mas que os antifascistas são, essencialmente, revolucionários. É surreal ver analistas liberais atacarem antifascistas por impedirem o discurso fascista, quando sua ideologia socialista revolucionária defende a expropriação global da classe dominante capitalista e a destruição (ou captura) de todos os Estados existentes por meio de uma revolta popular internacional que a grande maioria acredita que virá por meio de um violento confronto com as forças do Estado.

Se eles são críticos à plataforma de “nenhum palanque”, espere até que eles ouçam sobre a *guerra de classes*.

A “VERDADE” NÃO DEVERIA SER CONFRONTADA PELO “ERRO”?

Uma das principais objeções à plataforma de “nenhum palanque” para fascistas ou à restrição de seus discursos, vem do influente filósofo britânico John Stuart Mill, no livro *On Liberty*. Em sua defesa apaixonada pela liberdade de expressão, Mill argumenta que, mesmo quando a opinião reprimida é totalmente falsa, “só não será assimilada como um preconceito, com pouca compreensão ou pouco sentimento de suas bases racionais, pela maior parte dos que a adotam, se aceitar ser, e efetivamente for, vigorosa e ardentemente contestada...”. De acordo com Mill, “a percepção mais clara e a impressão mais viva da verdade [é] produzida por sua colisão com o erro”.

Isso sugeriria, entretanto, apresentar perspectivas pró e antiescravistas, por exemplo, como posições morais legítimas para a sociedade considerar; isso, ao invés de ensinar o Holocausto, a escravidão ou o genocídio de populações indígenas por meio de fontes primárias como proprietários de escravos, nazistas ou colonos, – em um contexto antirracista e anticolonial mais amplo – seria uma maneira pela qual a perspectiva antirracista seria enriquecida e aprofundada, sem reestabelecer a violência do genocídio e da supremacia branca através de uma contestação “vigorosa e séria” da humanidade de povos indígenas, negros ou judeus.

Além disso, apesar das aspirações racionalistas que majoritariamente impulsionaram Mill e seus colegas da época, como aponta ele próprio, o que a maioria das pessoas acredita é sempre “realizado à maneira de um preconceito”. Poucos realmente examinam o pensamento filosófico, político e os fundamentos sociológicos de seus valores mais profundamente sentidos, até mesmo a maioria dos que são muito menos auto reflexivos do que eles imaginam. As normas sociais não são alteradas por meio de um processo racional de análise; elas se transformam gradualmente através da luta contínua no conflito de interesses, que são perpetuamente moldados pela mudança dos fatores econômicos e sociais. Embora eles certamente variem em como o interpretam, o amplo reconhecimento por parte da maioria das pessoas de que “o racismo está enterrado” se desenvolveu a partir de

gerações de luta. Hoje, essa noção permeia a sociedade, juntamente com o acordo histórico de que a escravidão e o Holocausto foram graves atrocidades. Idealmente, todos dedicariam uma quantidade significativa de tempo e energia mental para internalizar por que essas tragédias ocorreram e como elas refletem sobre a história. Mas como a maioria das pessoas não se engaja em tal reflexão, o sucesso dos movimentos sociais em estabelecer as linhas de base do sentimento antirracista no “preconceito” passivo da sociedade representa um importante baluarte contra as tentativas da *alt-right* de mudar o centro de gravidade em direção a preconceitos passivos da supremacia branca. Um antirracismo “passivo” é tudo que os supremacistas brancos querem.

A POLÍTICA DE “NENHUM PALANQUE” PARA FASCISTAS NÃO CORRÓI A LIBERDADE DE EXPRESSÃO DE UMA FORMA QUE FERRE MAIS A ESQUERDA DO QUE A DIREITA?

Se tomada em uma direção legalista para promover a proibição de um discurso desaprovado pelo governo, certamente o faz. Por exemplo, o ato da Ordem Pública Britânica foi usado contra a Frente Nacional (FN), mas também contra a greve dos mineiros de 1984-1985.⁵⁰⁸ Países europeus, como a Alemanha, têm leis contra o nazismo e a negação do Holocausto, mas também restringem a linguagem revolucionária à esquerda – e é por isso que os antifascistas alemães consideram o poder do Estado um inimigo, não um aliado. Esse é um dos motivos porque eles tentam acabar com a organização fascista por meio da ação direta, em vez de apelar para o Estado.

Em qualquer caso, independente do que a esquerda argumente, o registro histórico é bastante claro que o Estado inventará uma desculpa quando precisar de uma. Quando a esquerda radical ameaça os interesses da elite, a repressão vem e virá – pura e simplesmente. Pode-se argumentar que o antifascismo militante corrói o apoio público à liberdade de expressão, o que reduziria o apoio público à esquerda quando a perseguição começasse. Mas o argumento antifascista não é primariamente sobre a estratégia de “nenhum palanque”; é fundamentalmente entender o fascismo como um inimigo público com o qual não podemos coexistir.

Mesmo esse argumento político é, realmente, apenas um ponto de partida para promover a consciência socialista revolucionária de forma mais ampla. Se o antifascismo está funcionando, então a esquerda está se tornando maior e mais poderosa, o que é a chave para resistir à repressão.

ACABAR COM OS NAZISTAS NÃO FAZ DE VOCÊ MELHOR QUE ELES!

Como os nazistas e os fascistas são historicamente conhecidos por acabarem com os eventos de seus oponentes de esquerda, alguns argumentam que qualquer um que acabe com um evento político, mesmo que esse evento seja nazista, é, portanto, um nazista. Os fascistas também são conhecidos por serem nacionalistas, iniciando guerras e construindo prisões, isso significa que os anarquistas podem acusar os liberais que compartilham essas qualidades de também serem fascistas? É claro que você não pode definir uma ideologia baseada apenas em uma única questão. Apesar do fato de que os liberais endossam infringir a liberdade de expressão muito mais do que a maioria dos antifascistas, eles se imaginam como seus guardiões e, portanto, atacam as políticas antiliberais do antifascismo comparando-as com as políticas antiliberais do fascismo.

Se a sua principal objeção ao nazismo é a supressão das reuniões da oposição, então isso diz mais sobre sua política do que sobre aquelas que você está criticando. Os antifascistas não se opõem ao fascismo porque ele é resumidamente antiliberal, mas porque promove a supremacia branca, o heteropatriarcado, o ultranacionalismo, o autoritarismo e o genocídio.

E OS PRINCÍPIOS ANTIFASCISTAS NAS UNIVERSIDADES?

Desde a década de 1960, ondas de movimentos sociais populares, do movimento pelos direitos civis aos movimentos gay e lésbico e à mobilização mais recente dos direitos dos transexuais, levaram as universidades a se tornarem mais inclusivas e “diversas”. Embora a maioria dos liberais nos EUA tenha insuflado a noção de “diversidade” com conteúdo político antirracista e anti-sexualista, quando o termo diversidade é entendido como uma abstração apolítica pode ser tomado em direções reacionárias. Por exemplo, na revista *Time*, o diretor do conservador *Young Americans for*

*Liberty*⁵⁰⁹ elogiou o avanço da “diversidade” racial e de gênero no ensino superior – porque, argumentou ele, “diversidade de pensamento” entendida como um discurso *laissez faire*⁵¹⁰ é um bem social análogo... mesmo que esse discurso tenha a intenção de reverter a “diversidade” racial e de gênero.⁵¹¹ Ele usa uma abstração apolítica para minar o conteúdo político que os progressistas tentaram investir ao termo.

Apenas para enfatizar o ponto: apesar das representações mais tradicionais das vitórias de justiça social nos campi universitários, como atualizações apolíticas de nossa modalidade coletiva, cada geração empurrou as administrações docentes para o estabelecimento de departamentos de estudos étnicos, departamentos de estudo de gênero e mulheres, para contratar mais docentes negros e deixar claro que essa luta e os valores que ela promove são inteiramente políticos. Esses avanços não representam uma “neutralidade” perfeita, mas a adoção de certos princípios básicos feministas e antirracistas. À medida que as universidades se viram cada vez mais forçadas a se importar com a diversidade, sua adesão gradual às demandas dos marginalizados se transformou em oportunidades para venderem novas instituições orientadas para o lucro em um novo mercado de pluralismo liberal.

Mas os compromissos institucionais de fornecimento de recursos e apoio a estudantes LGBTQI, ou o estabelecimento de casas culturais africanas, ou a criação de bolsas para estudantes sem documentos, são totalmente vazios se as mesmas instituições também fornecem espaço para indivíduos ou grupos que não só negam a humanidade dessas populações, mas também estão se organizando ativamente em movimentos para privá-los fisicamente de sua existência. Como uma universidade pode divulgar os recursos de saúde mental que oferece para estudantes trans e depois permitir que Milo Yiannopoulos incite publicamente o ódio contra um estudante transexual?

Se as universidades não alegassem ter valores normativos, não haveria contradição. No entanto, aqueles de nós que passaram anos em campi por todo o país sabemos como o multiculturalismo liberal foi institucionalizado e, talvez mais importante, monetizado. Os administradores não dizem que se importam com os marginalizados quando conversam com os doadores, ao mesmo tempo em que também apoiam o direito dos fanáticos de pregar sobre a inferioridade biológica dessas mesmas pessoas. O vice-reitor da NYU, Ulrich Baer, argumenta com razão que as “proteções à liberdade de expressão” terminam quando “significam que a humanidade de alguém, ou

seu direito de participar de discursos políticos como agentes políticos, pode ser livremente atacada, humilhada ou questionada”.⁵¹² O advogado Noah Schabacker aponta que as universidades têm uma “obrigação legal” de banir palestrantes como Yiannopoulos, a fim de se adequarem aos mandatos do Título VI e do Título IX, que exigem que as escolas eliminem a discriminação com base no gênero e na raça.⁵¹³

Independente de tais questões legais, no entanto, o “direito” de questionar a humanidade dos outros tem consequências. Em 20 de maio de 2017, um estudante supremacista da Universidade de Maryland, que pertencia ao grupo do Facebook “Alt-Reich”, esfaqueou um estudante afro-americano chamado Richard Collins III. Esse assassinato se seguiu em meio a uma série de propagandas racistas e cartazes em torno do campus após a posse de Donald Trump. Muitos estudantes de Maryland ligaram os pontos entre a “atitude parcimoniosa da administração com os racistas, chamando o discurso de ódio de ‘liberdade de expressão’ e o que aconteceu com Collins de assassinato”.⁵¹⁴ Lutar contra a violência da supremacia branca nos campi exige que nossos movimentos empurrem as instituições de ensino superior para abraçar aberta e inequivocamente o antirracismo.

⁴⁸⁵ N. do T.: Movimento pela Liberdade de Expressão.

⁴⁸⁶ N. do T.: Movimento Contra a Liberdade de Expressão.

⁴⁸⁷ Megan McArdle, “Berkeley Once Stood for Free Speech. Now it Rolls Over,” *BloombergView*, 21 de abril de 2017: <https://www.bloomberg.com/view/articles/2017-04-21/berkeley-once-stood-for-free-speechnow-it-rolls-over>; Peter Beinart, “Milo Yiannopoulos Tested Progressives and They Failed,” *The Atlantic*, 3 de fevereiro de 2017: <https://www.theatlantic.com/politics/archive/2017/02/everyone-has-a-right-to-free-speech-even-milo/515565/>; “The No Free Speech Movement at Berkeley,” *Los Angeles Times*, 2 de fevereiro de 2017: <http://www.latimes.com/opinion/editorials/la-ed-milo-berkeley-20170203-story.html>; Amy B. Wang, “Ann Coulter finds an unlikely ally in her free-speech spat with Berkeley: Bill Maher,” *The Washington Post*, 22 de abril de 2017: https://www.washingtonpost.com/news/arts-and-entertainment/wp/2017/04/22/ann-coulter-finds-an-unlikely-ally-in-her-free-speechspat-with-berkeley-bill-maher/?utm_term=.2d0976e9529b; Cheryl K. Chumley, “Coulter, Milo, Rice and the loss of free-thinking at colleges,” *The Washington Times*, 20 de abril de 2017: <http://www.washingtontimes.com/news/2017/apr/20/ann-coulter-milo-riceand-loss-free-thinking-colle/>; Marc Randazza, “Dear Berkeley: Even Ann Coulter deserves free speech,” CNN, 24 de abril de 2017: <http://www.cnn.com/2017/04/24/opinions/ann-coulter-berkeley-free-speechrandazza-opinion/>.

⁴⁸⁸ Steve Chapman, “Ann Coulter and the un-free speech movement at Berkeley,” *Chicago Tribune*, 21 de abril de 2017: <http://www.chicagotribune.com/news/opinion/chapman/ct-berkeley-free-speech-ann-coulterperspec-0424-md-20170421-column.html>.

⁴⁸⁹ John Boaz, ed., *Free Speech* (Detroit: Thomson Gale, 2006), p. 88, 92, 127; Reporters Without

Borders: <https://rsf.org/en/ranking>.

⁴⁹⁰ Boaz, *Free Speech*, p. 198.

⁴⁹¹ Timothy Garton Ash, *Free Speech: Ten Principles for a Connected World* (New Haven: Yale University Press, 2016), p. 1.

⁴⁹² *Ibid.*, p. 75.

⁴⁹³ C. Edwin Baker, *Human Liberty and Freedom of Speech* (New York: Oxford University Press, 1989), p. 7.

⁴⁹⁴ Ash, *Free Speech*, p. 75.

⁴⁹⁵ Entrevista com Job Polak, março de 2017.

⁴⁹⁶ <http://rosecityantifa.org/faq/>.

⁴⁹⁷ *Ibid.*; Entrevistas com Kieran, Paul Bowman e Niccolò Garufi.

⁴⁹⁸ Entrevista com Rasmus Preston.

⁴⁹⁹ Réseau No Pasaran, *Scalp*, p. 15.

⁵⁰⁰ Entrevista com a Indiana Antifa.

⁵⁰¹ N. do T.: Movimento de Solidariedade dos Trabalhadores Irlandeses.

⁵⁰² Entrevistas com Gato, Malamas Sotiriou, Yiorgos e Eliana Kanaveli; <http://www.wsm.ie/c/no-platform-fascism-anarchism-wsm>.

⁵⁰³ Entrevista com Joe.

⁵⁰⁴ Kevin Drum, “The Most Important Free Speech Question Is: Who Decides?” *Mother Jones*, 27 de abril de 2017: <http://www.motherjones.com/kevin-drum/2017/04/most-important-free-speech-question-whodecides>.

⁵⁰⁵ Rory McGowan, “Claim No Easy Victories,” *The Northeastern Anarchist*, 2003: <https://theanarchistlibrary.org/library/rory-mcgowan-claimno-easy-victories>.

⁵⁰⁶ “Research shows prejudice, not principle, often underpins ‘freespeech defense’ of racist language,” *KU Today*, May 3, 2017: <https://news.ku.edu/2017/05/01/research-shows-prejudice-not-principle-oftenunderpins-free-speech-defense-racist>.

⁵⁰⁷ Entrevista com o Pavé Brûlant.

⁵⁰⁸ Iain Channing, *The Police and the Expansion of Public Order Law in Britain 1829–2014* (London: Routledge, 2015), p. 17.

⁵⁰⁹ N. do T.: Jovens Americanos pela Liberdade.

⁵¹⁰ N. do T.: Expressão francesa usada para simbolizar o liberalismo econômico, na versão mais pura de capitalismo de que o mercado deve funcionar livremente, sem interferência, taxas nem subsídios, apenas com regulamentos suficientes para proteger os direitos de propriedade.

⁵¹¹ Cliff Maloney, Jr., “Colleges Have no Right to Limit Students’ Free Speech,” *Time*, 13 de outubro de 2016: <http://time.com/4530197/collegefree-speech-zone/>.

⁵¹² Ulrich Baer, “What ‘Snowflakes’ Get Right About Free Speech,” *New York Times*, 24 de abril de 2017: <https://www.nytimes.com/2017/04/24/opinion/what-liberal-snowflakes-get-right-about-free-speech.html>.

⁵¹³ Noah Schabacker, “Schools Have a Legal Obligation to Keep Harassers like Milo Off Campus,” *Rewire*, 26 de maio de 2017: <https://rewire.news/article/2017/05/26/schools-legal-obligation-keep-harasserslike-milo-off-campus/>.

⁵¹⁴ Dave Zirin, “A Lynching on the University of Maryland Campus,” *The Nation*, 22 de maio de 2017: <https://www.thenation.com/article/lynchinguniversity-maryland-campus/>.

SEIS: ESTRATÉGIA, (NÃO) VIOLÊNCIA, E ANTIFASCISMO COTIDIANO

“Ei, você faz parte dos *White Knights*⁵¹⁵?”, um jovem grafiteiro skinhead indígena-americano chamado Gator gritou do outro lado da rua para um skinhead branco. Gator atravessou a rua ao lado de seu ajudante de 16 anos, Kieran, e perguntou novamente: “Você é um *White Knight*?”. Os *White Knights* eram um novo grupo de skinheads *white-power* que, não muito antes – no final dos anos 80 – tinham começado a aterrorizar punks e não brancos em Minneapolis. Gator e Kieran eram parte de uma pequena equipe de skinheads antirracistas chamada *Baldies* que decidiu enfrentá-los. Com o tempo, os membros do *Baldies* criariam a *Anti-Racist Action* (Ação Antirracista, ou ARA), que acabaria por se expandir para uma rede nacional. Mas bem antes que essas grandes ambições pudessem florescer, Gator estava ensinando a Kieran uma estratégia “genial” para confrontar jovens supremacistas brancos.

“Então, você é um deles?”, perguntou Gator.

“Sim, sou”, o garoto respondeu.

Dando um passo para frente, Gator explicou que da próxima vez que o visse, a resposta deveria ser um “não”.

Trinta anos mais tarde, Kieran continua maravilhado com essa estratégia que “deu aos adolescentes uma chance de pensar sobre sua postura e informá-los que isso traria consequências... foi um aviso justo”. De fato, essa estratégia fez com que vários carecas *white-power* passassem para o grupo dos *Baldies* – fato que seria muito menor se eles tivessem sido imediatamente atacados.⁵¹⁶ Esta é uma história sobre violência onde socos não foram lançados e sobre como a conscientização do racismo logo no início pode eliminar o mal pela raiz. Esta é uma história sobre como muitos antifascistas foram atenciosos com a violência, sua aplicação e o quão efetivas ameaças cuidadosamente elaboradas podem ser.

Apesar da mídia retratar a Antifa como sanguinária, ou a petição da *alt-right* após o protesto anti-Milo Yiannopoulos de declarar o grupo como uma organização terrorista (como se a “Antifa” fosse uma organização), a grande maioria das táticas antifascistas não envolve nenhuma violência física. Os

antifascistas realizam pesquisas sobre a extrema-direita on-line, pessoalmente e, às vezes, por meio de infiltração; eles os destróem, empurram os meios culturais para repudiá-los, pressionam chefes para demiti-los e exigem que casas noturnas cancelem shows, conferências e reuniões; eles organizam eventos educacionais, grupos de leitura, de treinamento, torneios esportivos para arrecadação de fundos; eles escrevem artigos, folhetos e jornais, pregam cartazes e fazem vídeos; eles apoiam refugiados e imigrantes, defendem os direitos reprodutivos e enfrentam de forma constante a brutalidade policial.

Mas também é verdade que alguns deles quebram a cara de nazistas e não se desculpam por isso.

Na verdade, mais do que tudo, foi o soco antifascista em Richard Spencer na posse de Donald Trump em 2017 que catapultou a questão da violência antirracista para os holofotes nacionais. No entanto, mesmo quando simpática, a maior parte da cobertura da ação reduziu a violência antifascista ao ato supostamente trivial e individualista de “socar nazistas”. Na era dos *memes* e *GIFs* “socar nazistas” foi apresentado como um modismo de curta visão. Numa linha semelhante a frenesi em torno do “jogo de nocautes” de 2013, onde um pequeno número de adolescentes socava pessoas aleatórias para se divertir.⁵¹⁷ Em uma entrevista à revista *Newsweek*, Randy Cohen, o colunista de Ética da *The New York Times Magazine*, sintetizou a tendência em interpretar a violência antifascista de maneira tão superficial quanto possível, argumentando que o Holocausto ocorreu “não porque as pessoas não conseguiram socar nazistas”. Em vez disso, Cohen defendeu seguir “o exemplo de Gandhi ou o exemplo de [Martin Luther] King... sem recorrer às táticas moribundas de pessoas como Spencer”.⁵¹⁸

Na verdade, a violência representa uma parte pequena, embora vital, da atividade antifascista.

Existem três argumentos principais que os antifascistas usam para justificar sua violência ocasional. Primeiro, como explicado no Capítulo 4, os antifascistas defendem um argumento histórico baseado na observação atenta de que o “debate racional” e as instituições governamentais falharam em impedir consistentemente a ascensão do fascismo. Dado esse fato, eles argumentam que a única esperança para evitar uma sequência é impedir fisicamente qualquer avanço fascista em potencial. Em segundo lugar, eles apontam para os muitos exemplos bem-sucedidos de militantes antifascistas que acabaram ou dificultaram seriamente a organização de extrema-direita

desde o final da Segunda Guerra Mundial. Terceiro, a violência fascista muitas vezes exige autodefesa – embora os antifascistas contestem as interpretações convencionais sobre a autodefesa baseadas na ética individual de cada um, legitimando táticas ofensivas a fim de evitar a necessidade em potencial de ter que estar na linha frente literalmente.

Em outras palavras, os antifascistas não esperam que uma ameaça fascista se torne violenta antes de agirem para acabar com ela fisicamente, se for necessário. Como Murray, da ARA de Baltimore explica,

Lutamos contra eles escrevendo cartas e fazendo ligações para que não tenhamos que enfrentá-los com os punhos. Lutamos com os punhos para que não tenhamos que enfrentá-los com facas. Lutamos com facas para que não precisemos enfrentá-los com armas. Lutamos com armas para que não tenhamos que enfrentá-los com tanques.⁵¹⁹

Este capítulo irá explorar os principais contornos dos debates atuais ao redor da estratégia de “nenhum palanque” e da violência antifascista. Os liberais estão certos de que confrontar fascistas só os faz crescer com mais força? Devemos apenas ignorá-los? Se tantas pessoas glorificam o combate aos nazistas nas décadas de 1930 e 40, por que diminuem seu enfrentamento hoje? A pesquisa realmente mostra que a violência só atua nas mãos dos fascistas? Depois de responder a essas perguntas, discutirei o perigo do machismo, a fetichização da violência e o papel do feminismo no antifascismo. A seguir, abordarei a relação entre o antifascismo militante, a política popular e a opinião pública. Podem os *black blocs* e a luta popular coexistir? Finalmente, explorarei as possibilidades do “antifascismo cotidiano” na era Trump.

De Tom Hanks em *O Resgate do Soldado Ryan* a Brad Pitt em *Bastardos Inglórios*, passando por *Indiana Jones*, nada parece deliciar mais os espectadores norte-americanos do que matar nazistas. Como o epítome do mal histórico, aparentemente qualquer forma de punição provocada sobre o corpo fascista – seja um taco de baseball na cabeça dado pelo “Urso Judeu” de Tarantino ou hélices de avião cortando um mecânico alemão em *Caçadores da Arca Perdida* – provoca um deleite catártico no desencadeamento da justiça vingativa a uma distância cronológica e espacial muito confortável. Desde que a Segunda Guerra Mundial se tornou a guerra

menos controversa da história dos EUA, poucos contestam a legitimidade do combate aos nazistas no final dos anos 1930 e começo dos 40.

Mas será que esses mesmos espectadores considerariam tão heroico lutar contra os nazistas antes do início da guerra, enquanto o regime da Hitler estava construindo seus campos e guetos? Ou antes mesmo de Hitler tomar o poder em 1933? Como os norte-americanos responderiam a uma representação cinematográfica de organizações comunistas e social-democratas, como a Aliança dos Combatentes da Frente Vermelha, a Frente de Aço pela Resistência Contra o Fascismo e a *Antifaschistische Aktion* quando combateram as *Sturmabteilung* (Tropas de Assalto, ou SA) nazistas nos anos 20 e 30? Eu gosto de imaginar que a maioria dos norte-americanos simpatizaria com essas formações militantes, porque eles sabem que a história acaba nas câmaras de gás.

Então, por que tantos americanos tem alergia a perspectiva de confrontar fisicamente os fascistas e os supremacistas brancos e interromper, sem violência, seus discursos em favor de um Quarto Reich?

Parece haver várias razões. Primeiro, a maioria das pessoas tem uma compreensão de “tudo ou nada” sobre o fascismo, o que as impede de levá-lo a sério até que tomem o poder. Apesar de todos os avisos sobre “Trump, o fascista”, de comentaristas de centro-esquerda a enfurecidos partidários de Hilary Clinton, poucos realmente acreditam que haja alguma chance séria de um regime fascista se materializar nos EUA. Como a maioria das pessoas concebe tacitamente o fascismo nos termos dos regimes totalmente “autoritários”, a perspectiva do fascismo se torna uma proposição de “tudo ou nada”.

Enquanto esse ceticismo em relação ao iminente potencial de um governo explicitamente fascista nos EUA é justificado, a Antifa argumenta que devemos sempre lembrar que poucos levaram a sério os pequenos grupos de seguidores em torno de Mussolini e Hitler quando estes começaram sua ascensão e que, portanto, devemos permanecer vigilantes contra toda e qualquer manifestação da política fascista. A falta de preocupação com essa possibilidade é reforçada pela tendência prevalente de se separar Eras passadas da história, como o regime nazista, do presente. Uma vez que suas contribuições para a política contemporânea são reduzidas a aforismos moralistas, o impulso real de seu exemplo histórico e os elementos de

continuidade entre as Eras são considerados irrelevantes para as lutas sociais atuais.

Além disso, a probabilidade de um governo fascista real é, na verdade, irrelevante em termos de organização cotidiana. A violência fascista não é uma proposta de tudo ou nada. Mesmo em doses relativamente pequenas, pode ser bastante perigosa e, por isso, merece ser levada a sério. Isso é dolorosamente óbvio para as vítimas de violência transfóbica ou contra imigrantes, por exemplo.

Segundo, muitas pessoas, sabendo ou não, endossam um tipo de “antifascismo liberal”. Por “antifascismo liberal”, quero dizer uma fé no poder inerente da esfera pública para filtrar as ideias fascistas, e nas instituições de governo para impedir o avanço de sua política. Se esses fatores fossem suficientes para proteger a todos da violência fascista, por que alguém se incomodaria em confrontar os nazistas? Entretanto, como delineamos no Capítulo 4, os antifascistas apontam para as tomadas legais de poder por Mussolini e Hitler como exemplos de falhas do argumento proposto e na atuação do governo parlamentar para evitar o fascismo.

Isso não é, de modo algum, dizer que não há valor na argumentação política. A atração da ideologia de extrema-direita muitas vezes brilha mais quando a esquerda não consegue conquistar as vitórias necessárias para atender às necessidades populares e promover suas próprias perspectivas ideológicas. Resistir ao fascismo requer não apenas uma organização antifascista, mas também organização em todas as frentes. No entanto, a argumentação antifascista é muito mais útil para possíveis simpatizantes do fascismo – sua potencial base popular – do que de ideólogos que não têm nada mais que desdém pelos próprios termos do debate.

Quando os militantes antifascistas privam com sucesso os fascistas ou os supremacistas brancos do palanque necessário para promover sua agenda, os “antifascistas liberais” frequentemente argumentam que calá-los é contraproducente porque lhes dá mais atenção e os coloca na posição de vítimas. Se eles realmente não têm nada de valor para oferecer à sociedade, segue o argumento, então isso será naturalmente confirmado.

Vamos examinar o mérito desse argumento quando aplicado a dois casos comuns: 1) pequenas organizações fascistas que tentam fazer recrutamentos; e 2) celebridades da extrema-direita.

O primeiro e talvez mais importante ponto a se ressaltar é que a maioria das

organizações antifascistas literalmente é de autodefesa. A maioria dos grupos antifa que se formaram nos anos 80 e 90 se consistia de punks e anarquistas que tiveram que se defender de uma crescente ameaça skinhead *white-power*. É muito bom quando os comentaristas pontuam sobre “apenas ignorá-los”, mas quando eles chegam até você com paus, chaves de fenda ou facas, não é tão simples assim. Mesmo que deixemos de lado a política antiestatal da maioria dos antifas, fica claro que a autodefesa é legítima quando a polícia está ausente ou simpatiza com os agressores fascistas.

E quando os fascistas não representam uma ameaça física imediata? É melhor ignorar os pequenos grupos fascistas “inofensivos”? Nesse momento, já deve estar claro que pequenos grupos fascistas nem sempre permanecem assim. Na Grécia, o *Aurora Dourada* surgiu do nada para se tornar uma grande força pronta para liderar um governo antes que acusações criminais destruíssem a liderança do partido em 2013. E eles ainda podem se recuperar; nunca poderemos ter certeza.

Claramente, é nossa obrigação fazer o que pudermos para impedir o crescimento desses grupos. Para fazer isso, é essencial entender como os grupos fascistas crescem. Os quadros de esquerda muitas vezes acham que essa tarefa é muito mais fácil do que os especialistas liberais, porque estão imersos nos mecanismos de construção do movimento. Eles entendem que, para se desenvolver, os movimentos precisam realizar eventos públicos, realizar marchas, distribuir propaganda, publicar jornais, lançar campanhas, formar alianças e coalizões e estabelecer escritórios públicos, centros sociais e livrarias. Eles devem estabelecer ambientes sociais e culturais atraentes que deem aos novos recrutas um sentimento de pertencimento e um desejo de se comprometer com a luta. Para aqueles que passaram anos construindo essa infraestrutura e resistindo aos inevitáveis altos e baixos do entusiasmo, compromisso e impulso que a construção do movimento implica, é óbvio que a incapacidade consistente de realizar algumas ou todas essas táticas políticas seria devastadora. Afinal, o fascismo demonstrou que esmagar sistematicamente a presença pública de um movimento oposto pode funcionar muito bem.

O espetáculo de esmagar os fascistas pode lhes dar mais atenção a curto prazo, mas tais ações os privam da capacidade de capitalizar essa atenção. Além disso, o espetáculo de enfrentá-los, como todos os espetáculos midiáticos, inevitavelmente desaparece à medida que se torna mais regular. A

primeira vez que os antifascistas bloqueiam os nazistas é interessante, já a quinquagésima vez nem tanto. É certo que os fascistas sempre se fazem de vítimas quando são impedidos. O fascismo foi construído com base no medo – medo dos judeus, comunistas, imigrantes, maçons, homossexuais, da “decadência nacional”, modernismo estético, “genocídio branco” e assim por diante. Não importa como a esquerda trate os fascistas, eles sempre vão se apresentar como as vítimas aflitas.

A grande maioria daqueles que seriam significativamente influenciados por reivindicações fascistas, responderia positivamente ao apelo da vitimização, sobre qualquer pretensão. Os antifascistas argumentam que qualquer benefício retórico obtido com esses confrontos é superado pela redução da capacidade de disseminá-lo.

É verdade que a dinâmica de “nenhum palanque” mudou significativamente com o advento da Internet. A Internet é uma plataforma que os antifascistas não podem contestar completamente, embora os esforços para persuadir o Reddit e outros fóruns a proibir discussões racistas tenham dado frutos. No entanto, os esquerdistas que trabalharam com agitação e propaganda na Internet perceberam que ela [a extrema-direta] só consegue ir longe quando provoca um movimento de massa sem nenhum tipo de conexão com o mundo real. É por isso que a Antifa argumenta que é imperativo confrontar a *alt-right* enquanto esta tenta sair de trás de suas telas para estabelecer uma presença pública – algo que tornaria sua propaganda na Internet muito mais potente.

Os especialistas liberais não compreendem plenamente a importância da infraestrutura do movimento porque sua profissão de fabricação de opinião atribui uma importância suprema à comunicação de ideias abstratas. Mas as condições sob quais ideias são comunicadas são muito importantes. Os organizadores sabem que é difícil manter o comprometimento dos participantes do movimento, mesmo quando as coisas estão indo bem e há pouca oposição. Mas se a participação significasse confronto físico constante, assédio tecnológico e ostracismo social, seria exponencialmente mais difícil recrutar. Isso é o que minha fonte antifa de Washington DC, Chepe, chama de “princípio de não valer a pena”. Desde que novos fascistas vêm procurando “apresentar-se como os garotos mais temidos do quarteirão”, Chepe explicou que em sua experiência, “quando eles são derrotados em

conflito ou descubrem que seus irmãos fugiram, sentem que ‘não vale a pena’ e desistem”.⁵²⁰

No curso de minhas entrevistas e pesquisas, encontrei uma série de casos em que combinações de confrontos físicos, *doxxing*, infiltração e outras táticas antifascistas conseguiram acabar ou dificultar severamente a organização fascista local e/ou nacional. Embora seja importante lembrar que a história nunca é monocausal, que os antifascistas podem, às vezes, inflacionar seu papel na eliminação de certos grupos de extrema-direita, e que também há exemplos de antifascistas que fracassaram em acabar com a atividade fascista, uma pequena amostra de campanhas bem-sucedidas mostra que os métodos antifas frequentemente funcionam e funcionam bem. Na década de 1940, o britânico Grupo 43 conseguiu encerrar o *Union Movement* de Oswald Mosley. A frente de massas Liga Anti-Nazista (ANL) desempenhou um grande papel ao descarrilar a Frente Nacional (*National Front*, ou FN) no Reino Unido no final dos anos 70 e início dos anos 80. Os punks e skinheads antifascistas na América do Norte e Europa relataram como eles tiraram, aos pontapé, os carecas nazistas de suas cenas. Eles literalmente acabaram com milhares de programas *white-power*. A maioria realizada clandestinamente. A Antifa norueguesa aboliu com sucesso o movimento fascista de seu país na década de 1990. A ARA desempenhou um papel importante na sabotagem da Frente Nacional e da Igreja Mundial do Criador no início dos anos 2000. As marchas nazistas anuais em Dresden, Roskilde e Salem foram eventualmente encerradas, causando a fratura de muitos grupos por trás delas. Os confrontos nas ruas sufocaram a Frente Nacional da Dinamarca e o *doxxing* rompeu o *Danish Front*. A AFA acabou com o Partido Nacional Britânico em Lancashire por meio de repetidos confrontos físicos bem-sucedidos. O SCALP Besançon fechou dois grupos diferentes do *Bloc Identitaire*⁵²¹, e então a atenção que eles direcionaram para o *Front Comtis*, sua formação sucessora, levou as autoridades a banir o grupo. Mesmo quando os antifascistas holandeses foram duramente espancados pelos fascistas do *Nationalistische Volks Beweging* (NVB) em 2007, a polícia interveio e prendeu os fascistas por acusações de porte de armas, o que levou o grupo a se ver sozinho e posteriormente entrar em colapso.⁵²²



Manifestação Antifa no Dia do Trabalho, 2013. [FOTO DO AUTOR]

Eu poderia continuar, mas não há necessidade. Histórias semelhantes podem ser contadas em várias cidades ao redor do mundo.

Enquanto isso, apesar da tática antifascista de “nenhum palanque” tradicionalmente não ser aplicada às celebridades da extrema-direita, hoje ela se tornou uma faceta altamente divulgada do antifascismo nos EUA.

Esses oradores famosos apresentam um desafio diferente para a organização antifascista. Em virtude de sua fama, figuras como Milo Yiannopoulos e Ann Coulter têm uma plataforma aberta para se expressar para milhões. A fama de Yiannopoulos realmente disparou depois que ele foi impedido de falar em Berkeley, e Coulter ficou mais do que feliz de ser interrompida pelos “liberais que odeiam a liberdade de expressão” da mesma universidade. Por essas razões, os comentaristas concluíram que “os manifestantes vestidos de preto... serviram aos interesses finais de Yiannopoulos” ao “colocá-lo sob uma luz imerecidamente simpática”. Um escritor argumentou no jornal *Telegraph* que “recorrer à violência é particularmente estúpido, já que a celebridade de Yiannopoulos se baseia em reações tão extravagantes quanto às dele”. Mesmo à esquerda, Christian Parenti e James Davis argumentaram que a direita “tem, ao estilo do Judô, atraído a esquerda do campus para uma reação exagerada” em seus esforços para acabar com pessoas como Yiannopoulos e Charles Murray, este por conta de seu romance racista *The Bell Curve*, de 1994.⁵²³

O primeiro ponto a se fazer aqui é que esses oradores e suas carreiras são apenas parte da consideração. Se o bloqueio das falas de Yiannopoulos ou Coulter impediu que um único estudante sem documentado ou transexual enfrentasse assédio ou algo pior, como aconteceu quando Yiannopoulos discursou na Universidade de Winsconsin em Milwaukee, então valeu a pena. Ponto. Além disso, embora esses eventos girem em torno de indivíduos que não reivindicam representar uma organização, eles muitas vezes servem como oportunidades de organização e recrutamento para a extrema-direita. Quando deixados incontestes, tais eventos se tornam espaços para que racistas “alienados” se encontrem, se misturem e recebam um panfleto do grupo *Minutemen* local, do Partido dos Trabalhadores Tradicionalistas ou de outro grupo de extrema-direita. Os discursos revisionistas do Holocausto,

proclamados por pessoas como David Irving, serviram a esse propósito durante anos.

Em parte, este é um argumento sobre a importância da política olho no olho. Indivíduos assistindo Yiannopoulos no Youtube não têm o mesmo potencial político de quando estão fisicamente agrupados.

Embora os palestrantes de alto nível apreciem as controvérsias em torno de seus impedimentos, claramente há um retorno marginal decrescente sobre o escândalo. Toda vez que Coulter e Yiannopoulos são banidos ou impedidos, a mídia e o público se importam um pouco menos com eles. As forças dos guerreiros da liberdade de expressão provavelmente acabarão desacelerando quando ficarem sem novos pontos e sua capacidade de fabricar indignação se dissipar. E até certo ponto, é realmente benéfico que deixemos Coulters e Milos falarem. Tornar a mera presença deles no campus um pesadelo para grupos de extrema-direita e administradores da universidade acabará inevitavelmente reduzindo o número de convites.

O ponto mais fundamental e ignorado por esses críticos, no entanto, é que não importa onde na esfera pública os fascistas se queixem de terem sido “silenciados”, as ações que eles reclamam estão contribuindo para a criação de um amplo movimento antirracista e antifascista de ação direta que não tolera o fanatismo. De uma perspectiva de construção-de-um-movimento-antirracista, o ato de impedir um orador fascista pode ser mais importante a longo prazo do que seu efeito imediato em um determinado evento. Em abril de 2017, o colunista da *New York Magazine*, Jonathan Chait, lamentou a “guerra à mente liberal” sendo travada pelo que ele chama de “a esquerda ‘impeditiva.’”⁵²⁴ Embora tenha sido planejada como uma caracterização pejorativa, “a esquerda ‘impeditiva’” é um termo adequado para uma tendência de ação direta na esquerda radical que se desenvolveu através do *Occupy* e do *Black Lives Matter*, e é cada vez mais capaz de lutar contra os avanços da supremacia branca, homofobia, patriarcado e a dominação em todas as suas formas.

As estrelas da extrema-direita Ann Coulter, Bill O’Reilly e Milo Yiannopoulos vão ascender e cair. E à medida que se afundarem na obscuridade, outros racistas e sexistas herdarão seus contratos de publicação e programas de rádio. A questão não é qual fascista é o melhor em chorar “lágrimas de crocodilo”, mas sim se podemos construir um movimento

suficientemente poderoso para esmagar quaisquer manifestações coletivas com aspirações fascistas.

Além do argumento da superioridade dos métodos não-violentos com bases éticas, a oposição ao confronto físico contra fascistas também é tipicamente sustentada pelo argumento de que os métodos não-violentos são, simplesmente, mais eficazes. Um desses defensores é Gene Sharp, que é chefe da *Albert Einstein Institution*, uma organização sem fins lucrativos dedicada ao avanço da “não-violência estratégica”, uma argumentação que se baseia puramente na eficácia. Nessa seção, abordarei os argumentos apresentados pela pesquisadora e internacionalista Erica Chenoweth, que talvez tenha sido a mais proeminente representante desse ponto de vista nos debates mais recentes sobre o antifascismo.

Logo após as destruições de alto-nível das propriedades pelos *black blocs* na posse presidencial de 2017 e no protesto anti-Yiannopoulos em Berkeley, Chenoweth escreveu um artigo para o *New Republic* que apareceu sob a manchete “A violência só vai prejudicar a Resistência à Trump” (minha ênfase) baseada em conclusões tiradas do livro *Why Civil Resistance Works*, que ela escreveu junto com Maria Stephan.⁵²⁵ A pesquisa de Chenoweth sobre não-violência também foi citada como evidência de que “os *black blocs* prejudicam os esforços não-violentos” em um artigo amplamente divulgado na *Newsweek* sobre os acontecimentos em Berkeley.⁵²⁶

Como a referência da *Newsweek* e a manchete do artigo do *New Republic* sugerem, Chenoweth argumenta que “evidências históricas” demonstram que não apenas táticas *black blocs*, mas “flancos violentos” em geral são contraproducentes. O livro *Why Civil Resistance Works* argumenta que, entre 1900 e 2006, “as campanhas de resistência não-violentas tinham quase o dobro de probabilidade de obter sucesso total ou parcial do que suas contrapartes violentas”.⁵²⁷ No entanto, se ela estivesse argumentando com base puramente empírica, a conclusão não seria que “a violência *provavelmente* vai prejudicar a Resistência à Trump”? Até mesmo sua própria pesquisa contradiz a rejeição absolutista da violência quando baseada apenas nos resultados estratégicos.

No entanto, os dados que atribuem tal superioridade a métodos não-violentos, devem, é claro, ser levados a sério se nosso objetivo for o sucesso, e não meramente marcar pontos retóricos. No entanto, como o pesquisador e ativista Ben Case apontou na *ROAR Magazine*, os termos deste debate estão seriamente confusos. Por exemplo, o conjunto de dados apresentados em *Why Civil Resistance Works* define movimentos “violentos” nos termos de combate sem considerar “variáveis para qualquer tipo de ação violenta que esteja abaixo do limiar da guerra”. O “efeito de flanco radical”, que o conjunto de dados cita, refere-se às insurgências armadas, mas “não tem nada a ver com a ação de manifestantes quebrando janelas ou brigando com a polícia”. Neste livro e no trabalho subsequente de Chenoweth, movimentos como a Primeira Intifada na Palestina ou o movimento da Praça Tahrir no Egito são categorizados como movimentos “não-violentos” por causa da “primazia da resistência não-violenta”, apesar do fato de que eles se envolveram em conflitos ferozes contra autoridades e oposição, que eram muito mais violentos do que o ato de quebrar algumas fachadas de bancos em ruas vazias de DC.

Se a pesquisa delas conclui que os movimentos “primariamente não-violentos” funcionam mais do que os “primariamente violentos”, então um ocasional *black bloc* em um oceano de ação não-violenta não exclui o antifascismo ou o movimento de resistência à Trump de cair na categoria de sucesso que Chenoweth elogia. Afinal, alguns *black blocs* foram organizados durante o curso do movimento egípcio que ela caracteriza positivamente como uma “revolução em grande parte não-violenta que obteve sucesso”.⁵²⁸

Chenoweth até argumenta que a violência antifascista foi contraproducente na Alemanha entre guerras. Ela argumenta que o resultado das batalhas de rua entre comunistas e fascistas “foi uma esquerda fragmentada”. “Grupos fascistas fizeram uso do caos”, ela contrapõe, para alcançar o “poder nas urnas”.

Como vimos, no entanto, a esquerda do período entre guerras se encontrava completamente fragmentada desde o fim da Primeira Guerra Mundial. Os partidos estavam rachando, e anarquistas, comunistas e socialistas estavam nas gargantas uns dos outros muito antes do fascismo entrar em cena. Lutar contra os nazistas não fragmentou a esquerda – ela já estava fragmentada.

Os combates de rua também não impulsionaram os nazistas para o sucesso eleitoral. Centenas de milicianos nazistas, comunistas, socialistas e

republicanos morreram e outros milhares foram feridos em batalhas de rua na Alemanha antes de 1930. Se a violência nas ruas foi o fator chave no sucesso eleitoral nazista, então por que o NSDAP teve apenas 2,6% dos votos em maio de 1928? Não foi até setembro de 1930, quando chegaram a 18,3%, que os nazistas ganharam qualquer tração eleitoral. O que mudou não foi o nível de violência nas ruas, mas a Grande Depressão. Além disso, se a violência nas ruas era contraproducente para a esquerda, então por que ao mesmo tempo o KPD aumentava seu apoio eleitoral? Aparentemente, todo partido político ou facção alemã tinha sua própria ala paramilitar ou associação de veteranos durante o período entre guerras. Argumentar retrospectivamente que o KPD essencialmente deveria ter retirado uma página do manual do MoveOn.org para combater os nazistas é perder a especificidade histórica de sua agenda programática e a natureza contextual da opinião pública. Se a violência é inerentemente tão desanimadora, então por que 37,3% do eleitorado alemão votou no partido nazista em julho de 1932?⁵²⁹ Por que o papel proeminente dos partidos comunistas europeus na resistência armada lhes garantiu seu maior sucesso registrado nas urnas durante período imediato ao pós-guerra?

Chenoweth e Stephan reconhecem que “é possível que a resistência não-violenta não possa ser usada efetivamente quando o genocídio explode com força total” – mas não se pode concluir isso, argumentam elas, já que não foi “considerada como uma estratégia geral para resistir aos nazistas”. Se não podemos contemplar a eficácia de estratégias que não foram atualizadas, como poderemos concluir que uma campanha de não-violência teria sido superior à luta armada na Alemanha durante os anos 20 e 30? Enquanto isso, julgando a “resistência violenta” como “um fracasso abjeto”, Chenoweth e Stephan argumentam que alguns exemplos de “resistência coletiva não-violenta” na Dinamarca e na Alemanha foram apenas “ocasionalmente bem-sucedidos”.⁵³⁰ Sendo um judeu que perdeu antepassados no Holocausto, a sugestão de que a Revolta do Gueto de Varsóvia ou outros exemplos de resistência armada aos nazistas foram “um fracasso abjeto” é insultante. Esses momentos deram a todo um povo orgulho em um contexto onde enfrentavam o extermínio. Aqueles bravos combatentes reivindicaram sua humanidade, mesmo que por um breve período de tempo. Se isso não é um sucesso que atravessa a História, então não tenho certeza do que é. A

alegação também é comprovadamente falsa – os *partisans* iugoslavos e albaneses, por exemplo, na verdade venceram.

O argumento de Chenoweth de que os nazistas “expressaram uma preferência explícita pelo combate... métodos de guerrilha, em vez de desobediência civil”, pode ter tido um cerne de mérito na Europa Ocidental, onde não-judeus franceses, holandeses ou belgas eram considerados humanos.⁵³¹ No entanto, mesmo o estudo mais rudimentar do implemento da “Solução Final” e o amplo despovoamento da Europa Oriental na busca do *lebensraum* (espaço vital) mostraria que nenhum apelo à decência pública poderia ter interrompido as engrenagens da máquina nazista de matar. Chenoweth e Stephan estão corretas ao apontar que métodos não-violentos podem derrubar ditadores. Mas nesses casos a não-violência precisa ser capaz de alavancar a opinião pública nacional e internacionalmente para tornar uma ditadura insustentável. Em que lugar do mundo existia uma população no início da década de 1940, cujo ultraje potencial poderia ter feito Hitler mudar de rumo?

No centro desse debate está (ou deveria estar) a questão de como avaliar e promover uma luta social bem-sucedida. Para Chenoweth e alguns outros estudiosos, os critérios de sucesso são claros: táticas e estratégias bem-sucedidas são aquelas que melhor atraem “espectadores e potenciais participantes”⁵³² para a causa, ao mesmo tempo em que reduzem sua simpatia à oposição. Com base nesse cálculo quantitativo, o historiador Daniel Tilles conclui que a Batalha de Cable Street teve um “impacto positivo” na União Britânica dos Fascistas (BUF), porque seu recrutamento aumentou logo após o ocorrido. Para os judeus, argumentou ele, o conflito “serviu apenas para agravar ainda mais a situação” porque várias centenas de jovens fascistas retaliaram orquestrando o “Pogrom das Milhas”, onde judeus foram agredidos e suas lojas saqueadas e destruídas. Esses conflitos aumentaram o antissemitismo retórico da BUF, que os ajudou nas pesquisas de opinião de 1937.⁵³³ Da mesma forma que o assassinato comunista em 1925 de 4 membros dos *Jeunesses Patriotes* causou um aumento imediato no seu recrutamento.⁵³⁴ Para tais estudiosos, a lição é clara: se uma tática ou estratégia ajuda o recrutamento fascista, então ela é falha.

No entanto, o fato que desempenhou talvez o maior papel em estimular o recrutamento fascista durante o período entre guerras na Grande Depressão foi o sucesso eleitoral da esquerda. Os sucessos do fascismo francês, por

exemplo, podem ser atribuídas precisamente à ascensão e queda da esquerda eleitoral. A primeira onda fascista surgiu em 1924 com o estabelecimento do *Cartel des Gauches* (literalmente, Coalizão das Esquerdas) e caiu em 1927, quando eles perderam o poder. O fascismo surgiu novamente após 1932 em resposta à Grande Depressão e à eleição de uma maioria de centro-esquerda. O fascismo francês atingiu seu ápice em resposta à eleição da Frente Popular em 1936 e à eclosão de uma onda de greves não-violentas realizada por 2 milhões de trabalhadores. Em tais contextos, os fascistas franceses apelaram para “aqueles que viam isso como o primeiro passo para o bolchevismo”.⁵³⁵

Movimentos similares de ascensão e queda do fascismo podem ser mapeados em outros lugares: a vitória da Frente Popular Espanhola em 1936 galvanizou a direita a tal ponto que desencadeou uma guerra civil. Certamente ninguém argumentaria que tais resultados invalidariam as aspirações eleitorais da esquerda. Esses exemplos demonstram que a extrema-direita prospera com o medo que é gerado tanto do avanço violento e não-violento da esquerda, quanto do progresso de uma justiça social mais ampla. A KKK prosperou durante tempos em que avanço social negro – a eleição de Obama em 2008 estimulou o recrutamento de força branca e, posteriormente, levou à ascensão de Donald Trump.

Todavia, os sucessos e fracassos políticos não podem ser reduzidos a um jogo de números. O fato de que a Batalha de Cable Street colaborou para com o recrutamento fascista, engatilhou sua violência e foi vista negativamente pela liderança da comunidade judaica e a maioria do público britânico não prova que foi um erro estratégico. Na verdade, esse confronto aumentou as mobilizações antifascistas e deu aos antifascistas judeus um “vigor renovado”, impulsionou a organização nacional do *Jewish People’s Council Against Fascism and Anti-Semitism* (JPC) e melhorou a coordenação com os antifascistas de esquerda.⁵³⁶ O JPC também se tornou um poderoso modelo para a resistência coletiva antifascista, que continua inspirando muitos até hoje.

Embora a sobrevivência das minorias geralmente dependa, pelo menos em parte, de sua capacidade de conquistar a maioria, o desenvolvimento do poder coletivo e da autonomia é um pré-requisito para uma luta bem-sucedida, violenta ou não. De fato, Chenoweth critica a violência da Era dos direitos civis por sua “alienação dos brancos”. No entanto, o Movimento Black Power entendeu corretamente que não poderia construir seu programa político com

as pessoas brancas se seu objetivo principal fosse a autonomia negra. Às vezes, a autodeterminação precisa ser priorizada ao invés de vencer um concurso de popularidade projetado para você perder. Essa crítica à violência durante a era dos direitos civis também elimina o grau em que a perspectiva de uma guerra racial e a revolução assustava os brancos dos EUA o suficiente para que algumas reformas, que antes eram impensáveis, se tornassem relativamente palatáveis.

A crítica de Chenoweth à violência revolucionária dos anos 60 e 70 reflete como, apesar de seu desejo e de Stephan de avaliar campanhas baseadas na “realização plena de [seus] objetivos declarados”, elas tendem a avaliar as formações revolucionárias socialistas: se baseando nos objetivos estabelecidos por suas contrapartes reformistas.

Por exemplo, no primeiro capítulo de *Why Civil Resistance Works*, elas argumentam que o movimento não-violento para derrubar Marcos nas Filipinas foi muito mais bem-sucedido do que a insurgência dos guerrilheiros maoístas. Isso seria verdade se os maoístas e os ativistas não-violentos tivessem exatamente os mesmos objetivos, mas na verdade os maoístas planejaram sua estratégia não apenas para derrubar o ditador, mas também para travar uma guerra popular visando expropriar a classe dominante e criar um estado socialista.

Da mesma forma, nos EUA, embora os socialistas revolucionários e os democratas possam ser considerados parte da resistência à Trump, os revolucionários visam alcançar uma sociedade pós-capitalista, enquanto os democratas pretendem alcançar uma presidência pós-Trump. Esses objetivos divergentes ditam diferentes estratégias. É tão desonesto avaliar os Panteras Negras com base em seu índice de aprovação entre os brancos quanto avaliar a Anistia Internacional com base no seu nível de fervor insurrecional.

Se levarmos a sério o exame do que a “história mostra”, descobriremos que a simpatia da sociedade e as definições de violência e não-violência variam de acordo com o tempo e o lugar. Em maio de 1968, em Paris, estudantes e trabalhadores lutaram contra a polícia nas barricadas. No entanto, quando a polícia demoliu brutalmente as barricadas estudantis, a maioria do público francês ficou do lado dos estudantes rebeldes.⁵³⁷ Em 2012, em Atenas, vi idosos aplaudindo enquanto jovens vestidos de preto jogavam molotovs na polícia.

Uma ação nunca serve para todos. Nem todos os estadunidenses

interpretaram como pacíficas as marchas pelos Direitos Civis que bloqueavam as estradas, especialmente quando encontravam respostas violentas da polícia. E nem mesmo acreditam que essas táticas sejam pacíficas hoje em dia. No final de 2011, uma reportagem do canal de TV ABC sobre a famosa marcha não-violenta do *Occupy Wall Street* na ponte do Brooklyn afirmou que “as manifestações foram em grande parte pacíficas até ontem, quando 700 pessoas foram presas...”⁵³⁸ E enquanto Chenoweth considera que os bloqueios dos postos de segurança realizados pelo *Black Lives Matter* durante a posse presidencial de 2017 não foram violentos, muitos estadunidenses discordariam. Em vez de se envolver em uma tática que incomodaria tantos, eles poderiam perguntar: por que não escolher um método socialmente mais aceitável de protesto, como segurar um cartaz?

Em suma, em vez de avaliar a recepção pública da violência e da não-violência em termos binários, faz mais sentido pensar nos termos de uma mudança contextual dentro um espectro de simpatia que deve ser ponderado com relação aos objetivos específicos do movimento.

É um espectro que não fica parado. De maneiras importantes, os movimentos têm o poder de mudar a forma como são recebidos. Por exemplo, antes de movimentos como o *Occupy* e BLM, as marchas nas ruas eram comumente vistas como uma perturbação ilegítima. Esses grupos ajudaram a mudar, por meio da ação direta, as preferências táticas de segmentos significativos da sociedade. Esse processo só foi acelerado pelos tumultos contra a brutalidade policial em Ferguson e Baltimore, porque esses levantes fizeram com que as marchas de rua parecessem muito mais “pacíficas” em comparação, mesmo que bloqueassem o tráfego. Além disso, esses tumultos levaram a brutalidade policial e a opressão negra à frente da consciência nacional de uma maneira que as táticas “não-violentas” não poderiam ter alcançado por conta própria. Sim, a maioria dos estadunidenses foi repelida pela visão de saques e incêndios, mas eles foram forçados a definitivamente aceitar a escalada de injustiça. Posteriormente, o *Black Lives Matter* cultivou uma base de apoio popular muito significativa, apesar de ter um “flanco violento”. Os tumultos em Ferguson não podem ser dissociados dessa história.

Se a estratégia política radical fosse determinada com base na favorabilidade quantitativa no público de diferentes táticas, então os métodos mais moderados quase sempre venceriam porque eles são hegemônicos. Se os

estadunidenses tivessem pesquisado sobre a melhor maneira de lançar um movimento pela justiça econômica no início de 2011, quase ninguém, inclusive eu, teria aprovado a ideia de organizar um acampamento em um parque na parte baixa de Manhattan. Para que a política seja popular e revolucionária, os organizadores precisam “ir até onde as pessoas estão” e, ao mesmo tempo, estabelecer um paradigma político/estratégico/tático que faça a luta avançar. Quando coreografamos nossa política com base em pesquisas de opinião, elas inevitavelmente refletem a sociedade que buscamos transformar.

Aqueles que argumentam que os movimentos de massa se desenvolvem na medida em que refletem o que a maioria das pessoas já acredita estarão inclinados a concluir que o antifascismo militante está em desacordo com a construção de uma oposição mais ampla à extrema-direita. Mas os militantes antifascistas não argumentam que a violência é a solução para todos os problemas políticos. Antes de abordarmos a relação entre as táticas “violentas” e a construção de movimentos dentro do antifascismo, vamos analisar algumas das criativas táticas não-violentas empregadas pelos antifascistas.

Em 2008, a ARA da região central do Texas estava organizando um protesto contra uma manifestação do Movimento Nacional Socialista na cidade de Tyler. Uma mulher negra chamada Maya “impulsionou a ideia de performance ao invés de espancamentos” em discussões estratégicas. Embora alguns dos homens do grupo achassem que a ideia de Maya era “ridícula”, ela os convenceu a construir uma obra de arte com dois postes de 15 metros adornados com enfeites roxos e pretos (que haviam sobrado de uma festa recente de Halloween) que foram usados para pendurar bonecos nazistas de papel mâché. No dia da manifestação, cerca de 35 antifas e grupos comunitários antirracistas ficaram atrás da instalação de arte cantando “Sigam seu líder” (um slogan antifa que sugere que os nazistas se suicidem como Hitler). O barulho dos tambores antifascistas e os cantos abafaram o megafone nazistas de forma que “sua mensagem não foi ouvida”. Maya se lembra carinhosamente da ação por sua habilidade de “acabar com um evento nazista de uma forma que os mais moderados pudessem apoiar”.⁵³⁹

A tradição de usar o barulho para abafar os oradores fascistas remonta ao início da luta antifascista. Por exemplo, em 1925, um grupo de 200 comunistas franceses tentou interromper uma reunião dos *Jeunesses Patriotes* fascistas cantando a “Internationale”.⁵⁴⁰ Em 1933, os comunistas interromperam uma reunião da União Britânica dos Fascistas em Manchester cantando a música de protesto “Red Flag”.⁵⁴¹

O canto antifascista também desempenhou um papel importante no esmagamento do fascismo na Dinamarca. Em 1999, um homem idoso chamado Gunnar Gram, com simpatia ao nazismo, morreu, deixando um grande prédio de três andares em Aalborg para o Partido Nazista Dinamarquês. O partido imediatamente se moveu e colocou uma suástica de 2 metros de comprimento na frente do prédio. Isso não só era muito perturbador para os vizinhos, mas também perigoso, uma vez que a casa nazista atraía supremacistas brancos da região que frequentemente se embriagavam e começavam a brigar nas ruas vizinhas. Como a antifascista dinamarquesa Ole explicou, já que a casa estava longe de qualquer centro radical de esquerda, “a organização não podia combatê-los da mesma maneira”. Então, em vez de enfrentá-los fisicamente, por vários anos os moradores locais organizaram vigílias noturnas em frente ao prédio. Tais ações se basearam na tradição antifascista dinamarquesa da época da guerra de organizar corais públicos como uma forma de contornar as proibições nazistas de reuniões políticas. Assim, a canção se tornou resistência sob a ocupação nazista e, nos tempos modernos, também poderia agitar profundamente os nazistas, como os de Aalborg. Eles tentaram responder tocando música nazista em alto-falantes, mas o canto da população os ofuscava. Enquanto isso, os organizadores também colocavam cartazes na cidade com fotos dos rostos dos nazistas e incentivavam lojistas a não vender para eles. Com o tempo, o constante canto e isolamento “quebrou seu espírito de luta, de modo que não era mais divertido ser nazista”, conta Ole. O fim definitivo da casa nazista ocorreu quando Edith Craig, meia-irmã de Gunnar Gram – de Butte, Montana – de 80 anos de idade, os processou com sucesso pelo direito ao prédio porque as testemunhas do testamento de Gram eram suas beneficiárias, o que violava a lei dinamarquesa. Os manifestantes dinamarqueses cantaram “We Shall Overcome” na celebração em honra à vitória de Craig.⁵⁴²

O ditado antifascista “nenhum palanque para nazistas” também se aplica a

seus cartazes, grafites e outras propagandas. Os antifascistas dão muita ênfase ao controle do espaço público em todos os sentidos e, portanto, dedicam uma quantidade significativa de energia para eliminar qualquer traço público de fascismo. Por exemplo, no início de 2016, um grupo chamado “Irmãs Antifascistas” se formou em resposta a ataques neonazistas em espaços autônomos na Eslovênia. O estilo lúdico criativo das Irmãs de encobrir o grafite fascista foi exibido em seu vídeo-paródia dos Caça-Fantasmas, no qual elas usaram um “grafitômetro” para medir os níveis de “contaminação da direita nas paredes”.⁵⁴³

Em Varsóvia, na Polônia, nos últimos anos, um grupo de antifascistas organizou regularmente sessões de grafite antifascista para contra-atacar a crescente presença de extrema-direita. A primeira vez que fizeram isso, eles planejaram por um mês, para se certificar de que estavam preparados para eventuais confrontos com os fascistas, a polícia ou “vizinhos com excesso de zelo”. Eles desenharam um mapa para determinar os cinco locais mais importantes a serem atingidos, juntaram suprimentos como latas de spray, luvas, roupas “facilmente descartáveis” e spray de pimenta para autodefesa, e foram extremamente rápidos nas entradas e saídas de carros. Quando a noite chegou, houve um encontro com alguns nacionalistas que jogaram garrafas neles, mas as coisas basicamente correram bem: eles mudaram palavras de ordem “Polônia para os poloneses” (Poland for the Poles) para o foneticamente similar e absurdo “Solo para as batatas” (Soil for Potatoes).

Um antifa sérvio chamado Stefan travou uma campanha semelhante por contra própria em 2012: quando ele encontrou lambe-lambes da fascista Ação Sérvia em sua vizinhança em Belgrado, imediatamente os arrancou... e notou eles de volta uma hora mais tarde. Ele revidou atropelando os cartazes da Ação Sérvia com adesivos da antifa... para depois encontrar adesivos fascistas em favor do “Flerte tradicional para o casamento” e outros slogans conservadores colados em cima de seus adesivos-resposta. Todos os dias, durante 6 meses, Stefan batalhou com um fascista anônimo pelo controle de sua vizinhança. Cerca de quatro meses depois do conflito, Stefan viu um cara colando um adesivo na rua quando desceu do ônibus. Os dois cruzaram olhares, mas Stefan não tinha certeza se esse era seu inimigo. De qualquer forma, Stefan persistiu e, eventualmente, a propaganda da Ação Sérvia deixou de aparecer. Ele simplesmente durou mais que eles.⁵⁴⁴

Os antifascistas sérvios da cidade de Nis, no sul do país, realizaram um tipo

diferente de ação pública em abril de 2013. No início daquele ano, fascistas haviam pintado suásticas por toda a estátua do famoso cantor cigano Šaban Bajramovi. Os antifascistas responderam organizando uma ação de limpeza para restaurar a estátua. Eles deixaram para trás uma placa que dizia: “Viva Šaban... Morte ao Fascismo!”. A publicidade dessa ação transformou esse cantor pop cigano em um símbolo antifascista.⁵⁴⁵

Outras táticas antifascistas visam a organização fascista online. Um antifascista dos EUA relatou uma campanha de longo prazo, altamente bem-sucedida, que seu grupo havia ajudado a organizar no início dos anos 2000 a fim de se infiltrar e destruir uma grande rede nacional de extrema-direita que prosperava na intimidação e assédio dos militantes de esquerda. Enquanto tomavam rigorosas precauções de segurança, os antifascistas fizeram vários perfis falsos de si mesmos nos fóruns on-line dos grupos de extrema-direita e começaram a compartilhar fotos falsificadas de ações que esses “membros” supostamente haviam realizado. Com o passar o tempo, os antifascistas disfarçados passaram a constituir grupos falsos que recebiam status de atividades de organizações em vários locais. Um dos antifascistas ganhou influência o suficiente para entrar no conselho geral da organização e ter acesso a todos os arquivos de informação do grupo, incluindo seus perfis para assediar alvos de esquerda. Uma vez que a organização foi completamente infiltrada, os antifascistas revelaram seu esquema. Isso gerou tanta desconfiança e disputa interna que a organização entrou em colapso logo em seguida.

Em Copenhague, a partir da década de 1990, a Antifa criou um esquema muito simples que acabou sendo bem-sucedido: eles chamaram os pais de adolescentes fascistas para que eles soubessem o que seus filhos haviam sido pegos fazendo. A Antifa dinamarquesa também criou um “grupo de saída” para ajudar os nazistas que queriam abandonar o movimento. Minha fonte antifa dinamarquesa, Ole, me disse que nos anos 90 a pressão do grupo sobre os fascistas às vezes os levava a escrever e-mails hostis aos antifascistas com ameaças. Em vez de ignorá-los, os antifascistas dinamarqueses se envolveram com os fascistas numa “tática psicológica” para empurrá-los para fora grupo. Depois de um tempo, um número significativo começaria a falar sobre como eles se desiludiram ou como acabaram de ter um filho e precisavam “sair”. Com o tempo, os antifascistas encontrariam maneiras para os fascistas desiludidos provarem sua sinceridade, compartilhando informações sobre sua

organização ou ações futuras. Uma vez que o dado grupo antifa estivesse satisfeito, eles informariam a outros grupos antifa que esses indivíduos haviam rompido seriamente com seus antigos amigos fascistas.⁵⁴⁶

As discussões sobre violência no contexto do antifascismo ou qualquer outro tópico devem abordar as questões de masculinidade e feminismo. Como observou o antifa norueguês Dag: “Sempre que a violência faz parte da luta política, você terá problemas com o machismo”. Ele citou sua experiência em Oslo e Trondheim, quando grupos antifascistas às vezes se aliaram a hooligans de futebol apolíticos para combater os nazistas, alianças que ele temia correr o risco de exacerbar a violência machista.

Mas não importa o país, meus entrevistados foram unânimes sobre o problema do machismo, especialmente nos anos 80 e 90, embora eles apontassem que normalmente não era muito pior do que no resto da esquerda, quanto mais na sociedade como um todo. Paul Bowman, da AFA de Leeds, relatou que essa dinâmica na verdade piorou em seu grupo, à medida que os membros se transformaram principalmente em estudantes, sindicalistas e ex-hooligans. Tornou-se um “clube de meninos” com “algumas mulheres simbólicas”. Infelizmente, o arranjo “clássico” da AFA, de acordo com Bowman, era para as mulheres sondarem o adversário “enquanto os homens bebiam no pub até a hora de lutar”.⁵⁴⁷

Embora de forma desigual, as ideias feministas penetraram gradualmente no movimento antifa em vários países no final dos anos 90. O fundador sueco da AFA, Magnus, explicou que nos anos 90 os movimentos sueco e de outros países do norte da Europa foram fortemente influenciados pelos escritos de Klaus Viehmann. Enquanto cumpria 15 anos de prisão (boa parte deles em isolamento) por ações de guerrilha como membro do Movimento 2 de Junho, um grupo de guerrilha urbana alemão, Viehmann tentou conceitualizar uma maneira de conectar a esquerda feminista, antirracista e social-revolucionária na Alemanha. Ele ficou especialmente intrigado pelos escritos de Hazel V. Carby sobre o conceito de “opressão tripla” – popularizado pela comunista negra Claudia Jones nos anos 1960 – que analisou a experiência da mulher negra sob o capitalismo, o patriarcado e a supremacia branca. Dois anos antes de seu lançamento em 1993, Viehmann publicou *Three Into One: The Triple*

Opression of Racism, Sexism and Class, baseado em discussões com vários companheiros na prisão que sintetizaram o conceito feminista negro de “opressão tripla” com as políticas autonomistas e antiautoritárias.

Com o tempo, o termo “opressão tripla” desapareceu quando a esquerda começou a falar sobre “interação de opressões” de forma mais ampla. Eventualmente, explica Magnus, foram adotando mais e mais o termo “interseccionalidade”, cunhado pelo professor de direito Kimberlé Crenshaw na década de 1980. E observa que, no final dos anos 90, as mulheres desempenharam papéis principais em muitos grupos antifa suecos. Confirmando isso, Dolores C., da AFA de Estocolmo, lembrou como as mulheres em seu grupo se reuniam a cada duas semanas para discutir o comportamento patriarcal exibido pelos homens. “Quase todo mundo estava envolvido em grupos de discussões de gênero” durante esse tempo, lembra ela.⁵⁴⁸ Dolores também se lembra – com uma risada – de como sempre que as mulheres antifa batiam nos nazistas suecos, eles sempre mentiam e diziam que foram homens. Para Dolores, a violência antifascista pode ser muito “fortalecedora quando você é criado para acreditar que não é capaz”.

Nos EUA, Maya, da ARA da região central do Texas, lamentou a tendência dos homens de seu grupo, no final dos anos 2000, de assumir que suas companheiras precisam de proteção. Como resultado, Maya e outras mulheres gostavam de ser aproveitar de “uma regra não escrita no estado do Texas” que aparentemente afirma que, se um homem põe uma mão em uma mulher, ela “fica livre para partir para a porrada e não se meter em problemas”. Com isso em mente, Maya e outras mulheres “exploraram a misoginia dentro de uma cultura mais ampla”, provocando homens fascistas a empurrá-las, dando-lhes oportunidade para liberar sua fúria antes que a polícia levasse os homens embora. De acordo com Maya, nenhuma dessas mulheres antifa foi presa no Texas, exceto uma, que passou uma noite na cadeia depois que mordeu um pedaço da orelha de um nazista.

No entanto, mesmo quando realizada por mulheres, essa violência pode provocar uma reação dentro da esquerda. Como Christy, da *Rose City Antifa* em Portland, Oregon, relembra:

... muitos opositores à Antifa, de esquerda ou liberais, misturavam a militância, mesmo a não-violenta, com o machismo. Isso era um insulto. E pessoalmente enfiador. Essas tentativas de circular e tirar fragmentos de uma posição mais radical geralmente repousavam sobre uma base

essencialista de gênero. Em essência, eles acreditavam que nosso grupo de mulheres não era suficientemente feminino.⁵⁴⁹

Excluídas da militância ou criticadas por participarem, as mulheres enfrentam uma variedade de desafios de gênero quando tomam parte ativa no movimento antifascista. Essa é parte da razão pela qual algumas antifas alemãs criaram grupos feministas chamados de “fantifa”.

Qualquer movimento que se envolva com a violência deve permanecer vigilante contra a tendência de ela ultrapassar seus objetivos políticos. Isso é o que supostamente aconteceu com alguns grupos da ARA no final dos anos 2000, de acordo com o organizador da ARA de Nova Jersey, Howie. Em sua opinião, a “cultura do machismo insurrecional se tornou mais central” ao longo do tempo, a ponto de “começar a se sentir como uma gangue altamente política” que se importava mais “com lutar do que ser vencedor”.⁵⁵⁰ Outros antifascistas com quem conversei estão altamente sintonizados sobre essa armadilha. Uma militante da RCA reclamou de uma “ênfase exagerada” na tática *black bloc* pelos novos antifascistas, sem considerá-la em um quadro estratégico mais amplo. “Se tudo o que você tem é um martelo”, observou ela, “todos os seus problemas parecerão pregos”.⁵⁵¹

Apesar dos equívocos comuns, o *black bloc* não é uma organização ou um grupo específico. Trata-se de uma tática de militância de rua anônima e coordenada, usada predominantemente, embora não exclusivamente, por anarquistas e outros antiautoritários, que se originou na década de 1980 entre os autonomistas alemães. A justificativa para essa tática é simples: em uma Era de constante vigilância, as táticas militantes devem exigir algum nível de anonimato. Embora o fato de usar máscaras, roupas pretas e uniformes nem sempre esconda a identidade de alguém, deixar de fazê-lo aumenta drasticamente as chances de ser identificado pela polícia e/ou pelos fascistas. Paul Bowman contou como os antifascistas britânicos discordavam da tática *black bloc*. Como ele explicou, “na AFA nós encorajamos as pessoas a evitar vestirem-se de preto porque isso faz com que você pareça muito visível em uma grande multidão. Em vez disso, encorajamos as pessoas a se vestirem casualmente, como em um jogo de futebol, porque não queríamos que a polícia tivesse a certeza se éramos fascistas, antifascistas ou hooligans de

futebol”. É verdade que em uma grande multidão de pessoas “vestidas normalmente” a polícia vai dar atenção para a grande massa de preto. Mas os avanços na vigilância por vídeo, softwares de reconhecimento facial e a vitalidade dos smartphones fazem com que qualquer momento político público possa ser escrutinado mais de perto depois.

Em parte, como resultado, me explicou Jim, um antifascista de Londres, os métodos e estilo do antifascismo britânico mudaram nas últimas décadas. Jim iniciou sua militância antifascista em um grupo chamado *No Platform*⁵⁵², que seguiu a AFA antes de fundar seu próprio grupo anarquista sucessor chamado de *Antifa* por volta de 2002 ou 2003. Jim escolheu o nome depois de sair com antifascistas na Alemanha e voltar inspirado por sua “estética euro-punk”. Em oposição à reivindicação da AFA do símbolo do triângulo vermelho usado pelos nazistas para rotular os comunistas, *Antifa* incorporou o nome, estilo, bandeiras e outros símbolos do antifascismo continental, mantendo o modelo organizativo da AFA. A *Antifa* foi em grande parte esmagada pela repressão do Estado por volta de 2009, após dois julgamentos por conflitos com carecas. Nos anos seguintes, o grupo se transformou na Rede Antifascista (AFN), que opera até hoje.

Jim agora faz parte do *London Anti-Fascists*, que foi formado em 2013 e é afiliado à AFN. Ele e seus camaradas vestem máscaras em algumas manifestações e outras não. As roupas casuais costumam fazer mais sentido quando uma dúzia de antifas precisa realizar uma ação específica, explicou, mas os métodos dos *black blocs* podem ser eficazes com marchas gigantes.⁵⁵³ Da mesma forma, os antifascistas em Madrid marcham frequentemente sem máscaras em grandes manifestações simbólicas, enquanto guardam as bandanas e balaclavas para ações de confronto.

Há várias críticas legítimas aos *black blocs*. Certamente não é a melhor escolha para todas as situações políticas. Mas, em vez de avaliá-los de maneira abstrata, faz mais sentido avaliar seus pontos fortes e fracos quando confrontados em contextos políticos específicos.

Como argumentei em *Translating Anarchy*, historicamente, grupos e movimentos que às vezes formam *black blocs* conseguiram obter alguma medida de apoio público quando a lógica por trás da formação do bloco foi inteligível. Alguns dos exemplos mais notáveis vieram do uso da tática *black bloc* na defesa das ocupações, a indignação com a brutalidade policial e oposição aos nazistas. Nas últimas décadas, os imigrantes turcos na

Alemanha ou refugiados sírios na Grécia reconheceram que as únicas pessoas que separavam eles da violência fascista estavam vestidas de preto. Embora a reação da mídia contra os recentes blocos antifascistas tenha sido forte, particularmente nos EUA, o fato de que alguns defenderam publicamente, ou pelo menos simpatizaram com os blocos negros – como aqueles que impediram Milo Yiannopoulos, ou confrontaram demonstrações nazistas em Berkeley – demonstra que, no mínimo, essa forma de antifascismo militante está no processo de estabelecer alguma medida de inteligibilidade política. O Bloco Pastel, um bloco de médicos de rua mascarados com escudos antifascistas usando cores pastéis na Bay Area é uma recente variação criativa desse tema.

Os antifascistas com quem conversei tendem a argumentar que havia um grau muito maior de simpatia pela Antifa entre os progressistas do que a mídia reconhecia. Murray, de Baltimore, argumentou que as pessoas tendiam a “ver a importância da Antifa em proibir o crescimento das pessoas que, se tivessem a oportunidade, as assassinariam todas”. Em sua opinião, dentro de uma esquerda mais ampla, o antifascismo militante “age no mesmo tipo de espaço em que a sabotagem no movimento trabalhista” – as pessoas podem não reconhecer publicamente, mas veem seus benefícios tangíveis nas ruas.

Da mesma forma, em muitos contextos europeus, o antifascismo é absolutamente necessário para criar espaço para outras organizações de esquerda. Camille, do SCALP Besançon, me falou de um caso em 2008, quando 30 nazistas atacaram uma manifestação de funcionários de correios e hospitais. A polícia não foi encontrada em lugar nenhum, mas uma dúzia de antifas locais atacou os nazistas e os espancou de volta em uma ponte estreita. De acordo com Camille, “todos os trabalhadores dos hospitais e dos correios nos aplaudiram e ficaram muito felizes em ter jovens antifascistas ao seu lado”.

Igualmente na Suécia, onde uma ativista chamada Stina, que se organizava com o “No One Is Illegal” em Estocolmo no final dos anos 2000, lembrou como “a violência nazista estava sempre presente”, e que a Antifa protegeu uma manifestação pelos direitos dos imigrantes de nazistas armados com facas e garrafas. “Independentemente dos pensamentos pessoais de cada um sobre a estratégia da Antifa”, ela disse, “havia um entendimento geral de que precisávamos desse ativismo direto com mais confronto”.

Não foi apenas a autodefesa que tornou as comunidades mais confortáveis

com a Antifa, como sugeriu Daniel, de Madrid; ele sentiu que muito da apreensão que o espetáculo de antifas mascarados criou foi dissipado quando pequenos grupos antifascistas finalmente tiveram a chance de organizar e estabelecer relações significativas com a comunidade. Até certo ponto, essa percepção pública de táticas militantes antifascistas também pode ser influenciada por distinções de classe que o trabalho comunitário antifa poderia penetrar. Por exemplo, nos EUA, o cofundador da ARA, Kieran, acredita que “a maioria das pessoas da classe trabalhadora respeita aqueles que se levantam e estão dispostos a se defender”.⁵⁵⁴

Ainda assim, apesar de seu apoio à organização militante antifascista, Kieran, que agora organiza o GDC das Cidades Gêmeas, afirma que “as pessoas tentam dividir o conceito de massa de uma reposta militante, que só é possível fazer uma coisa ou outra. E acho que realmente queremos desafiar isso. Achamos ambos necessários – organização popular e confronto antifascista”. Outros antifascistas com quem falei concordaram. Xtn, que atuou na ARA de Chicago nos anos 90, disse: “Se continuarmos a funcionar em um modelo de grupo de afinidade em pequena escala, não abordaremos questões sobre como interagimos com comunidades mais amplas sob ataque”. Dominic, da Alemanha, concordou enfatizando a necessidade de transcender “políticas subculturais isoladas” a fim de engajar “os perdedores da política neoliberal” que possam ser simpáticos ao fascismo. Dolores C., da Suécia, assentiu, argumentando que o antifascismo exige que “nós construamos movimentos para mostrar as nossas soluções” para as questões populares.⁵⁵⁵

De fato, os antifascistas se engajaram nas políticas populares de várias maneiras. Alguns grupos participaram de ligações com sindicatos, partidos políticos e organizações comunitárias para encenar a resistência em massa às marchas nazistas em Dresden, Salem, Roskilde e em outros lugares. Mas nem todos os antifas concordam com essa estratégia. O antifa norueguês Dag contou como a organização com os principais partidos políticos para bloquear os neonazistas em Trondheim provocou a ira de alguns antifas suecos que se recusaram a trabalhar com as siglas liberais. Foi uma reação a que Dag se opôs fortemente. Segundo ele, o objetivo da Antifa é isolar inteiramente os fascistas. “O militante antifa na Noruega”, explicou ele, “tem consciência de que você precisa das duas estratégias. Você não pode ser apenas militante e só trabalhar com os radicais que concordam com você”.

Luís, da *Antifaschistische Linke International*, em Göttingen, me disse que muitos antifas autonomistas haviam se juntado a uma plataforma radical mais pública, chamada Esquerda Intervencionista (ou *Interventionistische Linke*), em parte para “ter uma voz ampliada na política”. Ironicamente, ele apontou, muitos dos organizadores mais ativos por trás dos populares bloqueios antinazistas em Dresden eram militantes antifas – porque “você precisa de uma coligação para articular o espaço tático para alcançar a meta política e enviar a mensagem ao governo que, se eles protegem os nazistas, nós vamos queimar sua cidade inteira”.

“Nós fizemos o que já fazíamos e saímos ilesos”, disse Luís, “por causa dessa interação” entre o protesto em massa e ação militante. Teria sido muito mais fácil para a polícia alemã impedir um número significativo de *black blocs* isolados. Ainda assim, Luís também criticou o bloqueio em massa porque, na ausência de uma crítica anticapitalista, corria o risco de simplesmente fazer eco ao antifascismo oficial do Estado alemão.

Na França, os militantes antifascistas trabalham para fundir ações militantes de pequenos grupos com uma mobilização mais ampla, se organizando através de assembleias intermediárias e de massa. Como explicou Camille, de Besançon, o primeiro nível de organização é o “grupo radical antifa”, e o segundo nível é o “coletivo antifa”, como o *Vigilances 69* em Lyon ou o *Comité Antifa St-Etienne*, misturando pessoas de sindicatos e ativistas comunitários. Os organizadores em Toulouse estão atualmente “experimentando” com um terceiro nível, “a assembleia antifascista”, que agrupa outras organizações ativistas de esquerda com os coletivos antifascistas. Mesmo quando inativos, esses corpos maiores agem como “células de vigilância que estão prontas para serem ativadas em caso de atividades nazistas”, diz Camille. Ela afirma que os antifas franceses participam desses coletivos maiores “para desenvolver o antifascismo na sociedade civil” como uma “ferramenta para as pessoas descobrirem mecanismos teóricos e práticos para lutar”.⁵⁵⁶

Também na Espanha, modelos organizacionais semelhantes foram colocados em prática. Em resposta ao surgimento do fascista *Hogar Social* em Madrid por volta de 2015, membros da Assembleia Popular de Carabanchel (um bairro periférico de Madrid), que eram afiliados ao movimento 15M, criaram uma assembleia antifascista aberta com aliados nos movimentos de moradia, de vizinhos e radicais variados. A nova assembleia

distribuiu um panfleto expondo as afiliações neonazistas dos membros do *Hogar Social* e realizou celebrações interculturais, como festivais de hip-hop antirracistas, para atrair os jovens. Organizaram também uma grande manifestação, sob o lema “Bairro para todas”, que inspirou outras assembleias a organizar suas próprias manifestações. A mais notável foi o *Madrid Para Todas*, uma grande reunião das assembleias de bairros que trouxe milhares de pessoas para as ruas em 21 de maio de 2016, atrás de bandeiras antifascistas rosas e pretas para enfatizar sua oposição ao machismo.

Para Daniel, um organizador antifascista de Carabanchel, a luta aberta e popular do *Madrid Para Todas* e as ações diretas mais militantes de grupos antifas com uma cultura de segurança menos orientada representam as “duas faces do antifascismo... e não nos esquecemos de nenhum dos dois lados”. Essas duas lutas são “paralelas” umas às outras, ele disse, mas “que não se misturam” diretamente. Muitos militantes antifascistas têm a oportunidade de colocar ambas as “faces” na rua, mas eles se preocupam em distinguir os dois.⁵⁵⁷

MANIFESTACIÓN



**MADRID
PARA
TODAS**

21 DE MAYO · 19H · ATOCHA



CONTRA EL FASCISMO
Y TODA FORMA DE DISCRIMINACIÓN

Cartaz chamando para a manifestação *Madrid Para Todas*, 2016. “Contra o fascismo e todas as formas de discriminação”. [MADRID PARA TODAS]

Muitos antifascistas pretendem também transcender a dicotomia entre a antifa “oficial” e o resto da população. Ole, da Dinamarca, lamentou esse problema nos anos 90, quando a esquerda começou a ver a Antifa como “profissionais que cuidavam dos nazistas para o resto de nós. [Eles pensavam] ‘Não podemos fazer parte deles, apenas os chamamos quando os nazistas vêm’”. Assim, sugeriu Ole, a presença de militantes antifas poderia tornar outros menos propensos a se organizar contra a extrema-direita. Minha fonte, Ian, de Nova York, disse que sentia o mesmo medo. Então, para ir além, o objetivo deveria ser “dar às pessoas as ferramentas necessárias para que elas possam aplicar a estratégia de ‘nenhum palanque para fascista’, pesquisar e identificar ameaças autoritárias”, podendo assim auto-organizarem.

Em 2009, o movimento antifascista holandês foi forçado a colocar esses princípios em prática quando a fascista União Popular Holandesa (NVU) moveu suas marchas das principais cidades para cidades menores, a fim de atrair uma população mais ampla. O movimento antifascista/autonomista, que estivera em um ponto baixo por causa da supressão das ocupações e, francamente, do esgotamento, foi forçado a mudar seu foco para mobilizar as populações locais para se opor fisicamente aos fascistas. A estratégia se chamava “Laat zeniet lopen” (não os deixar andar). Uma vez divulgada a localização de uma marcha, um grupo de 10 a 12 antifas viajaria para a cidade, estabeleceria contatos, colocaria cartazes e montaria um escritório que oferecesse recursos legais e de imprensa. No dia da manifestação fascista, os organizadores distribuiriam mapas com número de telefone para as últimas notícias e direções e postariam as informações on-line. O antifa holandês Job Polak observou que a estratégia era “em geral, surpreendentemente eficaz” porque:

... uma massa crítica de grupos como a juventude imigrante local, os hooligans de futebol locais e as comunidades de viajantes, sairia marchando às centenas e pressionaria os nazistas de um modo que nem mesmo um bloco de militantes autonomistas veteranos faria, atirando tudo e qualquer coisa contra eles, incluindo pilhas de merda de cachorro em seus rostos.⁵⁵⁸

Tais táticas desmontaram com sucesso a mobilização da NVU. O *Granada Actúa* é um grupo de afinidade antifascista que visa generalizar esse tipo de resistência na Espanha. Formado no início de 2017 em resposta à disseminação do *Hogal Social* em sua cidade, os membros do *Granada Actúa*

optaram por não se formar como um típico grupo antifa. Em vez disso, escolheram um nome mais geral e evitavam cobrir seus rostos. Karpa, um dos membros, reconheceu que revelar seus rostos era perigoso, mas disse: “Acreditamos que ir com nossos rostos cobertos ou escoltados por policiais nos distancia do povo. Nós não criticamos aqueles que decidem cobrir o rosto, mas em Granada não fazemos isso”. O objetivo do grupo é, disse ele, “elevar a consciência da classe trabalhadora para que possam ser eles que expulsem os fascistas de seus bairros”. De fato, logo após a formação do grupo, a polícia teve que escoltar os membros do *Hogar Social* de um bairro de Granada para protegê-los de uma multidão enfurecida, “incluindo pessoas apolíticas”.⁵⁵⁹

Alguns antifascistas americanos visam similarmente fundir a militância e a organização popular. Os exemplos incluem o *IWW GDC*, *Redneck Revolt*⁵⁶⁰ e o *Workers Defense Guard*⁵⁶¹ em Vermont, embora Howie, veterano da ARA de Nova Jersey, argumente que as duas formas de organização não podem ser inteiramente fundidas em um grupo. Em sua opinião, “as pessoas têm que escolher um lado – ou o confronto em um modelo de grupos de afinidades, ou um modelo de massas e reinar na briga de rua”. Embora os organizadores do GDC pretendam mesclar militância com participação em massa, Erik D., das Cidades Gêmeas, reconhece que os grupos públicos não podem “ser tão diretamente confrontantes na maior parte do tempo... chegar lá exige uma estratégia de longo prazo para levar as pessoas do confronto para uma militância maior”.⁵⁶²

De acordo com um membro da *Rose City Antifa*, no entanto, “o antifascismo é realmente a antítese da construção de movimentos de massa”, porque a Antifa frequentemente se encontra na posição impopular de atrair “a infiltração fascista na esquerda”. Em uma ocasião, a RCA recebeu uma série de críticas da esquerda local por revelar que um conhecido hippie envolvido em uma cooperativa local se tornara um teórico da conspiração antisemita, que participava regularmente de eventos de revisionismo do Holocausto e outras reuniões de extrema-direita. Negligenciar isso teria tornado a RCA mais “popular” com a esquerda local, mas em tais casos o objetivo da organização antifa é “servir de proteção”, como expressou Christy, ex-organizadora da RCA, para romper os laços que ligam os nazistas à comunidade. Dito isto, Christy também observa que o apoio público pode ser absolutamente vital:

Ter sua cidade, ou pelo menos parte dela, do seu lado, significa que você tem olhos nos locais de trabalho, faculdades ou vizinhanças, além de seus círculos mais próximos. Se alguém estiver colocando adesivos homofóbicos em uma área, alguém que mora lá mandará uma mensagem para o seu grupo. Se o colega de alguém começou a tentar recrutar para uma “união de estudantes brancos”, você ouvirá a respeito. Quando chega a hora de chamar o chefe de um neonazista para pedir que ele seja demitido, mais pessoas ligam, caso apoiem o trabalho que o seu grupo faz. Se um de seus membros for preso ou hospitalizado, mais pessoas farão doações.⁵⁶³

Ao invés de impor o que é, essencialmente, uma mentalidade eleitoral de apelar para o menor denominador comum em relação à ameaça fascista, os antifascistas priorizam o trabalho com comunidades marginalizadas para neutralizar qualquer ameaça potencial, seja ela popular entre “a maioria” ou não. Essa perspectiva é substancialmente importante no trabalho antifascista, dado o fato histórico de que aqueles que mais sofreram sob os regimes fascistas não tiveram o apoio da maioria da sociedade. Em vez de começar com a opinião pública e trabalhar para trás em direção a estratégias e táticas para abarcar a maioria – como os políticos o fazem – os antifascistas começam com a tarefa imediata de combater a extrema-direita. Às vezes, isso envolve a mobilização das comunidades da classe trabalhadora e dos imigrantes, às vezes isso não acontece. De qualquer forma, os antifascistas acreditam que o desenvolvimento de um apoio popular substantivo deve se originar da política antifascista e da ação antifascista, e não o contrário.

ANTIFASCISMO COTIDIANO

O espetáculo excepcional dos organizadores antifascistas que confrontam os nazistas não é suficiente para conter a onda do trumpismo. Além disso, até o sucesso de tal militância física depende em parte de sua recepção pública. Portanto, devemos emparelhar nosso foco no antifascismo organizado com a compreensão de um antifascismo diário mais profundo⁵⁶⁴ que dita o terreno sobre quais tais lutas ocorrem.

Para entender o antifascismo cotidiano, devemos ter em mente que os regimes fascistas do passado não poderiam ter sobrevivido sem uma ampla camada de apoio popular. Ao longo dos anos, pesquisas históricas demonstraram que o processo de demonização dos marginalizados requeria privilegiar os mais favorecidos, fazendo muitos aliados explícitos ou implícitos para Mussolini, Hitler e outros líderes. Se o fascismo exigiu apoio social para a destruição de normas “artificiais”, “burguesas”, como os

“direitos do homem” no desenvolvimento de seu hipernacionalismo, então hoje devemos estar atentos à campanha em curso para deslegitimar os padrões éticos e políticos que temos à nossa disposição para revidar.

Nos EUA, após a vitória de Trump, por exemplo, tivemos uma mistura perigosa de conservadores tradicionais que não queriam parecer racistas, e “realistas” da *alt-right* que acusavam a “esquerda” de usar o termo racismo de uma forma sem sentido – em outras palavras, ninguém mais é racista... ou somos todos racistas agora? Tudo isso apresenta uma grande diferença entre o paradigma anterior, em que a esquerda denunciava o “direito de ser racista”, e então a direita acusava a esquerda de serem os verdadeiros racistas porque ressaltavam as raças, tudo em meio a um paradigma em desenvolvimento onde a *alt-right* e aqueles que eles influenciaram tentam drenar todo o poder de acusação.

Os fascistas são os ardentes defensores de Trump que “dizem as coisas como elas são” e tentam dismantelar e manipular a luta contra a opressão que os movimentos feministas, de libertação negra, libertação *queer* e outros que deram o sangue, suor e lágrimas para para construir. Essas normas sociais são constantemente contestadas e estão, infelizmente, sujeitas a resignificação em direções opressivas, como quando George W. Bush vendeu a guerra do Afeganistão como uma cruzada pelo direito das mulheres. No entanto, o fato de que os políticos sentiram a necessidade de se envolver com as normas que a resistência popular estabeleceu significa que eles se deixaram abertos a ataques políticos com base no que eles, pelo menos, reconhecem tacitamente. Uma grande preocupação com Trump e a *alt-right*, no entanto, é que eles esperam drenar esses padrões de significado.

Os liberais tendem a examinar questões de sexismo ou racismo nos termos da questão de crença ou do que está “no coração”. O que muitas vezes é negligenciado nessas conversas é que aquilo em que acreditamos é às vezes muito menos importante do que as restrições sociais que nos permitem articular ou agir em cima disso. Esse fato está no centro das questões de progresso ou regressão social.

Enquanto é preciso ser sempre cauteloso ao pintar grandes grupos de pessoas com uma só pincelada, é claro que os ardentes defensores de Trump votaram em seu candidato por causa, ou apesar de, sua misoginia, racismo, falta de capacitação, islamofobia e muitos outros traços de ódio. Há certamente uma diferença significativa entre “por causa” e “apesar de” nesse

contexto, e a sensibilidade para a diferença deve nos sintonizar com a importância da organização em massa, que pode desviar potenciais simpatizantes fascistas da extrema-direita. É sempre importante distinguir ideólogos e seus seguidores caprichosos, mas não podemos ignorar como essas bases populares de apoio criam estruturas para o fascismo se manifestar.

O antifascismo cotidiano aplica uma visão antifascista a qualquer tipo de interação com os fascistas, todos os dias ou de qualquer outra forma. É se recusar a aceitar a perigosa noção de que a homofobia é apenas a “opinião” de alguém que a têm direito. É se recusar a aceitar a oposição à ideia básica de que “vidas negras importam” como um simples desacordo político. Uma perspectiva antifascista não tem tolerância pela intolerância. Não “concordar em discordar”. Para aqueles que argumentam que isso não nos faria melhores que os nazistas, devemos ressaltar que nossa crítica não é contra a violência, a incivilidade, discriminação ou interromper discursos em abstrato, mas contra aqueles que o fazem a serviço da supremacia branca, do heteropatriarcado, da opressão de classe e do genocídio. O ponto aqui não é a tática; é a política.

Se a meta política antifascista normal é fazer com que os nazistas não pareçam incontestáveis em público, então o objetivo do antifascismo cotidiano é aumentar o custo social do comportamento opressor a tal ponto que aqueles que o promovem não vejam outra opção para seus pontos de vista que não seja a de recuar e se esconder.

Certamente, esse objetivo não havia sido inteiramente alcançado – por um longo tempo – antes da ascensão de Trump, mas sua eleição e o crescimento da *alt-right* tornaram essa tarefa uma questão de vida ou morte. Rocky John Best, Taliesin Myrddin, Namkai Meche e Micah Fletcher foram os antifascistas que responderam ao chamado defendendo duas jovens mulheres, sendo uma delas uma muçulmana vestindo *hijab*, de um supremacista branco em um trem em Portland em maio de 2017. Tragicamente o agressor, que havia participado de uma marcha da *alt-right* “pela liberdade de expressão” um mês antes, derrotou os antifascistas com uma faca, matando Best e Mecher e hospitalizando Fletcher. Seus exemplos heroicos resumem a vigilância diária contra o fanatismo que todos devemos cumprir.⁵⁶⁵

Mudar os corações e mentes é o ideal e pode acontecer. Um exemplo notável ocorreu com o caso de Derek Black, filho do fundador do site nazista

Stormfront, que negou a supremacia branca por meio de conversas com amigos do New College of Florida. Mas, além da raridade desse desenvolvimento, um ponto que deve ser lembrado é que as ideias de supremacia branca de Derek Black e as ideias antirracistas dos estudantes do New College, que ele conheceu, não se encontravam em igualdade de condições. Black ficou envergonhado por ser um neonazista e esse fato só se deu quando outros o expuseram em público. Por que ele estava envergonhado? Porque o nazismo foi tão completamente desacreditado que ele sentiu como se estivesse em uma pequena minoria, em desacordo com todos ao seu redor.

Em outras palavras, os movimentos antirracistas do passado construíram o alto custo social que as visões da supremacia branca viabilizam, abrindo caminho para que alguém como Derek Black se abraça para uma perspectiva antirracista. Corações e mentes nunca são mudados no vácuo; eles são produtos dos mundos ao seu redor e das estruturas dos discursos que lhes dão significado.

Toda vez que alguém toma medidas contra os fanáticos transfóbicos e racistas – de enfrentá-los, boicotar seus negócios, envergonhá-los por suas crenças opressivas, pôr fim a uma amizade, a menos que alguém mude –, essa pessoa coloca em prática uma visão antifascista que contribui com um antifascismo cotidiano mais amplo que empurra a maré contra a *alt-right*, Trump e seus leais seguidores. Nosso objetivo deve ser que, em 20 anos, aqueles que votaram em Trump se sintam muito desconfortáveis de compartilhar esse fato em público. Nem sempre podemos ser capazes de mudar as crenças de alguém, mas com certeza podemos torná-las politicamente, socialmente, economicamente e às vezes, fisicamente custosas, para que se quer possam ser articuladas.

⁵¹⁵ N. do T.: Cavaleiros Brancos.

⁵¹⁶ Entrevista com Kieran; Jonathan Franklin, “Skinnin’ Heads” *Vibe*, junho-julho 1998.

⁵¹⁷ “Police Added in Brooklyn Neighborhood Amid ‘Knockout Game’ Attacks,” *NBC 4*, 20 de novembro de 2013: <http://www.nbcnewyork.com/news/local/Knockout-Game-Polar-Bearing-Hate-Crimes-Punch-Slap-Video-232695381.html>.

⁵¹⁸ Zach Schonfeld, “Is it OK to Punch a Nazi in the Face? Leading Ethicists Weigh In: ‘No,’” *Newsweek*, 24 de janeiro de 2017: <http://www.newsweek.com/richard-spencer-punch-nazi-ethicists-547277>.

⁵¹⁹ Entrevista com Murray.

⁵²⁰ Entrevista com Chepe.

⁵²¹ N. do T.: Bloco Identitário.

⁵²² Entrevistas com Ole, Rasmus Preston, Camille, Paul Bowman, Kieran, Howie, Iggy, Xtn, Frode, Job Polak e Dolores C.

⁵²³ Siddharth Venkataramakrishnan, “Like or loathe him, the Berkeley riots prove Milo Yiannopoulos is right on free speech,” *The Telegraph*, 7 de fevereiro de 2017: <http://www.telegraph.co.uk/education/2017/02/07/like-loathe-berkeley-riots-prove-milo-yiannopoulos-right-free/>; Jelani Cobb, “The Mistake the Berkeley Protesters Made About Milo Yiannopoulos,” *The New Yorker*, 15 de fevereiro de 2017: <http://www.newyorker.com/news/daily-comment/the-mistake-the-berkeley-protestersmade-about-milo-yiannopoulos>; Robby Soave, “Milo Yiannopoulos Feeds on Your Violent Protests,” *Daily Beast*, 2 de fevereiro de 2017: <http://www.thedailybeast.com/articles/2017/02/02/milo-yiannopoulos-feeds-onyour-violent-protests-so-does-donald-trump>; Christian Parenti and James Davis, “Free Speech as Battleground,” *Jacobin*, 1º de abril 2017: <https://www.jacobinmag.com/2017/04/free-speech-charles-murraycampus-protest/>.

⁵²⁴ Jonathan Chait, “The ‘Shut it Down!’ Left and the War on the Liberal Mind,” *New York Magazine*, 26 de abril de 2017: <http://nymag.com/daily/intelligencer/2017/04/the-shut-it-down-left-and-the-war-on-the-liberal-mind.html>.

⁵²⁵ Erica Chenoweth e Maria J. Stephan, *Why Civil Resistance Works: The Strategy of Nonviolent Conflict* (New York: Columbia University Press, 2011); Erica Chenoweth, “Violence will only hurt the Trump resistance,” *New Republic*, 7 de fevereiro de 2017: <https://newrepublic.com/article/140474/violence-will-hurt-trump-resistance>.

⁵²⁶ Max Kutner, “Inside the Black Bloc Protest Strategy that Shut Down Berkeley,” *Newsweek*, 14 de fevereiro de 2017: <http://www.newsweek.com/2017/02/24/berkeley-protest-milo-yiannopoulos-black-bloc-556264.html>.

⁵²⁷ Ben Case, “Beyond Violence and Nonviolence,” *ROAR* #5 (Primavera de 2017); Chenoweth and Stephan, *Why Civil Resistance Works*; Chenoweth, “Violence will only hurt.”

⁵²⁸ Chenoweth, “Violence will only hurt”; Erica Chenoweth, “Backfire in the Arab Spring”, Middle East Institute, 1º de setembro de 2011: <http://www.mei.edu/content/backfire-arab-spring>.

⁵²⁹ Chenoweth, “Violence will only hurt.”

⁵³⁰ Chenoweth and Stephan, *Why Civil Resistance Works*, p. 40–41.

⁵³¹ Chenoweth, “Violence will only hurt.”

⁵³² Ibid.

⁵³³ Tilles, *British Fascist Antisemitism*, p. 151–153.

⁵³⁴ Soucy, *French Fascism: The First Wave*, p. 55–56.

⁵³⁵ Ibid., p. 20, 217; Soucy, *French Fascism: The Second Wave*, p. 34–35.

⁵³⁶ Tilles, *British Fascist Antisemitism*, p. 154; Copsey, *Anti-Fascism in Britain*, p. 61.

⁵³⁷ Daniel Singer, *Prelude to Revolution: France in May 1968*, segunda edição (Cambridge: South End, 2003), p. xvii–xviii.

⁵³⁸ Mark Bray, *Translating Anarchy: The Anarchism of Occupy Wall Street* (Winchester: Zero, 2013), p. 217.

⁵³⁹ Entrevista com Maya, março de 2017.

⁵⁴⁰ Soucy, *French Fascism: The First Wave*, p. 53.

⁵⁴¹ Copsey, *Anti-Fascism in Britain*, p. 15.

⁵⁴² Entrevista com Ole; Charles S. Johnson, “Montana woman honored for anti-Nazi stance,” *Billings*

Gazette, 16 de janeiro de 2001: http://billingsgazette.com/news/local/montana-woman-honored-for-anti-nazistance/article_f03d2c3a-face-5981-b6f1-3aac988b9785.html.

⁵⁴³ <https://crimethinc.com/2017/04/21/antifa-sisters-having-fun-keeping-the-streets-clean-of-fascism>.

⁵⁴⁴ Entrevista com Stefan, março de 2017.

⁵⁴⁵ Entrevista com Frederick Schulze, março de 2017; “Anti-Fascist Movement Cleans Defaced Monument to Saban Bajramovic”, *The Balkans Daily*, 25 de abril de 2013: <http://www.thebalkansdaily.com/anti-fascistmovement-cleans-defaced-monument-to-saban-bajramovic/>.

⁵⁴⁶ Entrevista com Ole.

⁵⁴⁷ Entrevistas com Dag e Paul Bowman.

⁵⁴⁸ Entrevistas com Dolores C. e Magnus; J. Smith and Andr. Moncourt, *The Red Army Faction: A Documentary History* Vol. 2 (Oakland: PM Press, 2013), cap. 2; Bim Adewunmi, “Kimberl. Crenshaw on intersectionality,” *New Statesman*, 2 de abril de 2014: <http://www.newstatesman.com/lifestyle/2014/04/kimberl-crenshaw-intersectionality-i-wanted-come-everyday-metaphor-anyone-could>; Denise Lynn, “Claudia Jones’ Feminist Vision of Emancipation,” *Black Perspectives*, 8 de setembro de 2016: <http://www.aaihs.org/claudia-jones-feminist-vision-of-emancipation/>; Klaus Viehmann, *Prison Round Trip* (Oakland: PM Press, 2009).

⁵⁴⁹ Entrevistas com Dolores C., Maya e a RCA.

⁵⁵⁰ Entrevista com Howie.

⁵⁵¹ Entrevista com a RCA.

⁵⁵² N. do T.: Sem palanque.

⁵⁵³ Entrevistas com Paul Bowman e Jim.

⁵⁵⁴ Entrevistas com Murray, Camille, Stina, Daniel e Kieran.

⁵⁵⁵ Entrevistas com Kieran, Xtn, Dominic e Dolores C.

⁵⁵⁶ Entrevista com Camille.

⁵⁵⁷ Entrevista com Daniel, maio de 2017.

⁵⁵⁸ Entrevista com Job Polak, maio de 2017.

⁵⁵⁹ Entrevista com Karpa, maio de 2017.

⁵⁶⁰ N. do T.: Revolta Caipira.

⁵⁶¹ N. do T.: Guarda de Defesa dos Trabalhadores.

⁵⁶² Entrevista com Erik D; <https://workersdefenseguard.wordpress.com>

⁵⁶³ Entrevistas com a RCA e Christy.

⁵⁶⁴ Originalmente publicado na *ROAR Magazine* como “Trump and everyday anti-fascism beyond punching Nazis”: <https://roarmag.org/essays/trump-everyday-anti-fascism/>.

⁵⁶⁵ “Nearly \$1m raised for victims,” *Al Jazeera*, 29 de maio de 2017.

CONCLUSÃO:

BOA NOITE, ORGULHO BRANCO (OU A BRANQUITUDE É INDEFENSÁVEL)

Primeiro eles vieram pelos Muçulmanos e nós dissemos:

“Não dessa vez, filhos da puta!”

Canto popular entoado nos protestos contra a medida tomada por Trump de proibir cidadãos de 7 países de entrar nos EUA

No final de janeiro de 2017, milhares de manifestantes invadiram os aeroportos internacionais nos EUA para protestar e impedir fisicamente a implementação da proibição contra muçulmanos decretada por Donald Trump. Após a ascensão do termo “fascismo” como o segundo mais pesquisado no site *Merriam-Webster* em 2016 (atrás apenas de “surreal”), muitos manifestantes associaram a proibição ao antissemitismo nazista e, portanto, procuraram colocar em prática a sabedoria da citação clássica de Martin Niemöller, “Primeiro eles vieram pelos comunistas...”, ao defender os primeiros a serem perseguidos. “Não dessa vez, filhos da puta!” é exatamente o tipo certo de resposta à perseguição de qualquer grupo, e a famosa declaração de Niemöller merece o crédito por inspirar muitos a tomar tal posição.

No entanto, o registro histórico mostra que, se você fosse uma pessoa comum do grupo demográfico dominante na Alemanha nazista, na Itália fascista ou na maioria dos regimes autoritários, “eles” quase nunca “viriam atrás de você”. Como Eric A. Johnson e Karl-Heinz Reuband concluem em *What We Knew*, “longe de viver em um estado de constante medo e descontentamento, a maioria dos alemães levava uma vida feliz e até normal na Alemanha nazista... Embora a maioria [daqueles que entrevistamos] tenha violado as leis onipresentes do Terceiro Reich em algum ponto ou outro... a maioria nos contou que não temiam ser presos”.⁵⁶⁶

Os antifascistas não devem se preocupar apenas com aqueles que se organizam em nome da supremacia branca e aqueles que casualmente pregam o *status-quo* racista, mas também com aqueles que nunca dizem nada. Os regimes fascistas prosperam com o apoio generalizado, ou pelo menos consentido, cultivando o orgulho e o medo da perda de uma variedade de

identidades, privilégios e tradições. Um dos mais importantes no contexto do ressurgimento da extrema-direita nos EUA é a branquitude.

Apesar da percepção popular de que a raça é “natural” ou “atemporal”, a noção biológica de raça é uma invenção europeia moderna. Quando a raça foi inventada, no entanto, ela foi inventada como “o filho do racismo, não o pai”, como Ta-Nehisi Coates aponta, e “o processo de nomear ‘o povo’ nunca foi uma questão de genealogia e fisionomia tanto quanto foi de hierarquia”.⁵⁶⁷ A branquitude nunca existiu, independentemente de sua localização no topo da hierarquia racial. Assim, como Joel Olson explicou em *The Abolition of White Democracy*, “‘Branco’ ou ‘Caucasiano’ não se trata de uma descrição física neutra de certas pessoas, mas um projeto político para garantir e proteger privilégios...”⁵⁶⁸ A posição proeminente da branquitude no topo da hierarquia racial que a originou a torna uma identidade de um tipo muito diferente da negritude, por exemplo, que foi o resultado direto da destruição das identidades dos africanos sequestrados que foram colocados no fundo dessa hierarquia. A branquitude é “uma escolha moral – pois não há pessoas brancas”, como explicou James Baldwin, e “nós – que não éramos negros antes de chegarmos aqui também... fomos definidos como negros pelo tráfico de escravos”.⁵⁶⁹

Meus antepassados judeus e irlandeses não eram considerados “brancos” quando chegaram a este país no início do século XX, mas com o tempo foram sendo gradualmente acolhidos no que Joel Olson chamou de “democracia branca”. O significado e os limites dessas construções sociais mudam com o tempo, mas temos o poder de atacar a hierarquia racial que sustenta a própria essência da branquitude. Isso não significa adotar uma perspectiva conservadora “daltônica”, mas visar as fontes de privilégio branco e lutar em solidariedade com os deserdados do mundo.

Também não significa exterminar pessoas que atualmente são categorizadas como brancas, mas sim abolir o esquema classificatório que lhes dão privilégios. O livro de W.E.B. Du Bois, *The Souls of White Folk*, de 1920, reflete sobre os horrores da Primeira Guerra Mundial para apontar o que as vítimas do colonialismo e do imperialismo já conheciam por gerações: “Esta não é uma Europa enlouquecida; isso não é uma aberração ou insanidade; esta é a Europa; esse aparente Terror é a verdadeira alma da cultura branca – que está por trás de toda a cultura – desinibida e visível hoje”.⁵⁷⁰ “O advento do fascismo só exacerbou tal horror”.

E enquanto muitos comentaristas europeus e americanos viam o Holocausto e a ascensão do fascismo como um lamentável desvio das tradições iluministas de “Civilização Ocidental”, Aimé Césaire concluiu corretamente que “*a Europa é indefensável*”.⁵⁷¹ Assim também devemos acrescentar que, como identidade moderna forjada através da escravidão e do governo de classe, a *branquitude é indefensável*.

A única solução, a longo prazo, para a ameaça fascista é minar seus pilares de força na sociedade que são fundamentados não apenas na supremacia branca, mas também na “meritocracia”, heteronormatividade, patriarcado, nacionalismo, transfobia, dominação de classe e muitos outros. Esse objetivo de longo prazo aponta para as tensões que existem na definição do antifascismo, porque em certo ponto destruir o fascismo é na verdade promover uma alternativa revolucionária socialista (na minha opinião antiautoritária e não hierárquica) a um mundo de crise, pobreza, fome e guerra que alimentam a reação fascista.

Quando perguntei a Jim, da *London Anti-Fascists*, como combater os partidos populistas de extrema-direita, ele respondeu: “Não podemos apenas esperar derrotar um projeto eleitoral de extrema-direita da mesma maneira que derrotaríamos um movimento fascista de rua. Em vez disso, precisamos ser melhores em nossas políticas do que eles são nas deles”.⁵⁷²

Sem dúvida, os bloqueios de rua e outras formas de oposição confrontacional podem ser muito úteis contra qualquer oponente político, mas uma vez que as formações de extrema-direita conseguiram transmitir para milhares de pessoas suas plataformas xenófobas e distópicas, é nosso dever submergi-las com alternativas ainda melhores à austeridade e incompetência dos partidos governistas de direita e de esquerda.

Sozinho, o antifascismo militante é necessário, mas insuficiente para construir um novo mundo a partir da casca do velho.

⁵⁶⁶ Eric A. Johnson e Karl-Heinz Reuband, *What We Knew: Terror, Mass Murder, and Everyday Life in Nazi Germany, An Oral History* (Cambridge: Basic Books, 2005), p. xvi & xxii.

⁵⁶⁷ Ta-Nehisi Coates, *Between the World and Me* (Paw Prints, 2016), p. 7.

⁵⁶⁸ Joel Olson, *The Abolition of White Democracy* (Minneapolis: University of Minnesota Press, 2004), p. xviii.

⁵⁶⁹ James Baldwin, “On Being White... And Other Lies,” *Essence*, abril de 1984.

⁵⁷⁰ W.E.B. Du Bois, “The Souls of White Folk.”

⁵⁷¹ Césaire, *Discourse on Colonialism*, p. 32, original em itálico.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer aos antifascistas de todo o mundo que sacrificaram seu tempo, energia, meios de subsistência, liberdade, bem-estar e, alguns casos, suas vidas, para combater o fascismo. Eu também quero agradecer os antifas que tiraram um tempo para compartilhar suas experiências e sabedorias comigo. Em particular, obrigado a Melville House e Dennis Johnson por imaginarem esse projeto e o confiarem a mim para realizá-lo. Obrigado a todos que me ajudaram a organizar entrevistas, compartilharam seus conhecimentos, me deram feedback e me apoiaram: Gato, Jelle Bruinsma, Malamas Sotiriou, Stephen Roblin, Dominic, Niccolò Garufi, Eli Meyerhoff, Abbey Volcano, Rasmus Preston, Alice, Belinda Davis, Murray, Temma Kaplan, Adrien Alexander Wilkins, Job Polak, Ahmed Daoud, Dominique Cassou, Shane Burley, Almudena, Walter Tull, Ariane Miéville, e todos aqueles que escolheram se manter anônimos. Obrigado a minha calorosa e carinhosa família. E para Senia, o amor da minha vida, porque sem você, este livro e tudo o mais, seria inimaginável. (“Foi um momento assim, lembra?”).

APÊNDICE A:

CONSELHOS DE ANTIFASCISTAS DO PASSADO E DO PRESENTE PARA OS ANTIFASCISTAS DO FUTURO

Perguntei a muitas das minhas fontes e entrevistados para este livro se eles tinham algum conselho para os novos antifascistas com base em sua experiência. O que se segue é uma seleção de suas respostas. Eu apresento essas citações sem comentários, em um esforço para criar uma espécie de fonte primária para aqueles que começam a se organizar hoje contra a extrema-direita. Alguns conselhos contradizem um ao outro, mas isso simplesmente reflete a diversidade de opiniões dentro do movimento. Esta é uma coleção de conselhos gerais e não um guia explicativo detalhado sobre porcas e parafusos. Depois de alguns pontos gerais, a seção é vagamente organizada em estratégias de organização, inteligência, segurança, tática e dinâmica interna.

“Toda situação é diferente”.

– NICCOLÒ GARUFI, ITÁLIA

“Não há conselhos a serem dados”.

– MALAMAS SOTIRIOU, GRÉCIA

“Apareça e se assegure de se sentir confiante que você pertence ali – você pertence”.

– ERIK D., MINNESOTA

“Entre em contato com grupos antifascistas em uma cidade perto de você, no seu país, ou qualquer grupo antifa em algum lugar que você respeite e pergunte como eles conseguiram!”.

– INTERNACIONAL ANTIFA

“Não copie o que outras pessoas estão fazendo... não há um modelo... trabalhe com as circunstâncias que você tem”.

– OLE, DINAMARCA

“Esteja disposto a cometer erros, mas lembre-se que erros já feriram pessoas, as fez serem presas e assassinadas”.

– MURRAY, BALTIMORE

“Não se perca do que você está lutando *por*”.

– OLE, DINAMARCA

“A coisa mais importante do antifascismo é você estar lá”.

– K. BULLSTREET, REINO UNIDO⁵⁷³

ESTRATÉGIAS DE ORGANIZAÇÃO

“A coisa mais importante que você pode fazer é nunca estar sozinho... crie pelo menos um pequeno grupo em que você confie”.

– MURRAY, BALTIMORE

“Se você está sozinho, você é só mais uma gangue”.

– NICCOLÒ GARUFI, ITÁLIA

“Construir um grupo é a base para um círculo de amigos, e mais para frente, um caminho para agregar algumas outras pessoas”.

– K, POLÔNIA

“Não fique colocando pessoas demais no seu grupo, crie um núcleo”.

– IGGY, ATLANTA

“O mais importante é o cultivo da solidariedade entre os grupos”.

– ELIANA KANAVELI, GRÉCIA

“Você precisa adaptar sua estratégia aos grupos que enfrenta e, até certo ponto, ao lugar em que está operando”.

– DAG, NORUEGA

“Não tenha pressa e não se deixe levar pela ideologia. Ela exclui as pessoas. Tente começar por “convivendo junto”. Seja capaz de conversar com seus vizinhos e estabeleça uma presença em sua comunidade”.

– CAMILLE, FRANÇA

“A melhor forma de combater o fascismo é construindo um amplo movimento de esquerda”.

– OLE, DINAMARCA

“Não se isole”.

– DOLORES C., SUÉCIA

“Enquadre o antifascismo nos termos de defesa da classe trabalhadora”.

– KIERAN, MINNEAPOLIS

“Algo que nunca deve ser esquecido na luta antifascista é que, para alcançar a classe trabalhadora e obter seu apoio, você precisa ter feito muito trabalho anteriormente. Você não pode ganhar o apoio da vizinhança correndo por aí gritando “Matem os nazistas!”.

– KARPA, ESPANHA

“Eu sempre pensei que é uma guerra total contra o fascismo, mas não de uma maneira militar. Você precisa estar pronto para atacar e se defender. Você tem que estar preparado, mas se trata principalmente de uma luta cultural, porque o fascismo cresce na classe trabalhadora. Temos que estar presentes na classe trabalhadora, no movimento estudantil, na organização de trabalhadores na comunidade e na construção de redes de solidariedade”.

– NICCOLÒ GARUFI, ITÁLIA

“Você precisa de uma organização mais ampla com pessoas não-militantes e não-revolucionárias para poder isolar e combater os fascistas, se você tiver um grupo militante de nazistas operando em sua cidade, é claro que você precisa organizar um grupo maior de enfrentamento para proteger todas as pessoas”.

– DAG, NORUEGA

“Leve a sério tudo que diz respeito à organização... crie um espaço democrático onde as pessoas possam se envolver pela primeira vez... fomente uma cultura de solidariedade e respeito”.

– KIERAN, MINNEAPOLIS

“Às vezes você precisa de um grupo sólido que funcione por anos. Às vezes você vai precisar de um pequeno grupo de ativistas para uma ação. Às vezes você tem que trabalhar clandestinamente, anonimamente, especialmente em cidades pequenas, subjugadas por um ódio contra as minorias – na escola, nas

ruas, com as autoridades locais. Às vezes você pode trabalhar abertamente e defender grupos oprimidos sem maiores problemas”.

– K, POLÔNIA

“Um grupo deve ter uma visão clara do que gostaria de alcançar, por exemplo: aumentar a conscientização na comunidade sobre a discriminação, tornar um tópico específico visível na mídia, revelar as identidades dos membros de gangues neonazistas locais”.

– K, POLÔNIA

“Não recomendamos que grupos antifa sejam organizados usando o modelo aberto e público da maioria dos ativismos contemporâneos, devido ao risco de infiltração. Se uma situação de emergência – como responder a um evento público fascista – exigir reuniões públicas e um modelo tradicional de ativismo de massa, isso deve ser mantido em separado do restante da estrutura de longo prazo do grupo”.

– IT’S GOING DOWN⁵⁷⁴

“Uma opção extrema é funcionar como um grupo, mas não dar um nome a si mesmo, e não contar aos colegas ativistas o que você está fazendo. Uma vez que você tem um nome, os fascistas tentarão descobrir ‘quem está no grupo’. Não ter um rosto público torna suas ações ainda mais anônimas”.

– IT’S GOING DOWN

“Todo mundo que é alvo de fascistas deveria se envolver, embora não necessariamente em todas as ações”.

–KRISTIN, TORONTO

INTELIGÊNCIA

“Faça sua pesquisa. Uma das coisas mais eficazes que você pode fazer como um antifascista é entender seu oponente, saber onde ele se reúne, como ele se organiza. Então seja eficiente em como você acaba com eles”.

– JIM, REINO UNIDO

“Compreenda quais recursos a extrema-direita possui, colete informações pessoais e públicas sobre onde eles vivem, trabalham, o que fazem, quais

ideias estão espalhadas em suas sociedades – para poder reagir na mesma escala”.

– YAN, RÚSSIA

“O antifascismo deve ser liderado pela inteligência... você não pode fazer as coisas de forma abstrata... Saiba o que eles estão fazendo, o que eles estão falando, saiba quais grupos destruir, aprenda sobre suas facções internas, trabalhe nisso, aproveite, divida e conquiste”.

– PAUL BOWMAN, REINO UNIDO

“Veja como o racismo, o fascismo ou outras formas de opressão estão ocorrendo em sua comunidade, porque não vai ser a mesma coisa de uma cidade para outra”.

– WALTER TULL, MONTREAL

SEGURANÇA

“Leve a segurança a sério... o calor é real, por isso é importante fazer escolhas sobre onde sua energia é melhor aproveitada”.

– HOWIE, NOVA JERSEY

“Aprenda como estar seguro on-line”.

– IGGY, ATLANTA

“Comece os treinamentos de autodefesa e com armas imediatamente, porque você vai enfrentar pessoas com treinamento militarizado... eles estão preparados para a batalha de rua”.

– MAYA, TEXAS

“Fique em forma... mesmo que não haja lutas de rua neste momento, a *alt-right* incentiva as pessoas a entrar em forma e a atirar. Faça aulas de autodefesa e aprenda a usar armas se estiver disposto a fazê-lo”.

– IGGY, ATLANTA

“Proteja a si e seu grupo dos nazistas e da repressão: anonimato – impossibilite que a polícia ou os nazistas rastreiem suas atividades individuais ou coletivas”.

– CAMILLE, FRANÇA

“Na medida do possível, os membros da Antifa precisam se manter na deles, escondendo suas identidades ao se organizar e não sendo excessivamente públicos sobre quem está no grupo, onde moram, quais são seus planos, etc. A extrema-direita tem uma propensão para fazer membros individuais de grupos antifa como alvos; por isso a segurança deve ser sempre uma das principais prioridades. Para esse fim, qualquer exibição pública da organização antifa deve ser feita com rostos e identificação de marcas corporais (tatuagens, marcas de nascimento, etc.) cobertas o máximo possível”.

– ANTIFA NEBRASKA

“É encorajador ver o apoio ao estilo de vida antifascista..., mas, ao mesmo tempo, há o risco de reivindicar isso para si mesmo... se você está publicamente cumprindo uma tarefa antifascista, pode fazer sentido não usar o termo ‘antifa’”.

– IAN, NOVA YORK

“Muitos não percebem que o logo visível da Antifa é basicamente um código para ‘lute contra nós com facas’... as pessoas não querem ser surpreendidas quando estiverem usando alguns desses símbolos nos lugares errados”.

– JACK, BOSTON

TÁTICA

“Mantenha a mente aberta sobre a tática e organização para poder lidar com as situações conforme elas vão acontecendo”.

– MURRAY, BALTIMORE

“Evite armadilhas machistas. Não se trata de quem é mais forte... trabalhe com número para minimizar o risco”.

LUÍS, ALEMANHA, ESTADOS UNIDOS

“As pessoas têm que ser muito mais voltadas para o ‘antifascismo de espectro total’ ao escolher as táticas mais eficazes sem fetichizar a violência... o mais importante é ganhar”.

PAUL BOWMAN, REINO UNIDO

“Isso não é um programa de TV chamado ‘Quem é o antifascista mais durão?’ Todos os métodos se complementam... os caras que lutam contra o fascismo não podem existir sem uma teoria escrita por todos aqueles trabalhando em suas casas”.

– GEORG, ALEMANHA

“Prepare o suporte legal antes dos acontecimentos; verifique se você conhece um advogado que esteja disposto a representar qualquer pessoa que seja presa... Acostume-se a fazer o apoio de presos políticos”.

– IT’S GOING DOWN

“Todos os grupos devem considerar como arrecadar fundos. Participar de algum centro social local ajuda na reserva de sala para eventos de arrecadações de fundos, mas dinheiro pode ser arrecadado por caixas de coletas em livrarias, barracas de reuniões políticas amistosas, eventos culturais ou na organização de shows”

– REDE ANTIFASCISTA, REINO UNIDO⁵⁷⁵

“Não dê aos fascistas vitórias fáceis... isso os encoraja... já impedimos grandes mobilizações quando em desvantagem numérica... você precisa escolher suas batalhas”.

– LUÍS, ALEMANHA, ESTADOS UNIDOS

DINÂMICA INTERNA

“Se livre do seu ego”.

– MAYA, TEXAS

“Tenha discussões honestas sobre os sucessos e as derrotas”.

– XTN, CHICAGO

“Crie uma cultura de apoio mútuo... para que as pessoas possam ser honestas sobre suas próprias capacidades”.

– MEMBRO DA RCA, PORTLAND

“Solidariedade também é sobre apoio ao ‘seu’ pessoal, então tenha certeza que eles estão bem; se não, pense no que você pode fazer em vez de forçá-los a agir independentemente das circunstâncias. Antifa é um estado de espírito,

uma maneira de refletir e pensar criticamente (também sobre nós mesmos), não roupas pretas e artes marciais”.

– M, POLÔNIA

“Os mais faladores são os mais rápidos a se virarem contra você... Desconfie de quem vangloria muito a Antifa”.

– MEMBRO DA RCA, PORTLAND

“Trabalhe contra a supremacia branca internalizada”.

– MAYA, TEXAS

“Mantenha a cabeça aberta para diferentes opiniões e não tente impor a sua... crie junto a partir do consenso”.

– DANIEL, ESPANHA

“Evite pessoas que querem ser celebridades e são motivadas pela aprovação... valorize as pessoas que são quietas e trabalhem em cooperação”.

– MEMBRO DA RCA, PORTLAND

“Se alguém está mais interessado em recrutar pessoas para seu próprio grupo do que em fazer o trabalho antifascista, se livre dessa pessoa”.

– IT’S GOING DOWN

“Estude sobre gênero, sexualidade, habilidade corporal – não crie grupos militantes exclusivos; isto não é o que a Antifa significa para todos”.

– M, POLÔNIA

“Idealmente, você precisa de um esquadrão diversificado com membros que tenham talentos diferentes. Algumas pessoas serão mais necessárias nas linhas de frente em confrontos (geralmente são pessoas mais fortes e em forma, que podem ir à luta se necessário), algumas pessoas precisam ser muito boas com a coleta de informações (monitoramento de páginas da extrema-direita, doxxing, etc.), algumas precisam ser boas em design gráfico para campanhas e panfletos, outras precisam ser bem versadas em cultura de segurança, etc. Quanto mais diversa for sua organização, mais bem equipada e segura ela estará”.

– BRETT, NEBRASKA

“Seja paciente e controle suas emoções”.

– ERIK D., MINNESOTA

“Seja particularmente vigilante contra qualquer um que tente pressionar jovens ou novos membros a realizar ações que possam colocá-los em perigo desnecessário. Este é um movimento clássico de provocação com potencial de acabar com um grupo”.

– IT’S GOING DOWN

⁵⁷³ K. Bullstreet, *Bash the Fash. 1, Anti-Fascist Recollections* (London: Kate Sharpley Library, 2001), p. 2.

⁵⁷⁴ <https://itsgoingdown.org/forming-an-antifa-group-a-manual/>.

⁵⁷⁵ <https://antifascistnetwork.org/how-to-set-up-an-anti-fascistgroup/>.

APÊNDICE B:

SELEÇÃO DE OBRAS SOBRE O ANTIFASCISMO NORTE-AMERICANO E EUROPEU

GERAL

Ceplair, Larry. *Under the Shadow of War: Fascism, Anti-Fascism, and Marxists, 1918–1939*. New York: Columbia University Press, 1987.

García, Hugo, Mercedes Yusta, Xavier Tabet, and Cristina Clímaco, eds. *Rethinking Antifascism: History, Memory and Politics, 1922 to the Present*. New York: Berghahn, 2016.

Gentili, Valerio. *Antifa: Storia contemporanea dell'antifascismo militante europeo*. Rome: Red Star, 2013.

CANADÁ

Antifa Forum. *Antifascism in Canada*. Toronto: Antifa Forum, 1996.

REPÚBLICA TCHECA

161>88. Documentário. 2012.

FRANÇA

Réseau No Pasaran. *Scalp 1984–1992: comme un indien métropolitain*. Paris: No pasaran, 2005.

Vecchione, Marc-Aurèle. *Antifa: Chasseurs de Skins*. Documentário. Resistance, 2008.

Vergnon, Gilles. *L'antifascisme en France: de Mussolini à le Pen*. Rennes: Presses universitaires de Rennes, 2009.

ALEMANHA

Herausgeber innenkollektiv. *Fantifa: feministische Perspektiven antifaschistischer Politiken*. Münster: Edition Assemblage, 2013.

Keller, Mirja et al. *Antifa: Geschichte und Organisation*. Stuttgart: Schmetterling, 2013.

Langer, Bernd. *Antifaschistische Aktion: Geschichte einer linksradikalen Bewegung*. Münster: Unrast, 2015.

McDonough, Frank. *Opposition and Resistance in Nazi Germany*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

Rosenhaft, Eve. *Beating the Fascists? The German Communists and Political Violence 1929–1933*. London: Cambridge University Press, 1983.

Schöppner, Horst. *Antifa heißt Angriff*. Hamburg: Unrast, 2015.

Weiß, Peter Ulrich. “Civil Society from the Underground: The Alternative Antifa Network in the GDR.” *Journal of Urban History* 41, no. 4 (2015): 647–664.

HOLANDA

Polak, Job. “A History of Dutch fascism and the militant anti-fascist response.” *libcom*: <https://libcom.org/history/history-dutch-fascismmilitant-anti-fascist-response>.

ITÁLIA

Pugliese, Stanislao G., ed. *Fascism, Anti-Fascism, and the Resistance in Italy 1919 to the Present*. Lanham: Rowman & Littlefield, 2004.

Rivista Anarchica. *Red Years, Black Years: Anarchist Resistance to Fascism in Italy*. London: ASP, 1989.

Rossi, Marco. *Arditi, Non Gendarmi! Dall’arditismo di Guerra agli arditi del popolo 1917–1922*. Pisa: Biblioteca Franco Serantini, 1997.

NORUEGA

Wilkins, Adrien Alexander. “Vold og Motvold—Antifascistisk voldbruk i Norge 1990–2001.” Tese de mestrado, University of Oslo, a publicar.

RÚSSIA

Anti-Fascist Attitude. Documentário.

ESPAÑHA

Jackson, Gabriel. *The Spanish Republic and the Civil War, 1931–1939*. Princeton: Princeton University Press, 1965.

Richardson, R. Dan. *Comintern Army: The International Brigades and the Spanish Civil War*. Lexington: University Press of Kentucky, 2014.

SUÉCIA

Jämte, Jan. “Antirasismens Många ansikten.” PhD dissertation, Umeå Universitet, 2013.

Öberg, Patrik and Emil Ramos. *Antifascisterna*. Documentary.

Preston, Rasmus and Andreas Rasmussen. *Nästa Station Rönninge*. Documentary.

Produktionskollektivet Opbrud, 2015.

Rasmussen, Andreas. *Ingen jävla Hjärte*. Malmö: Kira Förlag, 2016.

REINO UNIDO

Beckman, Morris. *The 43 Group: Battling with Mosley’s Blackshirts*. Stroud: The History Press, 2013.

Birchall, Sean. *Beating the Fascists: The Untold Story of Anti-Fascist Action*. London: Freedom, 2010.

Copsey, Nigel. *Anti-Fascism in Britain*. London: Routledge, 2017.

Hann, Dave. *Physical Resistance: Or, a Hundred Years of Anti-Fascism*. Winchester: Zero Books, 2013.

Hodgson, Keith. *Fighting Fascism: The British Left and the Rise of Fascism, 1919–36*. Manchester: Manchester University Press, 2010.

Renton, Dave. *When We Touched the Sky: The Anti-Nazi League 1977–1981*. Cheltenham: New Clarion, 2006.

Tilles, Daniel. *British Fascist Antisemitism and Jewish Responses, 1932–40*. London: Bloomsbury, 2015.

ESTADOS UNIDOS

Burley, Shane. *Fascism Today: What It Is and How to End It*. Oakland: AK Press, 2017.

Hamerquist, Don, J. Sakai, and Mark Salotte. *Confronting Fascism: Discussion Documents for a Militant Movement*. Kersplebedeb, 2002.

ONLINE

Arm the Spirit Archive, <http://kersplebedeb.com/posts/arm-the-spiritarchive/>

Three Way Fight, <http://threewayfight.blogspot.com/>

It's Going Down, <https://itsgoingdown.org/> (EUA)

La Horde, <http://lahorde.samizdat.net/> (França)

REFLEXes, <http://reflexes.samizdat.net/> (França)

Antifaschistisches Info Blatt, <https://www.antifainfoblatt.de/> (Alemanha)

REDOX, <https://redox.dk/> (Dinamarca)

Antifa International, <https://antifainternational.tumblr.com/>

SOBRE O AUTOR

MARK BRAY é um historiador dos direitos humanos, terrorismo e radicalismo político na Europa Moderna e foi um dos organizadores do movimento *Occupy Wall Street*. Ele é autor de *Translating Anarchy: Anarchism of Occupy Wall Street* e co-editor do livro *Anarchist Education and the Modern School: A Francisco Ferrer Reader*, ambos inéditos no Brasil. Seu trabalho apareceu em *Foreign Policy*, *Critical Quarterly*, *ROAR Magazine*, e em numerosos volumes editados. Atualmente é professor na Dartmouth College.



Carta das Mulheres Brasileiras aos Constituintes

30 anos depois



Organização:
Patrícia Tuma Martins Bertolin
Denise Almeida de Andrade
Monica Saporito Machado



CAPES

AUTONOMIA
LITERARIA

Carta das Mulheres Brasileiras aos Constituintes

Pitanguy, Jacqueline

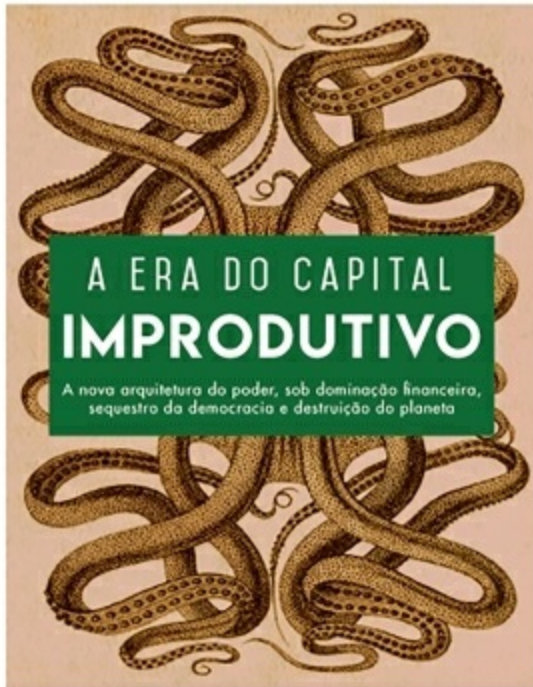
9788569536321

260 páginas

[Compre agora e leia](#)

A Obra organizada por Patrícia Tuma Bertolin, Denise Andrade e Monica Sapucaia traz um conjunto de artigos de pesquisadoras, militantes e testemunhas históricas sobre o processo de construção dos direitos das mulheres na atual Constituição, avanços conquistados, impasses e até mesmo derrotas. Trinta anos depois, contar essa passagem pouco lembrada da Constituinte de 1987-1988, nos confronta com nosso presente, no qual as ameaças à democracia estão, não por acaso, intimamente ligadas com a oposição aos direitos das mulheres.

[Compre agora e leia](#)



A ERA DO CAPITAL
IMPRODUTIVO

A nova arquitetura do poder, sob dominação financeira,
sequestro da democracia e destruição do planeta

LADISLAU DOWBOR

OUTRASPALAVRAS

 AUTONOMIA
LITERÁRIA

A era do capital improdutivo

Dowbor, Ladislau

9788569536376

350 páginas

[Compre agora e leia](#)

Como os bancos registram lucros bilionários em plena recessão e desemprego? Neste livro, Ladislau Dowbor investiga como a riqueza do mundo – minérios, petróleo, trabalho, alimentos –, produzida pelo trabalho, é capturada pelos bancos e seus intermediários financeiros. Com uma vasta pesquisa, Ladislau revela os mecanismos usados pelas corporações financeiras, com estruturas que muito se assemelham a governos, para exercer o poder político diretamente e influenciar as principais decisões dos poderes públicos. O resultado não poderia ser diferente: esterilizam a riqueza produzida pela sociedade para multiplicá-la somente em seu próprio benefício, por meio de investimentos financeiros que não criam novas tecnologias nem geram novos empregos. Ladislau demonstra por que o mercado considera positiva qualquer atividade que gere lucro – ainda que trave a economia e produza prejuízos sociais e ambientais – para enviar seus recursos, a salvo de impostos, a paraísos fiscais. O livro destrincha como a

financeirização dilacera as economias no Brasil e mundo afora ao forçar os governos eleitos a cumprir agendas refutadas pelas urnas. Sobretudo quando desviam grande parte do orçamento público para o pagamento de juros da dívida, engordando ainda mais as forças do capital financeiro em detrimento de políticas públicas de saúde, educação, previdência.

[Compre agora e leia](#)



Sintomas Mórvidos

Fernandes, Sabrina

9788569536529

400 páginas

[Compre agora e leia](#)

O título do livro *Sintomas Mórvidos: A encruzilhada da esquerda brasileira*, escrito pela socióloga, feminista e uma das youtubers mais radicais à esquerda nas redes, Sabrina Fernandes, remete ao interregno pensado pelo revolucionário italiano Antonio Gramsci na famosa passagem do seu *Cadernos do Cárcere*: "o velho está morrendo e o novo não pode nascer; neste interregno, uma grande variedade de sintomas mórvidos aparece". Isso se encaixa como uma luva no Brasil contemporâneo depois do verdadeiro terremoto político causado pelas manifestações de Junho de 2013 e seus ecos. O equilíbrio desequilibrado que sustentava a frágil democracia liberal brasileira, aparentemente, se desfez. Como consequência, temos um perturbador entretempo: de fragmentação das esquerdas e ascensão da extrema-direita — sobre o qual Sabrina Fernandes disserta, por uma perspectiva marxista, apresentando a noção crise de práxis como uma chave para o entendimento do que se passa, ao passo que possibilita (e mira!) na superação da pós-política e da

ultrapolítica e na construção de uma utopia concreta e realizável, fator crucial na revolução necessária do nosso porvir.

[Compre agora e leia](#)



Por que ocupamos?

Boulos, Guilherme

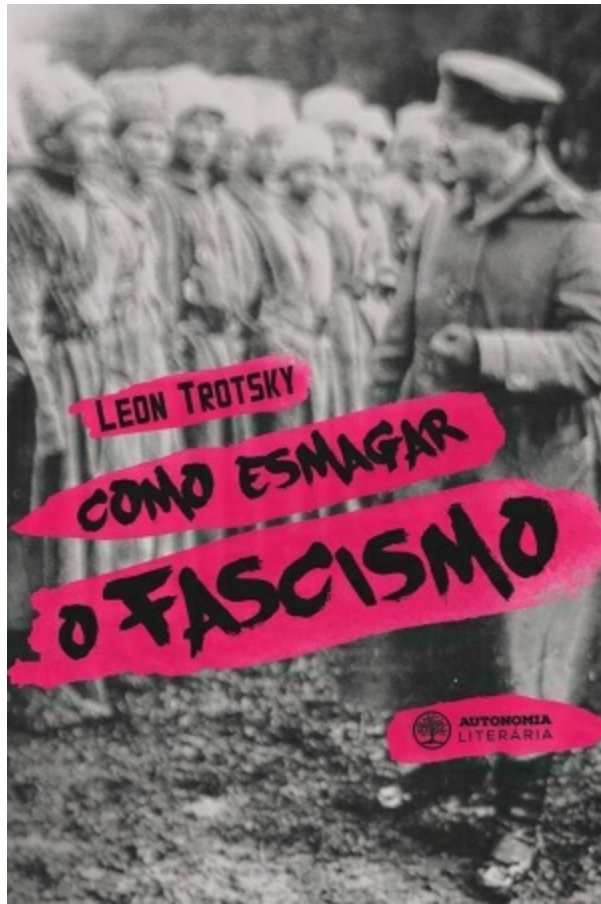
9788569536253

100 páginas

[Compre agora e leia](#)

Fruto da experiência de Guilherme Boulos durante anos de militância no MTST, *Por que ocupamos?* sistematiza informações e pontos de vista que deveriam ser de conhecimento obrigatório para quem se propõe a discutir a questão habitacional brasileira. Aqueles que se limitam a ofender os sem-teto devido às ocupações de prédios e terrenos, antes de sequer ouvir seus motivos, encontrarão no livro um desconhecido e surpreendente território a ser desbravado pela reflexão. Leitores já familiarizados com os movimentos sociais terão a oportunidade de consolidar posições e fortalecer argumentos – pré-requisitos para fazer avançar a luta pela moradia, cada vez mais necessária frente aos abusivos preços dos aluguéis e crescente déficit habitacional nas grandes cidades do país.

[Compre agora e leia](#)



LEON TROTSKY

COMO ESMAGAR

O FASCISMO



AUTONOMIA
LITERÁRIA

Como esmagar o fascismo

Trotsky, Leon

9788569536352

300 páginas

[Compre agora e leia](#)

É possível que nenhuma outra compilação de textos de Leon Trotsky esteja tão atual e pertinente à conjuntura brasileira quanto o que é apresentado em Como esmagar o fascismo. O Brasil vive um momento delicado que provoca e desafia aqueles que lutaram contra a ditadura militar e que vivem sob uma democracia, imperfeita como a democracia liberal sempre é, há meros 30 anos. Poucos imaginavam que voltaríamos a exclamar "fascistas!" em tão pouco tempo e com tanta intensidade. Todavia, o próprio conceito de fascismo entra em disputa na era da pós-verdade e diante da despolitização da ultra-política brasileira em que, tanto a baixa quanto a alta intelectualidade da nova direita, abusam de distorções e fake news. Quando é necessário explicar que o nazismo não era de esquerda e que, por mais que a imagem aqueça corações de militantes de esquerda todas as noites, não há ameaça comunista iminente no Brasil, também é necessário explicar o que é o fascismo. Mais que isso, é necessário desenvolver as táticas

apropriadas para derrotá-lo de vez, não apenas permiti-lo hibernar. Os textos compilados neste livro apresentam várias lições e balanços que são úteis para compreender o passado, mobilizar o presente e modificar o futuro. Trotsky trata desde a definição de fascismo até a compreensão de que não há luta antifascista sem um esforço nítido de aproximação da pequena burguesia do proletariado. Este, por si só, é um enorme desafio quando o fascismo se edifica na construção de um inimigo interno, por via da moralidade conservadora, como é o caso hoje. Com uma crise econômica e política que desloca a classe média para cada vez mais longe dos anseios da classe trabalhadora e que captura trabalhadores para um projeto contraditório ao seu interesse de classe, o que fazer? Ao examinar a Alemanha sob o olhar de Trotsky vemos que a situação brasileira diante do flerte fascista não é uma jabuticaba, mas parte das táticas de dominação implementadas há décadas no intuito de desarmar e desanimar qualquer articulação de esquerda, seja reformista ou revolucionária, ou somente progressista. O contexto do crescimento do fascismo europeu não era tão diferente do nosso momento atual. Havia a relação da desconfiança da classe trabalhadora com o KPD que mobilizou milhões de operários a favor da social-democracia alemã. Essa fragilização, sob profunda crise econômica, enfraqueceu o governo Mueller e sua governabilidade. Ao mesmo tempo em que alguns se rebelaram em torno de um projeto comunista, o nazismo cresceu como a maior força política da época. O resto da história conhecemos bem, mas a perspectiva de

Trotsky ainda se faz útil por apontar as falhas de organização e politização que permitiram tamanho levante fascista. As traduções aqui apresentadas, algumas delas inéditas em língua portuguesa, nos oferecem um material valioso para analisar a nossa própria conjuntura e traçar um plano estratégico contra o fascismo e de retomada da luta da classe trabalhadora. Luta que, por ser da maioria da sociedade, contempla uma variedade de sujeitos políticos que precisam se unir e se articular. É dever evitar essa repetição da história recente do Brasil e do mundo como farsa e é dever ter ousadia. Nas palavras de Trotsky, para esmagar o fascismo é necessário que a oposição compreenda que mesmo sob condições desfavoráveis, "toda corrente cresce com o aumento de suas tarefas. Compreendê-las claramente é preencher uma das mais importantes condições de vitória". — Sabrina Fernandes, marxista, doutora em Sociologia e professora da UnB

[Compre agora e leia](#)